

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

LUIZ GONZAGA BAIÃO FILHO

**EXILADOS DE *MINHA TERRA*: A CONSTRUÇÃO DA SAUDADE NA
LITERATURA DE ESCRITORES PIAUIENSES NO SEGUNDO
REINADO 1850-1880**

RECIFE

2016

LUIZ GONZAGA BAIÃO FILHO

**EXILADOS DE *MINHA TERRA*: A CONSTRUÇÃO DA SAUDADE NA
LITERATURA DE ESCRITORES PIAUIENSES NO SEGUNDO REINADO 1850-1880**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Área de Concentração: História do Norte-Nordeste do Brasil.

Linha de Pesquisa: Cultura e Memória

Orientador: Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira.

RECIFE

2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

B152e Baião Filho, Luiz Gonzaga.

Exilados de minha terra : a construção da saudade na literatura de escritores piauienses no Segundo Reinado 1850-1880 / Luiz Gonzaga Baião Filho. – 2016.

210 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2016.

Inclui Referências e apêndices.

1. História. 2. Literatura brasileira – História e crítica. 3. Regionalismo na literatura. 4. Saudade. 5. Sertão. I. Siqueira, Antônio Jorge de (Orientador). II. Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-287)

Luiz Gonzaga Baião Filho

**EXILADOS DE *MINHA TERRA*: A CONSTRUÇÃO DA SAUDADE NA
LITERATURA DE ESCRITORES PIAUIENSES NO SEGUNDO REINADO 1850-1880**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção de título de Doutor em História.

Aprovada em: **29 / 08 / 2016**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Jorge de Siqueira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Tânia Maria Pires Brandão (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Daniel de Souza Leão Vieira (Examinador externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcio Ananias Ferreira Vilela (Examinador externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Anauá a paciência e a curiosidade, pelo amor e pela companhia, e a Cauê sua alegria e os gestos de carinho;

Aos meus pais, Ivete e Gonzaga (*in memoriam*) pelo apoio em toda essa trajetória. Aos meus irmãos Neudilton e Robson pela ajuda e pela amizade. Aos meus familiares pelo incentivo;

À Dona Jacinta, Paulo e Hermano pela acolhida e pela amizade, durante diferentes momentos da pesquisa em Teresina;

À Secretaria de Educação do Piauí pelo afastamento;

Aos amigos do Instituto Federal do Piauí, e à Charlene pelo apoio e pela amizade;

À Universidade Federal Rural de Pernambuco pelo afastamento para conclusão da tese;

A Sidrac e Eduardo pela leitura crítica do pré-projeto antes da seleção;

A Gustavo pela amizade e pelas conversas, pela partilha e pelas críticas nessa travessia;

A Evandro em São Raimundo e às funcionárias do Arquivo Público do Piauí em Teresina, ambos pela disposição no acesso a documentação;

Ao professor Antonio Jorge de Siqueira pela orientação, amizade e escuta atenta no feitiço desse trabalho;

À professora Tanya Brandão e ao professor Durval Muniz pelas críticas e sugestões no processo de qualificação;

Aos professores Antonio Paulo Resende, Durval Muniz, Isabel Guillen, Regina Beatriz Guimarães pela oportunidade de enveredar no ofício do historiador;

À Sandra e à Patrícia pela atenção e pela disponibilidade, e ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE pela nova abertura de horizontes;

A Gustavo pela ajuda com a formatação final do trabalho;

À Mari pela revisão gramatical, à Karla pela correção do abstract e, especialmente, à Shay pela ajuda com as referências e pelo afeto;

Agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

RESUMO

Neste trabalho procuramos analisar a construção do tema da saudade presente na literatura sobre o sertão entre os anos de 1850 e 1880. Para isso, é importante destacar o emprego recorrente do conceito de *minha terra* por diferentes escritores, dentre eles os escritores piauienses José Coriolano, Licurgo de Paiva e Francisco Gil. Defendemos que a saudade, pode ser considerada um sentimento poético de reação política as mudanças históricas que alteraram profundamente a vida de “homens exilados” de sua terra natal, a província do Piauí. O uso do conceito de *minha terra* possibilitou uma construção política da saudade na poesia e na prosa entre o romantismo e o naturalismo. Enquanto no romantismo a saudade do sertão era produto da construção de um sentimento idealizado de retorno a um tempo natural e de reação ao “modo de viver” da praça, quer dizer, dos principais centros urbanos do país; no naturalismo, a saudade estava relacionada a um sentimento naturalizado para narrar uma história de homens lutando para não deixar o sertão, isto é, passar a condição de retirantes, por conta da repercussão nacional da seca como “problema” das províncias do Norte. Nessa perspectiva, tanto na poesia como na prosa desses escritores piauienses durante o Segundo Reinado, a saudade apareceu expressando politicamente a manutenção das relações dominantes do sertão e da sociedade do Piauí.

Palavras-chave: Saudade. Sertão. História. Literatura. Piauí

ABSTRACT

At this thesis we search for analyze the construction of the theme saudade present on literature about the sertão between years 1850 and 1880. For this, it's important to highlight the recurrent use of the concept about *homeland* by diferente writers, among them the piauienses writers José Coriolano, Licurgo de Paiva and Francisco Gil. We defend that saudade, may be considered a poetic feeling of politic reaction to the historical changes that deeply altered the life of "exiled men" from your *homeland*, the Piauí province. The use of the concept of homeland made possible a political construction of saudade at poetry and prose between the romanticism and naturalism. While at romanticism the saudade of sertão was a construction product of an idealized feeling of the return to an natural time and the reaction to "way of living" of the crowd, it means, of the country's main urban centers; at naturalism, the saudade was related to a naturalized feeling to tell a story of men fighting for not to leave the sertão, it means, to become retreatants, because of the national repercussions of the drought as a "problem" of the Northern provinces. From this perspective, such in the poetry as in the prose of these Piauí writers during the Second Reign, the saudade appeared politically expressing the maintenance of the dominant relations of the sertão and the society of Piauí.

Key words: Saudade. Sertão. History. Literature. Piauí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NARRATIVAS DO SERTÃO E A POESIA DE JOSÉ CORIOLANO	23
2.1 Discursos biográficos	24
2.2 Discursos provinciais	43
2.3 O sertão entre as Letras e a política	55
3 NARRATIVAS DO SERTÃO E A POESIA DE LICURGO DE PAIVA.....	91
3.1 Discursos biográficos	92
3.2 Discursos interprovinciais.....	103
3.3 O sertão entre as Letras e a boêmia literária	112
4 NARRATIVAS DO SERTÃO E A PROSA DE FRANCISCO GIL	141
4.1 Discursos biográficos	142
4.2 Discursos regionais	152
4.3 O sertão entre as Letras e o cientificismo literário.....	174
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS	205
APÊNDICE - CORPUS DOCUMENTAL	209

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema do sertão foi o fio condutor de realização de nossa pesquisa histórica. Inicialmente, tínhamos o objetivo de abordar o assunto em fontes documentais do Piauí e historiográficas que tratavam da relação entre o sertão e a criminalidade no início do século XIX. No decorrer da pesquisa, a principalmente modificação aconteceu na abordagem documental e histórica do tema, escolhendo analisar em profundidade do que em panorama as relações entre o sertão e a saudade, mais precisamente, em livros de uma literatura produzida por escritores piauienses no Segundo Reinado. Assim, tratamos de colocar em questão um pensamento dominante em larga medida definindo e classificando toda e qualquer narrativa do sertão por meio de estudos regionais ou de regionalismos. Ao perguntar desde quando passamos a dizer que único lugar do sertão na história era aceitar como destino¹ uma luta inevitável contra os efeitos da seca, porque passaram a historiografia e da literatura a não mostrar nada diferente disso em sua materialidade, a do discurso². A partir desse questionamento repensamos que nem sempre foi regionalista a classificação das narrativas do sertão pelos discursos literários no Brasil, e em particular as narrativas do sertão produzidas pela literatura piauiense entre 1850 e 1880.

O tema que conduz nossa pesquisa histórica é centrado na análise da relação histórica entre saudade e sertão produzida pela literatura durante o Segundo Reinado, em livros de escritores piauienses sobre o tema, tanto na poesia quanto na prosa, com a elaboração de diferentes significados ao empregar o conceito de *minha terra*. Chegar até essa definição trouxe a possibilidade de evidenciar como José Coriolano, Licurgo de Paiva e F. Gil narraram uma maneira de compor o tema da saudade na literatura desse período. Esse interesse nos levou pela escolha da literatura que foi produzida do Piauí entre 1850 e 1880, com a perspectiva de analisar historicamente o momento que o tema da saudade e, especificamente, a saudade do sertão, passou a ocupar e a preocupar a maneira como esses escritores mantinham suas relações pessoais, sociais e políticas com esse sentimento³ de retorno à terra natal.

¹ LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade**: Seguido de Portugal como Destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 54-64.

² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. De Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **As sombras do tempo**: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: História e sensibilidade. ERTZOGUE, Marina H., PARENTE, Temis G. *et alii*. Brasília: Paralelo, 2006, p. 117-139.

A história, a antropologia e a crítica literária⁴ têm abordado o tema do sertão para analisar a construção histórica da relação entre o sertão e esse sentimento na sociedade piauiense do século XIX. Sob diferentes ângulos, temas e problemas de abordagem, esses trabalhos colocaram em evidência a preocupação social, econômica, política e cultural de inserir historicamente a província do Piauí na constituição do espaço sertanejo. A nosso ver, é preciso colocar em questão classificar de regionalistas esses escritores, e em particular a literatura sobre o sertão no Segundo Reinado, quando analisamos a construção da saudade como uma forma de expressar o passado através do discurso regionalista. A saudade nessa literatura, assim como sua história, nos mostra que a chamada “sociedade do couro” manteve relações de poder estreitas com a construção desse sentimento⁵.

Atualmente, estudar o tema do sertão no Brasil significa entrar em uma seara ampla e complexa sobre o assunto, pelo fato dessa temática ter sido problema de pesquisa em diferentes campos do saber e, de um modo específico, quando se trata de pesquisar o tema do sertão construído pela literatura iniciada, pelo menos, desde a metade do século XIX. Começamos a pesquisar na historiografia⁶ a maneira como ocorreu a formação dos saberes sobre a sociedade pecuarista e a constituição das relações de poder no espaço piauiense, com o objetivo de entender porque se tornou nosso problema⁷ classificá-los como regionalistas antes de 1880. No

⁴ Dentre os principais trabalhos que utilizamos para abordar o tema do sertão, podemos citar COSTA FILHO, Alcebiades. **A escola do sertão**: ensino e sociedade no Piauí. 1850-1889. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006; FALCI, Miridan Britto Knox. **Escravos do sertão**: Demografia, Trabalho e Relações Sociais. Piauí. 1826-1888. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995; ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995 e **Cotidiano e imaginário**: um olhar historiográfico: Teresina: um olhar historiográfico. Teresina: Instituto Dom Barreto; EDUFPI, 1997; DIAS, Claudete Maria Miranda Dias. **Balaio e Bem-te-Vis**: a guerrilha sertaneja. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2002; SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense**: Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Caetés, 2005; PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1999; BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O Vaqueiro**: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: História: cultura e sentimento. MONTENEGRO, Antonio Torres, et AL. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução. (1877-1922). Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História. UNICAMP. Campinas, SP: Campinas, 1998 e, VILHENA, Gustavo Henrique Ramos de. **Fazedores de cidade**: uma história da mudança da capital no Piauí. 1800-1852. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em História. UFPE. Recife: UFPE, 2016.

⁵ Segundo Foucault, em **História da sexualidade**, o “estudo desse aspecto moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação e transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara. Chamaremos a esse nível de fenômenos a “moralidade dos comportamentos””. (FOUCAULT, 2009, p. 34)

⁶ BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. Recife: Ed. Universitária, 2012.

⁷ ABREU, Capistrano. **Capítulos de história colonial. Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: UnB, 1982.

processo de construção do tempo histórico⁸ pelas narrativas em verso e em prosa, vamos evidenciar como discurso⁹ literário começou a classificar de regionalista as narrativas do sertão.

Para fazer a análise teórica e metodológica da documentação, ao repensar porque todo o espaço piauiense estava sendo inserido no sertão a partir da segunda metade do século XIX, delimitamos a pesquisa entre os anos de 1850 a 1880, com a possibilidade de analisar uma documentação e uma literatura pouco conhecida pelas pesquisas sobre os “sertões” no Brasil. No caso, uma literatura produzida do Piauí em obras *Impressões e gemidos* de José Coriolano de S. Lima, publicada no ano de 1870¹⁰, *Flores da Noite* de Licurgo José H. de Paiva do ano de 1866¹¹, e por último, *Ataliba, o vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco, publicado em folhetins em 1878¹². De modo geral, destacando que a classificação deles como regionalistas tem relação direta com o surgimento do termo “escritores do Norte” ao final dos anos de 1870, no momento que a chamada Escola do Recife direcionava seu movimento literário contra o predomínio do romantismo na formação literária nacional.

Além da análise desse problema na literatura, abordamos a maneira como ela construiu o conceito¹³ de *minha terra*. Para isso, deslocamos esse problema para analisar a imagem do sertão produzida em relatórios e periódicos do período estudado, que no âmbito político também construíram narrativas do sertão piauiense. No caso do discurso literário, trata-se de uma literatura que foi escrita em poesia e em prosa, produzida na trajetória da vida de cada um deles e no contexto histórico, respectivamente, das décadas de 1850, 1860 e 1870. Porém, o que havia de novo nesse discurso que aparentemente era repetido pela literatura? Como e de onde ela elaborou a imagem do sertão para falar de todo Piauí? A princípio, a novidade consistia em falar da saudade¹⁴, já que significava fazer da saudade do sertão uma maneira de inserção do

⁸ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 1:** de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

⁹ FOUCAULT, 2004, p. 8.

¹⁰ Por não ter acesso ao livro publicado em 1870, utilizamos a edição de FERNANDES, Saulo Barreto Lima (org.) **108 poesias de José Coriolano de Souza Lima**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

¹¹ PAIVA, Licurgo José Henriques de. **Flores da Noite**. Pernambuco: Typ. do Jornal do Comercio, 1866. In: www.dominionpublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

¹² CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 3. ed. Teresina, Editora Corisco, 1998.

¹³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

¹⁴ A saudade é um dos temas recorrentes da literatura romântica brasileira, aparecendo em diferentes escritores do romantismo, tanto na poesia como no romance. Influenciada pelos românticos portugueses, a literatura romântica no Brasil incorporou o tema da saudade na construção de uma identidade nativa para atribuir um sentido histórico ao passado do país. Segundo Alfredo Bosi, o “passado era celebrado romanticamente, o que não impedia que o porvir fosse prenunciado como fase superior da humanidade garantido pelo progresso material e pela ciência. Se não entendermos essa fusão do romantismo e ideais ilustrados, tampouco compreenderemos boa parte da produção intelectual do nosso século XIX”. (BOSI, 2012, p. 234)

Piauí no panorama literatura, construindo significados na composição poética e política do conceito de *minha terra*.

Nosso objetivo é mostrar que apesar desses escritores usarem o mesmo conceito da literatura romântica, com efeito, eles modificaram o campo semântico com a construção do tema da saudade do sertão na literatura, a partir do contexto histórico e literário da província do Piauí e do Segundo Reinado. É claro, evidenciando que eles se diferenciam pelos momentos e pelos lugares em que cada um produziu seu discurso literário sobre o sertão. Nossa tese tem a finalidade de analisar as interpretações e classificações da imagem do sertão já feitas dessa literatura sobre o sertão, tentando compreender historicamente a construção da saudade não somente como um sentimento pessoal marcado pela perda ou pela ausência de pessoas, lugares e coisas. Nossa perspectiva consiste em analisar a saudade, ao mesmo tempo, como sendo a construção histórica de um sentimento de grupos sociais, que passavam a se preocupar com as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade pecuarista, particularmente, da província do Piauí. Com isso, tivemos que articular na análise da literatura, a relação do discurso da saudade com a classificação individual dos escritores, os grupos sociais e as referências intelectuais que estavam ligados nesse período, ao situar os lugares de produção literária de cada um deles e suas possíveis diferenças e repetições no emprego do conceito de *minha terra*.

O recorte entre os anos de 1850 e 1880 foi relacionado com o momento político de declínio do regime monárquico, e sua relação histórica com a produção literária dos escritores escolhidos para essa pesquisa, como cada um deles tem sido classificado de acordo com as tendências literárias em voga desse período, seja classificado de romântico ou de regionalista. Ao invés de tomar essas classificações como ponto de partida para a análise histórica da saudade do sertão no discurso literário, o objetivo principal consiste em problematizar a inserção do Piauí nesse jogo discursivo de classificações do conceito de *minha terra* no Segundo Reinado, mostrando como diversos discursos construíram o tema da saudade do sertão. Em contrapartida, propomos evidenciar a trajetória histórica desse conceito, buscando entender sua relevância na abordagem em profundidade da relação de poder entre biografia e o lugar de produção dessa literatura.

Enquanto José Coriolano e Licurgo de Paiva escreveram em larga medida seus poemas sobre a saudade do sertão a partir da capital pernambucana nas décadas de 1850 e 1860, vivendo no ambiente intelectual da Faculdade de Direito do Recife e no momento ainda de hegemonia do projeto de unidade nacional do Império brasileiro e de suas elites; F. Gil produziu sua prosa

com o tema da saudade ao final dos anos de 1870, na condição de funcionário público do governo imperial na cidade do Rio de Janeiro, no momento de fortes abalos na continuidade do regime monárquico e do surgimento de discursos regionalistas, que defenderam na literatura a existência de uma separação racial e climática das populações entre as províncias do Norte e do Sul. Com efeito, a construção da saudade estava ligada ao processo histórico de ascensão da formação bacharelesca entre as elites do país, um momento marcado pelo crescimento da saída de filhos das elites do interior de suas províncias, interessados em ingressar nos cursos superiores dentro e fora do Brasil. Chamá-los de exilados de *minha terra* foi uma maneira de repensar a classificação literária dessas narrativas, nos mostrando que o termo “exílio” na verdade era, em larga medida, o que tomamos como referência sobre o lugar social de onde escreveram sobre o sertão.

Na literatura desse tema, o poeta José Coriolano começou a definir poeticamente a saudade do seu espaço natal, também nomeado de *minha terra*, em versos de poemas escritos a partir da metade do século XIX, a maioria deles escritos na cidade do Recife dos anos de 1850¹⁵. Neles, a composição poética de um novo verso ou uma nova estrofe para imaginar espacialmente a inserção do Piauí no sertão, o que ele teria de singular ou de diferente dos outros espaços do país, incorporava significados políticos desse momento histórico, e isso ocorreu por conta de mudanças semânticas do conceito de *minha terra* no romantismo. Nesse período, a narrativa do sertão como espaço do nascimento de pessoas, lugares e coisas, e até mesmo de províncias ou de uma área do Norte do país, passava a ser visto pela construção da saudade não somente de retorno para o espaço do sertão, mas de que esse retorno fosse imaginado para a permanência de relações sociais dominantes, que foram estabelecidas com a formação da sociedade pecuarista.

Na década de 1850 estava sendo consolidada, não sem fissuras e disputas, a ideia de unidade nacional construída politicamente pela monarquia e pelas elites dominantes do país. Nesse momento, era uma novidade ver a projeção do sertão na literatura, não enquanto lugar ausente da civilização, mas um cenário idealizado pela noção de beleza natural do romantismo. Uma imagem do sertão feita no começo pela poesia, geralmente produzida em centros urbanos, e para quem estava lendo literatura a partir das principais capitais do Brasil¹⁶. Dessa forma, em

¹⁵ FERNANDES, Saulo Barreto Lima (org.) *108 poesias de José Coriolano de Souza Lima*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

¹⁶ “A oposição burguesia-aristocracia, urbanos-setores rurais, característica de outras sociedades, não se manifesta no Brasil com a mesma agudeza. O principal conflito é o que ocorre entre os representantes dos setores agrários decadentes, apegados às formas tradicionais de produção, ao trabalho escravo e aos valores da sociedade

meados do século XIX, de cada capital com instituições superiores de ensino e de estudo¹⁷, e mesmo de fora do Brasil, surgiram escritores preocupados em compor uma imagem diferente do sertão na literatura. Se a narrativa não mudava muito em sua retórica e sua semântica¹⁸, do sertão ser visto como interior distante, lugar deserto e longe das cidades, na composição poética seu conteúdo não permaneceria o mesmo com a transição literária entre romantismo e naturalismo no Brasil.

Pelo visto, o emprego do conceito de *minha terra* na literatura romântica, desde os *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias¹⁹, exaltando o índio e as belezas naturais, até o romance histórico de José de Alencar sobre o sertão do Ceará²⁰, fizera também aparecer diversos discursos literários, como também políticos e jornalísticos, preocupados com a definição dos significados que problematizamos em termos conceituais. Com os escritores piauienses é possível perceber uma continuidade que teve o emprego desse conceito na construção do tema da saudade, variando seus significados conforme as mudanças históricas que eles viveram entre as décadas de 1850 e 1880. Na verdade, procuramos analisar porque esse discurso literário reforçou os interesses políticos da sociedade pecuarista, ao fazer da saudade do sertão uma maneira não somente de lidar nas grandes cidades com a ausência de sua terra natal, mas de reação as mudanças sociais e políticas no Segundo Reinado, que provocavam mudanças com a entrada do regionalismo em relações de poder dominantes na província do Piauí.

Nos relatórios de governo e nos jornais do Piauí entre os anos de 1850 e 1880, a imagem do sertão foi construída politicamente como forma de evidenciar o atraso dessa província, seja para explicar a decadência da pecuária, seja para justificar as consequências do fenômeno da seca. No vocabulário político dos presidentes, os “nossos sertões” impediam a presença do “progresso” e da “civilização” no espaço piauiense, devido principalmente sua distância dos principais centros urbanos e comerciais do país e da Europa. No discurso político de unidade nacional, a imagem do sertão era projetada como obstáculo para realização do ideal de civilização pela monarquia. Na formação dessa elite letrada e bacharelesca emergiu um conflito pela construção da imagem do sertão, pois essa imagem de ausência da civilização vai entrar

tradicional, e os novos grupos que dispunham de maior capital e, por isso, mais “progressistas”, ligados à agricultura e às novas empresas”. (COSTA, 2007, p. 263)

¹⁷ BOSI, 2012, p. 260-263.

¹⁸ KOSELECK, 2006, p. 103.

¹⁹ DIAS, Antonio Gonçalves. **Primeiros cantos**: poesias. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. In: www.bn.br/obrasraras.

²⁰ ALENCAR, José de. **O sertanejo**: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875. In: www.bn.br/obrasraras.

em confronto com o discurso político na literatura, que atribuía novos significados para o emprego do conceito de *minha terra*. Afinal, por que entre os anos de 1850 e de 1880, diferentes discursos e escritores foram nomeando todo o espaço piauiense através dessa imagem “saudosa” do sertão?

Primeiro, é preciso dizer que a imagem romântica do sertão já havia sido construída, de modo incipiente, com poetas considerados ultra-românticos, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela ou da terceira geração, como Castro Alves, para ficar dentre os mais conhecidos, que escreveram poemas em forma de cantiga do “amoroso sertanejo”, de “saudades de minha terra”, do “canto do sertanejo”, enfim, do “crepúsculo sertanejo”²¹, respectivamente. Uma poética sobre a imagem do sertão construída pela poesia, isso antes de José de Alencar publicar o romance *O sertanejo* em 1875. Somente nessa década, que a imagem do sertão vai sendo transformada pelo poder do discurso político do Norte, tanto na literatura quanto na política, no momento de repercussão nacional da chamada seca de 1877-1879, considerada o principal “problema” dessa região²².

Portanto, no contexto do debate de ideias sobre os diferentes espaços do Brasil, nessa procura por uma definição da imagem do sertão construída por poetas e romancistas que empregavam o conceito de *minha terra*, é possível inserir a análise histórica dos poemas de José Coriolano e de Licurgo de Paiva, além do conto de F. Gil. Os dois primeiros por terem reelaborado a imagem romântica do sertão para composição poética e política de todo o espaço piauiense, principalmente, uma imagem do Piauí em versos escritos a partir da cidade do Recife nas décadas de 1850 e de 1860. Já o último compôs de modo tardio sua inserção do Piauí no romantismo, construindo historicamente um novo cenário do sertão com “episódios da seca do Norte”, para explicar a imagem do sertão dessa província afetada pelo fenômeno da seca iniciada em 1877, que ficou inicialmente conhecida no país como a “seca do Ceará”. Se os primeiros fizeram da saudade do sertão um tema da poesia, quando foram viver na cidade do Recife, construindo cada um deles sua imagem romântica do sertão; Francisco Gil construiu a partir da cidade do Rio de Janeiro uma forma diferente de falar da saudade do sertão, a descrevendo sob viés cientificista entre os moradores afetados pela “seca do Norte”, na fronteira do Piauí com Ceará.

²¹ AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos Vinte Anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Págs. 8-10. (Coleção Poetas do Brasil). ABREU, Casimiro de. **As primaveras**. s/a. p. 5-8. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 02/05/2016. VARELA, Fagundes. **Poemas**. s/a, p. 29-30. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 02/05/2016. ALVES, Castro. s/a. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 02/05/2016.

²² ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 348-355.

Para isso, analisamos o contexto histórico da produção literária desse discurso que definiu o Piauí como sertão. Analisamos esse discurso em versos e enredos “cheios” de saudade a partir da metade do século XIX, quando emergiu a problematização de *minha terra* no âmbito do pensamento literário no Brasil. Não procuramos fazer uma tese para defender novamente essa imagem de todo o Piauí como sertão. Muito menos um trabalho de reconstrução da história da literatura romântica que tratou do tema da saudade no Brasil, qual seria o conceito clássico e suas interpretações, quais seriam os principais expoentes e os escritores menores.

Particularmente, procuramos fazer uma história dessa literatura da “saudade” no Brasil, que construiu um discurso do Piauí como sertão, e de que maneira foi sendo incorporado à região Norte do Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Uma história desse sentimento e dos sentidos empregados com conceito de *minha terra* para falar do Piauí e do Norte nesse período. Um conceito histórico que foi sendo produzido inicialmente no romantismo, e capturado posteriormente por outros discursos que inventaram o regionalismo nortista a partir da cidade do Rio de Janeiro ao final da década de 1870.

Pensamos como essa literatura do Piauí elaborou a imagem da província ter “nascido” no sertão e, depois, como província inserida na região “seca do Norte”, tanto na poesia como no conto. Em termos metodológicos, buscamos pensar quais seriam as diferenças entre as formas de emprego do conceito de *minha terra*, ao questionar essa visão homogênea do sertão e do sertanejo do Piauí e, depois da região Norte, como espaço e personagem da literatura regionalista, hoje chamada de nordestina. Significa questionar como diferentes discursos sobre a imagem do sertão, que foram elaborados das províncias e da capital do país, conviviam e disputavam uma posição privilegiada nesse momento histórico do país. Afinal, o sertão era um problema regional nessa época? Essa literatura tinha em sua composição política interesses que podemos definir como regionais? Ou locais e provinciais? E se tinha, quais interesses políticos eram esses de falar do sertão e, depois, da seca, como imagem de toda essa província?

Inicialmente, percebemos a sintonia do discurso literário do sertão e do sertanejo com interesses políticos da elite de fazendeiros, isto é, a elite dominante do Piauí. Todavia, não podemos dizer que entre José Coriolano, que escreveu seus poemas em Pernambuco da década de 1850, e Francisco Gil, que escreveu o conto ou a novela *Ataliba, o vaqueiro* na cidade do Rio de Janeiro na década de 1870, os interesses políticos, econômicos e sociais fossem os mesmos. Entre a composição de poemas e de contos por cada um deles, respectivamente, nos foi possível perceber mudanças tanto de interesses políticos, sobretudo em falar da saudade do sertão, como na forma de classificação literária desse conceito, seja romântico ou regionalista.

Neste ponto, vamos problematizar nessa literatura da “saude” a forma de elaboração da imagem do sertão, e que foi sendo produzida no Brasil entre as décadas de 1850 e 1880. Na formação do lirismo da saudade pelo canto romântico²³ do sertão, os poetas vão reunir e organizar através da escrita poética, uma dispersão de cantigas e trovas, que em seguida serão definidas como cantorias do homem do sertão, o sertanejo. Portanto, ao invés de tomar essas formas de classificação da poesia e da prosa do século XIX, como formas de explicação estanques dessa literatura, nosso problema é entender como e porque elas foram sendo classificadas de regionalistas, e como houve a inserção do Piauí nessa literatura. Neste sentido, entender porque houve essa mudança da imagem do sertão romântico para uma imagem regionalista, por exemplo, com a poesia de José Coriolano²⁴, quando Franklin Távora defendeu, no prefácio de *O Cabeleira*, a construção de uma literatura própria do Norte.

Defendemos a tese de que somente no final da década de 1870 ocorreu à emergência de discursos literários em defesa do regionalismo sertanejo no Brasil. A partir dessa década é possível entender o surgimento de um livro como *O sertanejo* de José de Alencar²⁵. Um livro clássico da literatura brasileira, classificado pela crítica literária e pela historiografia como romance regional, apesar de ter subtítulo “romance brasileiro”. Um romance, desse escritor da literatura brasileira, que fundiu as narrativas do índio idealizado de Gonçalves Dias com os versos da saudade do sertanejo de José Coriolano, inclusive construindo a imagem do sertanejo como herdeiro direto do índio. Nos três escritores aparece a elaboração conceitual de *minha terra*, porém, com caminhos e enredos diferentes, delimitada pelas condições de vida e do momento histórico de cada um deles. Portanto, defendemos que o conceito de *minha terra* do regionalismo sertanejo não é apenas uma evolução ou uma continuidade daquele elaborado pelos poetas românticos do Brasil. Pois na década de 1870, o regionalismo sertanejo emergiu no interior da formação do “novo” discurso da seca, que havia transformado o fenômeno da seca no principal “problema” das províncias do Norte do país.

Quanto ao Piauí, o sertanejo dessa literatura romântica foi inicialmente construído como um herói que defendia os interesses provinciais da elite piauiense pela pecuária. Um herói, um

²³ Para analisar a classificação desse conceito na formação romântica do canto e do lirismo sertanejo na literatura brasileira, nos baseamos em CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 3º V. (1836-1880). São Paulo: Martins Editora, s/a, p. 93.

²⁴ TAVORA, Franklin. **O Cabeleira**. História pernambucana por Franklin Távora. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876. p. 12. QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e a tirania do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 119.

²⁵ “Esta imensa campina, que se debate por horizontes infínidos, é o sertão de minha terra natal. [...] Quando te tornarei a ver, sertão de minha terra, que atravessarei a tantos anos na aurora serena e feliz de minha infância?”. ALENCAR, José de. **O sertanejo**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875, p.3-4. In: www.bn.br/obrasraras.

“touro fusco” como chamou José Coriolano, expressando na escrita poética os interesses pelo domínio das fazendas entre os filhos dessa mesma elite, que saíam do Piauí para estudar em diferentes províncias do país, construindo um discurso de exaltação de (suas) grandes propriedades que eram confundidas com a própria natureza do sertão. Nesse contexto histórico, a visão idealizada do sertanejo silenciava, em nome do nascimento do “povo” do sertão, qualquer traço de conflito social contra o predomínio das relações de poder e do patriarcalismo da sociedade pecuarista. O touro era imaginado muito mais próximo do natural que do social. Assim, em uma sociedade em que fazendas eram em larga medida dominantes sobre vilas e cidades, a escrita poética de *minha terra* vai sacralizar a pecuária, para com isso construir sua oposição a “modo de vida” da praça ou ao crescimento urbano. Buscamos pensar como a literatura sobre o sertão incorporou o tema da saudade através do conceito de *minha terra*, e em que medida é possível analisá-la como literatura romântica ou regional entre 1850 e 1880, de acordo com os interesses sociais e políticos dessa época.

O historiador Nicolau Sevcenko, em sua obra já clássica, remontou a tradição aristotélica para analisar a relação entre história e literatura²⁶, pela perspectiva de analisar a primeira como realidade e a segunda como possibilidade da vida humana. É preciso questionar as diferentes formas políticas e poéticas de pensar e de teorizar *minha terra* ou sertão enquanto conceitos históricos²⁷, e logo de saída, pensamos em desconstruí-los como práticas discursivas que inventaram o espaço piauiense. Para isso, iremos problematizá-los pensando como conceitos que foram pensados historicamente e escritos socialmente, quando produzidos por uma dada forma de fazer literatura nesse período. Ao mesmo tempo em que o fazer poético do espaço piauiense o construía como *minha terra*, os discursos políticos dos relatórios recortavam o Piauí e diferentes espaços das províncias do Norte como espaços isolados do sertão.

Nesse sentido, pensamos como a imagem do sertão elaborado do Piauí pela poesia romântica foi inserida na construção de uma literatura do Norte, esta última forjada por um discurso político que seria porta-voz da “própria” região²⁸ da seca, agora elaborado também a

²⁶ SEVCENKO, 2003, p. 27-33.

²⁷ KOSELECK, 2006, p. 97.

²⁸ “O discurso da seca e sua “indústria” passam a ser a “atividade” mais constante e lucrativa nas províncias e depois Estados do Norte. [...] Este discurso da seca vai traçando assim uma zona de solidariedade entre todos aqueles que se colocam como porta-vozes deste espaço sofredor. Aproxima os grandes proprietários da Zona da Mata dos comerciantes das cidades, e estes dos grandes produtores de algodão ou criadores de gado. Forma o que Freyre vai chamar de “elite regional”, capaz de sobreviver, durante décadas, com estes mesmos argumentos”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 72-73)

partir do Rio de Janeiro. Da poesia romântica, o regionalismo nortista²⁹ do final do século XIX vai se apropriar do conceito de *minha terra* para recortar a região Norte, na procura pela construção da identidade regional, nesse momento de ascensão do estrangeiro ou do aumento da entrada de imigrantes e capitais estrangeiros, principalmente na capital e na região sul do país.

Diferentemente do que pensava Franklin Távora, a poesia de José Coriolano não falava em nome do Norte, enquanto uma literatura com a missão histórica de dizer como era “ser da região” do país, principalmente, não imaginava sua inserção na literatura nortista através de sua terra natal, a província do Piauí. Sua única obra foi publicada após sua morte, na década de 1870, e o seu conceito de natureza não era regional, mas romântico e provinciano. Para fundar ou instituir o regionalismo nortista, o crítico e escritor de literatura Franklin Távora capturava a imagem do sertão com o objetivo de agrupar diferentes poetas e romancistas separando como literatura regional do Norte, como foram os casos de José Coriolano e F. Gil. Este último havia publicado um conto em folhetins no Rio de Janeiro, os episódios de *Ataliba, o vaqueiro* como sendo características da língua, do meio e da mestiçagem racial na região “seca do Norte”.

Para abordar esse problema é preciso entender como houve a inserção desses escritores na formação do conceito de *minha terra* dentro do movimento romântico, e como ocorreu uma mudança conceitual com a emergência do regionalismo no Brasil, tentando perceber sua elaboração como forma de nomeação não apenas do espaço, mas entendê-lo como invenção poética e política do espaço. Analisamos metodologicamente³⁰ a fabricação desse conceito de forma direta, isto é, através do uso direto e discursivo de *minha terra*, e também de forma indireta e metafórica, tentando imaginar poeticamente que espaço “natural” ou região “imaginária” seria essa que a literatura recortou e inseriu a província piauiense, e quais eram os interesses políticos desse espaço que aparecem em José Coriolano, Licurgo de Paiva e F. Gil.

Afinal, qual a diferença política no campo literário dessas oposições entre sertão e praça enunciadas na poesia desses dois escritores, daquela que vai elaborar Franklin Távora a partir de 1876, e depois F. Gil em 1878, para diferenciar as regiões norte e sul do Brasil? A primeira vista, nos parece que ambas as oposições têm em comum um interesse político de que sertão e Norte reagissem às mudanças sociais e econômicas da conjuntura nacional, as transformações que ocorriam nos principais centros urbanos do Brasil, em escalas espaciais diferentes e de

²⁹ Segundo Durval Muniz, os “relatos do estranhamento funcionam também no sentido de criar uma identidade para a região de quem fala, em oposição à área de que se fala” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p.54).

³⁰ KOSELECK, 2006, p. 114-118.

acordo com o lugar de enunciação desses discursos literários. Vale salientar que entre os conceitos de região e de *minha terra*, prevaleceu este último na poesia romântica, enquanto o conceito de região apareceu com mais força no romance histórico iniciado na década de 1870, no momento de fundação na literatura do regionalismo nortista. Isso não quer dizer que o emprego do conceito de *minha terra* pela literatura para dizer onde ficava o sertão, tenha simplesmente evoluído para o de “região seca” com a narrativa do romance sertanejo, nessa procura por delimitar o sertão entre as províncias do Norte do Brasil.

Para análise historiográfica e da crítica literária nos baseamos em diferentes autores da época em questão e de historiadores contemporâneos. Do ponto de vista metodológico, repensamos as variações semânticas e os saberes políticos desse conceito no romantismo brasileiro, utilizando as referências teóricas das pesquisas de R. Koseleck³¹ e de Michel Foucault³². Quanto aos autores brasileiros, em sua maioria historiadores, abordamos criticamente as leituras de Antonio Jorge de Siqueira³³, de Durval Muniz³⁴, de José Murilo de Carvalho³⁵, de Evaldo Melo³⁶, dentre outros trabalhos. Além do próprio Franklin Távora e de José de Alencar, pois ambos estavam no Rio de Janeiro entrando em debate sobre como fundar uma literatura regionalista a partir da cidade do Rio de Janeiro.

Dividimos nosso trabalho em três capítulos, e em cada um deles vamos analisar a vida, a obra e a momento histórico dos escritores dessa literatura sobre o sertão, que vem sem aprofundamento histórico sendo classificada de maneira dominante por meio do regionalismo. Abordaremos metodologicamente cada um desses autores a partir das mudanças provocadas na feitura da imagem do sertão nessa conjuntura histórica, mostrando os momentos de mudança na forma de classificação dessa imagem, quando foi capturada por obras e pela crítica literária para definição de uma literatura do “Norte” com discursos e enunciados regionalistas.

³¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica histórica dos tempos históricos. Trad. de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

³² FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

³³ SIQUEIRA, Antonio Jorge. **Sertão sem fronteiras**: memórias de uma família sertaneja. Recife: Ed. Universitária, 2010; **Os padres e a Teologia da Ilustração**. Recife, Pernambuco: Ed. Universitária UFPE, 2009; **Labirintos da modernidade**. Recife, Pernambuco: Ed. UFPE, 2014.

³⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução. (1877-1922). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História: Universidade Estadual de Campinas, 1988; **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem. Teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

³⁶ MELO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

Nos capítulos, analisamos a problematização do conceito de *minha terra*, defendendo o pensamento de que o emprego desse conceito na literatura começava com o processo de desenraizamento social dos filhos da elite local, chamando atenção para o desenraizamento como um conceito ambíguo. A saudade do sertão significa historicamente um processo político de saída e de afastamento, que na literatura apagava momentaneamente as desigualdades sociais e econômicas dessa província. Na história dessa literatura, a saudade sentida pelos filhos elite pecuarista, sendo preparada para estudar em faculdades nas grandes cidades, não foi à mesma projetada, posteriormente, sobre o retorno dos “flagelados” que se retiravam do sertão por conta da “seca do Norte”.

Enfim, ao enfrentar o processo de desenraizamento que viveram ao sair do Piauí para viver em outras províncias, seja do Norte ou da capital do Império, esses escritores vão elaborar por enredos e narrativas diferentes uma composição poética e política do conceito de *minha terra*. Um conceito problemático do ponto de vista teórico e metodológico, quando buscamos mostrar historicamente repetições e diferenças entre eles, e encontrar um fio condutor que nos permita a problematização das formas de classificação de uma produção literária elaborada entre os anos de 1850 e 1880. No Capítulo 1, analisamos a vida, a poesia e o momento de José Coriolano, em sua trajetória como poeta entre as províncias do Piauí e de Pernambuco, principalmente, durante a década de 1850, quando ingressou no curso de Direito na capital pernambucana. Analisando como ele elaborou seus significados do conceito de *minha terra* através da oposição entre sertão e praça. A saudade do sertão foi construída como forma de aplacar não somente sua ausência da província do Piauí, mas também uma maneira de reforçar os códigos dominantes de sustentação da sociedade pecuarista. A mudança da capital de Oeiras para Teresina e a construção do espaço piauiense como “nossos sertões” pelos governos dessa província, uma imagem do sertão enquanto obstáculo ao progresso e a civilização no Piauí, levaram José Coriolano a construir esse conceito, buscando reagir contra o discurso político dos relatórios de província, sem romper com o mesmo vocabulário que definiu a imagem do sertão como lugar distante, isolado, rústico, etc.

No Capítulo 2, o foco principal consiste em evidenciar o lugar social de produção da poesia de Licurgo de Paiva, a cidade do Recife dos anos de 1860, retomando a oposição entre sertão e praça construída inicialmente por José Coriolano. Porém, Licurgo de Paiva teve uma trajetória diferente, experimentando pensar na poesia como as mudanças do “modo de viver” da praça interferiram em sua construção do tema da saudade do sertão. A relação entre a vida boêmia e a literatura, que deixaria para trás seu interesse inicial em ingressar na faculdade de

Direito, aparece na maneira como o poeta experimentou inserir a praça de maneira diferente seus poemas, com a possibilidade e expectativas de ruptura com os códigos dominantes do sertão. Vale salientar a ênfase que o poeta atribuiu a praça em sua construção de novos significados do conceito de *minha terra*, principalmente, nesse momento de início em Recife de um ambiente marcado pela aproximação entre cientificismo e literatura, possibilitando o poeta, um “filho do Norte”, se inserir nesse debate político, que colocava Pernambuco como principal centro das províncias do Norte.

No capítulo 3, seguimos a metodologia dos capítulos anteriores, evidenciando o contexto da produção literária de F. Gil durante a década de 1870. Diferente dos dois poetas, F. Gil havia se formado em Letras na França, e retornava ao Brasil ocupando um cargo no governo imperial no Rio de Janeiro, no momento de repercussão da seca de 1877 como principal “problema” do Piauí e das províncias do Norte. Além disso, sua construção do tema da saudade do sertão trouxe novos significados para o emprego do conceito de *minha terra*, embalado pelas teorias deterministas e raciais difundidas e reelaboradas pela literatura. Com ele, a saudade vai sendo projetada na construção da imagem do sertão, a partir de noções como raça e meio. O sertanejo era visto como “conhecedor” do sertão, sua luta agora não era somente contra as interferências da praça na sociedade pecuarista, na medida que a seca será vista como o principal obstáculo que ele deveria enfrentar para não deixar o sertão.

Enfim, as diferenças históricas e os significados políticos da saudade emergiram com as mudanças no emprego do conceito de *minha terra*, que nos serviu para repensar as formas de classificação desse tema do sertão entre o romantismo e o regionalismo da segunda metade do século XIX. No entanto, esses três escritores repetiram uma maneira de expressar a saudade que estava muito preocupada em não deixar que fossem alteradas as relações de poder no sertão, ao fazer dela um sentimento de “exílio” diante das incertezas do tempo presente e da história.

2 NARRATIVAS DO SERTÃO E A POESIA DE JOSÉ CORIOLANO

No ano de 1859, José Coriolano concluiu o curso de Direito na Faculdade, que passou a ser conhecida por Escola do Recife depois da década de 1870, tornando-se assim um bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas³⁷. Sua formação superior foi vivida em um momento histórico de centralização política do Estado Nacional, que logrou êxito em larga medida contra as forças políticas federalistas, ou mesmo separatistas, organizadas em partidos políticos ou em focos dispersos pelas províncias do norte até o sul do país. Ao mesmo tempo, para ele, como para outros bacharéis, havia sido uma década que terminou marcada por muitos anos de romantismo, um tempo de discursos literários classificados pela procura de um certo ideal de beleza e de equilíbrio entre a pátria e a natureza, alguns dos principais temas para fazer poesia de cunho romântico³⁸.

No entanto, algo diferente havia acontecido no subterrâneo da formação dessa literatura nacional, vindo de um desconhecido dos poetas “menores”, conforme expressão de Antônio Candido. Em particular, a diferença estava presente na maneira de narrar o sertão a partir dessa década de 1850, principalmente, no modo diferente de dizer como era o sertão e de localizá-lo entre as províncias que ficavam ao norte do país. Na verdade, foi iniciada entre homens de letras certa projeção idealizada do sertão pela figura do “gênio” ou do poeta romântico, gerando uma expectativa de inserção do sertão no universo da criação literária. Nesse caso, sua inserção no movimento romântico ficou quase que circunscrita ao espaço social dos bacharéis e das faculdades recém-criadas no Brasil. Analisamos, a seguir, a narrativa do sertão presente em versos e rimas de José Coriolano.

Propomos, neste capítulo, problematizar certos efeitos políticos e históricos da classificação literária no Brasil, quando relacionamos o lugar social e a trajetória biográfica do poeta José Coriolano durante o Segundo Reinado, ao situá-lo no quadro geral de nossa pesquisa histórica sobre as narrativas do sertão entre 1850 e 1880. Ao pensarmos diferente da historiografia literária, que supõe certa relação de continuidade ou mesmo de identidade entre sociedade e criação poética, ora com a ênfase em traços biográficos³⁹ do escritor, ora nas

³⁷ Não tivemos acesso aos livros originais, nos quais foram publicados seus poemas, contudo, as 108 poesias organizadas recentemente por Saulo Barreto Lima Fernandes, incluindo dezenas de poemas inéditos com data e lugar, nos possibilitou compreender sua trajetória como poeta entre os anos de 1850 e 1869. FERNANDES, Saulo Barreto Lima (org.). **108 Poesias de José Coriolano de Souza Lima**. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2015.

³⁸ Sobre o romantismo e sua formação literária no Brasil, nos baseamos em **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 1836-1880**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

³⁹ “O entendimento do social, pressuposto da própria leitura das fontes, por sua vez, é também alimentado pelas explicações dos casos particulares. Dessa maneira, teve-se em conta o diálogo do particular com o geral, o encontro do individual com o social, as tensões entre o biográfico e o estrutural”. QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a**

correntes de pensamento literário em voga no momento, pois procuramos relacionar os poemas com seu lugar social⁴⁰ e, simultaneamente, com a trajetória biográfica, ao apresentar historicamente as variações da classificação literária do poeta nesse período.

Narrando o sertão em versos, seus poemas nos possibilitam mostrar tramas históricas e políticas, que acabaram não sendo envolvidas na análise de sua classificação literária, que priorizaram mais a classificação do livro, *Impressões e Gemidos*, publicado em 1870, do que a trajetória de composição dos poemas escritos entre 1847 e 1869. Estes, que foram escritos em espaços e em instituições, como a Faculdade de Direito, um espaço de ensino e de pesquisa⁴¹ capaz de circunscrever a formação intelectual de diversas elites que constituíam as províncias do Norte. Dentre elas, sua terra natal, o Piauí, uma província ainda dominada por relações políticas estabelecidas pelos conflitos seculares ligados a expansão da atividade pecuarista, com uma elite de fazendeiros preocupada em conservar suas hierarquias, e em certo sentido, justificar as desigualdades dessa sociedade controlada através de seus currais de gado.

Por isso, nosso objetivo é repensar como surgiram e como foram classificadas essas narrativas do sertão, em versos de um poeta menor entre os homens de letras do período. Afinal, somente a partir da década de 1870 e do movimento cientificista da Escola do Recife, que José Coriolano começou a aparecer e ser reconhecido como homem de letras, e classificado como pioneiro na maneira de dizer como era e onde ficava a realidade sertaneja ao norte do país.

2.1. Discursos biográficos

Iniciamos a parte referente à análise de certos traços da biografia com a visão de sua vida e de sua obra, escrita por um dos seus contemporâneos na segunda metade do século XIX. Pensamos que o problema de sua classificação literária surgiu no momento que Franklin Távora, interessado em fundar uma literatura com escritores do “Norte do Brasil”, incluiu e definiu José Coriolano como um poeta dessa região do país. Como veremos, até 1870, ano de publicação do seu único livro, seus poemas haviam sido impressos em folhas de jornais e revistas da província de Pernambuco, mostrando alcançar o público não somente do curso, mas também das aristocracias rurais e dos nascentes grupos urbanos, urbanização que dinamizava o

República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 14.

⁴⁰ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 66-67.

⁴¹ Segundo Lilia Moritz Swcharcz, em **O espetáculo das raças**, durante o “Segundo Reinado era visível o amadurecimento de grupos intelectuais distintos”. (2011, p. 25)

cenário político da capital pernambucana, especificamente, a produção literária no interior do grupo social de futuros bacharéis.

Portanto, o principal discurso biográfico que prevaleceu sobre sua trajetória foi aquele que emergiu da classificação literária feita por Távora. Desse modo, aspectos relevantes antes e depois do curso de Direito haviam sido reformulados, ou mesmo desconhecidos, no momento que ficou reconhecido como “poeta do Norte” durante as décadas de 1870 e 1880. Ao invés de começar, obviamente, com a descrição do ano e da província de seu nascimento, problematizamos os caminhos que levaram a um recuo de sua classificação como regionalista, para o período anterior a década de 1870, ou melhor, ao ano de 1876. Nesse ano, Távora publicou no prefácio do romance *O Cabeleira*, um discurso político reivindicando um sentimento regionalista na classificação da literatura no Brasil, incluindo José Coriolano dentre os escritores que fizeram “uma pintura fiel”⁴² da realidade de suas províncias.

Contudo, além desse prefácio, sua classificação como regionalista continuou sendo definida nos comentários da crítica de Távora em favor da separação da nossa literatura em duas. Dessa maneira, no ano de 1883, saía seu comentário nas colunas do jornal *O Paiz*⁴³, impresso na cidade de São Luís do Maranhão, mais recheado de proselitismo ao invés de crítica literária, nessa época era feita em jornais e revistas. Com o título *Um poeta do Norte*, o comentário provocou um efeito político que até hoje tem repetido essa classificação do poeta, seja uma repetição feita por historiadores ou por cientistas sociais.

Enfim, a classificação literária desse poeta por Távora, iniciada em 1875 e retomada em 1883, cristalizou uma determinada visão biográfica do primeiro, também de sua obra. Para o romancista Franklin Távora, nascido na província cearense, bacharel em Direito também em Recife, e depois funcionário do Império no Rio de Janeiro desde 1874, José Coriolano foi pioneiro no regionalismo sertanejo, por compor uma poesia de cunho sertaneja cada vez mais da “nossa terra”, e antecipar na poesia a expressão de um sentimento de ser nortista, uma maneira de sentir que somente seria conhecida pela outra parte do país, o Sul, assim como seus próprios “arquitetos”, com a formação de uma literatura do Norte. Isto é, a repetição de seu comentário recuava o regionalismo aos anos de 1850, e a trajetória desse último passou a ser

⁴² “Não vai nisto, meu amigo, um baixo sentimento de rivalidade que não aninho em meu coração brasileiro. Proclamo uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política”. (TÁVORA, 1977, p. 11)

⁴³ Esse mesmo comentário foi publicado na íntegra em 1888, como veremos mais a frente, nas colunas da revista literária *A Semana*, já na condição de redator dessa revista do Rio de Janeiro, Távora continuava em sua campanha para formação de uma literatura do Norte. A primeira publicação foi realizada no jornal: *O Paiz*. Órgão Especial do Commercio. Nº 177-178, Ano XIX, Maranhão, 1883. Site: www.hemeroteca.br. Acesso: 07/09/2015.

biografada com ênfase na suposta relação de continuidade entre o sertão e sua província de nascimento, um recorte homogêneo produzido pelos efeitos dessa classificação regional, que esperava encontrar uma única realidade do sertão espalhada por toda a província piauiense.

O que foi escrito posteriormente de sua biografia, principalmente, em estudos⁴⁴ interessados pela história da literatura ou por literatos do Piauí dessa época, reduziu sua classificação ao comentário elaborado por F. Távora em outro momento histórico, reunindo narrativas do sertão pautadas no cientificismo da Escola do Recife. Esta última, já começava a ser um centro difusor da ideia de que o meio, no caso o sertão, determinava a constituição da realidade de parte ou de províncias inteiras dessa região. Priorizamos de início falar desses comentários de Távora, ao problematizar o momento histórico dos anos de 1850 e 1860, quando a narrativa do sertão ainda não era classificada como um retrato da realidade em províncias do Norte, especificamente, da província do Piauí.

Essa trajetória biográfica de José Coriolano não abarcou outros momentos de sua vida, que não fossem centrados no período da faculdade de Direito, lugar social que possibilitou sua projeção como poeta e homem de letras, no entanto, sob as vestes do cientificismo da Escola do Recife e dos anos de 1870. Para isso, retomaremos essa trajetória biográfica trazendo à tona outros aspectos relevantes de sua vida, da vida de um filho de fazendeiro da elite econômica e política da província piauiense, suas ligações com o partido liberal e suas posições políticas contra a monarquia, as intrigas entre familiares e parentelas dessa elite do gado.

Enfim, nos interessa tecer novas tramas de sua vida, que o transformaram poeta ainda jovem, analisando o momento que antecede essa classificação que projetava seus poemas no “gosto popular”, devido os limites que circunscreviam o alcance de uma poesia feita entre homens de letras, no interior de instituições de ensino ou para ser lida em jornais, que circularam muito mais em espaços urbanos, do que onde ficava o sertão de suas narrativas literárias.

É importante evidenciamos que antes mesmo de concluir o curso de Direito em 1859, o negociante José Coriolano de Sousa Lima, branco e com 22 anos, conforme uma classificação de eleitores, residindo na vila de São Raimundo Nonato há mais ou menos quatro anos,

⁴⁴ Para não ser extenso na lista, citaremos apenas dois estudos mais recentes que repetiram essa classificação, utilizando-a, sem levar em conta a historicidade do pensamento regionalista de Távora, e sua tentativa de fazer da visão biográfica e da obra do poeta, uma descrição ou uma pintura fiel da realidade sertaneja no Piauí entre as províncias do Norte. Por exemplo, em **Os literatos e a República**, Terezinha Queiroz afirma que a “poesia sertaneja, que fez escola na segunda metade do século passado, foi de grande gosto popular” (1994, p. 120); ou antes com o livro **Pesquisas para a história do Piauí**, no qual Odilon Nunes utilizou diretamente o comentário do jornal **o Paiz**, repetindo que foi “pioneiro no Piauí José Coriolano de Sousa Lima, doutor em direito, formado pela Faculdade de Pernambuco, radicado à terra natal, cuja vivência canta em versos de terna amorosidade” (1975, p. 277).

participava do processo de qualificação dos votantes de paróquia dessa vila⁴⁵. Havia nascido na povoação de Piranhas em 1829, nos limites do Piauí com o Ceará, elevada à condição de vila em 1832, com o nome de Príncipe Imperial. Logo cedo, provavelmente aos 18 anos, teve que sair da fazenda Boa Vista para acompanhar um dos seis irmãos, chamado Sebastião Ribeiro de Lima⁴⁶, que havia se tornado padre colado da paróquia de São Raimundo, vinculada como as demais paróquias do Piauí ao Bispado do Maranhão.

Em São Raimundo, veio depois juntar-se a eles outro irmão, de nome Jerônimo, pois nessa época, a vila de Príncipe Imperial estava repleta de conflitos políticos e de rivalidades pessoais pelo controle do poder após a criação do município, ocorrendo inúmeros crimes e assassinatos pelo seu termo, que por anos seguidos foram informados ao ministro da Justiça⁴⁷ ser o resultado de uma zona de conflitos situados na fronteira com a província do Ceará e as margens do rio Poti. Nessa viagem para residir na vila de São Raimundo, o jovem José Coriolano já ensaiava o começo de sua vida como poeta. Em trechos de um poema sem título, escrito sobre essa viagem, o jovem poeta dizia acompanhar um só “irmão”, aquele que havia sido ordenado padre colado da povoação de São Raimundo. Diferente de José Coriolano, seus irmãos permanecerão morando o restante da vida nessa vila⁴⁸, adquirindo terras, escravos e assumindo as funções e os cargos burocráticos e políticos de funcionamento de uma pequena vila do Império.

Entre os inventários da vila de São Raimundo, ficou evidente que os irmãos de José Coriolano deixaram aos herdeiros um patrimônio característico da sociedade pecuarista, como

⁴⁵ Lista dos votantes qualificados desta Villa de São Raimundo Nonato em virtude da Lei nº 387 de 19 de Agosto de 1849.02/03/1851. Arquivo Público do Estado do Piauí. Casa Anísio Brito. Caixa de São Raimundo Nonato.

⁴⁶ O padre Sebastião Lima assumiu a administração “espiritual” da freguesia de São Raimundo em 10/08/1847, ingressando como padre “collado”, quer dizer, do quadro permanente da elite eclesiástica ligada ao Bispado de São Luís. Na segunda metade do século XIX, os padres tiveram que lidar com as medidas reformistas da Igreja Católica orientadas pelo ultramontanismo e pela romanização da organização burocrática do clero. Segundo Wheriston Neris, em **As bases sociais do recrutamento da elite eclesiástica no Bispado do Maranhão**. (1850-1900), o “foco principal dessas modificações eram a) a afirmação frente às elites políticas e culturais regionais e b) a moralização do corpo sacerdotal e normatização das manifestações religiosas da população em geral.” (2009, p. 15)

⁴⁷ “Tenho-me igualmente mostrado incansável em recomendar aos Delegados, e Subdelegados a prisão e processo de criminosos [...] e nem tão pouco, graças a Providencia, se tem, sob a minha administração representado as scenas de terrível cannibalismo, que em outras épocas tanto lutarão o Municipio do Principe Imperial, chamarão a atenção do Governo Supremo, e desafiarão a indignação dos bons Cidadãos d’esta, e das Provincias limitrofes.” Falla com que o Ex.mo Sr. Presidente da Provincia do Piauhy Dr. Anselmo Francisco Perreti abriu a Assembleia Legislativa Provincial no dia 05 de Julho de 1849. Oeiras, Typographia Saquarema, 1849, p. 4.

⁴⁸ **Inventários da vila de São Raimundo Nonato**. Comarca de São Raimundo Nonato/Piauí. Arquivo FUMDHAM. Outro documento, o relatório dessa província do ano de 1857, registrou a atuação do padre Sebastião como professor do ensino particular de *Primeiras Letras* na vila de São Raimundo, indicando sua participação na formação educacional de José Coriolano, na influência do catolicismo em sua vida e na expectativa de cursar Direito em Recife. **Relatorio que dirigio o presidente da Provincia do Piauhy o Exm. Sr. Dr. João José de Oliveira Junqueira a Assembleia Legislativa Provincial aos 2 de Julho de 1857**. Maranhão. Typographia Constitucional de I. José Ferreira, 1857. Mapa nº 12.

defende a historiadora Tanya Brandão, ou seja, terra, gado e escravos. Em *A elite colonial piauiense*, Tanya Brandão considera que “as pessoas cujos espólios somavam valores elevados eram as que possuíam maior quantidade de bens de diferentes tipos.” (2012, p. 206). Além dessa trilogia do poder pecuarista, apareceram livros entre os bens inventariados, evidenciando um grupo familiar ligado ao processo de instrução pública primária e secundária na época, possibilitando inserir a vida escolar de José Coriolano no convívio com seus dois irmãos em São Raimundo, ainda no final da década de 1840.

José Coriolano estava se preparando para ingressar na Faculdade de Direito de Olinda⁴⁹. Era um desses filhos de fazendeiros orientados para a carreira judiciária e também para a política partidária. A eleição para juiz de paz e o processo de qualificação de votantes em São Raimundo o iniciavam nesse caminho ainda muito jovem, participando da disputa política partidária entre grupos locais, em conflitos nas redes de parentesco da elite do gado, para serem inseridos nos cargos administrativos e em partidos políticos concorrendo pelo poder de governar a província piauiense.

Quando já estava em Olinda, cidade da primeira sede do curso de Direito, no dia 22 de fevereiro de 1856, o jovem autor de poemas concluiu a escrita de um poemeto de três cantos intitulado *O touro fusco*. Na epígrafe, um trecho do pensamento de Álvares de Azevedo antecipava sua filiação aos poetas do romantismo brasileiro⁵⁰. No poemeto, percebemos uma trama política na narrativa, que nos remetem a elementos autobiográficos, como a lembrança dos duelos entre touros significar também as disputas e assassinatos entre fazendeiros, lutando entre si pelo controle do poder político e partidário em Príncipe Imperial.

Neste sentido, podemos encontrar na narrativa literária interstícios das tramas políticas de uma vila repleta de crimes e assassinatos, no entanto, o poeta recorria à criação de uma fábula para narrar a principal fonte de poder e de riqueza do Piauí, a fazenda isolada no sertão, com seus currais e gados. Uma breve alusão ao poemeto indica para quem se dirigia seus versos, narrando quase que uma batalha “épica” entre touros no sertão. Um poeta que levantava sua voz para apagar os conflitos políticos e sociais dessa sociedade pecuarista, construindo uma narrativa para uma elite tinha que deixar os limites da fazenda, e se inserir politicamente na dinâmica de uma vida urbana nos principais centros do país, como ocorria na cidade do Recife.

⁴⁹ Segundo José Murilo de Carvalho, em *A construção da ordem*, a elite brasileira “se reproduziu em condições muito semelhantes após a Independência, ao concentrar a formação de seus futuros membros em duas escolas de direito, ao fazê-lo passar pela magistratura, ao circulá-los por vários cargos políticos.” (2012, p. 39)

⁵⁰ Para análise da formação literária, tanto de José Coriolano como depois de Licurgo de Paiva, utilizamos como referências imediatas as epígrafes em seus poemas, sejam de poetas nacionais ou estrangeiros. Vale salientar a utilização desse recurso metodológico por Antonio Candido para identificar, inicialmente, as referências europeias presentes nas três gerações à maneira clássica que diferenciamos a poesia romântica no Brasil. (1981, p. 58)

No poemeto, aparece um elemento central na trajetória de vida e na composição poética dessa narrativa, a construção de um discurso recheado de saudade dos currais de gado. Assim, José Coriolano passou a construir, em versos e rimas, uma narrativa da fazenda como símbolo de poder dessa sociedade. A história narrada do touro é uma espécie de autobiografia, o intuito era transformar esse animal em herói de seu poemeto e de sua própria vida, já que continuava na lembrança que além de filho, ele também era fazendeiro. O touro havia nascido no mesmo lugar que José Coriolano, na vila de Príncipe Imperial, província do Piauí. Nomeada de “meu sertão” ou “minha terra” em diferentes poemas, a província do Piauí passava a ser vista como espaço do sertão e da atividade pecuarista. O sertão era construído poeticamente não somente para dizer qual era e onde estava localizada sua província de nascimento.

Com essa narrativa literária, o sertão também já significava um lugar social para a idealização de refúgio em fantasia dessa sociedade pecuarista, principalmente, diante dos rescaldos das ideias do federalismo e das medidas de descentralização do Estado, que colocaram em xeque a ordem vigente dessa atividade pecuarista, que continuava quase com o mesmo funcionamento econômico e político desde o processo de colonização⁵¹. Na verdade, para imaginar as sensações de estar longe do sertão, ele tentava pensar a saudade como sinônimo de uma lembrança ou de um tempo, onde pessoas ou lugares estavam ausentes não da narrativa, mas do contato que ele passou a sentir com quem não haviam nascido no sertão, ou como diziam na poesia romântica desde Gonçalves Dias⁵², com quem havia nascido em *minha terra*.

A inserção de sua narrativa do sertão no interior da literatura romântica variou com as mudanças em sua trajetória de vida em diferentes províncias, como Piauí, Maranhão e Pernambuco, e também na projeção do próprio poeta entre os chamados escritores do Norte do Brasil a partir dos anos de 1870. Portanto, buscamos repensar historicamente os interesses históricos e políticos envolvidos em sua elaboração literária, no momento de auge dos discursos literários em poesia e em prosa do romantismo brasileiro, relacionando-os com as definições da crítica literária dessa época, criada principalmente em jornais e revistas.

Nesse momento de publicação dos poemas de Gonçalves Dias, José Coriolano vivenciava a instrução escolar na vila de Príncipe Imperial, e tudo nos indica que teria sido esse momento, ainda muito jovem, que leu seus primeiros poemas e também ouvia cantorias de pessoas anônimas. O ritmo marcado por rimas em cada estrofe de seus poemas evidencia um

⁵¹ COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: UNESP, 2007. p. 147.

⁵² “Minha terra tem palmeiras/ Onde canta o Sabiá/ As aves que aqui gorjeiam/ Não gorjeiam como lá”. DIAS, Gonçalves. Primeiros Cantos: poesias de Gonçalves Dias. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. p. 9. In: www.bn.br/obras. Acesso: 21/09/2015.

recurso estilístico, que ele foi incorporando do romantismo para a composição de sua poesia. Entre sua saída na década de 1840 da vila de Príncipe Imperial e seu retorno abalado e doente, já no final da década de 1860, José Coriolano escreveu mais de uma centena de poemas, muitos deles perdidos e alguns restando apenas trechos e fragmentos, como o que mencionamos acima sobre a povoação de São Raimundo.

Nesta última, ele se manteve muito próximo daqueles que se ocupavam com os interesses políticos e econômicos de transformá-la em uma vila do Império em meados do século XIX⁵³, inclusive participando dos rituais católicos na condição de testemunha de casamentos e em batismos⁵⁴, e também em processos judiciais enquanto testemunha e examinador de depoimentos em inventários⁵⁵.

Enquanto isso, no âmbito político da província, os relatórios de governo da província piauiense insistiam na imagem de isolamento dos sertões. Nestes, a imagem do espaço piauiense como sertão passou nesse momento a ser produzida com certa regularidade por discursos políticos para criação da futura capital⁵⁶ do Piauí, acelerando as mudanças político-administrativas ocorridas a partir da década de 1850. No plano nacional, foram abafados os discursos políticos de separação das províncias do Império, um discurso com características separatistas e nascido no contexto histórico de transformações políticas e sociais desencadeados ainda na primeira metade do século XIX⁵⁷. Ao norte do país, o federalismo significou em parte

⁵³ Jeronimo de Sousa Lima Bozon, irmão de José Coriolano, estava entre os nomes escolhidos para o cargo de delegado da comarca de São Raimundo, conforme o pedido de elevação da freguesia à vila em 1850. “Em virtude da portaria de V. Ex^a da data de hontem, em que me comunica ter sido elevada à Villa a Freguezia de S. Raymundo Nonato, e que me cumprio propor pessoas edoneas para os cargos de Delegado, Subdelegado, e seos supplentes.”. Ofício do Chefe de Policia Interino Carlos Luiz da G. Moura ao Presidente da Provincia Srn. Dr. Ignacio F. da Silveira Mota. Arquivo Público do Estado do Piauí. Casa Anísio Brito. Caixa de São Raimundo Nonato.

⁵⁴ Em 1847, José Coriolano começou a ser testemunha em casamentos de filhos da elite de fazendeiros da freguesia de São Raimundo Nonato, permanecendo nessa vila até o início da década seguinte, quando passou a morar no Recife em sua preparação para ingressar na faculdade de Direito. **Livro de casamentos da freguesia de São Raimundo Nonato**. 1832-1888. In: Arquivo FUMDHAM.

⁵⁵ Em 08/01/1850, José Coriolano serviu de examinador, assim como Jeronimo, do estado de “sanidade mental” de uma mulher de 90 anos, em inventário de Alexandre Pereira de Sá realizado na vila de São Raimundo Nonato. Inventário de Alexandre Pereira de Sá. 07/01/1850. In: Inventários do Cartório do 1º Ofício. Comarca de São Raimundo Nonato. Piauí. 1836-1880. Documentos avulsos.

⁵⁶ “Se as narrativas políticas e historiográficas construíram uma identidade para o Piauí e o Brasil na relação entre os conceitos de *civilização* e *cidade*, tendo a nova capital como central nessa dinâmica, e com o ideal de apropriação do *sertão* no sentido de sua incorporação e disciplinarização - já que significado como principal obstáculo desta visão - pode-se observar que, o plano literário, uma outra construção semântica foi executada.” (VILHENA, 2016, p. 25)

⁵⁷ Analisamos os conceitos de regional e nacional na historiografia brasileira sob diferentes perspectivas. Dentre elas, destacamos que para José Murilo de Carvalho, em **A construção da ordem**, a “importância da nacionalização da elite para a manutenção da unidade nacional do país pode ser avaliada pelo fato de que as tendências centrífugas, provinciais e regionais, se fizeram sentir durante todo o período, e de maneira violenta até 1850”. (2012, p. 133); já segundo Evaldo Melo, em **O Norte agrário e o Império**, o Brasil estava dividido regionalmente entre Norte e Sul, formado o norte como espaço agrário e o sul como espaço industrial, onde o “aparecimento de reivindicações

uma tentativa de mostrar a província de Pernambuco como centro político dessa região, com a difusão do separatismo entre províncias do Norte.

Em 1852, o governo do Piauí sob a presidência de Saraiva realizava a mudança da capital da província, da cidade de Oeiras para a Nova Vila do Poti, que em seguida passaria a se chamar Teresina. Entre as imagens que serviram para justificar essa mudança estava retirar à capital piauiense de “nossos sertões”, e transferir para um lugar próximo do rio Parnaíba. Nesse discurso político de um membro do partido conservador no Piauí⁵⁸, em forma de relatório e apresentado à Assembleia da província piauiense, temos uma descrição elaborada do sertão como um lugar que havia ficado no passado.

Uma narrativa do sertão que passou a servir de argumento capaz de produzir expectativas, que fossem capazes de transformar a situação econômica e social da província através da navegação desse rio, visando realizar o ideal de progresso e de civilização capitaneado pelos agentes do Império nas províncias. Expectativas construídas pelo discurso político do presidente da província, segundo o bacharel em Direito José Antônio Saraiva.

E, fallando a linguagem dos factos, fazendo descer pelo Parnahiba os algodões, os couros, e mais productos da Provincia, e não pelo Itapecuru, que nos chegaremos a dar as forças productivas da Provincia a direcção, que lhe, é conveniente. Seria isso uma cousa que se possa realizar sem o auxilio poderoso da administração? - Não o creio - É mister por tanto que eu e vós, Senhores, estejamos a margem d’aquelle rio, e não vivamos a dezenas de léguas, n’estes sertões, uma vida estéril para os mais importantes melhoramentos materiais da Provincia.⁵⁹

O discurso de Saraiva, de um político nomeado pela ordem imperial, ao mesmo tempo em que mobilizava interesses econômicos de transferir o centro político piauiense dos “sertões” para a margem do rio Parnaíba, alimentou a expectativa de que essa mudança o incorporasse de vez ao projeto centralizador, proposto em larga medida pelos membros do partido conservador em prol da unidade territorial do Império⁶⁰, que evitasse, portanto, fissuras locais e regionais nos partidos políticos. Desse modo, no vocabulário dos grupos de estudantes que foram estudar

provinciais e regionais de natureza econômica constituiu, portanto, um dos fenômenos derradeiros do Império”. (1999, p. 19).

⁵⁸ A respeito da mudança da capital do Piauí, de Oeiras para Teresina, a tese **Os fazedores de cidade** de Gustavo Vilhena nos possibilitou repensar as expectativas históricas da criação de Oeiras como capital no século XVIII, na medida que coloca em questão a imagem de isolamento “*nossos sertões*” presente no discurso político dos relatórios da década de 1850, ou seja, o isolamento de Oeiras como um dos argumentos apresentados para a concretização da mudança em direção as margens do rio Parnaíba. VILHENA, Gustavo Henrique Ramos de. **Os fazedores de cidade: uma história da mudança da capital no Piauí. 1800-1852**. UFPE: Pernambuco, 2016, p. 55.

⁵⁹ Falla que o presidente da província do Piauí Dr. Joze Antonio Saraiva dirigio a Assembleia Legislativa Provincial no Acto da Abertura de sua Sessão ordinária em 3 de Julho de 1851. Oeiras, Tip. Saquarema, p. 35.

⁶⁰ Quanto à origem social, ideologias e composição dos partidos políticos no Império, o historiador José Murilo de Carvalho assevera que “as caracterizações regionais podem ser frequentemente reduzidas às sociais”. CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 215.

em Recife, especificamente, dos filhos da elite pecuarista do Piauí, essa narrativa vai imaginando o sertão de uma ponta a outra do espaço piauiense.

No caso do Piauí, a formação dessa elite política da província estava ligada ao processo de expansão do corpo burocrático, com a criação de novas vilas e cidades na província, como citamos anteriormente, ligada no plano nacional a ascensão dos bacharéis muito mais na composição dos partidos e da carreira burocrática, do que como profissionais liberais numa sociedade dividida entre senhores e escravos⁶¹. Entre as províncias do Norte, esse grupo social de estudantes ou letrados, do qual José Coriolano passou a fazer parte, aumentava consideravelmente à composição da burocracia do Estado, dos partidos políticos e de (seus) jornais, lugares sociais de onde também surgiram os escritores, sejam ensaístas, poetas ou romancistas durante esse período do Segundo Reinado.

Neste sentido, o sertão enunciado pela narrativa literária nascida do seio da elite pecuarista, não coincidia necessariamente com os enunciados do discurso político pela defesa da unidade do país, enunciados presentes nas medidas adotadas para consolidar a mudança da capital piauiense. Nosso objetivo é mostrar porque a narrativa literária vai ganhar destaque em relação aos outros discursos que fixaram também uma narrativa de todo o espaço do Piauí como sertão, dos discursos políticos dos relatórios de governo ao discurso jornalístico dos partidos políticos. Ao fazer esse questionamento, não podemos esquecer, é claro, que a literatura era também impressa em páginas de jornal, como folhetim, poema, crônica, em jornais geralmente ligados aos interesses sociais e econômicos da elite pecuarista, quando não eram os próprios jornais de partidos políticos, dos partidos liberal e conservador, que se alternavam no governo provincial e geral.

Em 1850, após o início do governo de Saraiva, apareceu com certa regularidade discursos e práticas políticas nos relatórios, situando a província do Piauí em “nossos sertões”. Nesse relatório de governo, o presidente dizia que a província precisava passar por profundas mudanças, para assim se igualar em civilização as “suas irmãs” do país⁶². Para explicar as razões e alimentar o desejo de mudanças, Saraiva retomou uma velha narrativa, que praticamente já vinha sendo repetida por décadas, e que será composta em seu discurso político

⁶¹ CARVALHO, 2012, p. 83.

⁶² No seu primeiro relatório, do ano de 1851, Saraiva dizia para a Assembléia avaliar “o que se passa com os nossos sertões acerca da proteção do crime, e julgai do que pôde fazer um Jury, perante o qual a influencia local advogue a causa de seu criminoso predilecto”. Falla que o presidente da província do Piauí Dr. Joze Antonio Saraiva dirigio a Assembleia Legislativa Provincial no Acto da Abertura de sua Sessão ordinária em 3 de Julho de 1851. Oeiras, Tip. Saquarema, p. 6.

como resultado do isolamento de Oeiras, tanto do restante do Piauí como de outras províncias do Brasil.

Nesta perspectiva, Saraiva mudava politicamente a maneira de se referir as longas distâncias entre fazendas, vilas e cidades do Piauí e sua relação com o país, dizendo que se tratava de olhar para o atraso de “nossos sertões”. O que estava acontecendo historicamente era uma mudança na constituição desse discurso político durante meados do século XIX, apesar do emprego linguístico⁶³ da mesma palavra, variando aparentemente apenas em termos semânticos pelo seu uso no plural ou no singular, e que estamos chamando de forma geral como narrativa do sertão.

Neste sentido, a partir do início da década de 1850, Saraiva e os presidentes que governaram a seguir essa província, sejam piauienses ou de outras províncias, começavam a aperfeiçoar essa forma diferente de olhar o espaço piauiense e suas fronteiras com as províncias vizinhas, chamando essa imagem de agora em diante de “nossos sertões”, para interligá-los com os centros urbanos do país através da navegação a vapor do rio Parnaíba. Para o historiador Capistrano de Abreu, escrevendo no final do século XIX, no Piauí o sertão “só foi vencido”⁶⁴ quando aconteceu a mudança da capital e foi iniciada a navegação com barcos à vapor no rio Parnaíba, algo que era justamente uma visão de futuro do Piauí construída politicamente por Saraiva, em contraponto ao isolamento da cidade de Oeiras.

Porém, o que diziam os contemporâneos dessas mudanças políticas iniciadas com a mudança da capital na década de 1850, e principalmente, porque na narrativa literária surgiram poemas com saudade e com orgulho de viver distante no sertão? Na década de 1850, vários estudantes do ensino secundário de diferentes províncias, se preparavam para ingressar nos cursos superiores que haviam sido criados no Brasil desde a década de 1830, em Recife, que passou a partir de 1856 a funcionar a sede do curso de Direito, iniciado em Olinda ocorreu o encontro desses estudantes que buscavam a formação bacharelesca, algo que antes dos anos de 1830 estava restrito aos cursos fora do Brasil, principalmente na Europa.

Ser um advogado, um juiz de direito, um promotor, ou mais ainda, um ministro da justiça, como foi o caso de José de Alencar, aparecia em níveis diferentes de poder nos desejos e nas expectativas daqueles que ingressaram nas faculdades de Direito do Império. Além disso,

⁶³ Segundo Koselleck em **Futuro passado**, “uma identidade de grupo pode ser articulada ou produzida, do ponto de vista exclusivamente linguístico, por meio do uso enfático da palavra ‘nós’. Conceitualmente, esse procedimento pode ser apreendido apenas quando a palavra ‘nós’ for usada em associação com os coletivos ‘nação’, ‘classe’, ‘amizade’, ‘igreja’ etc. A generalização do uso de ‘nós’ é concretizada pelas expressões citadas, mas no nível de uma generalização conceitual.” (2006, p. 108)

⁶⁴ ABREU, Capistrano. Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil. Brasília: UnB, 1982, p. 323.

o *status* de bacharel⁶⁵ também movimentou esse grupo social de estudantes para ingressar na formação superior, principalmente, devido aos interesses políticos e familiares, que aliados ao título de bacharel, os colocariam em destaque dentro da política e da cena partidária dessa época.

O grosso dos profissionais liberais era formado de advogados. Havia duas razões principais para distingui-los dos magistrados com relação à capacidade e orientação políticas. A primeira é que foram quase todos educados no Brasil e não em Coimbra como os magistrados [...] A segunda é que o advogado tem uma relação com o Estado muito distinta do magistrado. O último é um empregado público, encarregado de aplicar a lei e defender interesses da ordem. O advogado é um instrumento de interesses individuais e de grupos, e como tal pode tornar-se porta-voz de oposições tanto quanto do poder público. Seu papel se tornaria mais importante em relação à construção do Estado em uma fase posterior, quando a participação se tornasse um problema básico do que a concentração de poder. (CARVALHO, 2012, p. 101)

Contudo, as experiências e as expectativas⁶⁶ de ser bacharel em um país com uma enorme restrição de acesso a instrução pública, e também ao ensino superior, não eram vividos de maneira homogênea por esse grupo social, em sua maioria, filhos das elites agrárias e de novos grupos urbanos do país dessa época, estes últimos concentrados principalmente nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife. Mesmo assim, nas pequenas vilas, grupos provincianos ligados à elite local passavam a perceber a abertura de horizontes com a participação na política de pessoas formadas em Direito, e também em outros cursos superiores.

Na faculdade era necessário concluir os cinco anos de cadeiras para ser bacharel em Ciências jurídicas e sociais. No decorrer dessa trajetória de formação superior, muitos desistiram e outros seguiram diferentes caminhos do exercício profissional ou da carreira judiciária. O certo é que dentre os estudantes, e não somente quando ingressavam na faculdade, ganhava destaque o crescimento do interesse pela literatura romântica, tanto estrangeira, como brasileira, neste último caso, de nomes das “letras pátrias” em destaque, como Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo. A formação desse grupo na província do Piauí, inicialmente chamados

⁶⁵ Para diferentes visões históricas e sociológicas a respeito da formação do grupo político e social de bacharéis na segunda metade do século XIX no Brasil, nos baseamos em Gilberto Freyre em **Sobrados & Mucambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. p. 573-631; Emília Viotti da Costa em **Da Monarquia à República**. São Paulo: Unesp, 2007. p. 235-271; José Murilo de Carvalho em **A construção da ordem. Teatro de sombras**. São Paulo: Civilização Brasileira, p. 63-92; e Sérgio Buarque de Holanda em **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 153-168.

⁶⁶ KOSELECK, 2006, p. 305.

de “letrados”, não de homens de “sciencia”⁶⁷, despertou interesses comuns pela literatura romântica entre a elite local, inicialmente, pela criação romântica de versos com narrativas de costumes e de crenças provincianas⁶⁸.

Dentre os estudantes, enquanto leitores da poesia, e de modo geral da literatura da primeira metade do século XIX, geralmente portuguesa, ocorria também um forte crescimento do interesse político pelo gênero literário romântico. Devido à importância que a literatura no Ocidente passou a significar na construção das nações e de suas regiões, e no caso do Brasil, de uma literatura produzida sobre paisagens e personagens das províncias do Norte⁶⁹. Nessa nova forma de fazer literatura que propôs uma defesa do localismo, girando em torno de definir onde ficava a origem da pátria, também estava sendo classificados costumes e crenças locais⁷⁰. Agrupados em torno da possibilidade de ingressar em cursos superiores, alguns estudantes passavam a fazer da literatura um espaço de defesa da pátria que também buscasse inserir sua província de nascimento no debate literário do país.

Começava um momento histórico em que a ideia de unidade nacional estava sendo consolidada no plano político pela elite imperial, pelos governos e partidos nas províncias, e sua execução dirigida por medidas da monarquia de centralização do Estado nacional, com o objetivo de frear a relativa autonomia das províncias conseguida com as medidas liberais das décadas anteriores. Para isso, foram sufocadas as tendências separatistas e locais, as que surgiram ainda no I Reinado, e mesmo posteriormente, durante o cenário instável de revoltas e conflitos na Regência e no início do II Reinado⁷¹.

Em Olinda e na cidade do Recife, depois de fazer os preparatórios para iniciar sua formação bacharelesca, José Coriolano continuava a escrever sua poesia, comparando o que ele chamou de modo de vida do “homem do sertão” ou do “catingueiro” ao “viver das praças”. Antes disso, sua trajetória literária havia começado com a saída de Príncipe Imperial para São

⁶⁷ “Trata-se agora de delinear os limites desse debate no Brasil, bem como definir melhor o perfil desses “homens de sciencia”, que de dentro de seus estabelecimentos tomaram para si a difícil tarefa de refletir sobre essa nação, seu futuro e impasses.”. SCHWARCZ, 2011, p. 35.

⁶⁸ CANDIDO, 1881. p.11.

⁶⁹ “Emerge o narrador oligárquico, provinciano, que se especializa em escrever a partir da história de suas províncias e das parentelas dominantes.” ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 65.

⁷⁰ “O regionalismo anterior ao modernismo, preso a uma visão naturalista da arte, voltava-se à descrição pormenorizada dos diferentes meios e tipos regionais. O Brasil era apenas uma coleção de paisagens sem síntese ou estrutura imagético-discursiva que dessem unidade.” ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 69

⁷¹ Para Ivo Coser, o federalismo evidenciou no Brasil as tendências políticas de oposição entre civilização e sertão. Analisando o pensamento político do Visconde do Uruguai, Coser defendeu que a “ação dos homens pobres livres possui, frente aos olhos de Uruguai, um sentido contrário aos valores da civilização, conforme ele mesmo assinalava. A sua entrada na arena política, com as grandes revoltas e pequenos conflitos ocorridos durante a Regência, traz consigo valores que os orientam nos *sertões*”. COSER, Ivo. **Civilização e sertão no pensamento social do século XIX**. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 44, p. 237-248, Maio/Ago, 2005, p. 245.

Raimundo, com destaque para seu convívio com os dois irmãos, um padre e outro militar⁷². Logo quando chegou a São Raimundo, no ano de 1847, José Coriolano foi testemunha de um casamento realizado em 24 de outubro desse mesmo ano⁷³.

Quando comparada a vila de Príncipe Imperial, a povoação de São Raimundo era vista como imagem do sertão para onde partira nessa época, saindo da fazenda Boa Vista e da casa de seus pais, mais precisamente de uma propriedade situada algumas léguas da vila de Príncipe Imperial. Nesse momento, ele não havia ultrapassado os limites do espaço piauiense para morar em outras províncias. A chegada dele em São Raimundo foi o primeiro afastamento da casa e da propriedade de seus pais em sua “viagem” para o sertão, ocasião em que passou também a acompanhar padre Sebastião em sua ida ao Bispaço, e em outras ocasiões retornando a Príncipe Imperial.

Afinal, qual a narrativa do sertão que sua poesia vai inventar ou fabricar para inserir o espaço piauiense na literatura desse período? Segundo Antônio Candido⁷⁴, a literatura romântica no Brasil nasceu “regionalista” e da descrição de costumes, tradições, viagens, províncias, etc. Contudo, esse nascimento aliou-se ao nativismo, que já existia na poesia, oriundo das narrativas épicas do arcadismo de Tomas A. Gonzaga e de Cláudio M. da Costa. Só que agora era projetado sobre a construção heroica do índio e do passado nacional pela literatura romântica, por conta do processo político de independência e de formação patriótica do nacionalismo no Brasil. Enquanto o nacionalismo dava o tom político da composição literária, os homens de letras elaboravam onde ficava a origem da pátria a partir da cor local, na medida em que classificava as diferenças naturais e os habitantes do país.

Publicado em São Luís na década de 1870⁷⁵, o livro *Impressões e Gemidos* de José Coriolano passou a circular também na cidade do Rio de Janeiro, ultrapassando os limites de sua circulação entre as províncias do Norte. Como vimos, foi nesse momento que Franklin Távora defendia a construção de uma literatura do Norte, como forma de classificar os escritores brasileiros em termos regionais, de separá-los por região entre escritores do Norte e do Sul. No entanto, repensamos historicamente nessa parte biográfica, se a narrativa do sertão

⁷² Segundo José Murilo de Carvalho, a construção do Estado, o funcionamento e a distribuição da elite nacional tinham em juizes, padres e militares os pilares da ordem imperial, apesar dos momentos de fissuras e rupturas dessa ordem com o surgimento do regionalismo e da competição entre setores da burocracia. CARVALHO, 2003, p. 171.

⁷³ Livro de casamentos da freguesia de São Raimundo Nonato. 1832-1888. In: Arquivo Fundação Museu do Homem Americano. FUMDHAM.

⁷⁴ CANDIDO, 1881, p. 113.

⁷⁵ FERNANDES, 2015, p. 349.

produzida por José Coriolano tinha interesses políticos de defender as províncias do Norte do país, já que ele escreveu poemas nas décadas de 1850 e 1860.

Por isso, antes de classificar *a priori* como regionalista toda narrativa sobre o sertão, salientamos que o regionalismo nortista na literatura emergiu somente na década de 1870, justamente quando Távora reivindicava a fundação de uma literatura específica e de homens letrados dessa região do país⁷⁶. José Murilo de Carvalho e Evaldo Cabral de Melo⁷⁷ possuem interpretações diferentes quando analisaram o surgimento das diferenças regionais no Brasil sobre diversos ângulos, como escravidão, partidos, imigração, impostos, terras, etc.

Mesmo os autores evidenciando a década de 1870 como o momento de diferenciação regional entre Norte e Sul do país, principalmente com o processo de decadência do regime monárquico e de formação de dois “complexos” agrários, o café no Sul e o açúcar no Norte, os caminhos para entender o que chamaram de diferenciação regional seguiram estratégias opostas, opondo, respectivamente, nacionalismo ao regionalismo no Brasil. Nesse prisma historiográfico e literário, é possível problematizar por que José Coriolano não construiu uma poesia em defesa de interesses políticos das províncias do Norte, quando analisamos o contexto político do país, comparando com a classificação regionalista de seu único livro, publicado após seu falecimento ocorrido no município de Príncipe Imperial em 1869.

Depois dos tempos de estudante-poeta na Faculdade de Direito em Pernambuco, José Coriolano entrou diretamente na política partidária⁷⁸, concorrendo a cargos na província e na corte, e também enveredou pela carreira de funcionário da justiça, ocupando diversas funções judiciárias por conta de sua formação de bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas. Entre o Piauí e o Maranhão, José Coriolano passará os últimos dez anos de sua vida, intensificando seu envolvimento com a política partidária do Império, e atuando como bacharel em comarcas judiciárias dessas duas províncias⁷⁹.

⁷⁶ “Poucos de nossos escriptores revelam tão entranhável sentimento ao norte, como o poeta piauihyense Dr. Jose Coriolano de Souza Lima, infelizmente fallecido em 25 de agosto de 1869. São do norte o seo caracter, costumes, crenças; tem a expressão, antes direi a alma, d’aquella região, as ideias, os assumptos, a vida que elle canta nos seus versos.” In: www.bn.br/hemeroteca. O Paiz: Órgão especial do Commercio. Maranhão, nº 177, 10 de Agosto de 1883, p. 1.

⁷⁷ “Reivindicar publicamente interesses regionais ou provinciais era um comportamento que raiava à obscenidade e que podia comprometer as ambições de carreira. O político da monarquia timbrava, por conseguinte, em projetar a imagem de estadista nacional, pairando acima do que pejorativamente era designado por “bairrismo”, para em teoria só enxergar os interesses superiores do país.”. MELO, 1999, p. 20-21.

⁷⁸ Em 1859, ao retornar para o Piauí formado em Direito, José Coriolano concorreu à eleição de deputado provincial, tendo sido votado pelos eleitores da vila de São Raimundo Nonato, como observamos na ata de apuração de votos para deputados provinciais e suplentes pelo colégio dessa mesma vila. In: **Arquivo Público do Estado do Piauí**. Casa Anísio Brito. Caixa de São Raimundo Nonato.

⁷⁹ FERNANDES, 2015, P. 349.

Entre os fins dos anos de 1840 e a década de 1860, José Coriolano não parou de produzir poemas. Uma poesia que foi produzida desde sua primeira saída de Príncipe Imperial para São Raimundo, ainda no interior do espaço piauiense, prosseguindo sua criação na cidade do Recife, ao mesmo tempo em que se formava no curso de Direito. Adiante, veremos como a década de 1870 foi decisiva para a emergência de discursos e práticas literárias regionalistas no Brasil, e que por isso, não podemos classificar como regionalista antes dessa época todo escritor, somente porque ter composto uma narrativa do sertão a partir da “cor local”. Afinal, românticos e regionalistas elaboraram diferentemente o sertão em suas produções literárias, seja na poesia, seja na prosa.

No âmbito político da província piauiense, em 1853, após o fim do governo de Saraiva, os conservadores continuaram controlando o governo da província, sendo os grupos liberais concentrados em vilas como Príncipe Imperial e na antiga capital Oeiras. O uso da palavra sertão, presente no discurso político dos relatórios dessa província, mostrava o Piauí isolado do comércio e da política nacional, distante dos principais centros urbanos do país, principalmente daquelas províncias em que o comércio tinha maiores ligações com o mercado externo, como Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

O sertão aparecia como um espaço distante de tudo, resultando no isolamento espacial da província piauiense. Uma população descrita com comportamentos primitivos, rústicos e incultos, caracterizados pela pouca instrução escolar e pela quase ausência de rituais católicos, considerados as bases de nacionalização da política e das leis do Império. Em 1854, o presidente da província relacionava a crise da pecuária com o fenômeno da seca no sertão, reforçando a visão do sertão como oposto ao litoral:

A criação de gado, não obstante as sêccas, que flagellao nossos certões, constitui a principal industria da Provincia. Sua exportação se faz para as diferentes provincias limitrofes com mais ou menos vantagem, segundo o rigor da estação e circunstancias favoraveis n'aquelles mercados. [...] sobretudo nos nossos certões, que são afastados do litoral, sirva a Provincia de grande proveito, por que em pequenos volumes se pode transportar consideráveis valores.⁸⁰

Entre 1854 e 1859, período quando José Coriolano cursou Direito, os presidentes provinciais do Piauí, sejam liberais ou conservadores, tomavam a palavra sertão para tratar do “quadro geral” do Piauí em relação à “experiência de Províncias mais adiantadas”. Nesse discurso político do presidente Pereira de Carvalho do ano de 1854, o sertão tem relação direta

⁸⁰ Relatório do vice-presidente da Província do Piauí. Luiz Carlos de Paiva Teixeira. 05/12/1853, p. 17.

com o exercício do poder local ou municipal, dominado pelo “espírito de patronato” que fortalecia o controle da população pelos grupos locais e familiares. As dificuldades em alterar o funcionamento da sociedade pecuarista, em romper com os códigos seculares de dominação das fazendas sobre outras atividades sociais e econômicas, eram vistas como produto do apego dessa sociedade ao passado, insistindo em esperar do ritmo circular do tempo natural, seja das chuvas e da criação do gado, a manutenção da rotina e das relações sociais dominantes.

A principal industria da Provincia è incontestavelmente a da criação do gado vaccum e cavallar; é della que procedem quase todas as fortunas particulares, e a maior parte das rendas publicas provinciais. A pesar de sua antiguidade e importância acha-se em grande atraso, e póde-se dizer, que-o braço do homem não ajuda a natureza; e por isso em vez de progredir, tem marchado em sensível decadência. Uma das causas principaes, que empecem o desenvolvimento d’esta industria, é a irregularidade das estações, que occasiona as sêccas nos nossos sertões, e a segunda a degeneração das raças: - ambos estes males são remediaveis, o primeiro com a construção de açudes, o segundo com a importação de novas raças, para estabelecer-se o cruzamento; mas os nossos fazendeiros são pela mor parte homens rotineiros, inimigos das innovações, e só fazem aquilo, que seos pais já fizerão [...].⁸¹

Desse sertão rude e do sertanejo inculto presente na ordem dos discursos políticos dos relatórios, o poeta os incorporou como características naturais do “modo de viver” desse espaço, apenas invertendo o que ouvia e provavelmente também lia em discursos políticos⁸² da época, discursos sobre o atraso e a pobreza das populações do sertão.

Porém, o que ele não trouxe politicamente para a enunciação do sertão em seus poemas - ou seja, os conflitos entre parentelas e oligarquias -, acabou sendo escrito em tons de disputa familiar nos jornais das províncias por onde viveu sua vida e formação intelectual, particularmente em Pernambuco. Portanto, quando escreveu nos jornais para falar das disputas políticas no Piauí, o sertão aparecia como espaço de famílias e(m) partidos políticos disputando o controle do poder provincial e municipal. Um sertão inculto e rude que também circulava nas palavras do presidente dessa província, Almeida de Albuquerque, para quem a atividade da:

agricultura compreendendo a criação do gado, é a principal industria, que existe na Provincia; é a que constitui, como sabeis, a ocupação habitual da máxima parte de seus habitantes. Não obstante, porém, ser semelhante industria tão generalizada, e estar collocada sob condições naturais tão favoráveis e vanatajosas, acha-se todavia

⁸¹ Falla com que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da Provincia do Piauhy Dr. Antonio F. Pereira de Carvalho abriu a sessão ordinária da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1º de Julho de 1854. Maranhão, Typ. Do Observador de F. M. De Almeida, Rua do Sol, nº 38, 1854, p. 15-16.

⁸² Os relatórios de província circulavam nas vilas e cidades conforme determinação imperial. Em São Raimundo, ao lado de seu irmão padre Lima, José Coriolano teve acesso à leitura dos relatórios de província. Arquivo Público do Estado do Piauí. APEP. CAB. Caixa de São Raimundo Nonato. Piauí.

em considerável atraso e decadência, produzindo muito menos do que devia, e dando aquelles, que nella se empregao, lucros mui diminutos e insignificantes.⁸³

Em 1859, a vila de Príncipe Imperial voltava novamente a ocupar as principais páginas do relatório, pois além dos crimes o presidente alertou para as consequências da seca que afetava o município. No entanto, a referência ao fenômeno da seca não explicava os conflitos políticos dessa comarca piauiense, já que o relatório relacionou a barbaridade dos crimes ao momento de disputas partidárias em torno das lutas familiares entre Melos e Moreiras:

alli mui ligadas pelo vínculo de sangue procuravao, a todo o transe, exterminarem-se, deste ódio inveterado seguirão-se scenas horrorosas, dignas de severa punição, que sendo incapazes de ser uns juizes dos outros, todavia com o maior cynismo revoltante postergação das leis, tive certeza de que alguns ocupavao cargos públicos, dos quaes os destitui, por assim convir com a moralidade, e para que a justiça marchasse desassombrada? [...]

Com estas providencias que por mim forão aceitas e postas em execução, creio porem assegurar-vos que para Principe Imperial surgio uma época de paz, e que as familias belligerantes esquecidas pelo passar dos tempos dos mutuos ressentimentos ainda se amarão estreitando laços de sangue que um poder infernal por algum tempo veio afrouxar.⁸⁴

No sertão narrado pela “lira” romântica, o poeta vai silenciar as disputas políticas, pois não existiam lutas, muito menos discursos políticos, buscando alterar a ordem vigente na sociedade pecuarista, e para isso, o narrador expressava um único “modo de viver” para todos os sujeitos sociais desse espaço. Com isso, a narrativa do sertão, que o tornava conhecido como poeta, abafava momentaneamente as marcas deixadas pela violência da ordem social, em que fazendeiros, padres, burocratas, militares e as instituições, que estavam orientadas para manutenção da ordem imperial, aparecem largamente em arranjos do patronato dominados por interesses pessoais e lutas familiares.

O discurso da religião católica nos poemas buscava garantir uma ordem da natureza e do homem diante de Deus, onde a própria natureza e o próprio homem eram percebidos como criação de Deus. A moralidade da terra sertaneja, uma visão moral secular⁸⁵ do homem puro e

⁸³ Relatório do presidente do Piauí e o commendador Frederico D’Almeida e Albuquerque a respectiva Assembleia Legislativa Provincial na Sessão Ordinária de 1856. S. Luiz, Typografia do Progresso, 1856, p. 21-22.

⁸⁴ Relatório com que o Exm. Sr. Presidente da Provincia do Piauí Dr. Antonio Correia do Couto passou a administração ao Exm. Vice-presidente o Commendador Ernesto Jose Baptista no dia 27 de junho de 1859. Therezina, Typ. Constitucional, 1860, p. 3.

⁸⁵ Essa “moral tradicional” vai ser reelaborada com a emergência de um novo discurso da seca no final da década de 1870, discurso que reuniu os diferentes discursos (popular, técnico, católico, poético, político, etc.) já produzidos sobre esse fenômeno, para invenção da seca como “problema do Norte”. Falas de angústia e de astúcia

da exaltação da natureza nos poemas, nos parece silenciar a hora de falar dos conflitos políticos desse espaço.

O homem que dizia ser católico⁸⁶ vê ser abalada sua crença na ordem do homem e da natureza em Deus, e recorrendo a crença no poder ilimitado de Deus em separar o bem do mal, procurava fazer do seu “torrão natal” uma luta encarniçada entre parentelas, uma separação moral que para o poeta vinha da vontade de Deus. Analisaremos o discurso católico em suas narrativas cheias de saudade, um sentimento de retornar ao “modo de viver” no sertão, da narrativa ser uma espécie de lembrança imaginando a decadência da ordem vigente na sociedade pecuarista do Piauí.

Entre o final da década de 1840 e sua morte em 1869, José Coriolano escreveu alguns poemas se apropriando de discursos históricos e políticos, para a elaboração de sua narrativa do *modo de viver* no sertão. Inclusive também a literatura de escritores da escola romântica portuguesa, como Almeida Garret e Alexandre Herculano⁸⁷. Publicado recentemente, o livro 108 poesias de José Coriolano trouxe ao público dezenas de poesias inéditas, a maioria delas datadas com dia, mês e ano, além de registrar o lugar de produção de cada uma. A maior parte dos poemas dessa parte inédita do livro foi escrito em Pernambuco, entre Olinda e Recife dos anos de 1854 e 1859, período no Brasil que antecedeu a emergência das teorias positivistas e naturalistas da Escola do Recife e da geração científicista de 1870, personificada em autores como Silvio Romero e Tobias Barreto⁸⁸.

A historiadora Teresinha Queiroz em seu estudo sobre os escritores piauienses Clodoaldo Freitas e Higino Cunha, contemporâneos e seguidores do cientificismo em Pernambuco e no Piauí, construiu com eles sua visão dos piauienses que escreveram anteriormente, nomeando genericamente como escritores-bacharéis ou literatos de cunho popular, dentre eles José Coriolano. Sem analisar detidamente a produção do período, em um breve tópico de um dos capítulos de sua tese sobre os literatos e o que denominou de “tirania

de um novo discurso que era constituído pelos demais discursos sobre a seca, sem com isso se reduzir a nenhum deles. Neste sentido, para a moral tradicional, os “pecados nada mais eram do que transgressões aos valores do mundo tradicional; por isso, se os homens quisessem evitar que Deus mandasse a seca, era necessário que obedecessem aos ditames da moral tradicional”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 94).

⁸⁶ In: www.bn.br/hemeroteca. O Liberal Pernambucano. Jornal Politico e Social. Recife, Quarta-feira, 5 de Julho de 1854, Ano III, nº 518, p. 2.

⁸⁷ Segundo o historiador Durval Muniz, a invenção discursiva da saudade remonta ao século XV em Portugal, e como um “elemento definidor da nacionalidade portuguesa vai se afirmar no período romântico - início do século XIX - nas obras de Almeida Garret e Alexandre Herculano e, principalmente, na virada do século XIX para o XX, com a poesia de Antônio Nobre, o saudosismo de Teixeira de Pascoaes e o integralismo de Antônio Sardinha”. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: História e sensibilidade. ERTZOGUE, Marina H. *et alii*. Brasília: Paralelo, 2006. p. 118-119.

⁸⁸ SCHWARCZ, 2011, p. 24-25.

do tempo”, essa historiadora o classificou como regionalista pela presença do tema do sertão em sua poesia sobre o Piauí.

Contudo, ela não se questionou porque José Coriolano foi classificado como poeta de cunho popular e regional. Isto significa repensar o regionalismo a partir das ideias formuladas por Franklin Távora nas décadas de 1870 e 1880, que se considerava fundador do regionalismo de cunho naturalista e realista na literatura brasileira, quando de forma categórica definiu que José Coriolano foi um escritor de poesias de cunho regional, de poemas populares elaborados entre as décadas de 1850 e 1860, e principalmente de poemas que falavam em nome de uma dada região do país, a região Norte.

Ao invés de fazer uma história regional de resgate do sertão na literatura piauiense, optamos por realizar uma análise historiográfica mostrando a justaposição de correntes ou escolas literárias na classificação da poesia de José Coriolano, ora romântica, ora regional. Nesse sentido, a década de 1870 foi decisiva na inserção desse poeta, no interior do movimento literário e político de classificação e de separação da literatura brasileira entre escritores do Norte e do Sul. O regionalismo nortista ao mesmo tempo em que propôs sua crítica ao romantismo teve que ressignificar as narrativas românticas do sertão sob suas máximas positivistas e deterministas. Segundo Terezinha Queiroz⁸⁹, é possível resgatar um projeto de história abortado nessa “poesia sertaneja” elaborada sobre a província do Piauí, rompendo com os preconceitos que “informam suas biografias”, através do questionamento da memória que os contemporâneos tinham desses poetas.

No entanto, ela não questiona a elaboração narrativa do sertão e do sertanejo no discurso desses poetas chamados genericamente de regionalistas, dentre eles José Coriolano e Francisco Gil. O sertão é, nesta definição regional do espaço, um lugar físico e material, espaço onde viveu José Coriolano antes de estudar em Recife, onde apareceu como poeta, por exemplo, nas páginas de um jornal. A seguir, vamos comparar o momento histórico de elaboração de seus poemas não com a classificação regionalista dos anos e 1870, mas com as narrativas políticas do sertão presentes em periódicos e relatórios provinciais.

⁸⁹ Partilhando da concepção de Nicolau Sevcenko, que vê a literatura moderna como missão daquilo que a história não concretizava na realidade, Terezinha Queiroz afirma, em *Os literatos e a República*, que a “literatura, enquanto atividade ligada à subjetividade e ao sentimento, de que é veículo e expressão, está, em sua história objetiva, marcada por aquela subjetividade apontada. Nesse sentido, como expressão de histórias íntimas, é possível vasculhar a história de uma literatura virtual, que ficou nas sendas da sombra, do que não frutificou à falta de luz. Assim como na política existem ideias vencidas e projetos abortados, também a literatura está marcada pelas expectativas gestadas, por livros não concluídos, por desejos frustrados de editoração e publicidade”. (1994, p. 129).

2.2. Discursos provinciais

Nesse tópico, vamos analisar as narrativas do sertão feitas por José Coriolano no espaço dos periódicos, tanto de jornais como de revistas, e a partir deles relacionar suas posições políticas, oriundas das disputas familiares e partidárias na província do Piauí, com uma visão de isolamento do sertão contida nos relatórios dessa província a partir da década de 1850. Considerando isso, podemos dizer que diferente da narrativa literária, em jornais ele buscava mostrar os conflitos políticos do Piauí, através de “correspondências” enviadas para a redação dos jornais, um discurso político que mostrava que o município de Príncipe Imperial ficava no sertão, um espaço litigioso de disputas entre famílias da elite divididas em partidos, que sem tantas divergências políticas eram liberais ou conservadores.

No âmbito nacional, os partidos⁹⁰ políticos das províncias se dividiam sem rigorosa uniformidade entre a centralização e a descentralização do Estado⁹¹, um conflito mais de correntes e menos de decisões políticas, que se espalhava pelo país a partir da capital do Império, em torno de decisões sobre temas nacionais como escravidão, imigração, lei de terras, impostos, etc.

Predominante no país durante a segunda metade do século XIX, essa divisão política e partidária variava politicamente nas províncias, dependendo dos arranjos locais das oligarquias com o controle dos ministérios por um dos partidos. No âmbito dos partidos políticos das províncias do Norte⁹², parte da oligarquia açucareira de Pernambuco reivindicava em seus jornais medidas de reconhecimento do partido liberal por parte do governo imperial, de sua importância econômica e política para o norte do país. O jornal *O liberal Pernambucano*, em 1854, defendia uma visão separada da situação política de Pernambuco dentre as províncias do

⁹⁰ Segundo Ana Regina Rêgo em **Imprensa piauiense**: atuação política no século XIX, os “partidos políticos que atuam no Piauí durante os anos do Segundo Reinado são constituídos por pessoas oriundas da elite rural piauiense. Graças às suas posses, tornam-se médicos, advogados e jornalistas, e ingressam na política e no aparelho estatal, o que se verifica nos dois partidos”. (200, p. 40)

⁹¹ Para uma visão historiográfica diferente da análise política centralizadora do regime imperial, enfatizando a participação e o papel das províncias na construção de sua autonomia no processo de unidade nacional, a historiadora Miriam Dolhnikoff afirma que desde “o início a unidade nacional esteve entre as prioridades de ambos os grupos, e esta só poderia ser alcançada se preservada a autonomia de modo a cooptar os grupos dominantes regionais para o interior do Estado. Liberais e conservadores empenharam-se em definir as competências dos governos regionais bem como do governo central, de modo a combinar autonomia com unidade, no interior de um pacto de feições claramente federalistas.” DOLHNIKOFF, Miriam. **O lugar das elites regionais**. Revista USP, São Paulo, n. 58, p. 118, junho/agosto, 2003.

⁹² “Além da composição social dos partidos imperiais, a origem regional de seus membros também foi alvo de hipóteses conflitantes. Mas as caracterizações regionais podem ser frequentemente reduzidas às sociais. Diferenças regionais são muitas vezes atribuídas a diferentes situações econômicas e sociais que, por sua vez, gerariam diferentes elites políticas com ideologias e filiações partidárias distintas.” (CARVALHO, 2012, p. 216)

Norte, enfrentado a família dos Cavalcantis que dominava politicamente os interesses do partido conservador:

O appello do partido *liberal* devêra ser para a opinião e não para as armas; era mister fazer-se gigante para entrar em batalha com outro gigante. Devera-se ter dado as cousas do Brazil uma esclarecedora discussão; a imprensa devêra trabalhar incessantemente; o *sul* devêra bem estudar o *norte*, fixar vistas em Pernambuco e responsabilizar perante a opinião aqueles de seus amigos *liberaes* que não quizessem ajudar com lealdade os esforços do partido em prol dos direitos da nação. Uma revolução parcial em um grande paiz é sempre um mal, acarreta sacrifícios immensos para os que se revolucionao sem vantagem para a causa em nome de qual derramão seu precioso sangue.

Vemos a dificuldade que havia de plantar no *norte* uma política de princípios, porque a família *Cavalcanti* era um embaraço terrível [...] a força de condemnar-se o maldito espírito de familia, conseguir-se-hia dar ao partido *liberal* do Imperio uma cor geral filha dos principios constitucionais.⁹³

Neste sentido, já é possível perceber que nem mesmo a disputa partidária estava dividida politicamente entre partidos que defendiam unicamente ou as províncias do norte ou as províncias do sul. Portanto, surpreende como *Impressões e Gemidos*, um livro publicado no ano de 1870, com um título demasiadamente romântico, seja classificado como poesia em defesa de um sentimento de ser do Norte, mesmo publicado em forma de livro, nessa década de crescimento dos discursos de separação das províncias do Norte e do Sul do país. Poemas que não faziam qualquer tipo de defesa ou mesmo de proselitismo de costumes, crenças e caráter do homem nortista, mas sim do sertanejo, principalmente, de uma “sertânica”⁹⁴ ainda limitada a zona pecuarista. Na verdade, Távora estrategicamente mudava o sentido político dessas narrativas⁹⁵.

Ao mesmo tempo em que elaborava poeticamente sua narrativa do sertão em jornais do Recife, José Coriolano também passou a se posicionar de forma “pública” sobre seu “torrão natal”, mudando politicamente sua visão do sertão no espaço dos jornais, com críticas e ataques

⁹³ In: www.bn.br/hemeroteca. **O Liberal Pernambucano**. Jornal Politico e Social. Recife, Quarta-feira, 5 de Julho de 1854, Ano III, nº 518, p. 1.

⁹⁴ “Mas a sombra deste assumpto de tão pequeno tomo, o poeta tem occasiao de assignalar, com vivo colorido, a vida sertaneja, os costumes do criador. Vocabulário, preconceitos, episódios, tudo é sumamente brasileiro, e particularmente nortista.” In: www.bn.br/hemeroteca. **O Paiz**. Órgão Especial do Commercio, Maranhão, 11 de agosto de 1883, nº 178, p. 1.

⁹⁵ Como continuava a fazer no ano de 1888 em **A Semana**. Gazeta Litteraria, um periódico literário da qual era um dos redatores, colocando o escritor piauiense Francisco Gil dentre aqueles que formavam em sua visão parte do conjunto de “Escriptores do Norte do Brazil”. In: www.bn.br/hemeroteca. **A Semana**. Gazeta Litteraria. Nº 156. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1887, p. 1. Antes, já em 1876, havia sido publicado pela **Imprensa Industrial**, uma nota que dizia que o periódico havia sido obsequiado “pelo sr. Franklin Távora como um exemplar deste romance (O Cabeleira), que é o primeiro de uma série com a qual o autor conta fundar a *Litteratura do Norte*”. In: www.bn.br/hemeroteca. **Imprensa Industrial**. Rio de Janeiro, 1876.

aos conflitos familiares e crimes cometidos entre “moquecas” e liberais no Piauí, tanto na vila de Príncipe Imperial quanto na capital Teresina. O discurso literário do jovem José Coriolano, poeta bucólico e saudoso, contrastava com o discurso político corrosivo, agressivo e partidário que elaborou para uma folha do jornal *Liberal Pernambucano* no ano de 1854⁹⁶.

Nesse mesmo jornal percebemos que seus interesses políticos eram contrários à manutenção da família Cavalcantis no governo de Pernambuco, um confronto do partido liberal pelo controle do poder político nessa província. O editorial falava em superação dessa disputa oligárquica para “Pernambuco e, por conseguinte, o norte” serem reconhecidos pelo Sul do país, e “fazer vistas” a Pernambuco, por sua proeminência liberal entre as províncias dessa região. O discurso político partidário começava a evidenciar Pernambuco como centro do Norte, o que significa dizer que as forças separatistas continuavam presentes após na segunda metade do século XX, reagindo contra as mudanças econômicas e políticas com o deslocamento do eixo econômico e político do país para o Rio de Janeiro⁹⁷.

Na política partidária apareceu em cena um José Coriolano filiado ao partido liberal, bastante preocupado em falar de crimes, de assassinatos e de conchavos de seu “torrão natal”, se dirigindo para mostrá-los ao público pernambucano. Na formação política desse discurso do partido liberal em defesa das províncias do norte, presente no jornal desse partido em Pernambuco, ainda não se vê de modo evidente o aparecimento de recortes político-administrativos ou divisões geográficas separando o país em duas regiões. Na verdade, o interesse de grupos políticos das oligarquias de Pernambuco era ser reconhecido como centro difusor de “princípios constitucionais” ao norte do Império, com o objetivo político de se colocar em destaque no interior dessa parte do país. Segundo Durval Muniz, em *A invenção do Nordeste e outras artes*, os:

⁹⁶ Diante da recusa do jornal conservador **Diário de Pernambuco** em publicar sua correspondência política a respeito das disputas familiares e oligárquicas no Piauí, escrita em Olinda em 1854, José Coriolano conseguiu que ela saísse pelo jornal **O liberal pernambucano**. “A final, Srs. Redactores, devo concluir a minha mal traçada correspondência, ou como quiserem chamar; mas é-me necessário ainda dizer - que meu intento é tão somente mostrar ao público que o correspondente do Piauí não é justo em suas exposições, com as quaes pretende, por sem duvida, prestar relevantes serviços ao partido de que é membro.” In: www.bn.br/hemeroteca. **O Liberal Pernambucano**. Jornal Politico e Social. Recife, Quarta-feira, 5 de Julho de 1854, Ano III, nº 518, p. 2.

⁹⁷ Na verdade, não foi apenas nos jornais, em instituições como o IAGP, o interesse da província de Pernambuco em manter sua posição de poder entre as províncias do país deslocava sua projeção de província para emergir no interior das províncias do norte, inclusive através de uma história da província como centro dessa região. A criação do IAGP, Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, em 1862, fazia parte dessa estratégia da província em delimitar um novo espaço de poder, de onde pudesse ser vista como centro, não da pátria, mas da parte do norte. Significava recuar a história da província e da região norte para o período colonial, construindo a memória oficial de ser o centro político do “Norte”, para fazer frente à decadência que vivia a província, e de modo geral, as elites rurais e oligárquicas nessa região, que mantinham relações entre si e com Pernambuco. (SWCHARCZ, 2011, p. 118)

discursos não se enunciam, a partir de um espaço objetivamente determinado do exterior, são eles próprios que inscrevem seus espaços, que os produzem e os pressupõem para se legitimarem. O discurso regionalista não é emitido, a partir de uma região objetivamente exterior a si, é na sua própria locução que esta região é encenada, produzida e pressuposta. Ela é parte da topografia do discurso, de sua instituição. Todo discurso precisa medir e demarcar um espaço onde se enuncia. Antes de inventar o regionalismo, as regiões são produtos deste discurso. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 34)

Norte e sul ainda eram espaços difusos e sem fronteiras políticas, que pouco a pouco vão sendo construídos historicamente com os conflitos das províncias, inicialmente em defesa do federalismo e contra a centralização, para posteriormente deixar de ser somente uma disputa aparentemente partidária entre saquaremas e luzias, e alimentar um sentimento separatista que nos colocou a possibilidade de não ter somente uma literatura, mas duas pela separação do país em duas partes. Neste sentido, a narrativa elaborada por José Coriolano no interior do movimento romântico foi deslocada por Távora para a “sua” fundação do regionalismo nortista no Rio de Janeiro.

Portanto, deslocando o problema da classificação literária dessa narrativa para o âmbito político, percebemos porque a década de 1870 foi considerada um momento de muitas mudanças históricas, que levaram a decadência da política imperial e de centralização do Estado, fatores que limitavam a autonomia das províncias.

Neste sentido, o recorte político do espaço piauiense nos jornais, apenas evidenciava os interesses locais de grupos partidários (d) e parentelas em disputas pelo poder municipal e em cargos da burocracia em nível de província. As vilas e cidades, ou seja, o espaço urbano, até apareciam nessas narrativas políticas, na medida em que serviam como lugares no sertão originados nas fazendas de sua família, ou melhor, as famílias da elite do gado em cargos da burocracia municipal e provincial. Como o cargo de presidente da província era nomeação direta do imperador, os grupos locais da província se dividiam na disputa por cargos e funções nessa, já que muitos deles não exigiam formação superior, diferente do caso das funções burocráticas de juiz de Direito e dos promotores. No jornal abaixo, em trechos de sua correspondência aos redatores, também liberais, a província do Piauí era um espaço de brigas de parentesco e de dissidências partidárias pelo controle do poder político:

e onde finalmente os famigerados - *moquecas*, Paivas Bezerras, Mellos Falcões e *emas* [...] apresentam matéria para folhas e folhas; tanto por serem muito mais malvados que alguns Mellos, como porque, estando agora dando as cartas no P. Imperial, mercês á política, tem praticado actos criminosos de toda a natureza, não obstante já pesar-lhes sobre as fronte, ennegrecidas pelo sello de suas torpes

façanhas, uma *excomunhão vitanda* e *a mais indelével nodoa* proveniente de muitos homicídios, dos quaes ainda se não *quizerão* purgar, nem destes nos tribunais e nem daquella ás portas do Templo do Senhor!⁹⁸

O sertão romântico do poeta não deveria ser confundido com esse recorte de arranjos políticos e conchavos familiares que mostravam um sertão diferente no jornal, contendo as posições políticas e suas filiações ao partido liberal. Portanto, um discurso político sobre os conflitos entre grupos de famílias sob as vestes de partidos políticos no Piauí, entrando em disputa pelo controle do poder municipal e suas relações com o governo da província:

Eu ignoro, Srs. Redactores, quem seja esse correspondente; mas, em todo o caso, não tenho o mais pequeno veslumbre de receio em afirmar - que elle é algum dos mais emperrados saquaremas do Piauhy, antagonista decidido do benemerito Sr. Fr. Moraes Sarmiento inimigo contumaz e odiento dos meos desgraçados parentes Mellos, protector e acerrimo e *gostoso* dos excommungados *moquecas* - assassinos mostruosos dos meos infelizes primos e amigos padre Ignacio Ribeiro e Mello e Sebastião Ribeiro e Mello, e de outras muitas desgraçadas vitimas que forao immoladas no altar da perversidade ao sangrento deus de seus cultos, e esse deus que lhes torna as resequidas entranhas incasiaveis do sangue de seos semelhantes: e a final - algum dos mais gratuitos inimigos do Dr. Luiz Lopes.⁹⁹

Na poesia, a família católica do discurso literário era um lugar em defesa de sua pátria, do parentesco e de sua genealogia familiar no sertão. No discurso político dos jornais, essa mesma família era um espaço de tramas e dramas. O desejo de que nada mudasse os códigos morais¹⁰⁰ de sua terra natal narrados na poesia, que o sertão de “Crateús” não seja alterado por conta do crescimento da urbanização nas principais cidades, como Recife; contrasta com o apelo político ao público pernambucano para a perseguição, que segundo ele, sofriam os membros do partido liberal no Piauí, particularmente seus parentes e correligionários em Príncipe Imperial.

Portanto, sua posição política no jornal não tem alcance regional, mesmo tendo sido impresso fora das fronteiras dessa província, pois estava circunscrita aos interesses familiares e provincianos, que na poesia passavam a ser expressos por um sentimento de saudade do convívio com seus familiares em Príncipe Imperial. Vamos encontrar a construção desse

⁹⁸ In: www.bn.br/hemeroteca. **O Liberal Pernambucano**. Jornal Politico e Social. Recife, Quarta-feira, 5 de Julho de 1854, Ano III, nº 518, p. 2.

⁹⁹ In: www.bn.br/hemeroteca. **O Liberal Pernambucano**. Jornal Politico e Social. Recife, Quarta-feira, 5 de Julho de 1854, Ano III, nº 518, p. 2.

¹⁰⁰ “A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma conduta moral a outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições.” (FOUCAULT, 2009, p. 37)

sentimento da saudade na poesia de José Coriolano, quando analisamos as narrativas do sertão em diversos de seus poemas, a partir do próximo tópico deste capítulo. A sua exaltação do sertão como espaço sentimental e harmonioso da família católica contrastava com as disputas políticas que ele vivia em sua época.

Em Recife, José Coriolano construiu uma visão política do Piauí na poesia romântica, que silenciava os conflitos sociais da sociedade pecuarista, uniformizando a constituição dessa sociedade através da ideia de que todos eram do sertão, que tinham a mesma trajetória de vida. Com isso, estrategicamente uniformizava os conflitos políticos entre os diferentes grupos políticos e sociais, sendo todos sertanejos, sejam ricos ou pequenos proprietários, brancos, negros e mestiços, homens livres, escravos, mulheres, comerciantes, etc. Veremos que ele, assim como o poeta Licurgo de Paiva nos anos de 1860 e o contista Francisco Gil nos anos 1870, porém tendo trajetórias e lugares sociais diferentes, começaram a fazer da saudade um sentimento de decadência dessa sociedade pecuarista, que insistia em não deixar de dizer que o sertão era a única maneira de narrar, seja em versos, seja em prosa, a realidade dessa província.

Sua visão poética do sertão o recortava como espaço sentimental, ritmando uma única trajetória de vida do sertanejo pela lembrança saudosa da fazenda de gado ou de pequenas vilas. A saudade seria um misto de presença e ausência das coisas, dos lugares e das pessoas do sertão, assim, na poesia, a saudade insistia em reagir ao novo e liberar seu pensamento de algo que ela pensava em silêncio¹⁰¹, o *modo de viver* nos centros urbanos. O silêncio nos versos de conflitos políticos era produto da separação entre sertão e praça, que não possuía apenas o sentido de praça comercial.

Enfim, quando a palavra norte passou ao final da década de 1870 a ser tomada para recortar um espaço de diferentes províncias, o poeta José Coriolano começava a ser conhecido no Rio de Janeiro como “poeta do Norte”. Isso se deu pelo fato de Franklin Távora ter lido seus poemas nessa década, um momento de intensificação na política partidária do aparecimento de uma separação entre as províncias do norte e do sul do país.

Coincidentemente, também foi um momento histórico de crítica ao romantismo no Brasil, com a aproximação cada vez maior entre literatura e ciência ao final do século XIX, mais precisamente um cientificismo preocupado com as influências do meio e da raça na formação de outra criação literária, que se colocava contrária ao “gosto” de influências

¹⁰¹ “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir.” (FOUCAULT, 2009, p. 14)

estrangeiras de outros países. Dessa forma, chamar ou classificar esse poeta como um escritor regionalista foi parte da estratégia elaborada por Franklin Távora, que propôs uma forma de fazer literatura no Brasil separando o poeta romântico do narrador de descrições regionais.

Os livros portuguezes ou livros francezes eis os pólos em que gyra o nosso gosto literário. [...]

Assim dividimos os homens de letras cujas vistas vão fixar-se em centros estrangeiros, não é para admirar que se mostrem hospedes no tocante as letras nas províncias, lei fatal de que não podia eximir-se o valioso livro de Jose Coriolano. [...] O poeta é triste, sentimental, saudoso. Doentio e achacado desde os primeiros tempos, a vida manifestou-se-lhe mais pelo fado dos padecimentos do que pelo dos gozos, que a tornam querida dos seus favorecidos. A lágrima de Coriolano era expressão de realidade, não a do romantismo mórbido e peigas da escola. Não é menos certo que é a romantica a escola que se filia o escriptor. Não havia então outra no Brazil. Magalhaes, Porto-Alegre, Gonçalves Dias ganharam nomeada duradoura com o romantismo.

Há porém uma corda que o poeta vibra de preferência, e com grande mestria - a da descrição. Neste ponto é realista por intuição.¹⁰²

O século XIX no Brasil, como em diferentes países e sociedades do mundo, produziu um crescente processo de desenraizamento de diferentes indivíduos, grupos e sociedades. Em particular, um processo que também atingiu os chamados “homens de letras” dessa época. Longe do que consideravam sua raiz ou seu lugar de nascimento, eles passavam a produzir na literatura um discurso do “exílio” de sua terra natal, país, província, região.

Dessa maneira, opôs em sua forma de composição uma relação política entre as palavras “lá” e “cá”, forjando um vocabulário por meio da relação entre sertão e praça. Palavras, que na verdade, aparecem como produto do estranhamento provocado pelo encontro de pessoas da elite de diferentes espaços, com essas novas relações políticas¹⁰³ entre as províncias do Norte, nesse caso, uma aproximação através da Faculdade de Direito. Então, por que *Impressões e gemidos*, um livro publicado sem ter na organização editorial a participação do autor, que havia falecido em 1869, nos possibilitou repensar a classificação de José Coriolano como um poeta de verve romântica ou regional?

Assim começamos, e com essa pergunta propomos discutir uma história do discurso ou da forma¹⁰⁴ de classificação de sua poesia, porque buscamos fazer esse questionamento se

¹⁰² In: www.bn.br/hemeroteca. **O Paiz**. Órgão Especial do Commercio, Maranhão, 11 de agosto de 1883, nº 178, p. 1.

¹⁰³ “Além disso, devemos tomar as relações espaciais como relações políticas e os discursos sobre o espaço como o discurso da política dos espaços, resgatando para a política e para a história, o que nos parece como natural, como nossas fronteiras espaciais, nossas regiões”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 35).

¹⁰⁴ Segundo Barthes, “toda Forma é também um Valor; por isso entre a língua e o estilo, há lugar para outra realidade formal: a escritura. Em toda e qualquer forma literária, existe a escolha geral de um tom, de um etos, por

deslocar entre os campos da literatura comparada e da historiografia, para evidenciar a relação biográfica entre a vida e a obra de José Coriolano, com o momento histórico de construção de seus poemas e com a repercussão do livro na década de 1870. Com isso, propomos relativizar a relação entre história e literatura, a partir da análise dessa prática discursiva, na qual o poeta revezava a relação entre “lá” e “cá” produzida inicialmente pela poesia romântica; e porque essa poesia começou a fazer da saudade uma forma de lembrança que nos levaria não somente ao sertão. A saudade que expressava os filhos da elite pecuarista, no interior de grupo de homens letrados, era uma maneira de manter a ordem vigente da sociedade pecuarista. Segundo Durval Muniz, a.

Faculdade de Direito do Recife e o Seminário de Olinda eram os locais destinados à formação superior, bacharelesca, das diversas gerações de filhos de abastados rurais. Desde o século XIX, estas instituições se constituíam em lugares privilegiados para a produção de um discurso regionalista e para a sedimentação de uma visão de mundo comum. Eram os lugares onde se formavam os intelectuais da área, com exceção apenas daqueles que podiam estudar no exterior. Era aí que as figuras influentes a nível nacional, bem como os futuros dirigentes dos Estados e das localidades se conheciam, sedimentavam amizades, trocavam ideias acerca de política, de economia, de cultura e de artes. Estas instituições funcionavam como centro intelectual de aglutinação, em torno de temas políticos e econômicos, que ultrapassavam os limites de suas províncias ou Estado, notadamente a partir do momento em que o declínio traz a sensação de marginalização em âmbito nacional. Os aspirantes a ocupar cargos de direção em seus espaços se solidarizavam na indignação com a própria incerteza de seus futuros, devido à crise que solapava as bases tradicionais de suas riquezas e poderio. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 85)

Portanto, José Coriolano inseria politicamente o Piauí na construção de discursos literários sobre o sertão, que certamente não era somente um espaço de nascimento, mais do que isso, nascer no sertão significava repetir esse discurso de que todos eram iguais, que para ser sertanejo era preciso viver lembrando-se de um mesmo e único passado.

Ser do sertão significava sentir saudades diante de alterações das relações de poder, o perigo iminente que corriam obrigações ou proibições que estabeleciam o funcionamento dessa sociedade. O que ameaçava, portanto, a ordem vigente do sertão estava fora dele, lembrar para o sertanejo já significava sentir saudades de um tempo, de sentir que o sertão estava sendo ameaçado pela possibilidade de que seu passado deixasse de existir e de ter sentido.

assim dizer, e é precisamente nisso que o escritor se individualiza porque é nisso que ele se engaja”. (1972, p. 124-125).

O medo de que o sertão não seja mais um lugar igual para todos, de não reencontrar mais com o sertão, com seus costumes e crenças do lugar onde havia nascido, significava uma maneira de viver e pensar a impossibilidade de continuar mantendo o poder político nas mãos dos fazendeiros. Uma sociedade em que o principal desejo era de um dia ser vaqueiro e depois fazendeiro, de continuar repetindo um passado lidando com (o) animais, com o gado¹⁰⁵. Enfim, a saudade era pensar que o sertão seria sempre assim, ou melhor, que nasceu assim, sem desigualdades.

Segundo Emília Viotti da Costa, em *Da Monarquia à República*, os interesses políticos dos bacharéis pela poesia mais patriótica e menos universal, bebendo em diferentes literaturas nacionais incorporadas da Europa liberal, urbana e industrial, confrontavam uma realidade brasileira constituída de uma sociedade conservadora, escravista e latifundiária. Segundo ela:

O melhor testemunho da atitude dos bacharéis é dado pelo comportamento dos intelectuais. Alguns provinham, como Sílvio Romero, de famílias cujas atividades eram ou tinham sido essencialmente agrárias. Outros tinham origem estritamente urbana. Localizando suas atividades nos centros urbanos mais importantes, onde o contato mais íntimo com a cultura europeia e com a vida urbana lhes dava relativo distanciamento da realidade rural, opunha-se, às vezes, teoricamente, ao domínio das oligarquias, denunciando a opressão que estas exerciam sobre as populações rurais e urbanas. [...] ocupando cargos públicos para os quais eram nomeados por interferência de elementos da oligarquia, escrevendo em jornais ou revistas, publicando livros que se destinavam a um público leitor cujos limites não ultrapassavam muito os da oligarquia ou de grupos urbanos que compunham sua clientela. Alguns vivendo nas cidades que se modernizavam rapidamente tenderiam a não ver a realidade mais ampla que estava atrás das fachadas modernas e das instituições políticas importantes, esquecendo-se de que o sertão ainda governava o país” (COSTA, 2007, p. 264-265).

Com essa problematização, repensamos a classificação literária da poesia de José Coriolano, tendo em vista que a circulação do livro na década de 1870 foi posterior ao período que escreveu e publicou seus poemas em Recife na década de 1850. É preciso historicizar a construção das regras de classificação da poesia de José Coriolano, quando pensamos o processo histórico de construção da saudade do sertão na literatura da segunda metade do século XIX, seja ela classificada como romântica ou regional. De partida, defendemos que a saudade do sertão era um sentimento pessoal que estava sendo construído pela ausência de sua terra natal, e ao mesmo tempo, um sentimento também coletivo, uma saudade gerada pelo desenraizamento de estudantes e futuros bacharéis, filhos das oligarquias, com o afastamento dos vínculos sociais estabelecidos no interior de suas províncias.

¹⁰⁵ Tanya. História e sentimento.

O conceito de moral analisado por Foucault em *História da sexualidade*¹⁰⁶ possibilita entendê-lo como conjunto de valores e regras que os indivíduos incorporam seja da família, da escola, da igreja, do Estado, etc. Também significa a ética de conduzir-se em relação a esse conjunto de comportamentos morais. Para isso, analisamos de um lado as formas de classificação do sertão e da poesia de José Coriolano, e de outro sua forma política de conduzir-se através das práticas desse lugar e suas possíveis modificações. Nesta perspectiva, vamos continuar tanto a análise poética como política da saudade do sertão, evidenciando as possíveis mudanças na historicidade do conceito de *minha terra* com a poesia de José Coriolano.

Desse modo, vale salientar que ele não deixará de empregar o conceito romântico de *minha terra*¹⁰⁷, em sua sintonia com o tema da saudade do nacionalismo literário no Brasil. Sem ter uma visão nacional, muito menos regional do país, sua maneira de pensar a saudade tem relação direta com códigos morais, que secularmente estabeleciam o que era permitido e o que era proibido¹⁰⁸ para quem tivesse nascido nesta sociedade sertaneja. A saudade que sentiram do sertão, um sentimento presente em todos os escritores de nosso trabalho, foi sendo escolhida na poesia para ser não somente um sentimento pessoal, na medida em que ia construindo a possibilidade de grupos sociais sentirem saudade politicamente do passado, de um passado que eles queriam que não fosse modificado pelo crescimento da urbanização no Brasil.

Colocamo-nos, teoricamente, a proposta de analisar a trajetória do conceito de *minha terra* nos três escritores, situando suas narrativas em momentos diferentes, no entanto, percebemos, já com o primeiro, que simultaneamente ele vai sendo modificado por sertão. Essa mudança pode ser observada em todos os três, e também entre as décadas de 1850 e 1880, algo que evidencia uma imprecisão na maneira como eles se referiam à saudade deste espaço de nascimento. Assim, depois de comparar historicamente as narrativas do sertão de José Coriolano entre a poesia e política, defendemos que essa continuidade no uso das duas concepções para fixar seu lugar de nascimento, esteja relacionada muito menos a essa variação linguística, do que aos momentos históricos que modificaram a maneira que ele pensava a

¹⁰⁶ “Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra”. (FOUCAULT, 2009, p. 34).

¹⁰⁷ “No Brasil, a palavra saudade, embora seja presença constante em nossa produção literária e poética, nunca foi mitificada ou ligada à identidade nacional, como em Portugal, afinal como fazer sentir saudade ou ser saudosista a identidade de um país que se define como futuro?”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 133). Ainda segundo Durval Muniz, em **A invenção do Nordeste e outras artes**, a “saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história”. (2009, p. 78)

¹⁰⁸ FOUCAULT, 2009, p. 16-17.

saudade, construindo sua narrativa histórica e política desse lugar social, não apenas de sua terra de nascimento.

Por último, verificamos que José Coriolano se tornou conhecido como “trovista” entre os colegas e lentes da Faculdade de Direito. Ligado ao partido liberal desde antes de sua saída conflituosa de Príncipe Imperial, ele passou a viver em Recife no momento em que o partido liberal, através de seu principal jornal em Pernambuco, reivindicava ser essa província o centro político das províncias do norte. Nada comprova ter sido um partidário do federalismo político dessa época, ou seja, um liberal que esperasse maior participação política das províncias tanto no governo geral, como na competição por mercados e arrecadação de impostos. Por isso, variou o impacto em Pernambuco e províncias limítrofes que os movimentos políticos se basearam em ideias federalistas contra a monarquia, ocorridos em larga medida na primeira metade do século XIX.

Como dissemos anteriormente, José Coriolano escreveu no jornal, mais precisamente em um jornal do partido liberal, nesse momento que os liberais atacavam o partido conservador e a família Cavalcantis, e ao mesmo tempo, chamavam a atenção do governo geral para reconhecer a proeminência de Pernambuco nessa parte do país. Surgindo um sentimento de ser nortista, primeiro, um sentimento reivindicado pelos liberais em Pernambuco pelo seu pioneirismo, depois pelo aparecimento dele nas demais províncias do norte.

Na verdade, esse sentimento buscava o apoio financeiro, primeiro para Pernambuco, do governo imperial, no processo de competição econômica e por recursos financeiros com as províncias do sul. Estas últimas, por receber a maior parte dos investimentos do governo geral, para adotar medidas econômicas no setor cafeeiro, na imigração e no incipiente setor industrial, despertaram em Pernambuco uma reação política ao processo de diferenciação que ocorria em termos econômicos entre norte e sul.

De filiação partidária liberal, José Coriolano não tinha posições políticas abertas contra a monarquia, por conta de seus interesses políticos serem localista, por estarem muito mais voltados para suas relações com a província piauiense do que com a política de âmbito nacional. O partido liberal em Príncipe Imperial e no Piauí não tinham interesses políticos nacionais, muito menos regionais, interesses que não fossem manter o poder político sendo exercido pelos fazendeiros e suas famílias, tornando seus interesses pessoais os interesses do partido, seja liberal ou conservador.

Afinal de contas, eram as posições políticas do partido liberal em Pernambuco que projetavam ser essa província o centro do norte, assim, mesmo sendo um liberal, José Coriolano não incorporou esse discurso separatista que tornava o norte, e não o Piauí, sua terra de

nascimento. Novamente, é possível evidenciar que foi na década de 1870 que sua poesia circulou fora do âmbito da faculdade e dos jornais, já reunida em um livro, fazendo crer que foi nesse momento que o poeta construiu sua narrativa do sertão.

O fato de ter sido aluno do curso foi outro ponto de destaque dessa mudança em direção ao regionalismo. A repercussão de sua trajetória como poeta no interior da faculdade nas décadas seguintes a 1850, sem considerar sua relação profunda com o movimento romântico, no momento que o cientificismo era difundido como superação do romantismo selecionou e classificou em seus versos o que havia de realismo, fazendo o sertão aparecer sem idealizações, um sertão muito mais fruto da observação do que da imaginação. Não foram Tobias Barreto e Silvio Romero os responsáveis por essa ressignificação não somente da obra, mais também da biografia de José Coriolano. Com Franklin Távora não somente José Coriolano foi repensado na esteira das teorias científicas baseadas no determinismo geográfico e racial, como veremos no último capítulo, a narrativa do sertão de Francisco Gil também foi repensada nesse momento de transição e justaposição literária do romantismo para o realismo-naturalismo.

Nesta perspectiva, podemos afirmar que José Coriolano teve sua projeção como poeta romântico nos anos de 1870, um poeta que ultrapassava nesse momento o público da faculdade, todavia, isso acontecia no contexto histórico que o romantismo deixava de ser o principal movimento literário no Brasil, e por isso, sua releitura com as máximas do cientificismo em sua versão regionalista com Franklin Távora. Com ele, sua narrativa do sertão guardava do romantismo apenas as influências portuguesas e francesas, recuando o nascimento desse sentimento de uma parte do país de ter uma literatura própria, justamente, a parte do país que para Franklin Távora não havia sido invadida pela presença do estrangeiro. Enfim, uma classificação rígida e anacrônica vem sendo repetida desde essa época, inviabilizando perceber como as mudanças históricas alteraram as regras de classificação literária e, neste sentido, evidenciaram as posições políticas na maneira de compor trajetórias biográficas.

No tópico seguinte, depois de analisar como a saudade foi construída em suas narrativas do sertão, através das brechas deixadas e que percorremos em seus traços biográficos e em suas posições políticas, abordamos nesta última parte do capítulo sua poesia, repensando novamente a classificação literária dos anos de 1870, uma classificação feita sob o advento de teorias científicas preocupadas cada vez mais em tornar científico e evolutivo o processo de criação literária, submetendo a construção narrativa do sertão e as leis deterministas de meio e de raça, incorporadas pela literatura com a separação gradual entre homens de letras e homens de ciência.

2.3. O sertão entre as Letras e a política

Seja o regionalismo uma manifestação tardia do romantismo, seja ele um dos conteúdos da formação de uma literatura romântica no Brasil, entendemos que ambas essas definições tiveram momentos de cruzamento em suas trajetórias, o que permite colocar em questão qualquer classificação rígida que não busque avaliar como as mudanças históricas e políticas alteraram as próprias regras de classificação literária. Interessa-nos entender os poemas de José Coriolano a partir de dois eixos temáticos que dialogam entre si, sem necessariamente se confundirem ao ponto de não serem diferentes um do outro.

Dividimos a análise dos poemas a partir dos eixos formação literária e criação narrativa, pois o primeiro diz respeito as influências de correntes literárias, tanto estrangeiras como as tendências literárias de escritores brasileiros desse período, e o segundo eixo consiste em evidenciar sua singularidade no interior dos movimentos literários, em justapor classificações e mostrar que as regras de classificação elaboraram suas próprias transições, que recuam e ressignificam o momento de formação de novos pensamentos, como foi o caso do cientificismo presente na Escola do Recife, que recuou politicamente sua classificação do regionalismo para alçá-lo como um novo movimento literário, tendo como perspectiva histórica a superação do romantismo, criticando dois pilares, a monarquia e o catolicismo do Estado Imperial.

Nos dois primeiros tópicos, tentamos mostrar como a classificação literária proposta por Franklin Távora, classificando José Coriolano como realista no conteúdo e romântico na forma, produziu uma visão que desde os anos de 1870 vem sendo repetida sem questionamentos seja em estudos históricos, seja na crítica literária. Ao partir da análise desse pressuposto teórico e metodológico, e concordando com essa classificação de 1870, sua narrativa do sertão se fundamentava muito mais nos conceitos cientificistas de meio e de raça, do que propriamente na relação romântica entre pátria e natureza. Outro ponto importante consiste na análise dos eixos temáticos baseado na transição e na justaposição de movimentos literários, isto é, significa evidenciar os anacronismos da visão regionalista sobre a vida e a obra desse poeta, por conta dessa classificação reler sua poesia a partir de uma tendência cientificista e evolutiva.

Afinal, por que as mudanças históricas entre as décadas de 1850 e de 1880 alteraram o modo de classificação da criação literária de José Coriolano? Por que de poeta romântico nos anos de 1850 e 1860, ele passou a ser um “poeta do Norte” nas décadas seguintes, para usarmos a expressão de Franklin Távora? Recuando o regionalismo sertanejo em províncias do norte para os anos 50 e 60, essa classificação cientificista tornou anacrônica sua produção literária,

depois de chamar de regionalista tanto a trajetória biográfica do poeta, como esse momento e seu lugar social?

A seguir, tentaremos responder essas questões relacionando os eixos temáticos, e principalmente, porque não podemos considerar como regionalista todo escritor, por conta de ter construído, em versos ou em prosa, uma narrativa do sertão antes de 1870. O corte feito pela classificação de 1870 não apagou em definitivo, como já dizia Franklin Távora, a tendência romântica de sua criação literária. Afinal, não foi por posição política ou partidária de sua tendência liberal, que essa classificação transformou José Coriolano em poeta regional. Pelo contrário, foram os efeitos políticos e históricos dessa classificação que tornaram do “norte” suas posições políticas e sua trajetória biográfica, na medida em que essa classificação surgiu com o advento do movimento literário dos anos de 1870.

Sem utilizar diretamente como referência o livro *Impressões e Gemidos*, vamos analisar historicamente os poemas, relacionando-os com as datas e os lugares de sua produção literária, organizados com poemas inéditos por Saulo Fernandes, e publicados com o título *108 poesias de José Coriolano de Souza Lima*. Seleccionamos os poemas de acordo com a sua narrativa do sertão na relação entre os eixos temáticos, principalmente os poemas em que o sertão foi narrado, escolhendo a saudade como maneira de pensar como ele era e onde localizá-lo pela província piauiense. Não partimos de uma separação rígida dos eixos de acordo com a seleção dos poemas, pois optamos por escolher os poemas sobre o sertão e saudade e, em seguida, separar os eixos no decorrer da análise, possibilitando perceber os efeitos dessa transição entre romantismo e regionalismo em seus poemas, com o corte feito por essa classificação literária de 1870.

No poema *Gemidos*, que dá um dos nomes ao título do livro de 1870, o poeta dizia que têm saudades de “seu ninho”. O ninho era onde ele nasceu que significa o nascimento na “natura”, e no meio dela, o sentimento de estar presente na vida, que também vai aparecendo em sua elaboração literária da narrativa. Ao evocar a presença eterna da “natura” na vida e na alma, natureza cuja presença era sentida no bosque, na brisa, na viração, o poeta buscava encontrá-la também presente em sua terra de nascimento, pois ao dizer “Gemidos seus são frases”, os versos seriam uma forma de expressar sentimentos de tristeza e alívio, canto ou gemido. Ao final do poema, os versos viraram um canto de saudade. De início, sua poesia ao mesmo tempo em que expressava um canto de dor e de sofrimento provocado pela solidão, pensava na frase e no verso dizendo que a palavra saudade significava um alívio, mas “por ser infeliz”:

Meus versos, meus tristes versos
 Que alívio às vezes me dão,
 São os afetos diversos
 De minh'alma e coração;
 São gemidos de minh'alma
 Que às vezes colhem-me a palma
 No seio da solidão,
 Com que mitigo e se acalma
 A frágua de uma impressão.

Gemidos são sempre frases
 Arrancadas pela dor?
 Não: da vida em certas frases
 Exprimem gozos de amor

[...]

Mas o canto do poeta
 Acaso é canto ou gemer?
 Se na desgraça o enceta
 Como pode canto ser?
 Não é canto: são gemidos,
 São ais do peito sentidos
 É triste o pranto correr;
 São os ecos repetidos
 Do seu constante sofrer.

[...]

Canta, e seu canto o que diz?
 Diz saudades do seu ninho,
 Canta por ser infeliz.
 (2015, p. 281-282)

Esse poeta imaginava a saudade nos momentos de solidão vivendo em Recife, que na trajetória de sua vida foi provocada pela saída, ainda jovem, do lugar de nascimento dele e de sua família. A saída para morar e estudar na província de Pernambuco abriu novos horizontes para sua ascensão como bacharel e homem de letras nessa época, continuando com seu interesse de escrever poemas. Os versos que escolhiam a saudade surgiram não somente da saudade ser um sentimento de formação na língua e na literatura portuguesas, mais também por conta das mudanças que alteraram a trajetória de vida do próprio José Coriolano.

Nos poemas que foram escritos em Recife, a paisagem que imaginava era da natureza virgem, intocada e pura, como no poema Saudade filial, provocada pela distância dos pais e do tempo da infância, reagindo contra o tempo presente de sua vida como estudante residente no bairro Soledade: “E quando eu penso nos tempos passados,.../ No viver doce que fruí ao lado/Dos pais queridos, que inda eu bem verei”, e que “Deus não permita que dos pais que adoro/Distante morra sem ainda os ver” (Idem, p. 335-336).

Portanto, a saudade significava a falta de alguém, a ausência de algo ou de algum lugar, todavia, o poeta buscava mais do que isso com a palavra saudade, a expectativa era pensar em “tempos passados” mudando conforme o ritmo temporal da natureza era esperar que a saudade não alterasse o ritmo natural de retorno com a terra natal, um retorno para o “modo de viver” desses “tempos passados”, um tempo que fosse capaz de assegurar a permanência do que já estava estabelecido não pelos homens, mas do que era permitido e proibido aos homens pela vontade de Deus, projetando diante das incertezas do futuro um tempo de esperança. A saudade pessoal dos pais e da infância nessa sociedade do sertão passou a ser também, para os filhos da elite do gado que ultrapassavam os limites do sertão, uma maneira de sentir saudade dos “tempos passados”.

Primeiro o sertão e, depois, o sertanejo, foram sendo narrados no interior de uma formação literária romântica e constituídos historicamente por meio de uma preocupação moral. Inicialmente, a escolha da saudade passava a ser fruto de sua expressão como um sentimento romântico, prometendo assegurar ao homem a esperança de que foi a que natureza, e não os homens e as sociedades, que estabeleceu moralmente as relações de poder entre o permitido e o proibido.

Na cidade do Recife, a saudade era um sentimento que nasceu do confronto com o “modo de viver” da praça, espaço (de) onde escreveu a maioria de seus poemas. Como no poema *Minh'alma* está lá, no qual o poeta escreveu enfatizando a saudade, um sentimento expressado como a ausência do sertão na praça, em versos que encenavam uma narrativa literária entre “lá” e “cá”. Coincidentemente, foi escrito em Recife no bairro Soledade, isto é, da solidão, em novembro de 1856, para falar do sofrimento e da solidão, expressando um sentimento de recusa em conduzir-se pelos prazeres do corpo em detrimento do sofrimento da alma. No poema, a saudade aparentemente não possibilitou aos “tempos passados” estabelecer proibições nem obrigações, no entanto, ela não deixava de ser o apego ao passado como um tempo de segurança, de boas recordações, de lembranças imaculadas. Pois neste sentido, a saudade reforçava a preocupação moral da religião católica com a alma humana, levando para a narrativa literária os dogmas religiosos entre o que era permitido e o que era proibido, por exemplo, aos homens, as mulheres, as crianças.

A saudade era uma maneira de expressar a esperança de fazer dos “tempos passados” uma tentativa de lidar não somente com a ausência da terra natal, enfim, da pátria ou da casa dos pais. Significava também uma reação às mudanças vividas no Recife, por exemplo, com as mulheres ligadas ao “modo de vida” da praça, que eram imaginadas por meio de uma proibição moral com a idealização romântica da mulher através da saudade.

O mito da mulher que lhe foi destinada, a musa, reforçava no presente um pensamento católico de separação profunda entre corpo e alma, um código que estabeleceu uma moral de proibições as mulheres. O tempo presente vai sendo afetado pela separação desse passado vivido na solidão, sacralizando na poesia o mito da mulher a espera do casamento, ao fazer da saudade um sentimento de manter a “alma” no espaço de “lá”. Pois ao dizer “que peno, que em tal amargura/Meu corpo aqui vive, minh’alma está lá” (2015, p. 287), percebemos uma narrativa elaborada pelo impacto das relações urbanas diferenciando grupos e pessoas em Recife na década de 1850, com o surgimento de práticas sociais, econômicas e políticas “onde tudo passa”, como o próprio fluxo de pessoas, de mercadorias, e também de desejos, de ideias e de comportamentos.

Na poesia, a saudade era uma sensação de estar perdido e distante de um tempo passado, que estava sendo corroído pelo presente, por isso ele esperava por um tempo eterno, que fosse eterno como a presença da natureza na alma humana, que fosse capaz de congelar o tempo em impressões do passado que “está lá”, longe e sem as “mentiras da praça”, pois “E eu, triste, saudoso, me fino constante!/Meu corpo vive aqui, minh’alma está lá” (Idem, p. 288). Inicialmente, essa relação entre lá e cá foi se transformando numa “lira de nova invenção”, sem deixar de sofrer a influência direta da literatura portuguesa que circulava e era lida no país. Portanto, a narrativa começou produzindo um passado romântico, com a tentativa de fazer da saudade um reencontro com esse tempo passado, o principal sentimento de criação literária em seus poemas escritos entre os anos de 1850 até o fim da década seguinte.

Nesse momento, José Coriolano começava a fazer uma escolha pela saudade quando se vê dividido entre o sertão e a praça, entre o sertanejo e o cidadão, para com isso falar em nome deles, e assim escolher a saudade como um sentimento de reação as mudanças que passou a viver na praça, no sentido de mudanças ocasionadas pelo crescimento urbano e por contato com novos códigos morais, ligados ao surgimento de grupos sociais intermediários entre senhores e escravos. O sertanejo de seus poemas, personagem do poema Os compadres cidadão e sertanejo, escrito em Olinda no ano de 1856, eram imaginados por meio de uma preocupação moral, com cenas de aproximação a determinados interesses sociais das praças e dos grandes centros urbanos, ao falar das transformações sociais na cidade do Recife, porém, o poeta vai separando sertão e cidade em sua escrita:

Pan, pan, pan!”Batem lá fora!”
Pan, pan, pan! “Quem bate aí?”
É de paz! “empurre a porta”
Compadre! “Você aqui!”

Vim fazer-lhe uma visita,
Espaírecer no sertão.
“Como deixou a comadre?

Os pequenos como vão?”

“Como deixou a cidade?
O que há de novo por lá?”
Deixei com saúde a todos
Quando parti para cá.

A cidade é sempre a mesma,
Sempre bailes e função.
“Quanto a isto meu amigo,
Gosto mais cá do sertão.”

[...]

Na cidade se gozam delícias,
Que nos enchem o peito de amor!
As donzelas nos fazem carícias,
Que nos matam de morte sem dor!
Oh ditoso quem vive na praça!
O viver do sertão é morrer!
Esta vida do campo é escassa:
Eu não quero no campo viver.

[...]

“Sim, não quero, que é vida mesquinha
Essa vida que passam por lá:
Quero o leite comer com farinha
E co’a carne sal-presada de cá.
E quem troca o sertão pela praça?!
De verdade, isto estava por ver!
Na cidade só vejo desgraça:
Na cidade eu não quero viver.”

[...]

Pois eu gosto e só quero a cidade.
“Pois eu gosto e só quero o sertão.”
O que aqui mais se vê? - bestidade.
“E por lá? Só mentira e traição.”
Pois eu vou desfrutar minha praça.
“E eu viverei te morrer.”
Na cidade é que a vida se passa.
“No sertão é que serve o viver.”

Pois me parece agastado?...
“Se o vejo tão cabeçudo!...”
Pois outro abraço apertado...
“Na verdade acaba tudo.”
(2015, p. 223-228).

O cidadão e o sertanejo do poema são vistos como compadres. A procura de sua pátria, o poeta dividiu a narrativa com dizeres de cada um deles. O que os separava no poema, além da forma de classificação de cada um deles, foram as palavras recortadas entre aspas no discurso do sertanejo. Com elas, o poeta se diferencia e, ao mesmo tempo, compunha em versos sua posição política com um vocabulário que define o gosto e o pensamento de cada um, um jogo de códigos e de valores morais entre sertão e cidade. E quando aparecem os dois em uma única estrofe, ficava evidente o desejo pelo sertão em relação à cidade¹⁰⁹. Como no verso “Meu corpo aqui vive, minh’alma está lá”, fruto do pensamento romântico que elaborava não somente uma separação entre corpo e alma, mais entre cidade e sertão, produzindo uma separação que seria recompensada com sua volta ao sertão. “Que a dura saudade me aviva os rigores/Da ausência que me faz viver triste assim”. (Idem, p. 288).

Na cidade, “desfruta-se a vida/Que nem pensam vocês do sertão!” (2015, p. 323). Assim, o “modo de viver” também vai sendo dividido pela escrita, e a cidade aparecia como lugar ditoso, de bailes, teatros e partidas; de sorvetes e gordos hotéis, de feijões e vinhetes, campanha e pastéis. Na cidade têm vestidos nobres e orquestra, namoros no baile e às janelas, culto de ímpios e ateus. No sertão, que o poeta localizava no centro do país e distante da cidade, a vida era boa e de prazer, de donzelas formosas e moças santinhas vivendo no campo, lugar também de festas, sambas, batuques e funções, de danças “aqui dos sertões”. Sertão onde comemos a coalhada, o leite com cuscuz, a carne assada, o jerimum com leite; sertão de gibões e perneiras de pele de veado, roupas domingueiras não só de algodão; sertão de aves a cantar e de donzelas a bordar, de carícias de amor “trás” do umbuzeiro, do belo tijolo roceiro. Sertão em que se busca Deus sem distração, “não esse fingido, que é farsa: Na cidade eu não quero viver.” (2015, p.328).

Portanto, o que Távora chamava de poesia regionalista na década de 1870, inventando uma classificação que nomeava José Coriolano como “poeta do Norte” em 1876, na verdade, era uma nova problematização literária sobre o sertão, ao incorporar essa narrativa ao discurso regionalista preocupado em fazer uma descrição cientificista do sertão das províncias do norte.

Em São Raimundo, na década de 1850, o jovem José Coriolano mantinha contatos com cantadores de versos¹¹⁰ em suas andanças por fazendas e na própria vila. Nesse momento, ele

¹⁰⁹ Segundo Foucault, “é necessário também admitir que em certas morais a importância é dada sobretudo ao código, à sua sistematicidade e riqueza, à sua capacidade de ajustar-se a todos os casos possíveis, e a cobrir todos os campos de comportamentos”. (2009, p. 38).

¹¹⁰ Na lista de qualificação para votantes da vila de São Raimundo do início da década de 1850, havia entre votantes alguns fregueses com a profissão de artista. A nomeação de artista nessas listas nos faz pensar em cantadores com violas e na figura do trovador que aparecem em seus poemas. **Arquivo Público do Estado do Piauí**. APEP. CAB. Caixa de São Raimundo Nonato. Piauí.

ainda não havia elaborado a divisão que aparecerá após sua saída do Piauí, ou seja, a separação entre sertão e praça. Até porque foi da praça o começo da elaboração dessa divisão, em que o poeta se vê dividido entre o sertão e a cidade. O sertão que apareceu nas primeiras poesias não era uma imagem oposta à praça ou à cidade, e tudo nos indica que a entrada desse vocabulário em seus poemas surgiu da expectativa de se tornar bacharel em Recife.

Na praça, quer dizer, na cidade do Recife em 1856, frequentando o teatro Santa Isabel, e deixando em poema suas Recordações teatrais, ele pode entrar em contato com uma capital em processo de reação política as mudanças que ocorriam com a centralização econômica e política, uma província em grande medida dominada por oligarquias, principalmente pelos Cavalcantis, como já vimos através do jornal *O liberal Pernambucano*. O teatro fazia rir do sofrimento por conta da solidão da cidade, e também gemer e chorar “as loucuras dos outros”. Para ele, rir de si significava não transformar aplausos em lisonjas para o “gênio”, pois “que os mil bravos se desprendam/Por uma ideia deleitosa e ruim/E eu sei que as donzelas se velaram/Não por pejo ou pudor, - por luxo sim.” (2015, p. 333-334).

Marcado pelo discurso católico de condenação do luxo e dos excessos como pecado, seus poemas não haviam bebido intelectualmente no cientificismo que predominará na chamada geração de 1870 da Faculdade de Direito, com as ideias da ciência positivista defendidas por Sílvio Romero e Tobias Barreto em suas críticas à metafísica. A natureza ainda era explicada pela crença na criação divina, vista como insondável pelo discurso literário anterior aos anos de 1870, no qual o meio e a raça passavam a recortar o espaço “natural” do Brasil, em divisões raciais e climáticas determinadas por leis científicas.

Portanto, José Coriolano se formou na faculdade de Direito em Recife, em um período onde predominava um ensino fortemente influenciado pela teologia da ilustração¹¹¹ difundida pelo Seminário de Olinda, sede inicial do curso em Pernambuco. Tanto ele, como depois Licurgo de Paiva, não haviam inserido seus poemas sobre a saudade do sertão na construção do regionalismo nortista da década de 1870. José Coriolano porque havia morrido no final da década de 1860, e Licurgo de Paiva porque escreveu seu livro em meados dessa década, não mantendo ligações diretas no campo literário com o cientificismo defendido posteriormente pela Escola do Recife.

¹¹¹ Para uma visão do reformismo ilustrado do Seminário de Olinda na formação do ambiente intelectual e do bacharelismo em Pernambuco da segunda metade do século XIX, nos baseamos no livro **Os padres e a teologia da ilustração**. Segundo Antonio Jorge Siqueira, a concepção de natureza elaborada pelo Seminário e pelo clero do período da revolução de 1817, se “refere à Natureza como paradigma de um novo tipo de saber e de conhecer. Ao formular uma proposta curricular para implantar no novo seminário de sua diocese, ele [Bispo Azeredo Coutinho] tem clareza mental de que os futuros padres estejam sintonizados com os paradigmas da ciência de seu tempo.” (2009, p. 132)

Enfim, o sertão de seus poemas não era um recorte geográfico do Piauí entre as províncias do Norte, como se fosse uma imagem produzida pela divisão natural ou climática do país, como veremos no terceiro capítulo, com a emergência do novo discurso da seca. Sua poesia tem elementos da “cor local” na medida em que a narrativa do sertão foi construída para dividir politicamente os espaços entre lá e cá. O lá e o cá eram recortes ou divisões sentimentais operadas por essa narrativa, um dualismo que pouco a pouco começava a definir recortes naturais para dizer as fronteiras entre sertão e praça. Nessa visão, o que ameaçava a vida do homem do sertão ou do sertanejo era proveniente em larga medida das mudanças que o próprio poeta experimentava em diversas praças das províncias do Norte. O sertão enquanto espaço da saudade era um sentimento de reação à vida da praça ou da cidade, por isso, esse “modo de viver” era pensado silenciosamente quando falava da praça em seus poemas. As dificuldades de elaborar uma visão da praça, sem oposição ou em contradição com o sertão, eram possivelmente fruto da busca por forjar uma visão provinciana e romântica da sociedade sertaneja.

Os interesses descritos e narrados como “modo de viver” na praça eram pensados em silêncio, assim como os conflitos sociais no interior do sertão. Dos códigos morais da sociedade sertaneja, o poeta concentrava seu interesse em falar da saída de sua terra natal, fazendo da saudade na poesia uma forma de refletir um processo de distanciamento. O sertão e o sertanejo eram elaborações desse movimento de saída e ao mesmo tempo da busca por raízes, por isso, a viagem era um tema constante em suas narrativas poéticas. A viagem pela natureza vai sendo deslocada para o espaço da linguagem poética, mais precisamente para sua disposição ao longo da estrutura do poema. Os poemas começavam em larga medida com viagens, principalmente aqueles que tratavam da temática do sertão. Neles a saudade era de certa maneira uma forma política de definir o que era permitido e o que era proibido entre lá e cá.

Para o sertanejo elaborado pelo discurso político e poético do romantismo, a praça lhe proporcionava incômodo. O sertanejo era filho de uma moral que negava politicamente os desejos do “modo de viver” nas praças, aparecendo como um homem rústico, vivendo em uma sociedade de brutos, como um “touro fusco”, em que os homens eram confundidos como o próprio espaço natural, a “catinga”, daí serem chamados de “catingueiros”. Essa outra versão do homem do sertão, O catingueiro, foi cantada em poema de mesmo nome, ao dizer para “vós das cidades notai os enlevos/De nossas catingas, senhores, notai!” (Idem, p. 50). Como antes, o poeta entoava sua moral da saudade, um romantismo de aversão aos interesses sociais de viver da praça, pois “Não pode ter gozo nenhum verdadeiro/Quem vive no mundo sem ser catingueiro” (Idem, p. 52). As preferências do poeta pela vida do sertão eram evidenciadas

como fruto desse incômodo e do preconceito, pois “nas praças que zombam de mim: que me importa?” (Idem, p. 53). Nesse poema, além da rusticidade do catingueiro, foi evidenciado através do vigário, um discurso da igreja católica de resignação com a pobreza, falando em nome de um “nós” catingueiros, que seriam assim bem “mais fartos que os londr’ons banqueiros” (Idem, p. 54).

Tudo indica que esse poema foi escrito no Piauí, pois o narrador se referiu ao Piauí como o “aqui” e não o “aí”. Um poema narrado por meio de uma viagem preocupada em descrever características próprias desse espaço, mostrando na escrita um “desafio” entre o sertão e a praça, deslocando para o discurso literário a oralidade dos versos e trovas de cantadores. A divergência dos interesses políticos desses espaços era organizada na linguagem poética por um pensamento metafísico separando natureza e sociedade, um pensamento oriundo de suas aulas jurídicas no curso de Direito.

Diferente do que pensava Franklin Távora, que capturou deliberadamente a linguagem romântica do “lá” e do “cá” para problematizar e fundar na literatura um Norte diferente do Sul, com a emergência dos discursos regionalistas da década de 1870, dentre eles o seu próprio discurso literário, consideramos que José Coriolano foi um escritor de poemas provincianos e românticos sobre o confronto da província do Piauí com o espaço da praça, em larga medida forjado a partir da cidade do Recife dos anos de 1850.

Além de poeta, foi deputado dessa província, após uma década do momento de construção urbanística e política da nova capital, a cidade de Teresina, e depois promotor, juiz municipal e de direito na província do Maranhão, entre as vilas de Codó e de Pastos Bons¹¹². Enfim, o retorno ao sertão elaborado em seus poemas, apagava em silêncio os interesses de mudanças vividos por ele na praça, um retorno que politicamente o possibilitava falar em nome do sertão e do sertanejo como nascimento de uma província, sobretudo de um sentimento saudosista e de reação a praça e a cidade, onde “males e dores não sofrem-se aí!” (Idem, p. 54). A seguir, vamos analisar como incorporou o tema da saudade do sertão como retorno aos “tempos passados”, no momento em que a crise da pecuária solapava os códigos tradicionais da sociedade sertaneja.

De certa maneira, essas imagens elaboradas do Piauí serviram não apenas como defesa de valores e de regras morais desse espaço, pois elas puderam estabelecer uma moral de comportamentos do sertão e do sertanejo para filhos dessa elite na busca de viver em praças comerciais das grandes cidades. Como veremos mais adiante, essas imagens serviram para os

¹¹² FERNANDES, 2015, p. 351.

filhos da elite do gado lidar com o tempo de “viver em praças”, escolhendo o sertão e o sertanejo como imagens fixas para elaboração de um discurso de reação as mudanças sociais, políticas e econômicas, que inseriam a província piauiense no cenário das disputas políticas entre províncias do país. Como em *O Fazendeiro* e em outros poemas com nomes de sujeitos definidos como expressões desse espaço do sertão. No poema *O Fazendeiro* é possível perceber que diferente de uma visão pautada no sentimentalismo apolítico, de uma poesia de “cor local” sem interesses e desejos políticos nacionais, o sujeito fazendeiro aparece nesse poema em enfrentamento direto e, por direitos, contra os reis. A elaboração romântica da narrativa reaparece através da imagem da fazenda de gado e da figura do fazendeiro, da qual o poeta saiu em sua defesa, tanto de sua grandeza como de seu poder, “Este, sim, é que é poder”.

Escrito em 1856 na cidade de Olinda, em seus primeiros anos de estudo na faculdade de Direito, esse poema tem um apelo contra o poder de determinada lei e seu exercício pelos novos mecanismos do poder judiciário instituído pela Monarquia, em particular contra a lei de terras criada em 1850, como aparece nos versos “Resisto à tirana lei – Quem vem me roubar às terras/Por mando e fome do rei”; e também a lei do recrutamento militar praticada desde o Primeiro Reinado, e principalmente durante as rebeliões regenciais, quando dizia “Eu tenho em minhas fazendas/aquilo que os reis não têm:/Um povo de que sou ídolo,/Um povo que me quer bem”. Quanto à lei do recrutamento dizia: “Seus filhos não lh os recruto./Não lhe roubo um só vintém./Eis porque possuo aquilo/Que os reis dos tronos não tem” (Idem, p. 306-309). Além disso, o poema era também um ataque feito pelo poeta à cobrança dos impostos. Neste sentido, percebemos uma narrativa poética sendo elaborada politicamente para defender as terras do “fazendeiro” e das fazendas de gado do sertão, particularmente da ribeira de Crateús e em seguida em nome do fazendeiro do “meu Piauí”:

Dou o pão ao desvalido
Que pede-o, rojando-o ao pó;
Socorro a mísera viúva,
Que geme no leito só;
Respeito as casas alheias...
Das virgens eu velo em pro.
Protejo a todos que vejo
Gemendo, rojando ao pó.

À tarde eu aboio as vacas
Recostado nos moirões,
Vendo os currais atulhados
De prata e d’ouro em montões;
Meu orgulho é somente este,
São estes os meus brasões.
Os cetros o povo os quebra

E vai sentar-se aos moirões.

[...]

Tiranos, sorriem-se aos ecos
Das bombardas, dos canhões!
Eu, porém, me rio aos berros
Dos gados cá dos sertões:
São hinos, são harmonias
Que falam aos corações
- De todos que não se aprazem
Ao retumbar dos canhões.

Olhai - não vede quem passa
Tirar-me, humilde, o chapéu?
Pois eu como irmãos os trato,
Que assim nos ordena o céu.
Não tenho, não quero títulos
Roubados - negro troféu.
- Homenagem - dá-m'a o povo,
Tirando-me o seu chapéu.

Isto, sim, é que é grandeza,
Isto, sim, é que é poder:
Tudo mais não vale nada,
É como eu sei percorrer.
Os reis que vivem nos paços
Inertes a adormecer.
- Poder o meu na fazenda,
Este, sim, é que é poder.

Não quero superficialidades,
Nem luxo que é tudo vão;
Das vacas eu tenho o leite,
A coalhada, o requeijão;
Tenho a manteiga, e mais tudo
Que pode haver no sertão.
- Nem quero luxos, nem pompas
Supérfluos - que é tudo vão.

Como a carne saborosa
Como não a come o rei;
Sirvo à pobreza, aos amigos,
Aqueles que eu bem sei;
Desprezo aduladores,
Resisto à tirana lei
- Que vem me roubar as terras
Por mando e fome do rei.
(2015, p. 308-309)

A invenção poética ou da “lira” do sertão nos poemas aparece compondo diferentes temas, pessoas e lugares do Piauí, e funcionava principalmente preocupada com a inserção do Piauí na literatura romântica, ritmada pelo sentimento da saudade, como nos versos “Lindo sertão meus amores,/Crateús, onde nasci,/Que saudade, que rigores,/Sofre meu peito por ti”

(Idem, p.16). Nesse poema de nome Crateús, o lugar de nascimento do poeta foi inventado como imagem do sertão, e descrito como lindo e ameno, uma beldade, mas também ainda visto como espaço de tormento e doloroso por conta da saudade.

A construção da saudade do sertão tem haver com o “exílio” que vivia o poeta na cidade do Recife, a solidão da “praia” era atormentada pela saudade dos “tempos que lá vão”, um tempo “íngrato” que o separava do seu lugar de nascimento. A saudade seria como o choro do tempo pelo retorno ao sertão, chamado de “meu lar”, um sentimento que abalava as certezas de sua volta para o sertão de Crateús. Na verdade, a saudade do sertão nesse poema não trazia de volta o tempo que passou, ela constrói o tempo passado como tentativa de que ele permanecesse em outros tempos¹¹³.

A imagem do sertão de que nos fala aparece como sujeito da narrativa, pois ele é chamado para escutar os desejos de sua musa, “Crateús se o gozo eu ... Quem dera! – Sertão, escuta ... Escuta se ela gemeu! ...”. (Idem, p. 16). Inicialmente, Crateús era o espaço de invenção do conceito ou da lira de *minha terra*, uma musa para sua composição de diferentes temas e versos saudosos. Inclusive o poema Minha lira, apesar de ter sido escrito na vila de Príncipe Imperial, no sertão de Crateús, antes do momento que ele começou a estudar em Pernambuco, emergiu possivelmente depois dos contatos com a poesia de Gonçalves Dias em sua ida ao Maranhão em 1852, que sabemos pelo poema Por que será, escrito nessa província e precisamente no ano de 1852.

Seguindo o interesse de exaltação da natureza como outros românticos, tal como Gonçalves Dias, o poema As Aves da Minha Terra ensaia a seu modo sua canção do “exílio”, as aves falando e nomeando os matos, nomes “vindos do coração”, nomes tristes, queridos e repetidos “nas solidões” da vida na praça. As aves personificavam os códigos morais de sua terra natal, a pomba que traz saudades do amigo, o sofreu da lira afinada, a zabelê que ninguém a ver, o João-corta-pão em tom penoso e chorado, a rola dizendo que o fogo (a) apagou, o caburé na cegueira cantando ao sol, a jacurutu de voz abafada a beira de um rio, o bem-te-vi como um soldado de peito amarelo, o vem, vem quando o sol se põe ou radia, a pega ou canção de fama bacharela, o tetéu que grita na noite escura, o papagaio ou louro tribunos da oratória, no “dizer, no estilo é uma, É das aves da tribuna O Mirabeau. É terra que tem primores A terra dos meus amores Onde nasci! As aves de lá se falam, Cantam, suspiros exalam no Piauí!”. (Idem, p. 25).

¹¹³ “A saudade - ausência de algo ou de alguém situados historicamente - torna-se o sentimento universal e a-histórico que os românticos tentam construir como história, fazem história para dela ter saudade. Na contramão do tempo em que vivem e na esperança de restaurar a grandeza perdida, buscam a explicação crucial do porquê da queda e da decadência portuguesas.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 123)

“Que importa-me a vida dos homens da praça? Que importa?” (Idem, p.53). Esse trecho do poema *Catingueiro* opõe o catingueiro ao homem da praça, o pracião. Por isso, entendemos que não se trata da construção saudosista de imagem regionalista do sertão, que uniformizasse o espaço de diferentes províncias do Norte, mas sim de uma visão provinciana e oligárquica dessa imagem¹¹⁴. A imagem do sertão foi produzida em oposição à “vida dos homens da praça”, forjada a partir da vivência do poeta na cidade do Recife, importante centro político e comercial do país. A saudade do sertão surgiu do processo de afastamento dos filhos da elite piauiense, que se deslocavam para estudar na faculdade de Direito do Recife. Sentir saudade de sua terra natal, chamada pelo poeta de “meu Piauí”, significava não somente lembrar-se de um tempo que já passou, mas construir o passado como “ausência” do Piauí na praça, e vice-versa.

O catingueiro seria o oposto do homem da praça pela maneira como cada um lidava com tempo. O catingueiro vivia em um tempo da saudade marcado pelas tentativas de não deixar acabar o que virou passado, em continuar a ver o passado como um tempo que não alterava o seu “modo de vida” e seus “costumes” desde o nascimento. Na praça, ocorria uma aceleração do tempo¹¹⁵, alterando a relação do presente com a construção política do que seria a presença do catingueiro na praça, isso por conta de ter sido intensificada as projeções futuras de mudanças sociais, políticas e econômicas na capital da província de Pernambuco, que se projetava nacionalmente como centro político e econômico concorrente das províncias do sul cafeeiro. No tocante ao poema, podemos então dizer que se trata da inserção política do Piauí na literatura, através da imagem romântica do sertão. Em sextilhas, o poeta dizia:

Nasci e criei-me nas bastas catingas,
 Nas selvas umbrosas de meu Piauí;
 Não gosto das praças, seus usos detesto,
 Que males e dores não sofrem-se aí!
 Ditoso me julgo, tocando a viola,
 Cantando os amores que temos aqui.

Eu vivo contente de ser catingueiro,
 Da caça, da pesca, das frutas rendeiro.

[...]

¹¹⁴ “Pois é com olhos insaciáveis de colecionador que se descrevem e demarcam aí províncias e costumes. Olhos de colecionador e paixão classificatória e descritiva do viajante, de quem se sabe meio fora do quadro, não de todo ali e que, por isso mesmo, com recursos histórico-paisagísticos tenta aproximar cenas, personagens e vistas: essa a marca do narrador dessas “viagens provinciais” da segunda metade do século XIX”. (SUSSEKIND, 2008, p. 210)

¹¹⁵ “A história dos conceitos põe em evidência, portanto, a estratificação dos significados de um mesmo conceito em épocas diferentes. [...] A profundidade de um conceito, que não é idêntica à sequência cronológica de seus significados, ganha com isso uma exigência sistemática, a qual toda investigação de cunho social e histórico deve ter em conta.” (KOSELECK, 2006, p. 115)

No inverno que vida! que dias alegres!
 A chuva na terra, na terra o feijão,
 O arroz, a maniva e o milho amarelo,
 Que nascem e medram no fértil sertão.
 Das vacas que mugem - de bafo cheiroso -
 Mungimos o leite que faz requeijão.

Nas praças se mentem, nas praças se zomba
 De nós catingueiros - dos filhos daqui:
 Que importa? - desprezo seus usos tiranos,
 Que a gente sufocam! - não quero-os pra mi?
 Ditoso me julgo nas margens virentes
 Floridas, umbrosas do meu Piauí.

[...]

Nas praças que zombam de mim: que me importa?
 Co'a esposa, co'os filhos em torno do fogão,
 Eu vivo ditoso, não tenho remorsos,
 Em quanto a viola desfiro o rojão!
 E as coplas alegres com ele se casam
 Do peito nascidas, do meu coração.

[...]

Nasci e criei-me nas bastas catingas,
 Frodentes, sombrosas - do meu Piauí;
 Não gosto das praças, seus usos detesto,
 Que males e dores não sofrem-se aí!
 Ditoso me julgo, tocando a viola,
 Cantando os primores que temos aqui.

Bem disse o vigário que nós catingueiros
 Vivemos mais fartos que em londr'os banqueiros.
 (Idem, p. 50-54)

Em *O Brasil não longe daqui*, Flora Sussekind analisou o que ela chama de “processo de constituição do narrador de ficção na prosa romântica brasileira e algumas de suas transformações históricas” (2008, p. 19), mostrando com esse problema o começo de uma literatura nacional marcada pelo paisagismo histórico no Brasil, e produzida a partir da metade do século XIX. Baseado na perspectiva de Sussekind é possível analisar também o surgimento desse narrador de ficção no diálogo ocorrido entre a prosa e a poesia românticas, no sentido de que esta última incorporou a imagem do viajante do sertão na construção do tema romântico da saudade¹¹⁶.

¹¹⁶ “Os românticos pretendem tornar eterno o efêmero, transcendente o temporal, municiados por uma certa prática historiográfica. A história teria a mesma capacidade que a saudade de tornar presente o que é passado, de reviver o mesmo sentimento e a mesma emoção que foram sentidos em outros momentos.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 123-124)

Portanto, o poeta falava da saudade da província piauiense e não da região Norte, em poemas que a partir de 1870 foram publicados com o título *Impressões e gemidos*, vendido no Piauí e fora dele. Antes disso, alguns desses poemas já haviam sido publicados em jornais e revistas literárias de Recife. Nos poemas O Fazendeiro e Catingueiro, o poeta buscava inserir o Piauí no romantismo como espaço do sertão constituído de fazendas de gado. Uma visão também presente nos cantos de O touro fusco, poemeto de três cantos, uma elaboração poética e política de sua exaltação à fazenda de gado, e em particular ao gado e aos homens, ao ponto de em determinados momentos não se saber quais seriam as diferenças entre o animal ou o homem.

Ao final do terceiro canto, o poeta valorizava politicamente a saga épica desse touro do sertão, que apesar de rejeitado desde o nascimento, conseguiu se tornar de boi em um touro destemido, valente e corajoso, morrendo castrado ao final da vida: “Possam meus versos rudes, sem beleza,/Entre meus comarcãos erguer um brado,/Nos vales do sertão e n aspereza,/Fazendo o touro fusco celebrado”. (Idem, p. 227). Enfim, a narrativa do sertão nos serve de referência teórico-metodológica para classificação romântica dos poemas de José Coriolano, e mesmo quando ele não aparece diretamente, percebemos um ritmo de composição poética fincado na relação entre “lá” e “cá”, certamente, entre o sertão do Piauí e a capital de Pernambuco. Politicamente, ele esperava sua valorização e seu reconhecimento social como poeta nas comarcas do Piauí e entre “seus comarcãos”, apesar de escrever diretamente para o público da praça comercial de Recife em jornais e revistas. E já que o sertão era contraposto a praça, não teria sentido histórico dizer que seus poemas já continham interesses políticos de falar em nome das províncias do norte do país.

Afinal, como ele poderia defender o norte nas décadas de 1850 e 1860, se esse espaço não havia sido configurado institucionalmente como região do país¹¹⁷? Sobretudo, porque acreditamos que para falar em nome do Norte o poeta precisaria nesse momento construir um discurso separatista de oposição entre regiões do país. Como José Coriolano ultrapassou os limites da província do Piauí para morar ou apenas frequentar províncias como Pernambuco, Maranhão, Ceará e Paraíba, acreditamos que sua visão da praça era proveniente do seu deslocamento no espaço dessas províncias, principalmente por suas capitais. Abaixo, vemos as

¹¹⁷ “A perda de espaço político em termos nacionais coloca com mais força o problema da preservação do seu controle político no interior da própria região. A busca da centralização de poder a nível de província é uma resposta à centralização no plano nacional, gestando-se assim as chamadas oligarquias, núcleos dirigentes compostos de frações da classe dominante, que aglutinam os vários grupos que controlam o poder a nível municipal e local.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 39)

cidades de Olinda e de Recife da década de 1850, momento histórico em que José Coriolano viveu e estudou na província de Pernambuco.

Antes, em sua vida entre as vilas de Príncipe Imperial e de São Raimundo, quando começava a fazer poesia, ele já experimentava o ritual da prática judiciária em âmbito local. Em casos como a nomeação para a função de perito junto com seu irmão Jeronimo Bozon, para declaração do estado de sanidade mental de uma viúva herdeira de duas escravas, questionadas na divisão dos bens de um inventário¹¹⁸. Nesse inventário, do ano de 1850, o jovem José Coriolano começava a lidar juridicamente no Piauí com o problema nacional da escravidão. Um dos filhos da inventariante questionava a lucidez de sua mãe, de mais de 90 anos, para garantir a posse dos mais de dez escravos, principalmente de jovens mulheres escravizadas. Na vila, “um patricio” estava interessado em libertá-las da escravidão, levando cartas de alforria para que ela assinasse sem a presença dos filhos, que não residiam na vila de São Raimundo, mas sim em suas fazendas de gado.

O problema colocado nesse inventário entre a escravidão¹¹⁹ e a liberdade das jovens Joana e Raimunda, ambas descritas pelo tabelião e escrivão como mulatas e avaliadas em 700\$000 reis em um inventário de mais de quatro contos, possibilita-nos perceber um jovem poeta interessado em participar das disputas políticas locais dessa vila. Sua nomeação como um dos peritos - o outro, Jeronimo, um dos dois irmãos mais velhos e moradores nessa vila - e a sentença de que “não deve ser considerada demente aquela senhora”¹²⁰, nos apontam que a liberdade da escravidão, nesse caso, o envolvia diretamente no exercício do poder jurídico nessa sociedade pecuarista. No caso da literatura, a escravidão foi tratada no poema A escrava, retratando a situação de uma escrava muçulmana distante do “país natal”, que vivia a “gemer” de saudade da infância. Na verdade, o poeta projetava a construção da saudade que a escrava, anônima, sentia de sua terra natal, reforçando uma imagem romântica do passado como lugar de segurança e de harmonia, sendo sua voz a interlocução com a escrava para falar da saudade:

Já fui feliz e ditosa

¹¹⁸ **Inventário de Alexandre Pereira de Sá.** 08/01/1850. Cartório do 1º Ofício. Comarca de São Raimundo Nonato. Piauí.

¹¹⁹ Segundo análise de Miridan Falci no artigo **Fronteiras da liberdade:** ser escravo no sertão, “vários processos, mostrou-nos que, numa região rural pequena, onde todos se conhecem, os conflitos e as tensões podem ser facilmente minorados entre a classe escravista e a dos senhores. O segundo processo, favorável ao réu-escravo demonstra claramente que se queria prejudicar a sua senhora” (1999, p. 261). A proposição “região rural pequena, onde todos se conhecem”, reforça a crítica de que a historiografia também incorporou uma visão oligárquica do sertão como espaço sem fronteiras sociais para a liberdade, e de relações amenas de trabalho, em particular, do trabalho escravo.

¹²⁰ **Inventário de Alexandre Pereira de Sá.** 08/01/1850. Cartório do 1º Ofício. Comarca de São Raimundo Nonato. Piauí.

Nessas terras de além-mar,
 Hoje sou desventurosa,
 Vivo a gemer, a chorar!
 Ai minha infância mimosa!
 Ai vida de tanto amar!

[...]

Hoje aqui sou desprezada!
 Desprezam te minha cor
 Tão mimosa, aveludada,
 De tanto lustre e primor!
 Em cima disto, coitada!
 Tenho um tirano senhor!

Minha voz tão maviosa
 Como as brisas de além-mar,
 Já não é mais sonora,
 Já nem quando diz - amar -
 Parece a brisa saudosa
 Na palmeira a ciciar!

[...]

Viverei desventurosa,
 Viverei sempre a chorar;
 Que me importa se fui ditosa
 Nessas terras d'além-mar!
 Ai Allah! Que voz irosa! É meu senhor a ralar!...
 (Idem, p. 238-239)

Porém, o problema da escravidão nas fazendas de gado, e de modo geral no país, passou em larga medida em silêncio na poesia romântica¹²¹. Com um olhar de crítica social dessa literatura sobre o sertão, aproximando da visão amena da escravidão construída também pela historiografia, nos mostra que em larga medida o discurso político dessa poesia romântica elaborava do espaço piauiense uma imagem do sertão sem escravidão na década de 1850, justamente nesse momento de mudanças na escravidão brasileira com a lei de fim do tráfico. O sertão piauiense seria um espaço homogêneo da sociedade pecuarista, que era constituída na

¹²¹ Dos românticos no Piauí também ganhou destaque o poeta Hermínio Castelo Branco e seu livro **A lira sertaneja**, uma epopéia cantada de loas e cordéis para comemorar, entre outras, a imagem do vaqueiro do Piauí. Assim como José Coriolano e, também Licurgo de Paiva e Francisco Gil, este último o autor de **Ataliba, o vaqueiro**, está presente em sua poesia a elaboração da imagem do sertão, quando dizia, por exemplo, que “se és da cidade/Alheio à felicidade/Que se goza no sertão/Vais uma cena assistir/Em que pode consistir/O viver do coração” (1905, p. 118). Para perceber as nuances do romantismo brasileiro, nos baseamos no livro **Cultura brasileira e identidade nacional** de Renato Ortiz (2006, p. 19), principalmente para analisar o silêncio sobre o negro e a escravidão no discurso romântico; e também na dissertação em história **A cidade dos dizeres possíveis: natureza, civilização e progresso na invenção de Teresina** de Gustavo Ramos (2010, p. 30), onde esse autor analisa as possíveis relações desse discurso romântico do sertão entre cidade e campo no Piauí, através da poesia elaborada por Hermínio.

poesia por uma visão política largamente sem conflitos entre o fazendeiro e sua família com escravos e agregados.

A Faculdade de Direito, quando funcionava em Olinda¹²², era, principalmente, o lugar de “uma ciência católica” e em defesa da monarquia. Um curso nascido sob a égide do pensamento teológico proveniente da ilustração portuguesa ensinada no seminário dessa cidade¹²³. Já em Recife, José Coriolano reforçou os dogmas católicos que o jovem poeta havia aprendido no espaço familiar e nas vilas por onde vivia antes de começar o curso de Direito. No poema *A grandeza de Deus*, a crença na existência de Deus apareceu como em inúmeros poemas através da descrição de fenômenos da natureza, uma visão da natureza¹²⁴ sacralizada e providencialista do pensamento católico no Brasil.

Que cena majestosa se me ofeça
Onde quer que um olhar pasmoso fite!
Que notas, que harmonia deleitável
Respira a natureza que me cerca!
Aqui manso ribeiro o prado corta,
Ali mais apressado o rio rola,
Mais além ronca o mar em fúria acesso!

[...]

Que pode um grão de areia movediça
Contra a rocha em que o mar se quebra iroso?
Que pode pobre argila sobre argila
Contra Deus que sustenta mundos infindos?
(2015, p. 12-13)

Quando fala da seca, atribuí a chegada da chuva a Deus, como no poema *A canção do serrano*. A seca do sertão vem de sua memória pessoal e da mudança do tempo da natureza,

¹²² Segundo Lília Moritz Schwarcz, em *O espetáculo das raças*, a “mudança para Recife em 1854 assinalará, por sua vez, uma guinada tanto geográfica como intelectual. É só a partir de então que se pode pensar em uma produção original e na existência de um verdadeiro centro criador de ideias e aglutinador de intelectuais engajados com os problemas de seu tempo e de seu país”. (p. 146). Segundo a perspectiva de Swcharcz e de outros trabalhos da historiografia brasileira sobre a década de 1870, ela representou “uma marco para a história das ideias no Brasil, uma vez que representa o momento de entrada de todo um novo ideário positivista-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um papel fundamental”. (2011, p. 14).

¹²³ Para uma visão crítica da teologia da ilustração de influência portuguesa entre o clero do bispado de Pernambuco, nos baseamos em SIQUEIRA, Antônio Jorge. *Os padres e a teologia da Ilustração*. Pernambuco. 1817. Recife, Pernambuco: Ed. Universitária UFPE, 2009. Analisamos, nesse caso, os desdobramentos dessa doutrina moral e os comportamentos relacionados a ela, seus impactos na formação intelectual dos professores e dos alunos da faculdade em Olinda e depois em Recife. Uma faculdade surgida de dentro do Seminário da cidade, evidenciando a relação desse bispado com as questões jurídicas do Império no momento da instalação dos cursos superiores no país.

¹²⁴ “Para a formação do eclesiástico desse tempo de Ilustração, o bispo ensina que a Natureza é fonte de conhecimento e epifania de Deus, portanto ela tem uma função altamente pedagógica, ainda mais em se tratando de tempos como aqueles em que a humanidade aborrece a ignorância como a “des-razão””. (SIQUEIRA, 2009, p. 112)

vista como um mandamento ou uma ordem divina. Para o sertanejo da sociedade pecuarista, a criação do gado no sertão era uma maneira frequentemente utilizada para datar os anos ou as épocas, uma cronologia secular do tempo baseada geralmente nos registros de nascimento e de venda do gado para outras províncias, incorporada pela política provincial de fiscalização e de cobrança dos impostos e dízimos dos proprietários de gado. Contudo, a seca¹²⁵ continuava sendo um fenômeno de ordem sobrenatural e, também natural, sacralizada por uma visão que produziu a submissão do homem as forças naturais, sendo incorporada na construção romântica da saudade do sertão. Segundo Durval Muniz:

Todas estas maravilhas do sertão somente a seca destrói, ela transforma, muda o sertão, o que incomoda profundamente os homens pobres, que traçam, pois, no seu discurso, uma espécie desublimação do verdadeiro sertão, criando um forte contraponto entre realidade de antes e realidade durante a seca. (MUNIZ, 1998, p. 122)

No entanto, esse discurso tradicional sobre a seca que encontramos presente no poema, não era um discurso literário dominante na construção narrativa do sertão entre as províncias do Norte. Na visão desse poeta sobre a província do Piauí, predominava a construção da imagem de uma província constituída largamente de fazendas de gado, mantendo uma produção agrícola voltada para a subsistência, seguindo no presente uma visão cíclica do tempo natural entre verão e inverno, e no caso da pecuária, um tempo da sociedade baseado no nascimento das novas crias e nas vendas dos rebanhos de gado. A chegada do inverno, ou do tempo das “chuvas” reforçava a crença do sertanejo, e do próprio poeta, de recuperar as “perdas passadas” ameaçadas pela seca. Os “primores” da natureza se confundem com o sentimento da saudade das “maravilhas” que “vem lá do sertão”:

Agora a seca arreventa,
Coragem! Meus filhos, fé!
Teremos bastante chuva,
Boa safra de café.
Garças à Virgem Maria,
Louvores à San José.

Esta noite ouvi a porta

¹²⁵ Em **Falas de angústia e de astúcia**, o historiador Durval Muniz buscou “explicar o porquê da seca ter se tornado um tema privilegiado dos vários discursos dos diversos agentes sociais e instituições da região, somente a partir da grande seca de 1877, quando era um fenômeno que atingia a região secularmente; porque só aí ela se tornou “problema” que requeria soluções a nível nacional.” (1998, p. 10)

Muitas vezes estalar;
 Esta noite a rã esteve
 Constantemente a raspar...
 São sinais de bom inverno:
 Vamos, rapazes, plantar.

[...]

Não invejo o pão das praças,
 Pois temos a nossa de aipim;
 Não há nada mais gostoso
 Como o nosso gergelim,
 Como a nossa tapioca
 E o beiju co'o mondobim.

[...]

Não invejemos a vida
 Que desfruta o cortesão:
 Somos aqui poderosos,
 Somos nobres que mais não:
 Temos a enxada por cetro,
 O machado por brasão.
 (2015, p. 153-156)

O discurso tradicional da seca do sertão ainda não configurava um “problema” regional das províncias do Norte antes da década de 1870. Esse discurso da seca estava restrito aos limites das províncias, repercutindo somente no âmbito do poder provincial e local. O fenômeno da seca foi sendo incorporado pela poesia romântica, construindo uma visão do sertanejo como homem da “serra”, da “roça” e das “catingas”, que tem conhecimento das forças da natureza, um saber adquirido pelos sinais que evidenciam a intensidade das chuvas esperadas no sertão. José Coriolano não poderia falar em nome do sertão como área “flagelada” da região norte, pois a “seca do Norte” ainda não havia sido recortada como espaço regional no país. Nesse momento, a imagem do sertão está relacionada com a construção política do sertanejo do Piauí para os leitores da praça, mais precisamente para o público dos periódicos impressos na cidade do Recife. Enquanto isso, o discurso separatista e federalista produzido em Pernambuco projetava sua proeminência no interior das províncias do Norte, entrando em confronto com o regime monárquico e com as medidas de centralização do poder nacional entre as províncias do Sul.

Já funcionando em Recife no ano de 1856, a faculdade passava por inúmeros transtornos por conta da mudança e com a frequência dos estudantes, em sua maioria filhos das elites rurais das províncias vizinhas e da própria província de Pernambuco. Alguns traços biográficos do autor, geralmente escritos por familiares que reivindicaram uma defesa de caráter memorialista

desse poeta, nos mostram um estudante comprometido com as aulas ao ponto de receber a admiração de alguns lentes, como eram chamados os professores de cursos superiores nessa época¹²⁶. O contato cotidiano com a praça comercial da capital pernambucana afetava o estudante de forma ambígua, porque ensejava sua preparação para formação acadêmica como bacharel em Direito, ocorrida no ano de 1859, e ao mesmo tempo o fazia reagir ao tempo da praça, “onde tudo passa”, escolhendo valorizar a construção de um discurso literário com saudades do sertão pecuarista.

A visão jurídica de cidadão nessa época, que o estudante ouvia e lia em suas aulas de Direito, um sujeito elaborado pelo vocabulário jurídico e político do Império, confrontava com a ausência nesse vocabulário do homem sertanejo, vivendo longe das praças e de uma sociedade urbana, que o poeta passava a pôr em questão nos seus poemas. Entre os interesses políticos em elaborar o espaço do Piauí pela escrita literária, os poemas montavam a imagem do sertão sem praça e sem comércio, como um imenso curral de gado que se imbricava sem conflito com a visão harmônica da natureza romântica. O Piauí em sua visão romântica seria a imagem sertaneja da fazenda de gado constituída por uma sociedade pecuarista. Portanto, diferente do discurso político enunciado acerca do sertão nos relatórios do presidente Antonio Saraiva, que esperava esse espaço piauiense incorporado aos principais centros do Império em nome da civilização.

O discurso poético elaborado por José Coriolano passou a entrar em confronto com o ideal de civilização projetado da Corte, colocando em questão o “modo viver das praças”, certamente as novas sociabilidades que apareciam nas principais capitais, dentre elas, as transformações urbanas e sociais na cidade de Recife.

Retomando a série de poemas que analisamos acima, podemos perceber a invenção política desse discurso literário, ora como retorno ao lugar do seu nascimento e de seus familiares, ora como passado de reação política do sertão contra as mudanças produzidas no país a partir das praças e grandes cidades brasileiras. Sua composição poética estava em sintonia com o verso romântico e com determinados recursos estilísticos dessa forma de fazer poesia, especialmente forjando a oposição entre “lá” e “cá”, que desde Gonçalves Dias já havia sido construída para falar do Brasil, só que a partir de uma Europa moderna. Todavia, José Coriolano elaborou politicamente essa disputa espacial entre “lá” e “cá” na relação entre sertão e praça, pintando de forma pitoresca e exótica tanto a imagem do índio, uma marca particular dos românticos, como incorporando nessa narrativa do sertão e do sertanejo o processo de

¹²⁶ FERNANDES, 2015, p. 351.

elaboração do conceito de *minha terra*. No poema *A virgem do Crateús* é possível observar essa fusão entre o índio e o sertanejo na poesia de Coriolano:

Há na minha província uma ribeira,
Um sertão, onde eu vi a vez primeira
Sorrir-me da existência a doce luz:
Tem o nome da tribo que o habitava,
Quando ao rude tapuia entregue estava,
Esse nome, sabei-o, - “Crateús.”

[...]

Oh! E quanto eu te adora, ó minha imagem!
Gemerei; mas não temas vassalagem,
De meu peito pra outra: oh! isto não.
Sou firme como a rocha combatida,
Donde a vaga recua espavorida,
Como a fé que desprende a contrição.

Linda virgem, feitiço de minh'alma,
Nem sabes quanto sofro! Em doce calma
Tu, porém, bebe o ar desse sertão!
Linda virgem, meu anjo, meu tormento,
Sobe às asas sutis do vento veloz
Vem dar-me um lenitivo ao coração.

Não é moça, meu Deus! - é uma ideia
Angélica, querida, que volteia
Em torno à mente minha: mulher não!
É talvez, um sorriso da SENHORA,
Transformado em imagem sedutora
Que pede neste mundo adoração.
(2015, p. 57-60)

Portanto, os interesses poéticos pela construção romântica do sertão e do sertanejo antecedem, por exemplo, romancistas nacionalmente conhecidos do público, como José de Alencar e Bernardo de Guimarães. Desconhecido e autor de um único livro, esse poeta passou a ser lido em diferentes províncias do país e na capital, apesar de Franklin Távora¹²⁷ dizer que na capital seu livro ficou na vidraça da livraria por meses, acreditando que ele possivelmente teria sido seu único leitor no Rio de Janeiro¹²⁸. Seus versos já circulavam nas décadas de 1850

¹²⁷ “Na fiel pintura dos costumes do norte, José Coriolano excede G. Dias, musa elegante, generalizadora, erudita, e só encontrava rival em Juvenal Galeno, sumamente popular, quer na poesia quer nos ensaios de dramas e de romances [...]”. In: www.bn.br/hemeroteca. **O Paiz**. Órgão Especial do Commercio, Maranhão, 11 de agosto de 1883, nº 178, p. 1.

¹²⁸ “Cumpro, porém, observar que o livro foi mandado para esta corte. Em 1872 vi um exemplar na vidraça de uma de nossas livrarias. Mas passou despercebido. Morreu como tantos outros, sem leitores, sem crítica.”. In: www.bn.br/hemeroteca. **O Paiz**. Órgão Especial do Commercio, Maranhão, 10 de agosto de 1883, nº 177, p. 1.

e 1860, quando foram publicados em jornais e revistas, principalmente, impressos na cidade de Recife. Todavia, o estudante não publicava apenas versos e rimas com seus poemas nos jornais, porque também moveu sua pena em textos políticos ao se envolver em conflitos oligárquicos da província piauiense, principalmente, os acontecimentos ocorridos na vila de Príncipe Imperial, o principal deles, o assassinato do padre Inácio Melo.

O tema da viagem de volta ao sertão parece ser algo recente na literatura brasileira, situado basicamente como produção literária do romance de 1930¹²⁹. No entanto, com essa poesia, escrita em meados do século XIX, a saudade de retornar ao sertão era misturada com os interesses sociais e políticos de permanência de determinados costumes, crenças e comportamentos da sociedade pecuarista, de costumes como morar na fazenda, dormir de rede, de caçar, etc. Costume de caçar tratado no poema O velho caçador de onça. Nesse poema, o poeta cantava as façanhas de um caçador, que teve uma das mãos arrancada por uma onça, e mesmo assim continuou em sua saga de caçador¹³⁰.

A narrativa oscila a primeira pessoa entre o poeta e o cantador, este último o velho caçador, “filho destas catingas/Donde vóis também sois”. O caçador convoca seus “camaradas” para um combate sem medo com a onça, e contava com a força de cães, como o “fiel tubarão”, “brioso” e exaltado dentre os cães. Nessa simbiose entre personagens e o poeta, nos interessa problematizar a separação como código moral feita desse espaço, da catinga diante da cidade e do cortesão, em versos como esse: “Nunca andei pelas cidades,/Nunca passei do sertão,/Nunca rojei, suplicando,/Pelos pés do cortesão.”. Portanto, o tema da viagem ao sertão aparece em diferentes poemas, através dessa perspectiva que tomava a cidade e o cortesão viajando através de cantorias, parselhas e canções para encontrar o sertão ou a “cattinga”. E termina o poema dizendo “Eis a rude canção que cantava/O Senhor do fiel tubarão,/ Que zombava do mundo e das onças/ E dos males, das eras de então.”. (Idem, p. 124).

¹²⁹ Para uma visão a respeito da literatura com o tema da seca, mais precisamente da seca do sertão no Piauí, em escritores posteriores a Coriolano, nos baseamos em SILVA, Maria Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

¹³⁰ Enquanto o discurso poético do “poeta-caçador” e do Piauí valorizava as caçadas do sertão feitas por homens que nunca haviam saído desse espaço, os regimentos e os códigos de postura, após a criação das Assembleias provinciais, estabeleciam regras de prática da caça diante da ampliação da “décima urbana” em Teresina, como podemos observar no edital do Chefe de Polícia do Piauí em 1859: “6º - Fica proibido o exercício da caça nos subúrbios da cidade, o que todavia pode ter lugar em distancia de mil braças dela, tendo os caçadores ordem deste repartição, na qual se declarará as armas de que devem usar. Os contraventores serão punidos com as penas do citado artigo 3º da lei de 26 de outubro de 1831. (CHAVES, 1998, p. 61). Antes disso, na década de 1830, a Assembleia do Piauí havia aprovado a execução das posturas municipais da vila de Jaicós, dentre elas o artigo 25º que dizia ser proibido caçar em terras alheias sem a “licença dos donos”, além de dar um prêmio de 4 mil réis por cada onça morta em caçada, conforme o artigo 35º. **Arquivo Público do Estado do Piauí**. APEP. CAB. Caixa de Jaicós. Piauí. 1835.

A partir da praça, o poeta sentia saudade de um moral católica da confissão e das missas na vila e nas fazendas, de rituais privados para alguns grupos nas desobrigas e aberto em suas novenas e seus festejos. Saudade do sermão da missa dito sem interesse e da crença em Deus sem dúvidas¹³¹. Saudade do contato com a natureza no pensamento e no sentimento, da natureza criada por Deus em suas criaturas, nos animais, nos fenômenos naturais e nos homens, estes últimos os mais frágeis na visão poética desse romântico. Um homem feito do barro, assim como na visão bíblica do catolicismo, só que agora também feito da “catinga”. A construção da imagem do sertão ou da “catinga” está relacionada com a crença de criação divina da natureza, uma crença que constituiu o catolicismo no sertão como devoção¹³² a terra, que segundo Antônio Jorge Siqueira, foi produzida por uma visão “barroca” dos ritos privados da religiosidade sertaneja. No poema, o caçador diz ao poeta:

Sou filho destas catingas,
 Donde vós também os sois;
 Nunca temi o novilho,
 Como a onça temer pois?
 Co’o ferrão topo-os na testa,
 Inda vindo dois a dois!
 Nem me abate o frio inverno,
 Nem de agosto os quentes sói.

[...]

Desprezei o casamento,
 Do mundo não quis saber;
 Meus pobres pais em meus braços
 Eu vi-os também morrer.
 Poucos amigos me restam...
 As onças vivo a bater.
 - Sou cristão, assisto à missa,
 Confesso-me; eis meu viver.”
 (2015, p. 125)

¹³¹ “O romantismo é contemporâneo do grande drama humano que passa a ser a possibilidade da inexistência de Deus, da morte do criador, que deixa as criaturas desamparadas em um mundo com uma história sem sentido manifesto. A história e a literatura serão formas distintas de lidar com esta ausência, formas distintas de procurar cauterizar esta ferida. O homem lançado para o centro do mundo, pensado como o criador de seu próprio universo, torna-se autor e sujeito de sua história e de sua obra.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 125-126)

¹³² “A religiosidade sertaneja registra, de há muito, uma histórica ausência do padre na assistência dos fiéis, no ensino da doutrina, na administração sacramental e na orientação espiritual dos cristãos. Na ausência dessa liderança espiritual, os fiéis, influenciados pelo carisma dos messias e beatos, desencadeiam uma imaginação devocional centrífuga e até certo ponto subversiva e blasfema, onde cada um dos messias e beatos se apresenta como halo de santidade [...]” (SIQUEIRA, 2014, p. 280)

A solidão na cidade do Recife, a urbanização crescente nessa capital, perturbava o processo de construção poética e política do poeta¹³³. A negação de uma moral dos prazeres¹³⁴ da cidade, vivida na praça, tem um tom melancólico e de frustração diante do que ele esperava não viver na cidade. O incômodo com o inesperado e com a incerteza dos homens e da sociedade fazia de sua poesia a crença de esperar que tudo fosse governado por Deus e por forças invisíveis, como da natureza, forças entendidas no sentido bíblico e misterioso da palavra, os céus, o mar, o vento, a terra, etc. A “solidão” do mar e da praia era vista como força da natureza criada pela grandeza de Deus. Somente quando o sertão passou a ser a imagem dominante da seca de *minha terra*, quer dizer, de uma zona do norte, quando a seca de 1877-1879 foi descoberta pelas elites¹³⁵, como forma de falar em nome da região, para receber recursos do Império transformados em benesses particulares, que ocorreu a formação de um discurso onde natureza e *minha terra* eram vistas como sinônimos para falar da seca do sertão¹³⁶.

A saudade do sertão o lançava nesse espaço sentimental recortado pela poesia romântica, que nascia do começo da relação entre a subjetividade do poeta e a descrição do narrador-viajante¹³⁷. O poeta provinciano dos poemas de José Coriolano vai ser capturado pelo regionalismo de Franklin Távora para falar em nome das províncias do norte. Portanto, apesar de recortar o Piauí como o sertão de *minha terra*, lugar de nascimento do poeta, esse espaço é principalmente elaborado por um discurso saudosista de desenraizamento dele, daí esse interesse permanente de retornar para viver um tempo que estava sendo transformado em

¹³³ Para entender a saudade na poesia de Coriolano não somente como uma maneira de mostrar a oposição entre sertão e praça, passado e presente, velho e novo, como a construção de um tempo de retorno ao sertão não somente como “apego ao passado”, é preciso pensar a solidão na vida de Coriolano em Recife no cruzamento de diferentes tempos, uma cidade que se modernizava sem romper com as relações de poder dominantes estabelecidas pela sociedade açucareira. Segundo Antonio Paulo Resende, em **Ruídos do efêmero**, com “jornais e revistas da época, memórias, cartas, os impactos da modernidade vão sendo lidos numa cidade onde a convivência do novo com o velho é marcante. O Recife se define pela cultura de tradições, tomada por alguns como essência de sua história. Havia um certo descaso com as outras histórias do Recife, com a hegemonia da política e do passado escravista, ficando quase inadmissível compreender a existência de processos de modernização.” (2010, p. 88)

¹³⁴ “Quem quiser fazer a história de uma “moral” deve levar em conta diferentes realidades que essa palavra engloba. História das “moralidades”: aquela que estuda em que medida as ações dos indivíduos ou tais grupos são conformes ou não às regras e os valores que são propostos por diferentes instâncias. História dos “códigos”, a que analisa os diferentes sistemas de regras e valores que vigoram em uma determinada sociedade ou em um grupo dado, as instâncias ou aparelhos de coerção que lhe dão vigência, e as formas tomadas sua multiplicidade, suas divergências e suas contradições.” (FOUCAULT, 2009, p. 37-38)

¹³⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 409.

¹³⁶ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 258.

¹³⁷ “Percorrer o país, registrar a paisagem, colher tradições: esta a tarefa não só dos viajantes estrangeiros que visitam e definem o Brasil nas primeiras décadas do século passado, este o papel que se atribuem também escritores e pesquisadores locais à época. [...] É dentro de certos poemas, da prosa de ficção e das primeiras tentativas de “história nacional” que parecem se escrever esses relatos e se alojar esse viajante local em busca de paisagens, memórias e tradições “curiosas”.” (SUSSEKIND, 2008, p. 55)

passado do país¹³⁸. Haja vista que determinados poemas não possuem somente um aspecto dos cantos de trovadores ou cantadores, sendo escritos para um público letrado e da cidade. Para leitores de jornais das capitais e para poucos leitores das médias e pequenas cidades e vilas. Poemas impressos em jornais que chegavam à cidade de Teresina e eram enviados para os municípios, geralmente incorporados em folhas e periódicos com as notícias oficiais de governos e da província.

Na metade do século XIX, a imagem do sertão mobilizava politicamente um arquivo de imagens e de textos do Piauí que o definiram como lugar atrasado e de pessoas rudes, sem instrução e sem comércio. Porém, sua emergência na poesia deslocava esse vocabulário para forjar um discurso “natural” do lugar, refazendo essa semântica histórica¹³⁹ ao usar de forma diferente o mesmo vocabulário de palavras. Um sertão poético diferente do sertão político que aparecia nos relatórios de governo, no caso dessa província, discursos políticos em larga medida multiplicados em novos relatórios. Se a seca nascia no discurso dos relatórios, ofícios, correspondências de governo como problema local e provincial, no discurso poético ela retratava um momento de dificuldades de fazendeiros, isto é, da elite, e outros grupos sociais de pequenas vilas e vastas freguesias, sem com isso, ser priorizada para a elaboração do recorte geopolítico do sertão inserido no Norte do país.

Em câmaras municipais, como da vila de São Raimundo no Piauí, o sertão pouco a pouco vai sendo recortado naturalmente como espaço da seca, que afetava esse lugar situado nos “mais altos sertões” do Piauí¹⁴⁰. Por isso, quando a seca foi nacionalizada como “problema” do Norte, o “modo de viver” sertanejo já havia sido projetado como característica natural dos costumes de pessoas ou dos grupos locais da província do Piauí e do interior de outras províncias. Com a elaboração da imagem do sertão romântico se encontrando com o discurso regionalista da “seca do Norte”, as elites oligárquicas dessa província despertavam para se apropriar da seca, como da imagem do sertão do Piauí; só que agora, com interesses políticos e

¹³⁸ “Não há dúvida que uma das causas de semelhante estado de espírito se encontra no triunfo da cultura urbana contemporânea, sobre o passado em grande parte rural do Ocidente. A mudança mais ou menos brusca do ritmo da vida econômica e social, com o advento da mecanização, tornou obsoletos um sem número de valores centenários, alterando de repente a posição do homem em face da natureza.” (CANDIDO, 1981, p. 29)

¹³⁹ “A batalha semântica para definir, manter ou impor posições políticas e sociais em virtude das definições está presente, sem dúvida, em todas as épocas de crise registradas em fontes escritas”. (KOSELECK, 2006, p. 102)

¹⁴⁰ “Uma vez que há dois anos nada se tem colhido das plantações feitas neste município, situado nos mais altos sertões desta Província, quase no [ilegível] das águas e limites desta com as da Bahia e Pernambuco, mas que por suas terras secas, porém apropriadas a cultura de toda sorte de cereais, não só abastecia a seu mercado de tais gêneros, como até fornecia as vizinhas, com abundância pelos preços de reis 1000 até 640 a quarta de 64 litros, a passo que hoje os paga aos preços de réis 20\$000 até 32\$000 na mesma medida; a falta que já se encontra nos extremos”. **Arquivo público do Estado do Piauí**. APEP. CAB. Caixa de São Raimundo. Piauí. 1878.

econômicos de inserir o sertão no espaço da nortista, que passava a ser recortado pelo “fenômeno da seca” a partir do final dos anos de 1870, com os efeitos de repercussão nacional da seca de 1877-1879.

O sertão poético que não mostrava os conflitos sociais no interior dessa sociedade, produzido por um discurso de apologia da pureza e de sua rusticidade, vai sendo convertido pelos jornais e governos em característica natural do sertão e do sertanejo para resistir às mudanças que vivia o Brasil, como a imigração, a crise da escravidão, as colônias agrícolas, a urbanização, etc. O sertanejo avesso ao conflito, pacato, ensimesmado, vai sendo visto como um homem que acreditava ser fruto de uma vida bruta, assim como era bruta a forma de lidar consigo nas fazendas e com a sociedade, e agora com a própria poesia. Uma poesia do “bruto que entre os seus foi respeitado;/Possam mostrar que quem os brutos canta/Do mundo ao criador a voz levanta.” (Idem, p. 227)

Então, quando falava desse espaço piauiense de onde ele vinha, a sua forma política de organizar de maneira uniforme esse espaço era narrando do sertão, ao forjar uma imagem provinciana para lidar com o processo de desenraizamento pelas suas saídas do Piauí, seja para estudar direito em Recife, seja para ser burocrata do poder judiciário no Maranhão, e mesmo político em governos do partido liberal no Piauí. Sua política da saudade era uma forma de defender esse sentimento de sua ausência do Piauí, de inseri-lo como espaço sertanejo de reação as mudanças do tempo e da sociedade durante do Segundo Reinado. Esse interesse político pela literatura se encontrava no campo semântico com a política feita pelo discurso dos relatórios, produzindo um mesmo vocabulário com a imagem, que os presidentes da província elaboravam do Piauí como espaço de “nossos sertões”, sendo que a literatura fundava nessa semântica histórica sua elaboração narrativa. A diferença da imagem romântica do sertão era vista com estranhamento, e seus versos construíam uma versão própria de legitimação ordem dominante estabelecida a partir das relações de dominação das fazendas sobre o começo das transformações do espaço urbano no Piauí, projetadas pelas expectativas nascidas com a mudança da capital para Teresina. Segundo Gustavo Vilhena, a obra de Hermínio Castelo Branco:

foi um processo de inversão total desta ordem do discurso político produzido no contexto de mudança da capital. A felicidade e a prosperidade foram remanejadas do universo urbano para o universo rural, esvaziando-se o ideal de civilização do monopólio deste dois elementos. A cidade foi rebaixada para a categoria de obstáculo, pois a materialização desta utopia rural dependia do afastamento e do distanciamento de qualquer relação com ela. Configurou-a, também, na forma de objeto, já que servia de parâmetro moral de definição de comportamento considerados virtuosos e identificados com a vida *sertaneja*. Dessa forma, a *Lira Sertaneja* representou um

esforço, no campo literário, de construção de saberes alternativos sobre objetos já mobilizados no campo político, em especial a imagem do *homem do sertão*, seus costumes e as características do coletivismo rural que materializava essa sociedade particular. (VILHENA, 2016, p. 244)

Com Franklin Távora, o estranhamento já era visto como a presença do estrangeiro, através da entrada crescente de mercadorias e pessoas no país, com a elaboração discursiva que regionalizava essa presença do estrangeiro separada da região norte do país. Porém, com José Coriolano, o estranhamento da praça era vivido por ele e por outros filhos das oligarquias de diferentes províncias. O raio de atuação da faculdade de Direito nos possibilita compreender como foram montadas as ligações sociais entre eles, através da formação literária e política na capital pernambucana¹⁴¹. Por isso, a problematização do sertão na poesia nos possibilita perceber o estabelecimento de códigos morais do sertão a partir da praça. Um sertão romântico onde quase não existiam escravos e escravidão, apesar desse poeta ter sido nomeado perito para examinar uma partilha de escravos de um inventário na vila de São Raimundo.

Retornar para o sertão era em larga medida lidar com uma narrativa que apagava os conflitos sociais dessa sociedade, se contrapondo politicamente ao “modo de viver” da praça na escrita poética. Significava ir ao sertão como forma de encontrar um tempo passado e mítico, que reagia às mudanças do presente, sacralizando a ordem familiar católica e o respeito à hierarquia de nascimento das pessoas, muitas vezes vista como de sangue e de família. Retornar para o sertão para ver os pais, a musa, a fazenda, o rio, etc., foi incorporado aos diferentes temas de viagens pelo narrador oligárquico e senhorial¹⁴² que emergiu em suas poesias, e depois no cronista presente no romance de Alencar, com cenário e personagens do sertão cearense dos “tempos coloniais” aparecendo na região das secas¹⁴³. Portanto, sua concepção de natureza era resultado de uma provincialização do Piauí no movimento romântico, inserindo essa província através dos principais elementos poéticos do movimento romântico.

Saudade¹⁴⁴, neste sentido, não era somente uma viagem de volta à terra de nascimento, mais também uma viagem de volta em busca de tentar reviver o passado, uma prática discursiva

¹⁴¹ Segundo Lília M. Schwarcz, em **O espetáculo das raças**, a geração de 1870 da Escola do Recife se aproximou muito mais da ciência e do positivismo do que da metafísica e do romantismo. Nesta perspectiva, a metafísica e o romantismo haveriam marcado a geração anterior na formação do “grupo de letrados” que viraram poetas, como José Coriolano e outros. (2011, p. 147)

¹⁴² SUSSEKIND, 2008, p. 187-188.

¹⁴³ “No narrador cronista, a redução do espaço geográfico a percorre parece, de um lado, ter ampliado as possibilidades de movimentação inesperada, de captação de detalhes, e, de outro, ter dado margem ao registro de “impressões pessoais e intransferíveis””. (SUSSEKIND, 2008, p. 231).

¹⁴⁴ Segundo Durval Muniz, os românticos “buscarão transferir a sacralização que era devotada ao divino para os feitos humanos e alguns homens, aqueles gênios ou heróis que, mesmo mortais, teriam realizado obras

de tornar a ver de novo o que passou. Um desejo de imortalizar o que aconteceu na vida e na sociedade. A distância que o afetava era preenchida pela saudade de algo ausente, pelas sombras de um tempo que não voltava mais ao presente, e que insistentemente seus poemas não se cansavam de perseguir. A volta ao sertão do Piauí vai sendo elaborada com a própria saudade de que o tempo histórico não modificasse essa sociedade. O homem do sertão, seja o sertanejo ou o catingueiro, é um ser afetado constantemente com as incertezas do presente, e recorrendo ao passado vivia de sentir saudade. Essa reação ao presente, de que nos fala Durval Muniz, define muito bem determinados espaços do país construídos como espaços da saudade¹⁴⁵, e também de grupos sociais que reagiam as mudanças que surgiam com o debate de problemas nacionais dessa época.

O povo do sertão, sertanejos ou catingueiros do Piauí, saía do seu lugar provinciano de nascimento para ser alojado e conhecido em cidades e em outras províncias. O que a poesia levava no corpo e na memória do sertanejo eram as preferências e os desejos de que estes não fossem transformados pela vida que levavam os homens e a sociedade da praça. Contudo, o que vemos é que o cantador e o povo de seu canto poético têm sua experiência de cantorias da oralidade organizadas na escrita pela narrativa do sertão. Ainda jovem, o negociante José Coriolano levava para São Raimundo mercadorias para vender junto com seu irmão Jeronimo na feira dessa vila, entre o final da década de 1840 e o início dos anos de 1850. Mercadorias comercializadas na feira dessa recém criada vila, em um largo da única praça rodeada pela igreja e por dezenas de casas, tanto de telha como de taipa, em feiras provavelmente mensais, onde eram vendidos requeijão e jerimum, o milho e o arroz, o sal e a pimenta, etc. Dessa experiência de viajar por diferentes lugares do Piauí, ele escutava o “rojão” das trovas e das violas dos cantadores, que eram reelaborados em seu discurso como um canto do povo sertanejo e do sertão. No poema O Piauí, o poeta tomava o conceito romântico de *minha terra* para construção da imagem sertaneja do Piauí:

Vós pensais que minha terra
Menos que as outras encerra
De beleza e de primor?
Enganai-vos: é tão bela,
Tão prendada que como ela
Poucas há, se alguma o for.
É terra, cujas campinas
Se matizam de boninas.

transcendentes, vencendo as sombras do tempo para brilharem eternamente através de seus feitos e de seus escritos”. (2006, p. 126)

¹⁴⁵ Para uma visão da saudade e da invenção do Nordeste, filho das “ruínas” do Norte, ver o capítulo *Espaços da saudade* em **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009. Págs. 78-88.

(2015, p. 34)

Na praça, os homens estariam carregados de desejos e de obsessão pelo advento de uma nova sociedade, diante do momento de mudanças sociais nas principais cidades do país. Nestas cidades, e, sobretudo nelas, mudavam permanentemente a feição urbana do país, aumentavam os prédios, as ruas e as avenidas que modificavam as cidades, e com isso mudava a própria visão que a sociedade e os homens tinham delas. Na praça e na cidade, a saudade era vista como uma maneira de reagir às mudanças da época, como de viajar no barco a vapor ou de trem, de se deslocar pela cidade de bonde ou de frequentar o teatro e os bailes noturnos.

As novas práticas de sociabilidade da cidade, que apareciam com a palavra praça, eram códigos morais silenciados por essa política da saudade. A saudade que sentia do sertão deslocava sua experiência da praça para forjar limites entre o modo de viver de cada um, ao alojar essa experiência urbana na construção do outro, o pracião. A praça era evidenciada por esse discurso de sua separação de si mesmo, neste caso do sertão, que de modo ambíguo negava politicamente os prazeres da cidade. Voltar ao sertão estando na cidade era uma forma de sociabilidade como recusa da nova sociedade urbana, comercial e citadina emergente nas principais capitais do país.

A saudade era um sentimento individual e coletivo, que homens do sertão na praça inventavam para lidar com o espaço, o tempo e a memória, neste caso, através da literatura. Por isso, a narrativa é um processo histórico ambíguo, porque ao mesmo tempo em que significava passar a viver o novo e as incertezas da viagem e da mudança, também era uma espécie de “retorno” para fabricar na poesia uma história e uma literatura recheada de costumes locais e provincianos. O espaço piauiense fabricado nessa “lira sertaneja” vai emergir como espaço da saudade, de pessoas e de uma sociedade que insistia em reagir às mudanças do tempo e da história¹⁴⁶. Sendo formada uma oligarquia¹⁴⁷, porque era o poder de um discurso elaborado por

¹⁴⁶ Para Emília V. da Costa, um “compromisso tácito estabeleceu-se entre os homens que freqüentavam os salões e os cafés do Rio de Janeiro, que faziam construir edifícios e jardins à moda europeia e citavam autores estrangeiros em seus discursos, e os líderes sertanejos que permaneciam nas fazendas, raramente vindo à cidade. Dividiram-se as áreas de influência e de prestígio. O bacharel, ao contrário do que se diz, não se opôs ao patriarca. Frequentemente conciliou. E quando não o fez teve sua atuação limitada por lhe faltarem bases sociais às suas reivindicações mais radicais. Ele próprio não se sentiria, no Brasil do século XIX, capaz de outras alianças”. (2007, p. 266-267)

¹⁴⁷ Pensamos o conceito de oligarquia para analisar a imagem do sertanejo entre as décadas de 1850 e de 1870, não somente como produto do exercício do poder das elites rurais sobre grupos dominados dessa região. Pois, na medida que o surgimento de uma elite regional reuniu as oligarquias das províncias do Norte em torno do discurso da seca, eram apagados momentaneamente os possíveis conflitos econômicos e sociais entre as províncias dessa região, uniformizando um “discurso de uma parcela da classe dominante brasileira que se dirige a outra parcela,

filhos da elite pecuarista, principalmente em Recife e depois no Rio de Janeiro, de sua dispersão vinda de diferentes províncias onde predominava a pecuária. Provinciana, pois estava preocupada em construir um ritmo do tempo que obedecesse às mudanças ordenadas mais pela natureza do que pelo homem, tomando o funcionamento “cíclico” da pecuária e da agricultura no sertão como uma forma dominante de medir o tempo e o alcance das mudanças dessa sociedade.

Sentir o tempo nessa sociedade pecuarista significava lidar contra aquilo que a ameaçava, em larga medida significava lutar contra as mudanças históricas dessa época. No geral, a poesia romântica de José Coriolano é tanto uma preocupação moral¹⁴⁸ de sua memória pessoal, como se aproxima de uma narrativa histórica. Ela quer guardar aquilo que aconteceu no passado, como uma dada forma de parar e de eternizar o tempo, por isso, ele expressava a saudade do sertão na literatura, e o sertanejo aparece como herói dessa luta contra a praça. Enquanto isso, as mudanças da praça arrancavam do lugar de nascimento os homens dessa sociedade pelo processo de desenraizamento, lançava-os no devir de mudanças do país, em um tempo “onde tudo passa”, passam diariamente pessoas, mercadorias, transportes, jornais, leis, etc. A saudade do sertão nessa poesia, e também na prosa romântica, é contrária as mudanças da história, quer ser a memória coletiva dessa sociedade pecuarista, e por isso vivia de alimentar a memória desse personagem, o sertanejo, como forma de resistir às mudanças econômicas e sociais do tempo histórico.

Fazer uma história da sociedade sertaneja no Piauí, entre os anos de 1850 e 1880, significa questionar como essa literatura expressou o tema da saudade do sertão e suas formas de lidar com a natureza, a memória e o tempo na constituição desse espaço provincial. O poder do discurso da saudade do sertão nascia, portanto, na segunda metade do século XIX, momento em que as mudanças em diferentes províncias alteravam o recorte político e o arranjo entre as elites dessa parte do país¹⁴⁹, algo que o historiador precisa estar atento não somente para entender o sertão e o sertanejo como cenário e personagem de um determinado lugar do país, como descrições de seus costumes, crenças e hábitos antigos, que constituem o passado

um discurso regional e, portanto, identificado com uma fração da elite dominante que habita uma determinada região”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 264)

¹⁴⁸ “Em suma, para ser dita moral uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código que se refere, mas ela implica também uma certa relação a si [...]. A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral a outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições”. (FOUCAULT, 2009, p. 37)

¹⁴⁹ “O ano de 1877 é erigido como marco da própria decadência regional, como um momento decisivo para a derrota do Norte diante do Sul. Um momento de transferência de poder de uma área para outra.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 72)

brasileiro. Na verdade, precisamos repensar a imagem do sertão da segunda metade do século XIX, como construção de um espaço político pela linguagem literária. Os desejos de falar em nome deles na literatura se constituíam em interesses políticos de determinados grupos, lugares e sociedades que homogeneizavam conflitos econômicos e sociais, com a intensificação do contato entre províncias dentro do país, neste caso, ligada a formação bacharelesca da elite nortista na capital pernambucana.

Elaborado em grande medida em grandes cidades, como Recife, a imagem do sertão teve o poder de construir um espaço provinciano para que a elite piauiense pudesse resistir às novas temporalidades e sociabilidades do país¹⁵⁰. Para Antônio Candido¹⁵¹, o Brasil foi inventado como nação pelo romantismo e pela independência entre 1836 e 1888, e não produziu uma “ruptura essencial” na forma de praticar uma literatura nacional quando comparada com as influências vindas da Europa, variando apenas em sua forma de expressão ou de espírito e nos conteúdos locais.

Inicialmente, a literatura nacional elaborou uma imagem do país buscando na literatura e no nacionalismo praticado na Europa, as criações e os estilos para compor a imagem nacional do país. Os interesses políticos de compor uma lírica, ou mesmo uma lira, apareceram não somente na defesa e na missão¹⁵² de mostrar diferentes personagens, cenários, enredos, etc. Eles apareceram no poder do discurso literário de composição política do espaço das províncias. Com essa literatura foram sendo definidos temas, problemas, narrativos e argumentos para falar do sertão. Esses poemas inventavam o sertão e o sertanejo como temas da literatura, mesmo que de maneira provinciana e oligárquica. O discurso literário teve o poder de instituí-los como realidade de determinadas províncias do país. O poder desse discurso e dessa imagem do sertão residia justamente em criar um espaço natural do país contrário às mudanças históricas. Em meados do século XIX, esse discurso literário começava a fazer desse lugar um sentimento de saudosismo, não só de “exotismo” do passado brasileiro¹⁵³.

Na ausência do Piauí, a infância era quem ditava o ritmo do tempo de viver construindo o sentimento da saudade do sertão. De saída, lembrar-se da infância já era sentir saudade. Não somente saudade de outro tempo que se passou, mas de momentos de um tempo que o poeta carregava expressos com a própria saudade. O romantismo fazia da saudade um sentimento

¹⁵⁰ Para Durval Muniz, foi do “seio da aristocracia portuguesa - ameaçada em seus valores e suas formas de vida pela ascensão de grupos burgueses - que apareceram as primeiras reflexões sobre a saudade como condição portuguesa e, mais, como condição humana. A saudade seria essa descida ao coração do tempo para resgatá-lo em sua essência, em seus valores eternos, em sua continuidade essencial”. (2006, p. 119)

¹⁵¹ CANDIDO, 1981, p. 9.

¹⁵² CANDIDO, 1981, p. 25.

¹⁵³ CANDIDO, 1981, p.114.

para se localizar e para lidar com as transformações urbanas que alteravam a imagem dominante do sertão, o refúgio na natureza¹⁵⁴.

Do sertão, o poeta recortava uma paisagem do Brasil e de toda a província do Piauí, transformando essas imagens poéticas em poder político do espaço sertanejo no país. O interesse político dessa poesia era defender esse sentimento de não deixar de ser sertanejo na praça. Diferente da política do discurso dos relatórios, que fazia do sertão um espaço de crimes e de impunidade, por conta dos arranjos de poder das oligarquias locais, enquanto isso, a posição política desses poetas fazia do sertão um espaço da saudade, um lugar saudável¹⁵⁵ para viver na natureza e em sociedade.

O tempo “cíclico” do sertão era ora um tempo de inverno, ora um tempo de seca. Uma ordem natural ditada do lado de fora do tempo histórico, seja pela natureza ou por ordem de Deus, onde o que marcava historicamente a ação do tempo humano e social eram os anos de seca ou de inverno, constituídos pela ação de um tempo natural e divino. Ou ainda através da marcação do tempo pela marca anual de nascimento do gado, que seria vendido em feiras do Piauí e de províncias vizinhas. Um calendário social estabelecendo os limites da vida do sertão, as datas comemorativas de suas crenças religiosas do catolicismo e dos costumes diários dessa sociedade do gado¹⁵⁶.

O tempo natural do sertão emergiu no discurso literário pela invenção saudosista de filhos dessa elite que vivia nas grandes cidades do país. Portanto, o recorte do espaço sertanejo não era ainda um recorte regional, que delimitava a pecuária como atividade econômica dada sua dimensão de dependência da economia açucareira, mas um recorte provinciano, um problema enfrentado por filhos dessa elite do gado de diferentes províncias do Norte que se encontrava em Recife para estudar e formar-se em Direito, e com isso, passavam a partilhar a elaboração dos problemas comuns ligados aos interesses políticos de fazendeiros dessas províncias.

¹⁵⁴ CANDIDO, 1981, p. 28-29.

¹⁵⁵ “Aliás, somente a língua portuguesa expressa este sentimento através de uma palavra, que vem do latim *solitude*, que se aproxima da ideia de solidão, mas também através do português arcaico *soydade*, *suydade*, que a aproxima de saúde, ou seja, expressaria um certo estado de espírito, que nasceria de uma certa afecção - ou adoecimento da alma - por motivo de solidão, de ausência, de desaparecimento no tempo e com o tempo de coisa ou pessoa amada, querida, significativa e essencial.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 117-118)

¹⁵⁶ “Nas relações tradicionais predominantes na sociedade sertaneja, era comum, por exemplo, a doação por parte do dono da terra de um litro ou mais de leite e parte da carne de algum animal morto, para seus agregados. Este tipo de relação tende a desaparecer, levando a que fosse descontado o leite no salário do trabalhador ou mesmo a que deixasse de ser fornecido à medida que este passava a ser vendido no mercado. O mesmo ocorre com a carne que ao interessar como mercadoria desapareceu da dieta do homem pobre do sertão, tornando-se mais precária e reduzindo-a a alguns produtos.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1998, p. 124)

A emergência do novo discurso da seca, inclusive na poesia, despertava a consciência dos filhos dessa elite do gado para falar em nome do sertão como uma zona da região pecuarista afetada pela “seca do Norte” do país. O regionalismo sertanejo, que passava a recortar o sertão como área afetada pela seca das províncias do Norte, tem sua emergência ligada ao despertar político das elites do gado para enfrentar as mudanças sociais do Piauí e de outros espaços dessa região do país, através de um discurso que na década de 1870 era também elaborado do Rio de Janeiro. O sertanejo, que emergia como tema da literatura romântica, com a saída da elite do sertão para as grandes cidades, como Recife e Salvador, e depois o Rio de Janeiro, era uma expressa saudosista de códigos tradicionais daqueles que sentiram seu afastamento das províncias de nascimento. Em Recife, os filhos dessa elite, partilhando o convívio social comum de ser estudante e em seguida bacharel em direito para ocupar funções e cargos no governo de suas províncias, ou de províncias vizinhas, tomavam dimensão dos interesses políticos e econômicos da oligarquia pecuarista, buscando neste sentido serem inseridos dentro de uma política regional nortista, que começava a ser elaborada no Norte, inicialmente, da província de Pernambuco.

Despertavam para as diferenças no preço do gado, de escravos e da terra, dos impostos e dos incentivos fiscais e dos empréstimos do governo central as províncias, da criação de colônias agrícolas, do incentivo a construção de estradas de ferro e a navegação a vapor, da política de imigração, etc. Na década de 1870, o sertanejo da região Norte era um tema político na literatura, significava politicamente o retorno dos filhos dessa elite que saíam para estudar em Recife, e também para o Rio de Janeiro. Para José Coriolano, sair do sertão piauiense para estudar e morar em Recife significava em larga medida viajar já pensando no retorno ao “sertão de minha terra natal”, interessado pela política partidária e pelos principais cargos e funções em vilas e cidades do Piauí.

Para agir contra o tempo histórico da cidade e do espaço urbano, esses homens expressaram sua saudade do sertão e do sertanejo, um homem avesso às novas sociabilidades da praça e da cidade. Na poesia, o sertanejo era um sujeito moral que vivia mais para lidar com os (des) prazeres da cidade, que por sinal detestava-os, do que com os conflitos da sociedade sertaneja. O sertanejo e o sertão saem dos limites locais de determinadas províncias do norte para ser publicados e lidos, tanto em livros, como em jornais e revistas, que circulavam em larga medida na capital do país. No Rio de Janeiro, com essas imagens poéticas do sertão inserido entre as províncias do Norte, o discurso regionalista reivindicava uma literatura própria do ser do Norte, como uma reação regionalista a “invasão estrangeira” que ocorria no Sul,

sobretudo, no processo de construção do regionalismo como fundação de uma literatura “genuinamente” nacional.

Enfim, na década de 1870, a imagem romântica do sertão elaborada pela poesia de José Coriolano passará a ser lida a partir de um novo cenário político e intelectual do país. Nesse momento, sua classificação como “poeta do Norte” ou escritor regionalista está relacionada com a transformação da seca de 1877-1879 em “problema” das províncias do Norte, inserindo o Piauí na zona do sertão afetada pelo fenômeno da seca.

3 NARRATIVAS DO SERTÃO E A POESIA DE LICURGO DE PAIVA

Em 1866, o livro *Flores da Noite* era anunciado no jornal do Recife¹⁵⁷. O começo da venda do livro em livrarias da capital, com prefácio escrito por Tobias Barreto, foi considerado decisivo na trajetória de vida que passamos a conhecer do poeta Licurgo de Paiva. Sua classificação literária foi em larga medida definida a partir desse traço biográfico e contemporâneo, em parte enunciado pelo próprio Tobias Barreto no prefácio. Nele, os comentários giravam em torno da expectativa de que seus versos eram de um poeta *novel*, no entanto ainda tributário da escola romântica no Brasil. Segundo Tobias Barreto, fazendo mais uma leitura pessoal do que um juízo crítico dos poemas, um poeta “moderno” precisava não apenas ter talento, pois era fundamental ser versado no conhecimento, de que a arte fosse bela e, ao mesmo tempo, útil e sábia.

Neste sentido, sem deixar de fazer comentários críticos a quatro poemas do livro, sobretudo, em considerações dirigidas a poesia romântica do século XIX, o que prevaleceu nessa incipiente crítica literária foi a possibilidade de enunciar que tocante a poesia, caminhávamos para o fim do romantismo. Além disso, o poeta recebia “conselhos” para superar não somente o romantismo, como não embotar seu talento com a vida e a poesia da “sensualidade”. Poucos anos depois, sem conseguir ingressar no curso de Direito, e principalmente, com maior interesse pela literatura e pela boêmia da vida urbana e das ruas do Recife, os comentários biográficos apontavam Licurgo de Paiva retornando para a província do Piauí dominado pelo álcool e fracassado como poeta.

Na verdade, não podemos desconsiderar essa sua classificação contida no prefácio de 1866, pois a leitura dos poemas ocorria sob o impacto das teorias científicas, o que ficou mais evidente com a poesia de José Coriolano nos anos de 1870. No caso de *Flores da Noite*¹⁵⁸, o processo de classificação foi iniciado já no prefácio, e por aquele que se tornou depois um dos principais expoentes da Escola do Recife. O ambiente intelectual apontava para novas ideias na formação intelectual ligada ao curso de Direito, na medida em que esse comentário crítico era literalmente um ataque ao romantismo brasileiro pelo cientificismo. Neste capítulo, propomos problematizar a narrativa do sertão ao verificar a construção da saudade na poesia de Licurgo

¹⁵⁷ Site: www.bn.br/hemeroteca. **Jornal do Recife**. Recife, 05 de Abril de 1866. Acesso: 15/03/2016

¹⁵⁸ PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

de Paiva, procurando perceber quais as ambiguidades produziram essa classificação de 1866, com sua expectativa de superação do romantismo na formação literária durante a segunda metade do século XIX.

Começaremos com os traços biográficos¹⁵⁹ que contaram a trajetória da vida de Licurgo de Paiva, mostrando a relação direta que possuem com o comentário de Tobias Barreto. Seguindo a sequência teórica do capítulo anterior sobre a poesia de José Coriolano, partimos da análise histórica do impacto de novas perspectivas e de teorias científicas na reformulação das regras de classificação literária no Brasil. Nos anos de 1860 em Recife, o ambiente intelectual da faculdade de Direito incorporava a difusão de novas correntes de pensamento, de modo geral, sintetizadas pelo avanço de modelos teóricos científicos entre as instituições do Império, como faculdades, museus, institutos.

No prefácio desse livro, já aparecia o esboço de um discurso cientificista contra o romantismo, defendendo uma maior aproximação na relação entre poeta e sábio, entre a criação poética e as leis naturais estabelecidas pela ciência moderna. Assim, começava a difusão desse ideal cientificista ainda de modo esparso, algo que posteriormente será representado diretamente com o movimento literário da Escola do Recife e de seus principais epígonos, sendo a década de 1860 um momento histórico que antecedeu o advento do naturalismo literário no Brasil. Nesse sentido, é preciso problematizar sua trajetória de vida e lugar social antes da publicação e repercussão do livro, como compôs uma narrativa do sertão e sua forma de expressão da saudade, nesse momento de transição entre o romantismo e o naturalismo no Brasil.

3.1. Discursos biográficos

Em 1861, após dois anos de conclusão por José Coriolano do curso de Direito, chegava à capital pernambucana o jovem Licurgo de Paiva, com 19 anos de idade. Nascido no Piauí, na cidade de Oeiras, que naquela data era a capital dessa província, Licurgo José Henriques de Paiva era filho do tenente-coronel Miguel Henrique de Paiva e de Carolina Joaquina Bento,

¹⁵⁹ “Como se vê, tratava-se apenas de um estímulo ao moço poeta para que prosseguisse, aperfeiçoando-se. Assim não entendeu Licurgo. Elogio do velho Tobias subiu-lhe à cabeça. E como uma palavra de Tobias consagrava tudo, viu o jovem poeta piauiense, da noite para o dia, elevado aos píncaros da fama literária num meio cultural avançado. Perdeu a cabeça.” CHAVES, Monsenhor. **Obras completas**. Teresina: FCMC, 1998, p. 480-484.

sendo seu pai fazendeiro e um dos membros do comando superior da Guarda Nacional¹⁶⁰. Nesse contexto familiar ele havia nascido, vivendo parte de sua infância no momento de turbulências políticas e econômicas da província, depois de terminada a Balaiada¹⁶¹ e o longo governo do presidente da província piauiense, Manoel de Sousa Martins, barão da Parnaíba¹⁶².

Ainda a partir dessa década, a província passou a ser governada entre 1844 e 1852 por políticos desconhecidos do espaço piauiense, nomeados pela monarquia e vindos de outras províncias, como foram, por exemplo, Zacarias de Goes, Sousa Ramos e Antonio Saraiva¹⁶³. Nesse período, um dos temas discutidos nas assembleias anuais dessa província era a mudança da capital de Oeiras para a margem do rio Parnaíba. Um dos argumentos utilizados para defesa da mudança, principalmente pelos grupos políticos situados fora de Oeiras e pelos partidários da mudança¹⁶⁴, era tirar a capital de “nossos sertões”. Nesse contexto histórico de disputas políticas, a palavra sertão era empregada para falar do atraso de Oeiras como cidade e capital do Piauí, uma maneira de chamar atenção do governo imperial para o isolamento de uma cidade no sertão, criada há mais de um século, porém, com enormes dificuldades de relações políticas e econômicas com outras partes do país.

Ainda em 1852, aos 10 anos, Licurgo de Paiva provavelmente escutava de seus pais a notícia de que passaria a morar junto com sua família na cidade de Teresina, doravante, a nova capital do Piauí. Apesar de não entender o que se passava nesses conflitos políticos em torno da mudança da capital, pois era somente uma criança, ele começava a escutar a palavra sertão no seu convívio familiar. A essa altura, a formação de narrativas do sertão já estava sendo produzida por presidentes da província que tentavam inseri-la no panorama nacional. Um

¹⁶⁰ CHAVES, 1998, p. 480.

¹⁶¹ Em **Balaio e Bem-Te-Vis** (2000, p. 199), a historiadora Claudete Dias classificou de “guerrilha sertaneja” a revolta dos balaio ou Balaiada, ocorrida no Maranhão e no Piauí ao final da década de 1830, se estendendo até os primeiros anos de 1840. Foi após a Balaiada que Licurgo de Paiva viveu sua infância na cidade de Oeiras até mudar para Teresina, que a partir de 1852 tornou-se a nova capital do Piauí.

¹⁶² Segundo Tânia Brandão, no nascimento da elite do Piauí, o “papel político das famílias de elite foi uma resultante da importância dos aspectos socioeconômicos no exercício do poder, durante o período em estudo. A supremacia política dessas famílias consolidou-se, quando seus componentes passaram a concentrar a posse da terra e a ocupar os cargos da burocracia estatal. A hegemonia desses grupos de parentesco foi legitimada e aceita pela população local e pela Coroa, que não conseguia ou não se interessava em minimizar o poder e o prestígio monopolizados pelas elites rurais piauienses”. BRANDÃO, 2012, p. 310.

¹⁶³ CARVALHO, 2012, P. 121.

¹⁶⁴ “Teresina fora inventada a partir de conceitos chave para a política do Segundo Reinado, tais como *civilização*, *progresso*, *sertão* e *cidade*. O futuro da província foi conectado à efetivação da mudança. A necessidade de incorporação dos signos de progresso - como a navegação a vapor do rio Parnaíba, por exemplo - para garantir a prosperidade do Piauí foi condicionada à existência da capital em suas margens. Oeiras, habitando “esses sertões” - expressão usada por Antonio Saraiva para condenar a capital -, perdera legitimidade em produzir imagens de futuro condizentes com as expectativas e projeções da nação, ganhando a condição de obstáculo ao projeto de civilização da Província. No plano legislativo, houve dois projetos, São Gonçalo e Teresina - mas só um vencedor.”. VILHENA, 2016, p. 263-264.

discurso em larga medida dos presidentes de província posteriores ao Barão da Parnaíba, repetindo o uso dessa palavra para reforçar as condições de isolamento político e econômico do Piauí.

Aos 19 anos, já morando em Recife, ele passava a ter contato com uma capital com um maior afluxo de pessoas, mercadorias e serviços, além de livros, rodas literárias e uma vida boêmia, com o advento de novas relações de trabalho em centros urbanos, com grupos médios ligados as atividades comerciais do país. Uma cidade por ele antes nunca vista, capaz de modificar sua vida e abrir outras possibilidades, depois de sua saída do Piauí, com o objetivo de ser bacharel em Direito. Antes da ida para Recife, a mudança da capital piauiense já havia sido decisiva nos rumos da trajetória de sua vida, no momento em que cresciam as narrativas de isolamento do sertão para se referir ao Piauí. Em Recife, Licurgo de Paiva se deparava convivendo com os filhos das elites agrárias de diferentes províncias, principalmente das províncias do Norte, buscando o preparatório de Humanidades para ingressar no curso de Direito.

A mudança da capital, como era de esperar, trouxe grave crise para o comércio de Oeiras, abandonada ao Governo. Em setembro de 1852, Miguel Henrique dirige-se a Saraiva pedindo-lhe a reforma de suas letras, bem como que pudesse saldar seus débitos com a Fazenda em prazos mais dilatados. CHAVES, 1998, p. 480.

Historicamente, as narrativas do sertão dos relatórios de província foram elaboradas por meio de um discurso dominante, principalmente, pela ideia de que o sertão é um espaço não-civilizado¹⁶⁵, de que o sertão significava a ausência da civilização. Um discurso presente nos relatórios de governo do Piauí, enunciado para mostrar uma visão de isolamento da província, distante do centro e das demais províncias do Império, devido ao predomínio da pecuária como sua principal atividade econômica e social desde o período colonial.

Em meados do século XIX, com essas narrativas de mudança da capital piauiense, as fazendas de gado e os pequenos núcleos urbanos passaram a significar, politicamente, a presença de uma população rústica, inculta e isolada no sertão, este último, a terra natal de seus moradores vivendo sem ultrapassar os limites do sertão. Na verdade, mostrando uma população dispersa e rarefeita, espalhada em seu território pelo sertão, os discursos dirigidos ao governo central esperavam que a mudança da capital conseguisse superar a situação de isolamento da

¹⁶⁵ Analisando a imagem do sertão do período colonial, Janaína Amado afirma que sertão “foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes sua chegada no Brasil - espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados [...]”. AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995, p. 148.

província piauiense. Ao invés disso, sua elite política passou a ver a mudança da capital como desordem a manutenção das relações dominantes na província, principalmente, as hierarquias sociais estabelecidas pela atividade pecuarista e patriarcal. Assim, os conflitos políticos e sociais da província eram abafados por grande parte da oligarquia do gado, que estava preocupada com a construção de um passado comum para toda a população, por conta da vindoura e efetiva transferência da capital para a margem do rio Parnaíba.

Portanto, as décadas de 1850 e 1860 foram marcadas por uma guinada conceitual no emprego da imagem do sertão, de uma palavra que carregava ainda consigo a ideia de que o sertão não era um espaço da civilização. Nos discursos em prol da mudança da capital, Oeiras passou a aparecer como cidade atrasada pelo isolamento, deixando a província do Piauí isolada no sertão. Nos discursos políticos do presidente Antonio Saraiva¹⁶⁶, Teresina era imaginada através da expectativa e dos interesses políticos em incorporar o sertão ao projeto civilizador do Império. No início da década de 1850, a mudança da capital de Oeiras para a margem do rio Parnaíba foi personificada nessa imagem de tirar a capital dos “sertões” com a navegação do rio Parnaíba. Uma província que estava sendo inserida nesse novo recorte político com o auge da política de centralização do Império, com seus discursos que recorriam frequentemente a imagem do sertão para localizar os conflitos sociais e políticos das províncias.

Neste sentido, quando Licurgo de Paiva embarcava para estudar no Recife, o Piauí já estava sendo projetado politicamente pela situação de isolamento no sertão durante o Segundo Reinado. Teresina, mesmo construída na margem direita do rio Parnaíba, não deixará de ser uma cidade incorporada ao sertão do discurso político e, depois no literário¹⁶⁷ desse período, uma cidade que estaria distante de alcançar a civilização, quando comparada economicamente com as principais capitais e províncias. Sua primeira viagem¹⁶⁸, ainda no interior do espaço

¹⁶⁶ “Quanto à mim a mudança da Capital para o Poty hade produzir a navegação em grande escala do rio Parnahiba; há de dar à Província um importante ponto commercial; e há de possuir uma civilização grande, porque há de ter riqueza, e há de ficar ligada por aquella navegação á todos os municipios da Provincia, e a todos os grandes centros de civilização do Imperio.” **Relatorio a Assembleia Legislativa Provincial do Piauihy pelo Ex.mo Senhor Presidente Jose Antonio Saraiva na Sessão aberta em 1º de Julho de 1852. Caxias, Typ Independente, 1852, p. 35.**

¹⁶⁷ “É importante ressaltar que, se o discurso dos relatórios presidenciais representou os habitantes do *sertão* sob o signo da indolência, da aversão ao trabalho, e da rudeza de condições, na *Lira Sertaneja* a própria ideia de trabalho - no modelo pensado no universo político - foi desconstruída nesta visão positiva, na crença em sua capacidade de disciplinar, de *civilizar* o homem. Ao contrário, o trabalho ligado ao universo urbano submetia-o a um regime de exploração e era a fonte de sua dor.” (VILHENA, 2016, p. 247)

¹⁶⁸ Em breves traços biográficos desse poeta, Joaquim Chaves chamou atenção para as dificuldades enfrentadas por sua família em arcar economicamente com a mudança para morar em Teresina, pois logo no ano seguinte, em abril de 1853, os bens da família foram sequestrados, por conta de débitos com a Fazenda Pública. Para Chaves as “dificuldades paternas devem ter causado profunda impressão no ânimo de Licurgo”. (CHAVES, 1998, p. 481).

piauiense, aconteceu entre Oeiras e Teresina. Os limites da cidade de Oeiras haviam ficado pelo caminho, sua vida em grande medida circunscrita nos limites das fazendas, e também as poucas ruas de Oeiras, era deslocada para viver em uma cidade em crescente urbanização. Já na capital Teresina, o cenário era de uma cidade em processo de construção urbana, inicialmente pensada para alojar a máquina administrativa e política da província, os prédios públicos e as praças, além é claro, das casas comerciais e residenciais¹⁶⁹. Começou a assistir às aulas no Liceu piauiense, apesar da irregularidade das aulas, da falta de um prédio próprio e da ausência de professores em algumas cadeiras¹⁷⁰. Assim, pode frequentar as aulas tanto do ensino primário como depois do ensino secundário em Teresina. Este último tinha no currículo o ensino das cadeiras de Língua Nacional, Latim, Francês, Filosofia, Geometria, Retórica, Geografia, História, Inglês.

O ensino, ou melhor, a “instrução” pública e secundária deveria ser organizada em sistema de internato, segundo proposta apresentada pelo presidente Antonio Saraiva no ano de 1852. O modelo do internato na instrução secundária buscava resolver os problemas da ausência dos professores, que se dedicariam somente a instrução da “mocidade”, e também dos pais que recusavam seus filhos morando na capital, ainda em Oeiras. Internato cujo destino desses “moços” seria as formaturas em Medicina e Direito, e para alcançá-las era preciso ingressar em colégios e iniciar os estudos preparatórios onde estudavam filhos da elite piauiense, em colégios do Maranhão, da Bahia ou de Pernambuco. Sair para estudar nas vilas e cidades, depois de longas distâncias a percorrer das fazendas, limitava as condições para alunos e alunas de frequentar as aulas primárias e prosseguir com a instrução secundária, restrita em larga medida ao Liceu da capital e em algumas vilas piauienses, geralmente ensinadas de forma particular por padres que haviam aprendido latim, francês, etc.

Contudo, isso não impediu que ele fosse matriculado no ensino público primário em Oeiras e, depois no Liceu em Teresina.

¹⁶⁹ VILHENA, 2016, p. 27-40.

¹⁷⁰ No relatório de 1851, ainda com a capital em Oeiras, Saraiva dizia na esteira dos seus antecessores, repetindo Zacarias de Góes, que essa capital “nunca poderá ser um centro de luzes!”. **Falla que o presidente da província do Piahy Dr. Joze Antonio Saraiva dirigio a Assembleia Legislativa Provincial no acto de abertura de sua sessão ordinária em 3 de Julho de 1851.** Oeiras: Typographia Saquarema, 1851. Já em Teresina, em 1856, a situação da instrução pública era a seguinte nas palavras do presidente da província: “Este ramo do serviço público da mais alta importância, da mais transcendente utilidade pública, continua em um estado lamentável n’esta Província, e reclama por tanto a vossa atenção, toda a vossa solicitude, certos como estaes de que sem a conveniente e necessária educação e instrução da mocidade, não poderemos progredir na carreira da civilização”. **Relatorio do presidente do Piahy o Comendador Frederico D’Almeida e Albuquerque appresentado a respectiva Assembleia Legislativa Provincial na sessão ordinária de 1856.** São Luiz: Typographia do Progresso, 1856. p. 12.

Nesse âmbito político da administração pública, a instrução, Teresina aparecia como projeção de futuro do Piauí, ao mesmo tempo que Oeiras era construída como passado da província. No discurso de Antonio Saraiva era necessário instruir, com a criação do internato, “essa mocidade Piauihyense, que procura já disputar um lugar honroso entre as ilustrações e notabilidades do Paiz, sendo que para o conseguir ella não pode deixar em vós todas as esperanças”¹⁷¹. Ainda segundo esse presidente, para a civilização chegar em “nossos sertões” a primeira medida era a mudança da capital para um ponto central da província, com a sua saída do sertão e da cidade de Oeiras, pois “foi justamente essa consideração, a que nos legou uma Capital nos sertões, e todas as suas fatalissimas condições”¹⁷².

Portanto, a década de 1850 foi decisiva para inserção da província piauiense na conjuntura da política imperial¹⁷³, contudo, sua incorporação política tomava a imagem de isolamento do sertão como forma de definir os limites dessa relação da província com o país. Nessa década, diferentes presidentes¹⁷⁴ da província nomearam todo o espaço piauiense como

¹⁷¹ **Falla que o Presidente da Provincia do Piauihy Dr. Jose Antonio Saraiva dirigio a Assembleia Legislativa Provincial no Acto da Abertura de sua sessa'o ordinária em 3 de Julho de 1851. Oeiras, Typ. Saquarema, 1851, p. 13.**

¹⁷² **Falla que o Presidente da Provincia do Piauihy Dr. Jose Antonio Saraiva dirigio a Assembleia Legislativa Provincial no Acto da Abertura de sua sessa'o ordinária em 3 de Julho de 1851. Oeiras, Typ. Saquarema, 1851, p. 36.**

¹⁷³ Para o historiador Gustavo Vilhena, as cidades de “Oeiras e Teresina projetavam visões inscritas em seus respectivos documentos fundantes, a partir do uso político de determinados conceitos. Já não é possível desconsiderar que a criação da primeira cidade suportou tantas expectativas quanto a primeira; e que seguiu uma racionalidade específica, conteve também um projeto e portou um signo de mudança, além de servir, em termos de dizibilidade, como o outro sobre o qual os relatórios presidenciais, já nos oitocentos, elaboraram identitariamente a cidade que sonhavam”. (2016, p. 20)

¹⁷⁴ De 1853 até o final da década de 1860, quando a elaboração da imagem dos sertões passou a aparecer no discurso da seca dessa província, depois incorporada ao recorte da “seca do Norte”, os presidentes do Piauí darão continuidade à construção semântica dessa imagem de isolamento para dizer onde ficava o espaço piauiense. Já transferida à capital, os relatórios diziam que o problema era “os nossos sertões, que são afastados do litoral”. **Relatorio a Assembleia Legislativa Provincial do Piauihy pelo Exmo Senhor Vice Presidente da Provincia Luiz Carlos de Paiva Teixeira na Sessao 1º de Julho de 1853. Theresina, 1853, p. 17;** “que apesar da “antiguidade” do gado, ou seja, da pecuária, a sociedade não ajudava a mudar a natureza de “nossos sertões”. **Falla com que o Ilustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da província do Piauihy Dr. Antonio F. Pereira de Carvalho abriu a sessão ordinária da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1º de Julho de 1854. Maranhão: Typ. do Observador, 1854, p. 15;** por conta da impunidade com foragidos pela falta de segurança pública, “ocultando-se nos nossos sertões”. **Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa Provincial do Piauihy na abertura de sua sessão ordinária no dia 1º de Novembro de 1855 pelo Exmo Senhor Presidente da Provincia Baldoino Jose Coelho. S. Luiz, Typ. do Progresso, 1856, p. 7.** Já na década de 1860, com a importância que adquiria os conceitos de meio e de raça entre instituições, políticos e cientistas brasileiros, os relatórios atribuíam pouco a pouco ao clima sua maneira de justificar o atraso do sertão, pois “apesar de todos esses obstáculos, não há embrutecimento nos sertões do Piauí”, tudo era por conta da “indolência proverbial dos filhos da Província, devido talvez a influência do clima”. **Relatorio com que o Exmo Senhor Presidente da Provincia do Piauihy Dr. Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque passou a administração da mesma ao Exmo Sr. Vice-Presidente Coronel Ernesto José Baptista no dia 16 de maio de 1860. Therezina, Typ. Constitucional, 1860, p. 10.** Se referindo a outras secas, como há que em “1859 devastou os sertões da Bahia, fez sentir no sul do Piauí os seus terríveis efeitos”. **Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa do Piauihy no dia 21 de Julho de 1868 pelo segundo Vice-Presidente o Exm. Srn. Sr. José Manoel de Freitas. Maranhão, 1868, p. 8.** Enfim, a imagem de “nossos” sertões passava gradativamente a ser sinônimo de seca, como a

sertão. Um discurso político que vai servir para construção semântica do Piauí como espaço de “nossos sertões”, um espaço isolado que dificultava a construção da ordem imperial de centralização política, da presença do Estado nacional na província e em seus municípios, com o fim de evitar os conflitos na segurança pública e na administração da justiça, no culto católico e na instrução pública, nas finanças e nas cobranças de impostos, e em outros organizados em assuntos nacionais pelos relatórios dirigidos ao governo imperial. As medidas liberais da década de 1830, principalmente o Ato Adicional de 1834, medidas voltadas para o fortalecimento e para a autonomia das províncias, não repercutiram de maneira uniforme entre os governos provinciais, gerando um impasse entre centralização e descentralização nas medidas políticas e econômicas dos governos provinciais. No entanto, as assembleias provinciais:

seguiriam favorecendo os grupos regionais, ao mesmo tempo em que, também por isso, viabilizavam a unidade sob um único Estado. Unidade que pressupunha a existência de um agente do governo central na província, sem, no entanto, dispor de instrumentos que impedissem o exercício da autonomia pela elite regional. DOLHNIKOFF, 2003, p.133.

Licurgo viveu praticamente o começo da instalação e da urbanização da capital Teresina, quase dez anos assistindo as primeiras construções urbanas de uma cidade imaginada para superar o isolamento da província deixado por Oeiras. Provavelmente, foi as missas na inacabada igreja de Nossa Senhora do Amparo, e em dias festivos assistiu a orquestra da polícia na praça da Constituição. A nova capital deixaria pretensamente para trás o isolamento do sertão, no momento que Licurgo de Paiva deixava de morar na cidade de Oeiras. Uma cidade colonial¹⁷⁵, criada no ano de 1759 pela política pombalina, sua praça central de arquitetura portuguesa, com a igreja de Nossa Senhora da Vitória e o Palácio do Governo no centro da praça, um quadrilátero rodeado de casas da elite política e pecuarista do Piauí. Uma cidade, e também sua província, que girava em torno da atividade pecuarista e da cobrança de impostos do gado e de seus derivados. Uma cidade de homens ausentes dela, vivendo em suas fazendas e sítios, com exceção da transitoriedade nas vilas de poucos grupos sociais, ligados entre si pelas atividades burocráticas, militares, eclesiásticas, comerciais e do trabalho doméstico e urbano de Oeiras.

Em Oeiras, o tempo histórico era marcado por um calendário social de festas católicas e eventos cívicos do Império, por casamentos e batismos vistos como momento de aproximação entre os grupos sociais, para reforçar em muitos casos o parentesco da elite e a ampliação dos

“lastimável seca, que então assolava os nossos sertões”. **Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa do Piauí no dia 1º de Novembro de 1869 pelo Vice-Presidente da Provincia o Exm. Srn. Coronel Theotonio de Souza Mendes. San’Luiz do Maranhão, Typ. Mattos, 1870, p. 6.**

¹⁷⁵ VILHENA, 2016, p. 145-183.

laços da política local¹⁷⁶. Uma política marcada por intrigas familiares forjadas no partidarismo político, de padres, fazendeiros e militares envolvidos em conflitos políticos justificados pela moral católica e pelo parentesco. Uma cidade conhecida de poucos piauienses, na maioria das vezes apenas por autoridades políticas dos municípios do Piauí, e também por homens e mulheres livres, libertas e escravas. Antonio Saraiva, assim como Licurgo de Paiva, viveram em situações distintas nessa cidade. O primeiro chegava com o objetivo de governar essa província, e logo de início percebeu que o debate em torno da mudança da capital seria decisivo para sua plataforma política e sua trajetória e circulação na burocracia imperial¹⁷⁷. Já o outro morava em Oeiras e vivia entre as fazendas e os comerciantes dessa freguesia, tendo marcada sua infância por mudanças decisivas com essa cidade e com sua própria vida. Portanto, a transferência da capital e a construção de Teresina foram dois acontecimentos decisivos na infância e na juventude de Licurgo, ao ponto do isolamento do Piauí no sertão, tão presente nesses discursos políticos, passar a fazer parte de seu vocabulário, quando deixou a província piauiense para ingressar no preparatório de Humanidades em Recife.

Com as projeções feitas pelo discurso político dos relatórios, a cidade de Oeiras vai servir como imagem do sertão para falar do passado do Piauí, nesse esforço político de mudança da capital¹⁷⁸. Das aulas em condições precárias, restrita para filhos da elite pecuarista realizadas por professores particulares ou mestres-escola; de crimes e da impunidade por conta dos arranjos políticos do júri e de juízes leigos; de grande parte dos impostos arrecadados para manter o funcionalismo público em larga medida “vitalício” e “ineficiente” da província; enfim, essas narrativas do sertão buscavam justificar a ausência da civilização no Piauí. Em diferentes partes do país estava sendo avaliado o impacto da ordem imperial nas províncias, que irradiava do centro do império uma visão nacional sobre vários assuntos como segurança individual e administração da justiça, instrução e culto público, socorro público, finanças e impostos, etc., que, por sua vez, incorporava politicamente os relatórios provinciais ao traçar um quadro geral do projeto de unidade nacional do regime monárquico. A emergência da tipografia nas províncias fazia aparecer os relatórios como um novo exercício nas relações de poder entre governos provincial e imperial, capaz de reunir aparentemente uma dispersão de informações e descrições vindas das províncias, em uma forma de olhar e investigar os espaços “ausentes” do processo civilizador¹⁷⁹ projetado da sede do Império.

¹⁷⁶ BRANDÃO, 1995, p. 111-117.

¹⁷⁷ CARVALHO, 2012, p. 95.

¹⁷⁸ VILHENA, 2016, p. 198.

¹⁷⁹ COSTA, 2007, p. 245

Quando Licurgo de Paiva passou a escutar em sua infância falar do Piauí como sertão, essa imagem já ocupava uma posição de destaque no conflito entre centralização e descentralização do Estado¹⁸⁰, onde os monarquistas do partido conservador atacavam os grupos liberais defensores da descentralização e do federalismo, que reivindicavam as relações de poder pautadas pelo Ato Adicional de 1834 e pelo fortalecimento dos grupos locais e provinciais. No âmbito nacional, a imagem do sertão serviu para nomear os conflitos sociais, políticos e econômicos afastados do centro político do império e de suas principais capitais, passando a demarcar o espaço interior em cada província¹⁸¹. O sertão era dito como “nosso” porque era incorporado pela exaltação da pátria e pela valorização da “glória” de homens e das sociedades do passado colonial de suas províncias. A pátria desses homens e de províncias vistas como “ausentes” da civilização passava a ser composta pela imagem do sertão. O sertão era visto como um espaço do país avesso a civilização, sendo ao mesmo tempo evidenciado pelo discurso que lhe negava existência própria. Por isso, a inserção do Piauí no discurso de unidade nacional foi construída através dos relatórios de província, e a mudança da capital aparecia como expectativa de incorporação do Piauí ao circuito comercial das “grandes capitais” e ao projeto político de unidade nacional.

Nesta perspectiva, a consolidação da unidade nacional nasceu da circulação e do treinamento de uma elite imperial bacharelesca, que evidenciamos nos discursos de Antonio Saraiva sobre o Piauí, um momento de virada na elaboração de narrativas do sertão pelos agentes da burocracia imperial, que precisavam reunir em uma imagem os diferentes assuntos públicos das províncias. O ideal de civilização do Império vai construir uma imagem homogênea do sertão para explicar os diversos conflitos do país, suas diferenças sociais internas, enfim, o sertão vai servir para explicar em cada província a ausência e a presença da civilização. Em Recife, na segunda metade do século XIX, cidade que desde o período colonial

¹⁸⁰ Na leitura de Ivo Coser sobre o pensamento político e social do Visconde do Uruguai, o “que podemos assinalar, com ênfase, é que o funcionamento da legislação descentralizadora deslocava poderes coercitivos, amparados na Lei, para esses sertões. Em segundo lugar, estabelece-se uma dicotomia entre regiões marcadas pela “barbárie”, e a maior parte do país, e as “civilizadas”, ilhas cercadas. No sertão bárbaro, encontram-se a dispersão populacional, a ausência da disciplina produzida pelo trabalho, a falta de uma educação formal, os partidos clânicos e uma massa de homens sem vínculos para com o mundo do interesse e facilmente mobilizados para participar de disputas eleitorais com a finalidade de obtenção de emprego. Esses traços sociais, combinados a legislação descentralizadora, emprestam à ação política dos *homens bons* um conteúdo específico: oprimir para não ser oprimido”. COSER, Ivo. **Civilização e sertão no pensamento social do século XIX**. Caderno CRH, Salvador, v. 18, n. 44, 2005, p. 246-247.

¹⁸¹ No caso de São Paulo e das províncias limítrofes, Gilmar Arruda afirma que uma “das primeiras questões enfrentadas pelos que queriam “atualizar” o Brasil era o proclamado desconhecimento dos sertões. Grande parte do território nacional, inclusive do Estado de São Paulo, era considerada sertões, e isto equivaleria dizer, que era uma incógnita para o poder e para os habitantes das cidades.” ARRUDA, 2000, p. 20.

vinha elaborando um imaginário barroco do sertão¹⁸², a ausência da civilização, quer dizer da Corte, vai se encontrando com a produção de discursos com tendências separatistas entre províncias do “Equador”, advindos de conflitos do período anterior, tendências acentuadas com a última grande rebelião do país, a Praieira. Portanto, inserir a imagem do sertão no discurso da civilização era, a partir do Segundo Reinado, uma forma de estabelecer novas relações de poder entre as províncias e o governo imperial do país. Assim, o discurso político e separatista do Norte elaborado da província de Pernambuco, neste sentido, tomou para si o ideal de civilizar toda uma parte do país, mostrando que o próprio ideal de civilização começava nela e com ela.

Licurgo de Paiva chegava ao Recife nesse contexto histórico dos conflitos de ideias políticas pela espacialização da pátria no quadro geral de suas províncias. Se no discurso político de construção da unidade nacional o sertão passava a ser “nosso”, e mesmo distante pertencia ao país a partir da década de 1850 com o processo de centralização; no discurso poético que ele passou a produzir em Pernambuco, o sertão passou a ser a imagem de *minha terra*, ou seja, a imagem da província do Piauí como lugar de seu nascimento no sertão. Entre o que era “nosso” e o que era *minha terra*, percebemos um revezamento conceitual da imagem do sertão para questionar as possíveis diferenças de elaboração dessa imagem entre o romantismo e o naturalismo no Brasil, tanto no âmbito literário quanto no âmbito político. A busca por definir o espaço da natureza e da pátria colocou as províncias em uma disputa discursiva para forjar o ideal de civilização no interior do discurso de unidade nacional. Em Pernambuco, que outrora havia sido o principal centro econômico por conta da produção de cana-de-açúcar, começava uma corrida pela construção de símbolos para compensar a perda de poder dessa província no cenário nacional a partir da segunda metade do século XIX.

O emprego da palavra sertão se deslocava com maior intensidade e frequência das províncias para o espaço nacional, e no Piauí começava a ser repetida constantemente a imagem do sertão definindo homens que davam muito importância a pecuária, e menos a lavoura e ao comércio, ligados entre si por relações tradicionais dentro de seus currais, e que comemoravam em seus discursos um passado de riquezas da pecuária como forma de compensar as perdas do presente, principalmente, com o crescimento da diferenciação social no espaço das províncias. Estrategicamente as elites oligárquicas vão percebendo uma aproximação em torno de problemas vistos como comuns a essa sociedade, aparecendo novos empregos semânticos da

¹⁸² WANDERLEI, 2013, p. 20.

palavra sertão elaborados de diferentes províncias, ao ponto de formar um discurso de definição da presença em Recife daqueles que nasciam no sertão de determinadas províncias.

A industria agrícola reduz-se nesta província ao plantio em pequena escalla du algudao, da mandioca, da canna de assucar, e de rugnis cereais, que mal chegam para o sustento da população. A natureza do solo, sujeito a estação ardentissima de metade do anno, e a carência de chuvas por todo esse tempo, a disseminação da população por extenso território, cujos povoados, muito distantes uns dos outros, não se ligam por boas vias de communicação, a indolência proverbial dos filhos da província, devida talvez a influencia do clima, e os melhores proveitos que auferem a criação do gado, são em minha opinião as principais causas do atrazo da industria agrícola n'esta parte do Imperio.¹⁸³

A saída de Licurgo de Paiva para Teresina passou a ser em sua vida o começo do que chamamos, ainda no primeiro capítulo, de desenraizamento da elite local. Sair de Oeiras, com 12 anos, para uma cidade, uma capital desconhecida mesmo sendo nova, com certeza provocou estranhamento em suas expectativas de menino e de sua família. Depois de viver uma infância tumultuada em Oeiras marcada por governos liberais e conservadores. Nesses anos ele foi se familiarizando ouvir a palavra sertão para falar de Oeiras e do Piauí, provavelmente por conta de seus familiares envolvidos entre os grupos políticos que construíram a trama de mudança da capital, e dos desejos de tirar a capital de “nossos sertões”. Seu pai havia sido encarregado do transporte dos bens da província e de suas repartições, através de cavalgadas e de carros de boi que este possuía como comerciante¹⁸⁴, certamente interessado em prol da mudança da capital, por conta de suas ligações com o partido conservador e com o presidente Saraiva.

Nas expectativas familiares e políticas de seus pais, ele deveria fazer os preparatórios para ingressar no curso de Direito. A partir de 1861 a expectativa de um novo tempo em sua vida passou a ser a cidade do Recife. Recife era uma cidade de efervescência política, que por décadas foi marcada por conflitos federalistas, e até mesmo separatistas, contra a ordem centralizadora do Império. Para os filhos das elites provinciais, esta cidade era um lugar de convergência para se tornar bacharel, em muitos casos, aproximando-os com interesses comuns em funções ou cargos de governo, seja pelas províncias ou nos ministérios. Nessa época, as diferenças políticas, econômicas e sociais entre Piauí e Pernambuco produziram distintas expectativas de vida nesse jovem estudante, que passava a incorporar o sertão ao vocabulário de sua narrativa poética, assim como havia feito José Coriolano na década de 1850. No tópico a seguir, vamos analisar o momento histórico da década de 1860, anos em que ele permaneceu

¹⁸³ **Relatorio com que o Exm. Sr. Presidente da província do Piauhy Dr. Manoel Antonio Duarte de Asevedo passou a administração ao Exm. Vice-Presidente Dr. Joze Marianno Lustoza do Amaral no dia 15 de Abril de 1861. Therezina, Typ. Conservadora, 1861, p. 16.**

¹⁸⁴ CHAVES, 1998, p. 480.

no Recife até desistir do objetivo de ser bacharel e ser projetado como poeta com o livro *Flores da Noite*, um livro que evidencia alguns antecedentes do advento das ideias do cientificismo, com novos modelos teóricos incorporados através da Faculdade de Direito, uma instituição que na década de 1870 foi transformada no lugar de onde saíram as críticas e os críticos da Escola do Recife ao movimento romântico.

3.2. Discursos interprovinciais

Em Pernambuco, na década de 1860, estava sendo elaborado um determinado passado histórico de exaltação das “glórias” dessa província¹⁸⁵. A criação do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IAGP) teve a finalidade de recolocar Pernambuco no cenário nacional centralizado através de sua capital, o Rio de Janeiro, após as décadas turbulentas da primeira metade do século XIX e dos conflitos separatistas e federalistas. Entre esse passado recente e os três primeiros séculos, o IAGP vai optar por exaltar o patriotismo de Pernambuco do período holandês e de auge da economia açucareira. O discurso das influências do meio e da raça na formação da natureza e da sociedade, e também das províncias do Brasil, começava a ser decisivo na construção discursiva da autonomia política de Pernambuco e do patriotismo do pernambucano na formação do país.

Um sentimento de orgulho, que Távora depois vai consolidar como principal sentimento do protagonismo pernambucano, materializando esse discurso em seu personagem Cabeleira¹⁸⁶, aparecendo também nos discursos políticos, em livros e jornais, e também em revistas como a do IAGP¹⁸⁷. Esse instituto vai construir uma memória oficial do passado coletivo dessa

¹⁸⁵ Criado em 1862, o Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano vai ressaltar as “glórias” de Pernambuco na construção de uma história “própria” da pátria, o “IAGP respondia, no fundo, às aspirações políticas e culturais da província pernambucana, que pretendia manter sua hegemonia ao menos no interior da região nordestina”. Segundo Lilia Moritz Schwarcz, “a relevância da Região Norte no interior do panorama nacional estará em evidência, mesmo em meio a um momento já tão marcado pela influência do eixo sul do país”. (SWCHARCZ, 2011, p. 118;120)

¹⁸⁶ Logo no início do romance, o narrador diz que a “historia de Pernambuco offerece-nos exemplos de heroísmo e grandeza moral que podem figurar nos fastos dos maiores povos da antiguidade sem desdoural-os. Não são estes os unicos exemplos que despertam nossa atenção sempre que estudamos o passado desta illustre provincia, berço tradicional da liberdade brasileira”. TAVORA, 1876, p. 15. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 05/06/2015.

¹⁸⁷ Segundo Eduardo Guimarães em **Religião, pátria e liberdade**: a historiografia do IAGP entre 1862 e 1876, as “elites provinciais e seus intelectuais estiveram [...] preocupadas em identificar, glorificar e elevar, o quanto mais possível, a posição dos grupos sociais mais eminentes em cada localidade no conjunto da unidade construída e consolidada no Império. Um regionalismo mais crítico e acentuado só pronunciar-se-ia a partir da querela Távora x Alencar (1872). E só tornar-se-ia evidente nos congressos agrícolas de 1878. Mas ele próprio era sintoma e estruturador de uma reorganização da sociedade brasileira, que pressupunha a articulação orgânica urdida pelo romantismo no 2º Reinado”. (1997, p. 78)

província como início, senão do Brasil, pelo menos de começo da primeira região do país. O orgulho de ser o centro de uma região, o Norte, para onde recorriam às diversas províncias desse espaço, foi sendo fundado nesse discurso separatista nessa parte do país, ao reivindicar um sentimento de orgulho da história do “povo” pernambucano. Licurgo de Paiva, que havia estudado o curso secundário na cidade de Teresina, dentro dos limites das condições materiais e pedagógicas da instrução secundária e da circulação de livros no Piauí, teve seus primeiros contatos com a literatura estrangeira e nacional, e viveu um momento no Piauí, assim como em Pernambuco, em que cada província estava preocupada na elaboração de um passado histórico, ou melhor, de memórias ou narrativas de inserção das províncias na história geral do país¹⁸⁸.

Em 1857, o professor de Língua Nacional da instrução secundária do Liceu piauiense, o baiano José Martins Pereira D’Alencastre, teve publicado seu artigo na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), com sede no Rio de Janeiro, uma memória histórica do Piauí¹⁸⁹, nessa revista que circulava desde a década de 1830. A “memória” de Alencastre dividiu a história piauiense¹⁹⁰ em períodos históricos situados entre a colonização pecuarista pelos paulistas ou sertanistas de contrato e o final do governo de Sousa Ramos em 1844, já no contexto político do Segundo Reinado. Enfim, com essas memórias elaboradas de cada província com uma história administrativa, da natureza e dos costumes, o IHGB vai produzir nacionalmente a construção de uma história geral do Brasil.

Contudo, a organização política e historiográfica dos temas e dos assuntos da revista privilegiava uma visão nacional a partir do Rio de Janeiro, com os interesses de colocar a monarquia imperial como principal responsável pelo processo de unificação política do país, diferente da fragmentação em repúblicas com o fim da colonização espanhola na América Latina. Em torno do IHGB surgiu um discurso civilizador do Império, nessa historiografia

¹⁸⁸ O “incômodo” de Varnhagen com “provincialismo” de Pernambuco ficou evidente em seu livro **História Geral do Brasil**. Para esse historiador ligado a monarquia e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), “a revolução pernambucana de 1817 não se recomenda, muito mais que a Bahia em 1789, pelas suas peças oficiais, nem pelos seus atos e projetos. Nada próprio a inspirar sentimentos de heroísmo e de justiça, a entusiasmar e engrandecer o povo! Tristes sintomas para uma revolução em princípio! E nem podia ser de outro modo em um movimento, cujo principal chefe era um homem a quem falavam tantos predicados, como Domingos José Martins. (...)”. (1979, p. 147).

¹⁸⁹ ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí**. Revista do IHGB, 1857. In: www.ihgb.br/acervo. Acesso: 01/03/2011.

¹⁹⁰ “Sua publicação no IHGB significou a divulgação desses saberes no âmbito nacional, permitindo leitores a visualização de uma imagem que pudesse *dizer* a Província. Este órgão, criado durante um período em que se passou a problematizar a construção da identidade nacional, teve uma importância política fundamental durante o segundo reinado: através dele, inúmeros trabalhos de natureza científica procuraram compilar o conhecimento das províncias, suas especificidades, particularidades históricas - mas dentro do projeto maior de compreensão da natureza da grande nação com a qual o regime imperial buscava projetar. Nesse sentido, é possível compreender a dimensão política exercida pela instituição”. (VILHENA, 2016, p. 226)

construída durante o II Reinado¹⁹¹, que apagar as tendências separatistas do país, sobretudo, aquelas que surgiram na primeira metade do século XIX, nas províncias do Pará, de Pernambuco, da Bahia e do Rio Grande do Sul. Neste sentido, em províncias onde os desejos separatistas foram muito intensos, como em Pernambuco, vai emergir uma história política, e também uma literatura de fundação do passado não somente dessa província, narrando um passado comum para as províncias do Norte do Brasil.

Segundo Varnhagen, em sua *História geral do Brasil* escrita em meados do século XIX, uma obra próxima historicamente dos acontecimentos políticos dessa época, aparecia em Pernambuco um forte “ressentimento” com as derrotas políticas de 1817 e 1824, das lutas contra o exercício do poder centralizador da Coroa portuguesa, e depois da monarquia brasileira. Esse mesmo pensamento defendeu José Murilo de Carvalho em sua obra *A construção da ordem*, extrapolando essa concepção com a definição de ressentimentos locais e regionais. Portanto, foi nesse cenário político do debate de ideias pela espacialização do Brasil, no contexto histórico de surgimento de novas nações pelo mundo, e pela espacialização das províncias no âmbito nacional, que emergiram as tensões políticas entre nação e região¹⁹² no Brasil, também provocadas pelo impacto da criação das instituições políticas e de saber acadêmico, artístico e histórico em algumas províncias do país, principalmente no Rio de Janeiro, na Bahia, em São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e no Rio Grande do Sul¹⁹³.

Com isso, vemos que o “ressentimento” presente nos discursos de algumas províncias, nessa perspectiva historiográfica construída a partir do centro político do país, favorável a centralização política e econômica no Rio de Janeiro, vai servir para a produção do discurso em política de separação das províncias do Norte, um discurso de separação política que tomava a província de Pernambuco como espaço para forjar a origem de toda essa parte do país. Em Pernambuco, província para onde viajavam os filhos da elite das províncias vizinhas, estava sendo produzido este discurso histórico separatista em contraponto a centralização monárquica, na medida em que todo um panteão simbólico e mítico de heróis dessa província era construído para exaltar o patriotismo pernambucano, diante do cenário de decadência econômica e política

¹⁹¹ GUIMARÃES, 2011, p. 66

¹⁹² “Caberia, a partir desse momento, tentar estabelecer uma correlação entre os espaços políticos, econômicos e culturais da nação e regiões. Vamos nos ater ao que virá a ser o espaço oligárquico regional, inicialmente denominado Norte e, posteriormente, Nordeste, no período que antecede a República.” (SIQUEIRA, 2014, p. 292)

¹⁹³ Ainda segundo Carvalho, com as faculdades de Direito, os “centralistas conseguiram, então, substituir a rivalidade provincial pela regional: foram dadas uma escola para o norte e outra para o sul, a primeira localizada em Pernambuco, a segunda em São Paulo. Minas foi mais tarde compensada com as Escolas de Farmácia e Engenharia de Minas, o Rio Grande do Sul com uma Escola Militar”. (2003, p. 82)

que a província ocupava no espaço nacional. A cidade do Recife passava a ser vista como centro político e econômico entre as províncias do Norte, nela se encontravam os filhos das elites provinciais dos setores econômicos do açúcar, do gado e do algodão, no momento em que a elite pernambucana construía seus símbolos de poder em torno da imagem de ser uma “das glórias brasileiras”¹⁹⁴.

Licurgo de Paiva começava sua vida no curso de Humanidades em uma cidade onde ardiam ainda fortes conflitos políticos dos partidos contra a centralização da monárquica, e entre 1861 e 1866, quando morou em Recife, se deparou com a elaboração de um passado de glória e de orgulho que buscava definir o espaço de destaque ocupado por Pernambucano na História do Brasil. A construção do passado nacional que ele tinha contato nas aulas de Língua Nacional e História no Liceu piauiense, de unidade do país na língua, na natureza e na política, se encontrava com um discurso patriótico e separatista elaborado politicamente da província de Pernambuco. Em 1866, depois de desistir do objetivo de ser bacharel em Direito, o jovem estudante publicou seu único livro, *Flores da Noite*, reunindo os poemas que escreveu durante esse período na capital pernambucana.

Do passado piauiense construído através das pequenas vilas e das fazendas de gado, a principal riqueza de exaltação dessa província nos debates políticos em meados do século XIX, Licurgo de Paiva vai tomar a imagem do sertão para inserir a província do Piauí nos discursos patrióticos, que estavam sendo elaborados pelo romantismo através do conceito de *minha terra*. Uma visão do Piauí como província situada no sertão, a repetição de uma narrativa também produzida pela “memória” de Alencastre. Este último remontava a busca pela origem do Piauí ao processo de colonização pecuarista pelos “sertões de dentro” e a instalação dos currais de gado nos principais rios que corriam em torno dele. Dialogando com esse vocabulário político que definia Pernambuco como uma das principais capitais do país, Licurgo de Paiva vai construir uma visão de cidade ou praça contrária ao sertão, espaço onde ficava localizado sua terra natal. Pretensamente se afastando desse tempo presente de transformações da cidade e dos conflitos políticos que ocorriam na província pernambucana, ele buscava na construção narrativa do sertão um lugar de refúgio, principalmente, com o tema de retorno à infância no sertão¹⁹⁵. O sertão como terra natal seria o espaço da infância e de um tempo que passava

¹⁹⁴ SCHAWRCZ, 2011, p. 118.

¹⁹⁵ No prefácio do livro publicado em 1866 na cidade do Recife, Tobias Barreto dizia que “só quem brincou menino, mais perto da natureza, entretendo relações de ingênua amizade com as velhas árvores, deitado no seu regaço de sombra; só quem teve por companheira dos seus brinquedos uma linfa filha dos campos, que fosse o seu primeiro amor, a sua noiva, de quem recebesse como emblema do coração algum fruto mordido, alguma flor machucada, poderá compreender, adivinhar quem é DINA. Oh! como o ruído das cidades é prosaico diante do

vagarosamente em comparação com as mudanças sociais dessa cidade. A ausência da vida no Piauí, no período que morou em Recife, perturbava a visão provinciana desse jovem estudante, que passará em sua trajetória de vida a construir do Piauí uma imagem bucólica e amena de seu isolamento no sertão.

Para definir sentimentos patrióticos do Brasil e de suas províncias, assim como compor a natureza e a sociedade em prol da pátria, o discurso civilizador do Império teve que delimitar recortes que separavam as diversas províncias. Dizer que a pátria havia nascido em determinada província era uma ameaça ao ideal de unidade política defendido pela monarquia e pela elite nacional, que circulava politicamente seus agentes da ordem imperial nos principais cargos de governo nomeados pelo imperador e pelo Conselho de Estado¹⁹⁶. Em Pernambuco, o discurso de separação dessa província, oriunda da proposta separatista que vinha da Confederação do Equador, rivalizava a tal ponto com a centralização imperial, que tornou possível o surgimento de um discurso regionalista de fundação das províncias do Norte na política, e em seguida de separação da literatura entre províncias do Norte e do Sul. As cidades de Olinda e Recife eram vistas como testemunhos desse passado glorioso de Pernambuco e da economia açucareira, do aumento de sua riqueza comercial com o começo da colonização nessa província do país. Em Pernambuco havia tido início o período colonial, com a exploração da cana-de-açúcar, e logo depois sua importância para a formação econômica e política do país, principalmente, com as lutas políticas de tendências liberais e republicanas. A relação política entre centralização e descentralização, conservadores e liberais, centro e províncias, imperador e as oligarquias não deve ser tomada como oposições estanques, mas como embates que se cruzavam na construção do Estado nacional¹⁹⁷.

silêncio ameno da vida rústica!”. PAIVA, Lycurgo José Henriques de. **Flores da Noite**. Pernambuco: Typ. do Jornal do Comercio, 1866. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

¹⁹⁶ Mesmo havendo em Pernambuco um discurso de “separação” do restante do país, não significa que havia uniformidade política contra a política imperial de centralização do Estado, como mostra José Murilo de Carvalho em relação aos partidos políticos, pois “os donos da terra que se ligavam ao Partido Conservador tendiam a pertencer a áreas de produção agrícola voltadas para a exportação e colonização mais antiga, como Pernambuco, Bahia e, sobretudo, Rio de Janeiro. Esses grupos tinham mais interesses na política nacional e na estabilidade do sistema. Daí se disporem mais facilmente a apoiar medidas favoráveis ao fortalecimento do poder central. Os donos de terra filiados ao Partido Liberal provinham mais de áreas como Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, com menos interesses na centralização e na ordem ao nível nacional”. (2012, p. 213)

¹⁹⁷ Para um autor como José Justiniano da Silva, escrevendo em pleno ano de 1860, monarquia e democracia precisavam andar junto no Brasil, em “eterno consórcio”, pois “a nação era a mesma... e entretanto o furacão das paixões soprou, e as instituições vascillaram; a nação inebriando-se descreu dellas; vasta conflagração se ateou... então as mais loucas esperanças foram concebidas, as mais cegas aspirações fomentadas; então uma palavra misteriosa, a federação, próxima reminescencia da estolida *confederação do Equador*, essa palavra mentirosa, irmã gêmea de outra que hoje apresentaes, ameaçou a unidade do império”. SILVA, Justiniano José da. **Monarquia-Democracia**. Rio de Janeiro: Typ., 1860, p. 10. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 10/05/2013.

Nas décadas de 1850 e 1860, o vocabulário político do Império começava a incorporar a elaboração de uma nova divisão política do país, não apenas baseada na visão romântica da grande natureza da literatura nacional, uma visão da natureza presente também nas narrativas de viagem do Primeiro Reinado e da Regência. Nesse momento, surgia politicamente um recorte separatista que mostrava a divisão do país entre províncias ou “irmãs” do Norte e do Sul. Na história política, a inserção do Piauí entre as províncias do país foi elaborada nesse momento com a publicação da *memória* de Pereira D’Alencastre no IHGB, no entanto, sua composição discursiva tinha como precedentes de documentação os relatórios de província. No campo político, o Brasil estava dividido entre centralização e descentralização, conceitos históricos que definiram em grande medida o vocabulário político dos partidos no decorrer do Império; e no campo literário, o espaço da pátria passava a ser dividido em duas áreas, Norte e Sul, ao tal ponto da relação entre centro e províncias do discurso político de unidade nacional ter um deslocamento no espaço nacional para ser concentrada, nesse caso específico, na oposição entre Norte e Sul em fins da década de 1870.

Em Recife, Licurgo de Paiva tomava dimensão destes discursos separatistas, já que o emprego da palavra Norte aparecia com maior intensidade nos discursos políticos de reação à centralização, que eram impressos em jornais e documentos oficiais da província de Pernambuco. Em repúblicas, bares e ruas, no preparatório e nos bailes, ele percebeu o emprego discursivo desse novo recorte político de Pernambuco como centro do Norte, incorporando esse espaço com a construção desta visão que tomava o Norte a partir da capital pernambucana. Afinal, como o discurso político separatista produzido em Pernambuco incorporava as diferentes províncias que passavam a compor a parte Norte do país? Quais outras práticas discursivas, além da política, fizeram emergir o Norte como parte do país na segunda metade do século XIX? Como, por exemplo, o discurso literário elaborado a partir de Pernambuco incorporou diferentes províncias para recortar o país em duas partes? Por que estudantes vindos de suas províncias para morar em Recife deslocavam o recorte do Norte para a poesia, ao serem inseridos no cenário político e no debate literário durante o II Reinado?

No caso específico do Piauí, podemos observar a centralidade que a imagem do sertão ganhava nesse discurso de inserção das províncias no espaço político do Norte. No discurso político dos relatórios dessa província, essa imagem buscava evidenciar não somente sua distância dos centros de civilização do país, na medida que buscou fazer do sertão uma imagem dominante do espaço piauiense. O afastamento dessas províncias dos “nossos sertões” do centro político do Brasil, também permitia deslocar os efeitos de poder da descentralização em direção

de outras capitais, dentre elas Recife, que aglutinava principalmente o comércio externo e, interno, com suas províncias vizinhas.

Já no campo historiográfico, principalmente a produção de uma história do Brasil feita pelo IHGB, primava por compor um quadro sintético que reunisse as diferenças naturais e sociais entre províncias. Das descrições elaboradas sobre as províncias, o IHGB formava um discurso comum de unidade nacional do Império, seguido em larga medida pelos institutos provinciais e suas questões locais. Nesta perspectiva, foi que Varnhagen defendeu o patriotismo na construção da unidade nacional pelo Império e pela “civilização”, e considerava o “provincialismo” fruto de tendências e fissuras que ameaçaram a unidade, quer dizer a centralização, durante a primeira metade do século XIX.

A História como conhecimento do passado brasileiro¹⁹⁸ estava preocupada em evitar que a nação e a pátria fossem questionadas pelo renascimento de discurso “separatista”, por um discurso político nascido das mudanças sociais, econômicas e políticas nas relações de poder entre o centro e as províncias. A descentralização possibilitava perceber a importância política que o espaço de cada uma das províncias reivindicava no processo de espacialização do Brasil. Portanto, quando em Pernambuco a elite açucareira e outros grupos políticos começaram a defender, e certos momentos de modo radical a descentralização do Estado nacional, culminando com a Praieira entre 1848 e 1850, uma história do Brasil estava sendo produzida pelas instituições e por homens de “saber” do Império, uma história político-administrativa e dos costumes do país. Uma história da pátria capaz de evidenciar como as partes do país formavam todo o Império, mesmo com as dificuldades da monarquia e de seus poderes em conter os conflitos políticos pela descentralização. Uma visão da pátria elaborada pela monarquia que fosse capaz de evitar politicamente dissidências locais e regionais, mas também incorporá-las a formação do discurso imperial vistas através do processo de unificação política em cada uma das províncias¹⁹⁹.

Em Pernambuco, a construção de um sentimento de orgulho em deixar de ser português²⁰⁰, presente nos conflitos da primeira metade do século XIX, tornou possível em

¹⁹⁸ GUIMARÃES, 2011, p. 219-220.

¹⁹⁹ Nessa época de conflitos políticos contra a centralização, o jornalista José Justiniano Silva questionava como “quereis sinceramente que se melhore a sorte das províncias, isto é, do império; porque o império é o todo, as províncias não são senão divisões administrativas delle, e a prosperidade de cada uma dessas divisões, como o seu atrazo, é prosperidade e atrazo do todo?”. SILVA, Justiniano José da. **Monarquia-Democracia**. Rio de Janeiro: Typ., 1860, p. 52. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 10/05/2013.

²⁰⁰ “Já dissemos que a insurreição pernambucana de 1817 foi, inicialmente, obscurecida e distorcida pelos grandes vultos da historiografia nacional emergente. Em alguns volumes de nossa memória nacional, ela apenas mereceu ser citada como nota de rodapé. Mas nenhum de nossos historiadores interpretou essa revolução republicana com

seguida a formação de um discurso de reação ao processo de centralização imperial. Guardadas as diferenças entre esses acontecimentos discursivos, o fato é que em comum aparecia um discurso que colocava Pernambuco em uma posição de conflito político direto com a Coroa e, depois com a Monarquia. As ideias liberais de revolução e de liberdade estavam presentes nesses movimentos políticos e sociais, inicialmente, através da formação de partidos políticos que questionavam a centralização em torno do Rio de Janeiro. Dessa forma, percebemos o aparecimento do discurso político do Norte “separado” das províncias do Sul, que estava sendo produzido historicamente a partir da província de Pernambuco, um discurso político que buscava falar em nome, primeiro dessa província, e depois da parte Norte do país.

Uma província que contava com uma Faculdade de Direito como um espaço catalisador para formação política e jurídica, e também literária, dos filhos das elites provinciais que estudavam nessa cidade. Licurgo de Paiva vai estudar no preparatório em Recife nesse momento do debate de ideias a respeito da diferenciação entre Norte e Sul na política do país. Portanto, o discurso de “separação” buscava colocar as províncias do Norte reagindo de modo uniforme ao processo de centralização política, e tomava Pernambuco como centro político dos conflitos federalistas nessa área do país. Afinal, o que nos interessa nesse debate é entender porque as ideias federalistas foram sendo incorporadas na formação de um discurso de separação entre Norte e Sul, que invadiu o campo da literatura, e como houve a inserção da província piauiense nesse espaço onde estudantes estavam se preparando para ingressar na Faculdade de Direito, como foi o caso de Licurgo de Paiva.

Jovens que também escreveram correspondências, artigos e poemas em jornais falando de sua província de nascimento, e para isso, recorreram ao conceito de *minha terra*, que vinha sendo elaborado no interior do movimento romântico no Brasil. Conforme a classificação de Antonio Candido da poesia romântica, o patriotismo e o nativismo, isto é, a “cor local”, defendidos por essa geração como forma de diferenciar o brasileiro do europeu, serviu de base ideológica para formação do romantismo literário no Brasil, se diferenciando de suas principais referências e dos autores europeus, como Byron, Musset, Herculano, etc. Contudo, ele afirma que nem toda literatura romântica produzida entre 1831 e 1888 era de caráter nacionalista, e cita Álvares de Azevedo como típico poeta crítico do nacionalismo de “cor local” da poesia brasileira²⁰¹, seja indianista ou de costumes.

tamanho desdém, faccionalismo, antipatia e preconceito quanto Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde Porto Seguro”. (SIQUEIRA, 2009, p. 175)

²⁰¹ CANDIDO, s/ano, p. 15.

A natureza era representada de forma simbólica pelo conceito de *minha terra*, empregado na poesia romântica desde Gonçalves Dias. Em torno da Faculdade de Direito, os estudantes ampliavam seus contatos com essa literatura nacionalista romântica elaborada em países da Europa e no Brasil, algo reduzido a um pequeno grupo de filhos das elites provinciais. O interesse pela poesia começava, portanto, no início da juventude, de forma que o ingresso nos cursos superiores aproximava jovens que em comum conversavam sobre os livros que já haviam lido da literatura nacional e estrangeira. Licurgo de Paiva foi um desses estudantes interessados em poesia, e tudo nos indica que foi inicialmente por ter vivido nos principais centros urbanos do Piauí dessa época, as cidades de Oeiras e de Teresina, que expandiu sua formação intelectual na cidade do Recife no preparatório de Humanidades²⁰².

Em Recife, os estudantes interessados por poesia intensificavam o conhecimento de um maior universo de escritores e de obras. Entre as aulas do preparatório, nas rodas de poesia em bares e praças, eram recitadas poesias de autores já consagrados e os poemas que os estudantes começavam a escrever sobre diversos temas. Quando chegou em 1861 em Recife, ele começava a fazer poesia reformulando o vocabulário literário construído do Piauí como província “nascida” no sertão. A província do Piauí, que desde José Coriolano, passou a ser chamada de sertão de *minha terra*, era uma imagem construída pelo sentimento da saudade. Uma saudade pessoal que começava a fazer parte da composição poética de novos significados desse conceito, pois sentir saudade do lugar de nascimento era uma forma não somente de lembrar-se de pedaços do tempo passado, significava também se lançar no desejo de viver na poesia a construção saudosa do tempo e do passado do sertão a partir da cidade do Recife.

O romantismo buscava a construção do país como pátria do futuro e do progresso, contudo também possuía uma visão de determinados grupos e espaços dessa sociedade, escolhendo a saudade como forma de lidar com as mudanças do tempo e da história. A partir de meados do século XIX surgia um novo arranjo político do federalismo e de práticas liberais com a intensificação das relações políticas entre as diferentes províncias e a monarquia constitucional. A imagem do porto de Recife, por onde embarcavam e desembarcavam pessoas livres, libertas e escravas, artigos de consumo e de luxo, jornais e livros, e que tinha na economia açucareira sua principal fonte de riquezas e de poder, servia politicamente nos discursos políticos de Pernambuco como porta de entrada e de saída para as províncias e principais capitais do país e de outros países. Entre as pessoas que desembarcaram em Recife em 1861

²⁰² CHAVES, 1998, p. 480.

estava Licurgo de Paiva e outros estudantes. Também chegavam documentos e jornais de partidos oficiais das províncias do Norte, que vinham do Pará para Pernambuco pela navegação costeira de cabotagem.

Assim como José Coriolano, Licurgo de Paiva teve contato com os discursos políticos de relatórios e de jornais que recortavam o espaço piauiense em torno da imagem do sertão. Começavam uma nova elaboração dessa narrativa do Piauí como sertão com o emprego do conceito romântico de *minha terra*. O político e o poético dessa imagem estavam presentes na trajetória de vida desses estudantes do Piauí, principalmente daqueles que tinham acesso com maior regularidade a instrução pública e particular. Homens que buscavam o bacharelismo como forma de inserção social e de *status* na construção das práticas sociais e políticas durante o Segundo Reinado. Da poética de *minha terra*, os estudantes percebiam o poder desse discurso para organizar novos temas, enredos e personagens, isso lendo os poemas românticos que exaltavam o índio e a natureza, o amor e Deus, a terra e a alma. Com a análise de seu livro, veremos o poeta escrevendo narrativas para inserir o Piauí no cenário do Norte através da imagem do sertão. Assim, sua poesia reelaborava esse conceito nesse momento de emergência política de Pernambuco como centro do Norte e de difusão do cientificismo pela Faculdade de Direito. Entre romantismo e naturalismo, nação e região, centro e províncias, percebemos a construção poética de *minha terra* como um conceito fundamental na trajetória da vida e dos poemas de estudantes que foram estudar em Recife. Antes de 1866, quando estreava a publicação de seus poemas em jornais, editados posteriormente em um livro pela Tipografia do Jornal do Recife, ele se preparava para ingressar no curso de Direito, objetivo que ficaria pelo caminho com o despertar do seu interesse pela literatura, em particular pela poesia.

3.3. O sertão entre as Letras e a boêmia literária

Em 31 de março de 1866, os jornais do Recife eram distribuídos para seus assinantes, jornais diariamente vendidos pela cidade. Além disso, tinham como “correspondentes” jornais de outras províncias e da capital do país, intensificando a circulação de informações do governo, do comércio e de outros assuntos dessa e de outras províncias. Entre as folhas desse dia, Licurgo de Paiva passava a ser conhecido através do *Jornal do Recife*²⁰³. Entusiasmado com a

²⁰³ Site: www.bn.br/hemeroteca. **Jornal do Recife**. Recife, 31 de março de 1866. Acesso: 15/03/2016

publicação dos seus poemas pela tipografia desse mesmo jornal, procurava pela nota que informava a venda do seu livro na Librairie Française, localizada na Rua do Crespo, n.9. Na nota era informado o tipo de brochura, a quantidade de páginas e que havia um retrato do autor, sendo vendido ao preço de 5\$000. Nesse mesmo jornal tinham informações dos ministérios do governo imperial e dos negócios públicos dessa província, da movimentação de vapores no porto, a venda de produtos comerciais e de escravos, a divulgação de bailes em clubes e no teatro de Santa Isabel, a venda de livros, etc.

O prefácio de seu livro havia sido escrito por Tobias Barreto, que posteriormente, junto com Silvio Romero, se tornavam ferrenhos defensores do cientificismo na Faculdade de Direito²⁰⁴. Inicialmente, como a maioria dos poetas “novel” fazia com seus poemas, ele publicou alguns deles em jornais²⁰⁵, vivendo entre escrever poemas e o preparatório em humanidades para ingressar no curso de Direito. Em apenas cinco anos já conseguia publicar seu primeiro livro, com a idade de 24 anos, se destacando entre os estudantes do curso e que estariam em preparação para ingressar na faculdade. Tobias Barreto, que considerou escrever no prefácio do livro mais um conselho para um “projeto de poeta” do que considerações com “juízo crítico”, comentou em boa parte do prefácio as possíveis relações entre arte e ciência²⁰⁶ no século XIX, direcionando o que Licurgo deveria fazer para se transformar em um grande poeta, assim como os principais “poetas modernos”.

Afinal, por que Licurgo intitulou seu livro com o nome *Flores da Noite*²⁰⁷? Qual a forma literária de composição poética do sertão que está presente nos seus poemas publicados em 1866? Não era novidade um estudante se preparando para o curso de bacharelado, principalmente de Direito, enveredar para a escrita de poemas, como já analisamos a respeito

²⁰⁴ “Vários são os testemunhos que sinalizam os caminhos dessa mudança. Em 1870, Silvio Romero em tom quase profético, não só anunciava seus mais ilustres inimigos - o catolicismo, a monarquia, o romantismo -, como alardeava o surgimento de uma nova era.” (SWCHARCZ, 2011, p. 147-148)

²⁰⁵ O Jornal do Recife do dia 30/11/1865 publicou um poema de sua autoria dedicado ao Imperador, em versos como “Senhor! Não vende a Lyra os seus harpejos/Do filho cá do norte, e nem seus beijos;/Consagra ao Soberano uma homenagem/Devida a seu valor, devida a Deus./Beija-se o sacrário á fé da imagem,/Canta-se os braços de uma linhagem,/Mas não se mentem aos seus...”. Site: www.bn.br/hemeroteca. **Jornal do Recife**. Recife, 30 de novembro de 1865. Acesso: 15/03/2016

²⁰⁶ Na visão de Lilia Moritz Schwarcz a respeito da década de 1870 no Brasil, a questão racial passou nesse momento a ter novos sentidos na construção da identidade nacional, evidenciado no debate das ideias e entre cientistas ligados a chamada Escola de Recife, na medida em que “essa nova geração que assumia a liderança das principais cadeiras da faculdade, tinha por meta expurgar antigos padrões, sempre em nome da civilização. Esses novos modelos correspondiam, por sua vez, à entrada de todo um jargão evolucionista que em Recife teve larga aceitação, principalmente depois das leituras que Tobias Barreto fez dos filósofos alemães - Haeckel e Buckle - e da difusão de autores como Spencer, Darwin, Littré, Le Play e Gobineau, entre outros. Ficaram conhecidos como os “renovadores da Escola de Recife”. (2011, p. 148-149).

²⁰⁷ PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

do poeta José Coriolano. A desistência do curso ocorreu face ao crescimento do seu interesse pela vida como poeta e pelos espaços de sociabilidade de uma “vida boêmia” pela cidade, como as tabernas, os cafés, as livrarias, etc. Segundo Terezinha Queiroz, entre os escritores do Piauí, esse poeta:

antecipa a geração de boêmios, fracassados e bizarros do começo do século. Arejado por estudos preparatórios, com vistas ao curso jurídico em Recife, onde se estabelece na década de 1860, publicou naquela cidade seu livro de versos, **Flores da Noite**, prefaciado por Tobias Barreto. Esse começo auspicioso não teve sequência, pois o poeta, dedicando-se a vida boêmia, que nunca mais abandonou, desistiu dos estudos superiores, sendo chamado de volta à Província, onde deveria ingressar na vida prática. Aqui dedicou-se ao jornalismo e à vida boêmia. O álcool, de que se tornou dependente, vai prejudicar sua vida profissional e embotar seu talento, que no fim da vida já era só lembrança. (1994, p. 121)

O jornal de 31 de março elencava um panorama das obras e dos autores que eram lidos nessa época, principalmente e em sua maioria de livros estrangeiros. *Os miseráveis* de Vitor Hugo, *A literatura portuguesa* de Pereira da Silva, *Anais do Brasil* de Biard, para citar alguns de uma lista de dezenas de livros de literatura e também de outros campos, livros de medicina e de religião cristã. No jornal do dia 5 de abril, poetas estrangeiros e brasileiros, como Camões, Cassimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Fagundes Varela²⁰⁸. E novamente, uma nota anunciando a venda do livro *Flores da Noite*. Contudo, antes de publicar seu livro, ele teve que construir como leitor sua inserção no saber literário, que incluiu a leitura em larga medida de livros de poetas, de exemplares como esses que eram vendidos na Librairie Française em Recife. Deles vão ganhar destaque em sua composição literária os autores brasileiros Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, e também o romancista francês Alexandre Dumas.

Para ler livros em língua estrangeira, como em francês e em inglês, Licurgo de Paiva contava com um aprendizado elementar dessas línguas, proveniente das aulas irregulares do Liceu Piauiense, e posteriormente, com o preparatório para ingressar no curso de Direito, já morando no Recife. Era filho da elite piauiense que em suas fazendas tinham os filhos iniciados na instrução através do ensino particular. O aumento do ensino oficial, embora precário, com a criação de novas escolas primárias e secundárias nas vilas e cidades piauienses, e a criação do Liceu Piauiense no governo de Goes e Vasconcelos em 1846, despertou nessa elite pecuarista a possibilidade de inserir futuros bacharéis em cargos burocráticos e políticos no II Reinado. O projeto proposto por Antonio Saraiva das vagas do Liceu para internato, e depois da mudança da capital retomado por outros presidentes, fazia parte do horizonte de expectativas do projeto

²⁰⁸ Site: www.bn.br/hemeroteca. **Jornal do Recife**. Recife, 05 de Abril de 1866. Acesso: 15/03/2016

de unificação do Império, presente nas propostas apresentadas nos relatórios políticos lidos na Assembleia.

Morador na Rua do Príncipe, era esperado pela família que após os cinco anos de curso ele retornasse para a província do Piauí. O seu novo espaço de vida era uma capital com uma maior circulação de pessoas e mercadorias, com seus sobrados e casarões, suas ruas e tabernas, suas travessas e seus becos, mas também com seus sítios e seus engenhos nas imediações do espaço urbano. No encontro do cais do Porto, cruzada pelas pontes sobre os rios Capibaribe e Beberibe, a cidade do Recife se ligava com o país e com o exterior. Concluir o curso e seguir na carreira de advogado em Recife ou em outra capital significava possuir condições financeiras e sociais restritas a poucos estudantes, nesse momento de ascensão dos bacharéis na vida pública e política²⁰⁹. Um cenário de mudanças econômicas pelo aumento das relações comerciais, com novas relações sociais que giravam em torno de interesses de grupos ligados ao comércio e a prática da concorrência, presentes, por exemplo, na diversificação de anúncios dos jornais. Ser um advogado em Recife significava ter condições para alugar uma sala nos prédios do centro da cidade, como fizera Franklin Távora antes de sua mudança para viver no Rio de Janeiro²¹⁰, sendo advogado nessa praça. No horizonte de expectativa desses futuros bacharéis em Direito formados na Faculdade do Recife, e daqueles que se preparavam para ingressar no curso, a atuação do bacharel na política bifurcava-se em diferentes caminhos, e que muitas vezes se misturavam, na política partidária ou na elite burocrática.

Nesse horizonte de expectativas²¹¹ com o objetivo de ser bacharel, tendo contato também com a literatura brasileira e estrangeira, não sabemos se ele começou a escrever poemas ainda quando vivia no Piauí, porque poucos foram os poemas datados. O certo foi que em sua frente se descortinava esse horizonte de possibilidades com atividade literária, deixando a chance de cursar Direito em segundo plano, quando o interesse em escrever poesia passou a ocupar a maior parte do seu tempo em Recife. Em suas leituras aparecem poetas em epígrafes de seus poemas, Álvares de Azevedo, Cassimiro de Abreu, Fagundes Varela, Gonçalves Dias

²⁰⁹ “A mudança era em parte forçada pelos desequilíbrios entre oferta e demanda de graduados. Já bem cedo começou a haver excesso de bachareis em relação ao número de empregos abertos na magistratura. Certamente o desenvolvimento do país foi abrindo oportunidade de emprego no campo da advocacia. A própria elite política ao final do período era composta predominantemente de advogados, enquanto no início dominavam magistrados. Mas o mercado para advogados tendia a concentrar-se nas cidades e em breve haveria também excesso desses profissionais.” (CARVALHO, 2012, p. 86-87)

²¹⁰ Entre os anúncios do Jornal do Recife do dia 20/01/1870, um dizia que “Franklin Távora mudou seu escritório de advocacia para a rua Estreita do Rosário, n. 22. Site: www.bn.br/hemeroteca. **Jornal do Recife**. Recife, 05 de Abril de 1866. Acesso: 15/03/2016

²¹¹ KOSELLECK, 2006, p. 109-110.

entre os poetas brasileiros. Para os comentários biográficos do livro *Flores da Noite* relacionados com prefácio de Tobias Barreto, a vida boêmia marcou de maneira efêmera sua trajetória de poeta no Recife, antecipado seu retorno para Teresina por conta do fracasso como futuro bacharel. Contudo, o importante consiste em analisar como a relação entre vida boêmia e o ambiente intelectual nessa capital tornou possível a publicação do livro em 1866, muito mais do que considerar apenas o “gosto” de Tobias Barreto enquanto a única situação que decidiu sua trajetória como poeta na década de 1860.

De modo diferente, pensamos que foi dessa relação entre a vida boêmia e a poesia que o levou a publicar seus poemas em um livro. Caminhando entre ser bacharel sem deixar de se fazer um poeta, ele viveu sua vida como estudante entre o final da década de 1850 e a primeira metade da década de 1860. Não sabemos se durante sua vida no Recife ele chegou a passar suas férias no Piauí, fato importante para problematizar porque imaginava a saudade como um sentimento de estar exilado da terra natal ou do sertão, enfim, de *minha terra*. No livro, o próprio poeta nos ofereceu uma pista para problematizar a sua composição poética e política em *Flores da Noite*. No texto de dedicação do livro a M. Rodrigues, o poeta dizia que “poderei contar-te, na suave intimidade que entre nós permaneceu sempre, a história delas” (1866, p.7). A história de composição dos poemas, de suas flores da noite, tem como cenário a cidade do Recife de meados da década de 1860, quando se tornou leitor com maior frequência da poesia romântica de estrangeiros e brasileiros.

Com o tema do exílio presente na poesia desde Gonçalves Dias, com o livro *Primeiros Cantos*, a poesia romântica no Brasil começava a inventar com a literatura um processo típico de formação das nações modernas, a composição poética e política do espaço nacional, para uma definição da língua, das tradições e dos costumes da nova pátria. A reconfiguração dos recortes nacionais da Europa e da América Latina, ainda na primeira metade do século XIX, e o surgimento do romantismo²¹², como movimento artístico, político e literário, foram dois fenômenos importantes para que possamos situar o processo de invenção do Brasil-nação seja no campo político, seja no campo literário. No último quartel do século XIX, o Brasil passava por um processo de reconfiguração das relações espaciais com a política do governo imperial e as disputas entre províncias. A formação do discurso de unidade nacional acima dos interesses

²¹² “A fusão de nacionalismo e romantismo é uma dessas meias verdades que se impõem no discurso da história cultural não só brasileira, mas latino-americana. O seu lado verdadeiro é patente: escritores de maior relevância, como Gonçalves Dias e José de Alencar, foram, ao mesmo tempo, cantores da natureza e do selvagem brasileiro e autênticos românticos pela forma e pelo sentimento se sua obra. Quanto ao meio erro, aparece com toda evidência quando se constata a dissociação de ambos os *ismos*. [...] Nem todo nativismo terá sido forçosamente romântico; nem todo romantismo foi exclusivamente nacionalista.” (BOSI, 2012, P. 230)

provinciais e locais era construída no campo político como vitória da centralização contra os conflitos em diferentes províncias, que reivindicavam relativa autonomia diante da monarquia, ou mesmo sua separação radical em defesa de ideias liberais e republicanas. Segundo Durval Muniz, ao longo do século XIX ocorreu:

uma progressiva centralização do poder, que tende a frear as aspirações político-econômicas de algumas províncias, notadamente as do Norte. Esta centralização, em grande parte financiada pelo capital estrangeiro, visava manter a unidade política e territorial do Império que estivera ameaçada no início do século XIX por revoltas de cunho descentralizadoras e até mesmo separatistas, ao mesmo tempo que fornecia condições para que o Estado imperial cumprisse seu papel de agente de modernização do aparelho econômico, fornecendo garantias e criando mecanismos de aplicação do capital estrangeiro no país. 1988, p. 36-37.

Portanto, os interesses políticos e econômicos de determinada província tiveram que lidar diretamente com o discurso dominante de unificação do país em torno da monarquia constitucional e, com ela, a expectativa de unidade política do Brasil. Na formação dessa literatura nacional e do seu nacionalismo literário, as diferenças sociais e políticas entre províncias e nação foram sendo apagadas momentaneamente com a legitimação do Brasil como um país diferente dos países da Europa. Não somente porque era um país que havia se tornado independente no campo político da sujeição portuguesa, e que havia conseguido abafar as tendências separatistas de fragmentação territorial. Para essa elite intelectual formada em universidades europeias, principalmente em Portugal e nesse momento também no próprio país, o Brasil possuía “algo próprio”, algo que era somente “nosso” no processo de se inventar como nação e, por isso, precisava construir uma literatura diferente da europeia, em particular, da literatura portuguesa. Na década de 1860, portanto, aqueles que se destacavam dentro e fora da Faculdade do Recife propunham, de modo incipiente, fazer não somente uma crítica do romantismo e de seus expoentes no Brasil, pois, ao mesmo tempo, direcionavam um ataque a monarquia e suas idealizações de unidade da pátria e de unificação política.

As ideias dos movimentos separatistas ou em prol da descentralização política do Estado nacional, para que as províncias também pudessem criar leis, cargos, impostos, nomear funcionários, etc., e que instituíram o Ato Adicional em 1834, reinterpretado com o regresso conservador da década de 1840, reapareceram nas disputas entre províncias e o governo central com as mudanças políticas ligadas ao discurso separatista de Pernambuco entre as províncias do Norte. No caso da literatura, os primeiros poetas românticos, como Gonçalves Dias, construíram um discurso da unidade nacional no campo literário, onde o espaço do Norte tinha apenas o sentido de localização das províncias do país a partir do Rio de Janeiro.

Até a década de 1860, falar em Norte no campo literário não significava ainda fazer um discurso de defesa política dessa região do país. A poesia romântica empregava o termo Norte como uma natureza “sacralizada” e presente em todo o país. Para a moralidade cristã presente na formação social e intelectual desses poetas, e em larga medida vinculada ao discurso de unificação do Império pela religião católica, a natureza do Brasil era vista como um espaço sacralizado para sentir a presença de Deus, do sagrado e do mistério. Esse discurso da natureza não dividia a sociedade e os homens, ela era símbolo da presença da vida e da morte para todos e sem distinção ou grupo social, e sentir a natureza de forma indivisa era ao mesmo tempo não duvidar da existência de Deus, do sagrado e do mistério. Nessa visão, a natureza, quer dizer, o tempo natural, o dia e a noite, era como um mesmo céu para todos do país, de qualquer província do país. A natureza ainda não estava dividida em duas áreas com características naturais distintas, como passou a ser dividida com o advento do cientificismo e os conceitos de meio e de raça entre as instituições de ensino e de pesquisa do país.

No Brasil, o poeta romântico empregava o conceito de natureza como continuidade de um tempo natural e cíclico na formação da sociedade e dos diferentes espaços do país. Um tempo sem começo e sem diferença, e neste sentido, buscando uma origem para a pátria como um eterno retorno²¹³. Então, por que Licurgo nomeou seu livro *Flores da Noite*? Por que flores, e em específico, da noite? Por que não nomeou Norte ao invés de Noite, vivendo em Pernambuco nesse momento de emergência política de discursos separatistas da década de 1860, como aparece em trecho do poemeto **Dina**, onde o poeta dizia “Tu és dos trópicos, Dina,/Da zona ardente do norte,/O lis da tez mais divina”? (1866, p. 9). Em sua dedicação do livro a M. Rodrigues, as flores significavam a expressão dos sentimentos de “mancebo pensativo”. Com efeito, das brincadeiras de infância e da amizade representados pela relação com a musa dos poemas, contrastavam com vida do centro urbano e a solidão da cidade do Recife. Ainda na apresentação, o poeta nos dizia que somente Deus e sua musa poderiam compreender seus “segredos” diante de “uma vida amargurada”. Nesta perspectiva romântica, saudade e solidão eram sentimentos presentes não somente no homem, mas em toda a natureza. Enfim, a sua inserção da província do Piauí no romantismo era feita segundo uma visão romântica da natureza, porém, um espaço que vai sendo recortado pelos “trópicos” e definido como uma “zona ardente” do país²¹⁴.

²¹³ SUSSEKIND, 2008, p. 17.

²¹⁴ “Caso extremado é a aplicação que em Recife se faz das máximas deterministas a áreas distintas como a literatura, a crítica e a poesia. Tomados por uma ira feroz ao romantismo, vários intelectuais desse centro “em

No Brasil, a saudade surgiu como tema da poesia romântica desde Gonçalves de Magalhães e de Gonçalves Dias, chamada por este de “sócia do forasteiro” (1848, p. 244). O movimento romântico transformava a saudade no principal sentimento para imaginar um retorno inevitável para a terra natal. A saudade para esses poetas era um sentimento sublime e etéreo, somente contemplado pelo “homem da natureza”. Significava pensar a saudade como retorno há um tempo natural, que fosse capaz tornar sacralizado tudo que tentasse escapar da finitude humana. Com Licurgo de Paiva, o tema da saudade passou a expressar um sentimento de ausência, contudo, uma saudade imaginada cada vez mais como um tempo vivido “dos ares de meu sertão” (1866, p. 10). Nos quatro primeiros poemas de seu livro, *Minhã mãe, Dina, Minha Terra e Anseios d'alma*, a saudade foi escolhida como o sentimento principal na composição poética de cenários, personagens, pensamentos, sentimentos, conflitos, etc. Os poemas do livro estão divididos em cinco partes, sendo uma delas um “pequeno romance” com o título *Amor e Morte*. Portanto, o tema da saudade no romantismo articulava as relações entre passado e futuro das províncias de modo diferente, mesmo sendo um sentimento para imaginarmos a poesia como narrativa de conciliação com a construção de um único passado, ou mesmo de uma única pátria²¹⁵.

O conceito de *minha terra* ganhava novos significados com a poesia de Licurgo de Paiva, principalmente, nos mostrando que nem todo romantismo foi de cunho político nacionalista, assim como já havia feito o poeta José Coriolano na década de 1850. Porém, diferente de José Coriolano, ele dará mais ênfase a “vida da praça” em sua poesia do que o primeiro poeta, experimentando pensar e dizer na poesia os amores, as paixões e as decepções de um tempo vivido na capital pernambucana, imerso que estava na vida boêmia e nos circuitos da atividade literária. Não deixando de dizer que o sertão era sua terra natal, utilizava a mesma forma política de oposição entre cá e lá, aqui e acolá, palavras reunidas e utilizadas em torno da problematização desse conceito forjado com a poesia de escritores românticos no Brasil. Assim, compreendemos que seu emprego do conceito de *minha terra* passava a imaginar o sertão localizado nos trópicos e no Norte, remontando ao poema *Canção do exílio* de Gonçalves Dias, escolheu a saudade como principal sentimento de sua trajetória entre Piauí e Pernambuco durante um tempo vivido por seis anos.

nome de uma crítica literária ‘realista’ utilizarão dos mesmos métodos científicos cada vez mais exatos” [...] só que, dessa feita, para a literatura: uma literatura naturalista. “ (SWCHARCZ, 2011, p. 150)

²¹⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 123-127.

Portanto, fica evidente que depois de José Coriolano, o Piauí continuava sendo inserido na literatura através da imagem do sertão, pela composição de significados para o emprego do conceito de *minha terra*, um espaço que vai politicamente sendo inserido também no Norte, chamada de “zona ardente” dos “trópicos”. Enfim, se Licurgo de Paiva localizou a presença do Piauí no Norte significa que seus poemas estavam sendo compostos em versos a partir do Recife, uma cidade que aglutinava grande parte da elite intelectual do país em torno da faculdade de Direito, uma instituição direcionada para a formação bacharelesca e um lugar onde ganhava visibilidade falar em nome do Norte²¹⁶ entre os estudantes em preparação e matriculados nesse curso. No entanto, o recorte do Norte em sua poesia não era um prolongamento da história de comemoração do orgulho e da glória pernambucana, mas de exaltação da natureza tropical, nesse caso, do sertão localizado ao Norte.

Entre instituições e jornais de partidos políticos de Pernambuco havia a presença de um discurso político que já tomava Pernambuco como centro do Norte, como vimos no tópico anterior. Neste sentido, também presente no discurso historiográfico interessado na construção de um passado fausto e de riquezas em Pernambuco, iniciado ainda no período das capitanias, passando pela invasão holandesa e culminando com as insurreições e revoltas do século XIX. Diferente desse discurso separatista, a presença do espaço do Norte na poesia recortava politicamente o Piauí pelo emprego das expressões, ora *minha terra* ora *meu sertão*. Político porque havia uma circulação desse discurso de aumento das disputas econômicas em províncias do Norte a partir de meados do século XIX. E literário porque começava de forma ainda difusa a ser construída uma narrativa cientificista baseada no determinismo climático, com expressões na poesia romântica transformando o Norte em “zona ardente” dessa parte do país. Em 1868²¹⁷, o presidente da província do Piauí dizia que eram inúmeras as dificuldades de inserir essa província entre suas “irmãs do Norte”. Na verdade, os conflitos políticos iniciados em Pernambuco, separando Norte e Sul, não estavam difundidos com a mesma intensidade de

²¹⁶ “De fato, Pernambuco carregava o mesmo orgulho republicano, o mesmo ideal de liderar a região setentrional do país, que a havia caracterizado em anos anteriores.” (SWCHARCZ, 2011, p. 144)

²¹⁷ O relatório foi apresentado a Assembléia Provincial por José Manoel de Freitas, que havia retornado para a província do Piauí após estudar e se formar em Direito em Recife, na mesma época de Coriolano. Nesta trajetória também escreveu versos utilizando o conceito de *minha terra* em jornais e revistas junto com José Coriolano. Daí, posteriormente, seu interesse político em inserir o Piauí na construção de um discurso político, isto é, “das irmãs do Norte”. Para Freitas, a “província do Piauí, rica por sem duvida dos dons da natureza, mas até o presente sem cultura alguma, é a única d’entre as suas irmãs do Norte, cujas fontes mais se resumem; cujas finanças decrescem, ameaçando terrível ruína, se o governo não lançar suas vistas benéficas sobre ela, secundado por todos os piauienses que se interessam sinceramente pela sua prosperidade”. (1868, p. 6)

poder nas províncias “vizinhas ou irmãs”, ou mesmo no Parlamento da cidade do Rio de Janeiro²¹⁸.

Portanto, entendemos antes de iniciar propriamente a análise do livro publicado em 1866, que *Flores da Noite* foi um livro produzido no momento de mudanças no ambiente intelectual em Recife e de modo geral no Brasil, o que torna possível perceber como escritores pouco conhecidos nacionalmente, nos possibilitam repensar a divisão clássica de evolução da literatura durante o predomínio do romantismo, tanto da poesia como da prosa. Para entender o que Licurgo de Paiva trouxe de novo para a composição do poema romântico, precisamos problematizar seu emprego do conceito de *minha terra*, ao continuar nossa análise das narrativas do sertão em sua construção literária da saudade. Com isso, repensamos sua relação política com a vida boêmia em Recife e o ambiente intelectual dos anos de 1860, comparando as referências da literatura brasileira e estrangeira que tornaram possível sua publicação dos poemas.

O Brasil do século XIX, assim como em muitos outros países do Ocidente²¹⁹, assistiu um processo crescente de migrações²²⁰ internas e externas de diferentes grupos sociais, com lutas políticas e ideológicas pela demarcação de fronteiras nacionais, regionais e locais. Em muitos casos, um processo também de lutas entre discursos que buscavam definir as diferenças entre a nação e suas divisões em vários campos da produção de saberes, sejam em relatórios, livros, jornais, academias, institutos, faculdades, revistas, e em particular no campo literário. Na segunda metade do século XIX, um novo ideário invadia os espaços institucionais e de formação intelectual no Brasil, fazendo surgir no interior dos chamados homens de letras, um grupo ligado as ideias do positivismo, evolucionismo e darwinismo. Em Pernambuco, esse grupo de homens de letras, interessados pelo pensamento científico e pelas teorias deterministas

²¹⁸ Segundo a análise feita por José Murilo de Carvalho a respeito da formação do Estado Nacional durante o Império, não havia uniformidade ideológica e partidária que diferenciase “políticos do Norte” das demais “regiões” do país. A uniformidade buscada pela política imperial era pelo treinamento e pela circulação da elite nacional nos diferentes níveis da burocracia do Estado, as diferenças de interesses políticos, sejam ideológicos ou de partidos, apareciam no debate de temas como escravidão, reforma eleitoral, lei de terras de acordo também com interesses políticos de cada província. Com isso, Carvalho procurou “reduzir” os conflitos regionais ao nível das disputas sociais, ficando em segundo plano as lutas de poder entre as próprias províncias, nesse processo de decadência da monarquia parlamentar. (2012, p. 220)

²¹⁹ Segundo Hobsbawm, em **Nações e nacionalismo desde 1780**, “se o único nacionalismo historicamente justificável era aquele ajustado ao progresso - isto é, aquele que alargava, e não restringia, a escala de operação humana na economia, na sociedade e na cultura -, qual podia ser a defesa dos povos pequenos, das línguas menores e das tradições menores, na grande maioria dos casos, a não ser uma expressão de resistência conservadora ao avanço inevitável da história? [...] Essas línguas não morreriam sem lamentos, pois uma geração que inventou o conceito e o termo folclore poderia contar sobre a diferença entre o presente vivo e as sobrevivências do passado.” (2011, p. 53)

²²⁰ MELO, 1999, p. 67-68.

dessa época, começava a produzir uma aproximação diferente entre arte e ciência²²¹, dentre eles Tobias Barreto.

Esse novo ideário denominado de “um bando de ideias novas” foi construído pelos muitos estudantes de Direito em Recife como signo de ruptura com tudo o que foi produzido no Brasil antes da década de 1870. Segundo Lilia Moritz Swcharcz²²², em *O espetáculo das raças*, essa mudança provocou o aparecimento dos homens de *sciencia* entre a elite intelectual do Império, que incorporaram e propuseram novas definições e classificações da nação e das províncias do país, amparados por um arcabouço de teorias e classificações das populações e dos espaços cada vez determinados por conceitos raciais e climáticos. No entanto, discordamos dessa historiadora em sua definição de ruptura dessa geração de 1870, de uma ruptura com o conhecimento das regras anteriores de produção literária entre homens de letras e de ciência. De fato, houve mudança, agora é preciso questionar como os próprios “vencedores” dessa luta discursiva entre homens de letras e homens de ciência instituíram a década de 1870 e, especificamente, a faculdade do Recife, como o marco ou começo de sua própria ideia de ruptura com o período anterior e o movimento romântico.

Os comentários de Tobias Barreto no prefácio do livro nos possibilitam recuar até meados dos anos de 1860, para entender as relações de poder que surgiram entre ciência e literatura, sem deixar de questionar o começo desse discurso político de ruptura construído pela chamada geração de 1870, isto é, pela Escola do Recife. Principalmente, com o objetivo também de analisar essa mudança através desse livro, problematizando suas referências de pensamento na produção de novos significados do conceito de *minha terra*, no cruzamento entre o pensamento romântico e metafísico, que estava ligado fortemente com o Seminário de Olinda, e as “ideias novas” do cientificismo e do naturalismo personificados, posteriormente, pela geração de Tobias Barreto e Silvio Romero.

²²¹ “A ciência e a arte são as duas asas do espírito humano. Prima a filosofia entre as ciências, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, ao passo que a ciência caminha, a poesia voa: - o seu mister não é como o da ciência, esclarecer as sombras do problema universal; mas também não deve ser estranha aos achados daquela. A insipidez do *poeta* dos nossos dias vem menos da falta de talento do que da falta de conhecimentos. Se a poesia vai adiante da ciência, se o mistério é o seu domínio, desde que ela se ocupa do que está sabido na ordem dos sentimentos, das ideias, de todos os fatos, enfim, torna-se necessariamente insípida, os juízos do poeta não são hipóteses que a experiência possa verificar.” PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

²²² SWCHARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Nesse contexto histórico, o discurso político de separação começava na década de 1860 a formar um novo horizonte de expectativas no debate de ideias que agitava a capital pernambucana. Afinal, como Licurgo passou a construir o tema da saudade em seus poemas? Até que ponto sua construção narrativa do sertão baseada na saudade se diferenciava daquela produzida pela poesia de José Coriolano, ao pensar sua expressão desse sentimento com o advento das teorias deterministas e cientificistas no ambiente intelectual da cidade do Recife²²³?

O conceito de *minha terra* no Brasil, elaborado inicialmente com o surgimento da poesia romântica e relacionado com os significados da saudade presentes no romantismo português de Garret e Herculano, passou novamente a ser empregado nesse momento de conflitos políticos pela inserção das províncias do Norte na política imperial ao final do Segundo Reinado. O conceito é o mesmo²²⁴, no entanto, mudava o contexto histórico e político que vivia o país, e mudava também a composição poética desse conceito no campo literário. Entre o poema e o romance, não se tratava das mesmas imagens do sertão em discursos sobre a saudade, quando aproximamos os versos “Um dia tive saudades/dos ares de meu sertão” de Licurgo de Paiva, da prosa “Quando te tornarei a ver, sertão de minha terra natal, que atravessei há tantos anos na aurora serena e feliz de minha infância?” de José de Alencar²²⁵.

No poema *Minha terra*, podemos analisar as diferenças no emprego desse conceito na composição poética romântica, e perceber como depois esse conceito passou a ser utilizado na literatura definida como regionalista e alinhada com as máximas do cientificismo. A diferença não é só de gênero literário ou mesmo de estilo e forma de expressão. A saudade nesse poema expressava sentimentos de conciliação do sertão com suas recordações ou com os “tempos passados”. Nele e em outros poemas, como veremos, a saudade era uma tentativa de conciliar-se com a ausência de sua terra natal, quer dizer, de conciliação com a mulher idealizada seja

²²³ Segundo Durval Muniz, a saudade na literatura portuguesa ganhava novos contornos ao final do século XIX, na medida que na “geração positivista e realista da década de 1870, Camões continuará sendo um grande poeta, mas incapaz de explicar o Portugal do final daquele século. Servirá como contraponto a uma nação decadente, com uma população majoritariamente analfabeta e que, cada vez mais, encontra no abandono da própria pátria a única esperança de melhoria de vida. [...] Essa é uma geração que não sente saudades, mas que denuncia o saudosismo como uma das constantes culturais portuguesas responsáveis pela decadência da nação. [...] O progresso - para essa geração uma lei implacável a que estariam subordinados todos os povos - não admitia saudosismos, nem tradicionalismos de qualquer espécie. A sociedade urbano-industrial chegara, a civilização do trem e do telegráfo já se anunciara, e Portugal seguia construindo monumentos ao século XVI, ao Poeta-Herói cercado de todas as glórias passadas, agora quase uma figura burlesca tal o deslocamento temporal que representava.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 127-128)

²²⁴ “A história dos conceitos mostra que novos conceitos, articulados a conteúdos, são produzidos/pensados ainda que as palavras empregadas sejam as mesmas [...] mostram-nos que da mesma palavra um novo conceito foi forjado, e que portanto ele é único a partir de uma nova situação histórica que não só engendra essa nova formulação conceitual, como também poderá se tornar através dela inteligível”. (KOSELLECK, 2006, p. 140)

²²⁵ ALENCAR, José. **O sertanejo**. Typ., 1874, p. 3. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 10/09/2015.

sua mãe ou sua amante, com o retiro, o sítio, o bosque, o lago, as serrarias, o céu, a tarde, a rolinha, a família. Começando com uma epígrafe de Cassimiro de Abreu, o poeta dizia:

De minha terra os primores,
Na lira de meus amores,
Eu irei cantar agora:
Minha terra é tão formosa
Como entre as flores a rosa
Que desponta na aurora.

É uma loura criança
Que se embala na esperança
Sem presunção, mas risonha;
É uma virgem modesta,
A sombra ali na floresta,
Que só com Deus é que sonha.

O sábia pela mata
O terno canto desata,
Voando incerto nas flores;
E a rolinha amorosa
Também acorda chorosa
Num canto cheio de amores.

[...]

O boiadeiro, mais longe,
Imita o canto do monge
Que peregrina saudoso.
E o som da nota que exala
Da serra agreste que embala
Ao seio negro e fragoso.

[...]

Balança o bosque demente,
Como num sonho candente
Embala a virgem saudade,
Além tremula a mangueira,
E o sábia na palmeira
Modula ao som da Trindade.

[...]

Deus me dê de voltar ainda
Aquela terra tão linda
Que foi meu berço adorado,
Para, nas sombras suaves,
Ouvir o canto das aves
Dos meus - de todos ao lado. (1866, p. 13)

Sua saudade pessoal intercalava com o tema da saudade presente sem sua leitura da literatura romântica, o que nos possibilita perceber esse sentimento também como uma construção coletiva de uma dada sociedade e de seus grupos sociais no Brasil. Ambígua, a saudade traz ao mesmo tempo um desejo de falar da ausência e da novidade de sua vida distante do sertão. Principalmente, quando em sua narrativa o sertão passou a ser sinônimo de

recordação da infância no campo e no espaço rural, uma projeção romântica do ideal de pureza da natureza. Pelo visto, sentir saudades do sertão passava a ser também a construção de um tempo passado produzido cada vez mais pela literatura, uma maneira de pensar a saudade de determinados lugares, pessoas e sociedades deixando de existir com o processo de diferenciação política, social e econômica que repercutiu entre províncias do país.

As oposições entre sertão e cidade, *minha terra* e praça, passado e presente, memória e história, aparecem em torno de nossa problematização moral²²⁶ da saudade nessa poesia. A saudade era imaginada como um sentimento que detinha o poder de purificar o tempo e o espaço, capaz de sacralizar recordações dos lugares e das pessoas. Longe de suas parentelas e de seus domínios, esses homens saudosos do passado imaginavam com um reencontro com um tempo que havia sido perdido, um tempo da ordem e da paz, portanto, que não se conciliava com as incertezas sociais e políticas desse momento histórico da década de 1860. Segundo Antonio Jorge de Siqueira, em *Labirintos da modernidade*, mais precisamente em sua análise sobre os conceitos de nação e região enquanto discursos fundadores do Brasil, dentre os vários discursos que forjavam uma visão da nação a partir do Norte, o discurso de comemoração era:

outra variável desse discurso identitário que visa garantir a sobrevivência do regional ante a emergência niveladora do nacional, na sua expressão de modernidade política e gerencial, consiste na frequência com que as elites conservadoras regionais, especialmente em momentos de crise e transição, visita os valores da tradição cultural e histórica. Com isso, tenta-se apegar uma densidade apaziguadora no esforço de reconciliação com o passado diante do futuro, se não ameaçador, pelo menos desestabilizador. (SIQUEIRA, 2014, p. 297)

Licurgo de Paiva era um frequente leitor de Álvares de Azevedo, epigrafeado na maioria de seus poemas, naqueles com citações da poesia ou versos de obras da literatura brasileira e estrangeira. Em *Flores da Noite*, a presença da cidade ou da “urbe” ocupou boa parte de seus pensamentos para a composição em versos da poesia, assim também uma visão edênica da natureza do Brasil. Recife, a praça, foi imaginada como sendo uma cidade com uma vida marcada e repleta de incertezas, que ele contrapôs a sua infância em contato direto com a província piauiense, ou seja, com os “os ares de meu sertão”. Saudade “daquele tempo” que se passou, sendo no presente transformado em tempo da infância perdida.

No entanto, a vida da cidade não deixou de aparecer poeticamente como um dos focos dessa relação tensa, e que foi sendo oposta a imagem do sertão com o emprego do conceito de *minha terra*. Diferente de José Coriolano, a praça não vai aparecer somente como o oposto do sertão, porque seu campo de significados se ampliava pela relação com sua própria experiência

²²⁶ FOUCAULT, 2009, p. 17.

e o momento de vida em Recife. Se a imagem da praça com o primeiro deveria ser vista de maneira separada e sem guardar qualquer semelhança com a idealização do sertão, ao ponto da ideia de retorno não significar qualquer interferência da praça no “modo de viver” do sertão; em Licurgo de Paiva ela interferia diretamente no conflito individual contra códigos morais que alteravam sua narrativa do sertão, na medida que o poeta pensava que a saudade não fosse somente um sentimento de proibição dos “prazeres”²²⁷ da praça. No poema *Dina*, o sertão significava um afastamento com tristeza da “vida mundana”.

Tive um dia saudades palpitantes
Desses tempos passados junto a ti;
Recolhi-me ao silêncio alguns instantes,
E estes versos tristes produzi.

Volta a folha, que ainda orvalha o pranto;
Ergue a palma d’amor que te compus,
Que se foste, na glória o meu encanto,
Do calvário és agora a doce cruz.

[...]

Votei-te pois esta lira,
Que só pesares transpira,
Que dores só pode ter;
Que importa? - é uma lembrança -,
Que foge quando a esperança
Vem junto asas bater.

[...]

Um dia tive saudades
Daquelas matas viçosas,
Das brisas tão soluçosas,
Dos ares de meu sertão;
Era de tarde - no sítio,
Tudo era grave e sentido,
Como da rola o gemido
Perdido na solidão.

[...]

Tu te embalavas na rede,
Da casa na sala de fora,
Quando em tristeza nessa hora
Eu me afogava a morrer:
Lembras-te, Dina, do dia?
- Foi num dos muitos de outubro...
O teu semblante de rubro
Tornou-se turvo ao me ver!

²²⁷ Segundo Foucault, em “uma escala histórica bem mais longa, poder-se-ia acompanhar a permanência de temas, inquietações e exigências, que sem dúvida marcaram a ética cristã e a moral das sociedades europeias modernas, mas que já estavam claramente presentes no cerne do pensamento grego ou greco-romano. Eis aqui diversos testemunhos: a expressão de um medo, um modelo de comportamento, a imagem de uma atitude desqualificada, um exemplo de abstinência.” (2009, p. 22)

[...]

E dos saudosos suspiros
Que perfumaram primeiro
Esse penhor verdadeiro
D'amor naqueles retiros?
Tenho saudades agora
De tantas coisas de outrora:
- Desse passeio ao atalho,
Tenho saudades de tudo,
Daquele espaço tão mudo,
Que nos serviu de agasalho.

[...]

Tu és dos trópicos, Dina
Da zona ardente do norte,
O lis da tez mais divina.

[...]

Consola-te, querida, a sina minha,
A tua, o meu fadário, o teu na lida,
Talvez que de alguma árvore à sombra, um dia,
Amparem-se de amor por toda vida.

[...]

Não... silêncio... esta página
Deve ficar mesmo em branco;
Mister me fora ser franco,
E franco eu não devo ser;
Alguém talvez um dia
Escreva nela meu drama,
Mas, se mentirem, reclama,
Que eu já não hei de viver!

Ao mundo lego este tema
Se não bem negro problema,
Para amanhã resolver;
Depois... que a autópsia faça
De quem no mar da desgraça
Boiou constante ao viver!... (1866, p.15-17)

A saudade era imaginada mais como sofrimento do que enquanto prazer de reconciliação com o passado de sua terra natal, o sertão. O poema foi composto como uma promessa de reencontrar Dina, como uma espécie de reencontro temporal com suas idealizações da natureza e do sertão. E apesar da narrativa do sertão aparecer composta por um vocabulário descritivo e romântico de paisagens europeias, como lago, montanha, monte, estava sendo incorporado a essas narrativas outros espaços como retiro, atalhos, sítio, e “zona ardente do norte”. Nessa idealização do amor romântico, a saudade deveria expressar a continuidade de códigos morais aprofundando a separação entre sertão e praça. Segundo Alfredo Bosi, procurar:

o que haveria de comum entre os poetas brasileiros e os europeus seria o mesmo que tentar a exploração de uma difusa fenomenologia do “eu” romântico. A nossa “segunda geração” é facilmente reconhecida pelo movimento de introjeção dos conflitos entre o sujeito e o meio. A saída da mudança social viria depois, entre as décadas de 1860 e 1870. Daí a escolha da expressão acima neste tópico: entre *eros* e *thanatos*, entre amor e morte, fontes temáticas e emotivas dos seus poetas. (BOSI, 2012, p. 248)

O conflito pessoal de Licurgo entre viver longe do Piauí e a busca por se tornar bacharel em Pernambuco, de certa maneira, era também em sua poesia um conflito com uma moralidade romântica da saudade. Significava que o conflito pessoal consistia em acreditar que o tempo vivido da infância estava “lá”, justamente por conta da saudade também ser sua expressão da esperança em retornar como bacharel em Direito, em versos que diziam “Tem sido só por amar-te,/Por te querer, por gozar-te,/Que peregrino me fiz;/Se o sacrifício valer-te,/Desejo só merecer-te/O que de uma outra não quis,” (1866, p. 18).

O casamento aristocrático era envolvido pelo *status* de bacharel²²⁸ para os filhos de grande parte da elite brasileira, um código moral que esperava desse novo grupo social o envolvimento político direto com a manutenção do discurso imperial católico, centralizador e romântico. Nesse momento, a separação de códigos morais entre sertão e cidade surgiu relacionada ao casamento católico, não somente aristocrático, mas também entre pessoas pobres. As expectativas sociais de Licurgo de Paiva era conseguir ingressar e concluir o curso de Direito, e com esse “sacrifício” retornar, já diplomado, para casar e ocupar cargo político ou judiciário em sua terra natal. Com isso, o casamento aristocrático baseado na sacralização da mulher e do catolicismo foi sendo alojado na literatura através da poesia e prosa românticas, e depois pelo romance naturalista. Com o tema do casamento nessa literatura romântica, seja poema ou prosa, assistimos um processo oposição do casamento católico do sertão ao da praça, pretensamente apagando qualquer traço de *status* social ou de interesse familiar pelo casamento.

A alteração dessa ordem social aristocrática com o crescimento das cidades, principalmente, das transformações vividas nas capitais das províncias e no centro político do Império, a cidade do Rio de Janeiro, além do aumento de novos grupos intermediários entre senhores e escravos, diante das pressões políticas e da concorrência comercial por mão-de-obra livre, desencadearam uma nova problematização do discurso imperial em torno da unidade nacional, do catolicismo oficial e da centralização política. O conceito de *minha terra*, forjado

²²⁸ “A ascensão social do bacharel pobre que, abandonando aos próprios recursos, não podia ostentar senão *croisés* ruços e fatos sovados, ou, então, sujeitar-se a indiscrições de alfaiates pelos apedidos de jornais; que não dispunha de protetores políticos para chegar à Câmara nem subir à diplomacia; que estudara ou se formara, às vezes, graças ao esforço heróico da mãe quitandeira ou do pai funileiro; a ascensão do bacharel assim, se fez, muitas vezes, pelo casamento com moça rica ou de família poderosa”. (FREYRE, 1985, p. 583)

ainda na década de 1840 com a poesia de Gonçalves Dias, exaltando o patriotismo e idealizando a natureza do Brasil, ganhava novos tons com os embates pelo federalismo e pela inserção das províncias no espaço nacional, com a emergência de uma formação de discursos literários separando as províncias entre Norte e Sul a partir da década de 1870.

No poema *Minhas irmãs*, o poeta expressava a saudade lutando para não esquecer de sua “árvore saudosa” e do objetivo de ser bacharel. Esperança depositada nele por seu pai e suas irmãs, e por ser “o mais viçoso” com um “futuro brilhante” no estudo, não deixou de imaginar-se em devaneios pela “noite escura”, com fadas nuas e com mulheres voluptuosas, que fascinavam em festins da vida “profana” em diferentes festas do calendário “mundano”. A saudade era imaginada neste sentido como um “despertar cheio de nojo”, quando voltava “o rosto ao passado” sacralizado de retorno ao sertão. A saudade deveria reorientá-lo para esse caminho, reafirmando os “votos de esperança” que sua família lhe depositava como estudante no Recife:

- É que eu fui cercar o vôo na noite escura
De um pensar mentiroso onde abismei-me!
Fascinou-me o cantar das fadas nuas
E o sorrir da mulher voluptuosa.

Na solidão dessa noite: - embriaguei-me
Nos festins que elas me davam... profanei-me,
E dormi todo esse tempo!

[...]

Lá, do norte, do lar, onde sentimos
Florescer-nos a vida aos mimos pátrios;
Esse voto de irmão,, de amigo eterno,
Acolhei, que minha alma vos envia! (1866, p. 38)

Esse poema é uma espécie de “voto” de confissão pela esperança de retornar para o Piauí formado pela Faculdade de Direito do Recife. Portanto, a saudade aparecia como a construção poética da proibição do novo e da vida na cidade, desse tempo em que havia adormecido sem as glórias que o esperavam dele. Na poesia, Licurgo de Paiva se lançava na construção desses “desvios” que havia enveredado, e a saudade era uma tentativa muitas vezes frustrada de voltar no tempo, um ritual dolorido na forma de cantos e trovas, preocupada em superar os prazeres do presente sendo possuído por esses “tempos passados”. Por isso, ela deveria servir como uma forma de reconciliação com o sertão através das lembranças, de reagir virando os olhos para colher o “ramo verde” da saudade como esperança ou promessa. Enfim,

nesse poema a saudade é uma carta de confissão de um estudante indeciso entre a “boêmia” literária e o *status* social após ingressar no curso de direito.

Completam essa segunda parte do livro, os poemas *Pombas dos amores*, *Elvira e seu craveiro*, *A.R.R, Ah! Vem e A uma poetisa*, este último em homenagem ao poeta Gonçalves Dias. Nos três primeiros, o que expressava a saudade no coração era imaginada pela solidão, de um tempo passado que não se sabe “quando é dia ou noite mesmo”. A saudade trazia consigo uma determinada sensação de abandono na solidão da cidade, portanto, saudade e solidão confundiam o tempo todo o sentido de viver no presente das lembranças após “aquele dia” da saída para estudar em Pernambuco, como nos versos “só sinto a dor pungente da saudade,/Como um verme, em meios seios se arrastar” (1866, p. 40) do poema *Pombas dos amores*:

Depois daquele dia, assaz saudoso,
Pois tudo se confunde em meu pesar;
Só sinto a dor pungente da saudade,
Como um verme, em meus seios a se arrastar.

Porque te foste, pomba dos amores,
Porque eu mais quis ouvir-te gorjear?
Porque te foste, em ermo abandonaste
O caçador perdido no teu lar? (1866, p. 41)

A saudade era a expressão de uma narrativa poética recorrendo frequentemente o emprego do conceito de “minha terra”. Significava um craveiro nascido em um vaso sem luxo, pois teria como berço a selva, a relva, sem o “acaso” da cidade e de leis que diferenciavam socialmente as pessoas entre ricos e pobres. Uma visão de que todos os seres humanos, segundo a moral católica e o pensamento metafísico, eram irmãos ou iguais por ordem divina e natural. Saudade e solidão eram imaginadas como “flores singelas” idealizando o espaço do sertão, que também representava a capital Teresina. Analisando esses três poemas ficou evidente a centralidade da saudade, acompanhada da solidão, na composição poética e política de *minha terra*.

Abre tua asa, coração, e voa;
Adeja à toa no febril cansaço.
Abre tua asa, coração, e fende
O céu que pende às solidões do espaço;
Mas se encontrares
Auras trementes,
Brisas ferventes,
Voa a meus lares;
Passa a campina,
Rompe gemendo,
Chega tremendo
Na Teresina.

Uma saudade sobre os seios delas,

Flores singelas, por amor, desfolha;
 Longos suspiros, no delírio, exala,
 Depois a sala com teu pranto molha,
 Voa a meus lares
 Nas asas ferventes
 Dauras trementes,
 Fende meus ares;
 Passa a campina,
 Rompe gemendo,
 Chega tremendo,
 Na Teresina. (1866, p. 56)

Na sequência, nos dois últimos poemas dessa parte chamada de *Lira Singela*, retomamos a problematização desse conceito o comparando com as poesias de G. Dias e de A. de Azevedo. Em *Ah! Vem*, o poeta expressava o desejo de fugir da praça com uma “donzela” para o “meu deserto sertão”, no sentido não de espaço da seca, mas de idealização da natureza. O sertão seria esse espaço onde a solidão estava preenchida pelo “sol da primavera”, desvendar sua natureza significava imaginar a presença da saudade em “criações” de ordem divina. Esse poema é um “canto” idealizando uma donzela como uma flor no “meu sertão” e “nas selvas do norte”. Uma idealização da mulher da praça, que deixaria de ser “filha da Veneza” para ser como a “flor das primaveras” ausente nas “galas da praça”:

Na minha terra, tudo encanta a vida,
 Ao flutuar do dia;
 A ave e o bosque,
 Num concerto amigo,
 Deliram em harmonia.

Há tanto aroma, tanto amor e graça
 Naquela zona ardente,
 Que ali bem pode a filha da Veneza
 Viver sempre contente.

Se quanto amor e vida há nos meus seios,
 Donzela, ah! tu souberas.
 De ser de meu sertão não te escusarás
 A flor das primaveras.

A praça das galas que apresenta ao seio
 O seu florir não tem;
 Ah! desta vida para melhor fuja -
 Ah! meu amor, ah! vem. (1866, p. 55)

No último, em homenagem a G. Dias, a “musa” inspiradora de muitos poetas românticos, o poema narrou uma viagem acompanhado desse navegante e “viajor do norte” para o Maranhão, “lá, onde a viração modula o nome”. Navegando sempre à costa, chamada desde essa época de navegação de cabotagem, passou o farol de São Marcos para entrar no porto de São Luís esse “triste navegante, nesses mares/São Marcos, - o poético vigia”. Em seguida aparece “uma risonha e linda ilha”. Com G. Dias, Licurgo de Paiva havia percebido

que a poesia significava torná-la como expressão literária de sua pátria ou terra natal. A idealização do amor romântico do sertão nascia, portanto, desse sentimento saudoso de *minha terra*. A natureza imaginada de maneira bela e exuberante passava a ganhar contornos naturalistas, mais precisamente em torno da exaltação de seu “anjo lá do norte”. Portanto, se em *Canção do exílio* o poeta Gonçalves Dias usava uma nota de rodapé explicando que quando havia composto esta “canção, ou como melhor se chame, tinha apenas visto algumas das províncias do Norte do Brasil”²²⁹; no poema *A uma poetisa*, Licurgo de Paiva já tomava esse espaço do Norte como um ser romântico da poesia.

Oh! anjo lá do norte, escuta a lira;
 Agita agora a tua - a vida esquece...
 Avante! A poetisa, ao sol ardente,
 As flores do porvir também respira,
 E faz-se de mulher essência pura,
 O mundo a perfumar nas melodias
 Dos cantos que desferes e se eterniza
 Aqui nas virações do céu na glória! (1866, p. 60)

Em meados da década de 1860, sua narrativa literária do sertão já começava a inserir o Piauí no espaço do Norte através de um discurso “climático” da natureza, que aproximava determinadas províncias enquanto “irmãs” de uma mesma “região”, tornando “irmãos” também aqueles poetas na construção da saudade de um tempo de retorno a natureza. No entanto, essa pretensa semelhança de realidade no Norte contrastava, porém, com a competição política e econômica presente em discursos direcionados para chamar a atenção do governo imperial na capital do país, geralmente, em torno de conflitos provinciais e locais. Neste sentido, podemos pensar a expectativa de provincialismo do Piauí nessa “zona ardente” e dos “trópicos”, diferentemente de um recorte regional fixo e referente do espaço nortista, como vai emergir com a imagem da “seca do Norte”, como veremos com o conto *Ataliba, o vaqueiro*.

Os “desertos sertões” da poesia de Licurgo têm relação de poder com a idealização da busca de um tempo da felicidade perdida, na verdade, ligado ao interesse pessoal e político de retorno a província do Piauí, imaginado uma conciliação entre a saudade do sertão e a solidão da praça antes da narrativa cientificista da “seca do Norte”, que emergiu com a nacionalização do novo discurso da seca no final da década de 1870²³⁰. Da imagem romântica do sertão, esse

²²⁹ DIAS, Gonçalves. **Primeiros** cantos. Typ., 1846, p. 9. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 01/10/2015.

²³⁰ “Inicialmente o Norte seco se reduz aos sertões destas quatro províncias [Ceará, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte], no entanto, à medida que a seca vai se tornando um eficiente argumento para a realização de investimentos nestas províncias, as oligarquias de outras províncias vão reivindicar a condição de espaço de sujeito à seca. As “zonas da seca”, como eram chamadas, vai se ampliando à medida que as oligarquias do Piauí, a até as de Minas, vão reivindicar a condição de espaço vítima da seca e, portanto, merecedor de receber “socorro”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 293)

discurso de aproximação diferente entre a ciência e a literatura vai incorporar no romance diversos temas, como o casamento “sertanejo”. Como veremos a seguir em nossa análise das outras partes de seu livro, a poesia de Licurgo buscava inserir na poesia romântica sua terra natal, a província do Piauí. Diferente de José Coriolano, que viveu em Recife na década de 1850, no momento que o projeto político de centralização do Império abafava as últimas revoltas separatistas e descentralizadoras de diversas províncias do país; ele viveu em meados dos anos da década seguinte, momento de reformulação dos interesses políticos dos discursos federalistas em Pernambuco²³¹, diante das formas de diferenciação entre províncias do Norte e do Sul, diferenças que foram sendo construídas sobre os principais problemas do Brasil, como terras, impostos, escravidão, imigração, etc.

Para isso, nos detemos às linhas gerais desse discurso romântico de retorno sentimental há um determinado tempo e espaço vistos como um momento “originário” de pureza das coisas e das pessoas. Ao mesmo tempo, o objetivo é problematizar o tema da saudade do sertão com a emergência de uma determinada imagem provinciana do sertão piauiense na poesia de Licurgo, que tem haver com a forma de sentir saudade dos “tempos passados”. Desde a segunda metade da década de 1860, Licurgo já havia retornado para viver como poeta e funcionário público na província piauiense, todavia, havia deixado para trás a expectativa de ser bacharel em Direito.

Assim, prosseguindo nossa análise das demais partes do livro, respectivamente, **Ao Ilmo. Sr. J. I. Ribeiro Junior, Amor e Morte e Fantasias da Idade**, percebemos uma preocupação acentuada com o tema da saudade. Nessas partes do livro, a saudade aparece como uma forma poética *a priori* para construção do espaço sentimental por esse poeta romântico, e sua idealização do sertão retomada nessas partes do livro como “saudade do paraíso”. Afinal, qual a novidade no emprego do conceito de *minha terra* quando analisamos a poesia de Licurgo de Paiva, e como situá-la na classificação literária desse período? Primeiro, sua construção do tema da saudade não apagava por inteiro os conflitos sociais que apareciam no discurso político de crise da pecuária, discurso esse produzido pela elite política no Piauí. Ao ponto da imagem do sertão dessa literatura romântica, difundida entre uma minoria letrada de grupos sociais da própria província piauiense e de outras províncias, servir de estratégia política²³² nas relações

²³¹ MELO, 1999, p. 13-17.

²³² Podemos inferir que a imagem romântica do sertão servia de compensação para a perda de poder da elite oligárquica no Piauí, conforme se davam as alterações no pacto tradicional de funcionamento da sociedade pecuarista, reorganizadas pelo novo discurso da seca que produziu a imagem regionalista do sertão através da poesia erudita e popular. Segundo Durval Muniz, a “família, que era o núcleo básico da vida camponesa, como unidade de produção e consumo, se vê afetada pela acentuação da exploração econômica e a substituição das

de poder entre fazendeiros, funcionários públicos, padres, comerciantes, escritores e artistas. Enfim, a difusão social do conceito de *minha terra* despertava entre os diferentes grupos sociais um sentimento de perdas para tentar justificar um “modo de viver” longe das principais cidades do país, reforçando, portanto, um discurso político de códigos morais que idealizavam as relações de poder no sertão.

O pensamento desse poeta romântico imaginava o espaço de sua vida pessoal como um “deserto”, alterando suas relações familiares diante das expectativas de ser bacharel. Contemporâneo da crença de valorização do indivíduo na Europa e nos E.U.A, com o advento da sociedade burguesa e de novos padrões de sociabilidade, Licurgo de Paiva expressava nesses poemas a inquietação de um jovem poeta preocupado em se inserir no ambiente literário abordando os temas dessa época, principalmente, incorporando ao tema da saudade um imaginário “bíblico” da mulher. Nesses poemas, o poeta romântico²³³ buscava construir uma determinada forma de idealização da saudade através de sua vida pessoal. O desejo de falar da morte era expresso em versos, e a morte “prematura” vista como resultado de uma vida desregrada e presa ao mundo “prosaico”, consumida em vida no gozo dos prazeres e sem amparo na crença da esperança divina. Transitório, esse mundo girava em torno dos bailes e das festas “profanas”, que desnorteavam a reconciliação da esperança cristã da eternidade do amor e do casamento. Portanto, sua expressão da saudade o lançava na busca pela idealização da mulher na esteira de outros românticos, oscilando sua imagem de musa entre a inocência e a lascívia, o amor e o ódio, a dor e o prazer, etc.

relações baseadas na solidariedade e sentimento, por relações de interesse, o que gera conflitos crescentes dentro das famílias. Além disso, a pauperização leva à desagregação das famílias e, com ela, à perda de sua segurança, o que amplia o número de crianças abandonadas, velhos desamparados e mulheres que se prostituem. Valores tradicionais, como a maternidade, a proteção e o respeito aos mais velhos e a defesa da honra feminina, são progressivamente ameaçadas pelo avanço das relações sociais capitalistas.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 112-113)

²³³ “A expressão “segunda geração romântica” remete a alguns poetas que estrearam nos fins dos anos ou durante o decênio seguinte. Precoces na poesia e na morte, Álvarez de Azevedo (1831-1852), Junqueira Freire (1832-1855), Casimiro de Abreu (1839-1860) e, alguns anos mais tarde, Fagundes Varela (1841-1875) traduziram sua breve mas intensa experiência pessoal em uma linguagem difusamente romântica que, partilhando do estilo da época em todo o Ocidente, não deixou de afetar a dicção poética brasileira distinguindo-a do vernáculo da antiga metrópole. Daí o consenso da crítica que, desde Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Jr., timbrou em conferir à poesia romântica o mérito de incontestável expressão do nosso “caráter nacional”. Sem dúvida, a prioridade cabe, por unanimidade pela temática indianista e em razão da gama de sentimentos e imagens de que se tece a sua vida. Ma há um componente antes luso-brasileiro do que exclusivamente nosso em linguagem e um matriz clássica na composição do seu drama histórico que o colocam à parte daqueles jovens talentosos, porém desiguais, que o sucederam. Gerações de leitores continuavam a reconhecer em alguns poemas de Álvarez de Azevedo, de Casimiro e de Varela em *ethos* ao mesmo tempo romântico e brasileiro, cuja permanência não parece obra de puro acaso.” (BOSI, 2012, p. 247-248)

Dos 21 poemas da III parte do livro, ele havia escrito inúmeros versos para mulheres anônimas e outras identificadas por nome e sobrenome. Através da saudade, ele vai recorrer à moral católica que condenava a “sensualidade” como pecado e os excessos do prazer corporal como morte da alma. Contudo, os poemas são carregados de certa ambiguidade, já que haveria ainda para o mundo “prosaico” a redenção no futuro. No poema *A.R.R.*, os códigos sociais das relações de poder no sertão aparecem com a construção política de sua maneira de imaginar a saudade:

Embora essa distância que se estende
Do exílio ao lar ditoso onde eu nasci,
Embora a deslembração em que sou tido
Do próprio coração por quem morri;

Embora os meus pesares sucessivos,
Minhas mágoas carpidas em solidão,
E o véu da tristeza que me envolve,
Como o astro do dia a cerração;

Embora esse viver sempre de angústias
Consumido em falsas recordações,
Do passado essas flores desbotadas,
Que nem vale a pena as tradições;

[...]

De noite, em silêncio, ainda os sinto
Entrarem no meu leito em lentidão,
Como em dias passados que eu sofria,
Pra verem se eu da dor dormia ou não.

Nem mágoas de minh'alma e nem transe
Da vida do exílio a que me impus,
Desterram de meu sonho as duas sombras
- Madalenas na dor ao pé da cruz! (1866, p. 70)

A mulher dessa poesia romântica era idealizada como a imagem e a semelhança de uma criança ingênua, inocente e sem malícia, que somente proibida dos gozos mundanos conseguiria ser sinal de conciliação com “um passado sem gozo”. Em *Lágrimas e flores*, poema escrito em 1865 “à saudosa memória” de uma mulher chamada Exma. Sra. D. Júlia Amélia Ribeiro, seus versos expressavam a poesia como “condor de uma saudade”. Certamente, a saudade já era imaginada como um sentimento oscilando de uma visão divina em direção aos conflitos pessoais e sociais das províncias e de suas populações. Nesse poema romântico, o desejo de voltar para sua terra natal, já formado, era também expressão política da expectativa de seus familiares em ascender entre a elite provincial. Expectativa social misturada com a promessa de um futuro brilhante seja na burocracia imperial, seja entre os principais membros de partidos políticos do Império. Tudo isso interferia de forma diferente nas trajetórias de vida desses

estudantes, que viveram com o crescimento das mudanças sociais provocadas pelo aumento na formação de bacharéis pelas Faculdades de Direito do Império.

O discurso cientificista da geração de 1870 vai emergindo no interior do pensamento romântico do período anterior, porém, a saudade ainda remetia muito mais a construção de um passado comum de reconciliação no “seio” familiar e da igreja católica, um conflito de separação entre sertão e praça presente nessa poesia, do que propriamente evidenciar as disputas sociais e as relações de poder da sociedade pecuarista do Piauí. A projeção da saudade como um sentimento coletivo também aparece com o discurso político de “filho do norte” no movimento romântico, haja vista o alargamento do campo semântico de construção da saudade pelo discurso literário, na medida que novos grupos sociais e populações inteiras afetadas pelo fenômeno da seca passavam a ter sua história produzida sob a égide da saudade, com a transição para uma literatura baseada nos conceitos de meio e de raça.

Portanto, a saudade significava imaginar uma vida de “exilado” do presente, esperando que o futuro chegasse através da idealização do sertão, lugar de retorno para a conciliação com um sonho perfeito²³⁴. A terra natal era esse espaço sentimental que ele imaginava em sua “vida de exílio” e “na luz do romantismo”. Como nos versos de um dos últimos poemas dessa parte, intitulado *À Exma. Sra. D. L. M.*, onde o poeta dizia “Talvez possas dormir numa esperança/E depois acordar no paraíso!”. (1866, s/p). A projeção de um futuro no “paraíso” ao lado de sua musa levou o poeta a escrever sua existência na praça como um “engodo” dos prazeres do mundo. Isto não quer dizer que haja um silêncio deliberado de determinados prazeres vividos na praça, como vimos na poesia de José Coriolano. Nessa poesia escrita como um profundo estado de solidão, por um poeta que se dizia “peregrino” e “exilado”, a negação das incertezas do presente e da vida transitória das grandes cidades, de que o tempo traz consigo também mudanças pessoais e sociais, alterava sua expectativa de pensar a saudade sem pesares e queixas.

A cidade do Recife aparecia de forma ficcional, sem tanta historicidade, com suas ruas e bairros, como a Rua do Príncipe e o bairro da Boa Vista. Os bailes mascarados e salões de

²³⁴ Com relação a Casimiro de Abreu, Alfredo Bosi diz que sua “poesia das *Primaveras* é singela, não explora motivos mórbidos nem obsessão da morte, nem delírios eróticos. Mandado pelo pai a Portugal, ao que parece, contra sua vontade, é a saudade da terra natal que lhe inspira versos delicados e harmoniosos. A lembrança nostálgica da infância vivida em uma paisagem idílica, inequivocadamente brasileira (no caso, fluminense), ditou-lhe o poema “Meus oito anos”, que geração de escolares aprenderam de cor. A vida breve de Casimiro concorreu para popularizar a imagem do poeta romântico que se finava precocemente, assim como sucedera com Álvares de Azevedo e Junqueira Freire e iria dar-se com Varela e Castro Alves. Um halo de gênio malogrado “na flor dos anos” circunda a lembrança que ficou das suas vidas. Para muitos leitores, eles seriam os nossos únicos poetas autenticamente brasileiros, e esse mito já pertence a história.” (BOSI, 2012, p. 251)

festas, as músicas e recitações de poemas, que por sua vez projetavam socialmente nesse cenário o aparecimento dos estudantes-poetas na vida literária, também desnorream suas relações afetivas e sociais com os “tempos passados”. O piano, o restaurante, o teatro e o bonde foram de modo ambíguo incorporados como códigos morais de proibição dos prazeres do tempo vivido no Recife. As queixas e os tormentos vividos na praça deveriam ser idealizados pela esperança e pela saudade, momentos em que o presente fosse à imagem e semelhança de um sonho perdido²³⁵. O sonho seria uma determinada condição de fuga para conciliação com os “tempos passados”, tanto no amor como na morte, temas da quarta parte de seu livro. Sonhar era uma forma de durante a vida lidar com a presença da morte, não somente da morte natural, sobretudo da morte encarada como sendo produto da dor e do sofrimento das relações humanas afetadas pela saudade²³⁶.

A poesia desse poeta, que tinha formação intelectual mais romântica do que cientificista, consistia na tentativa de reconciliar *a priori*, quase que religiosamente, o amor e a morte, a aurora e o anoitecer, o nascimento e o túmulo, o prazer e o dor, a devassidão e a inocência, etc. Assim nos foi possível compreender a importância da saudade em sua composição poética, como uma maneira de produzir sua inserção dentre os poetas românticos, que abordaram esse discurso político de retorno, nesse caso ao sertão, empregando o conceito de *minha terra*. Com um pequeno romance, chamado de *Amor e Morte*²³⁷, ele constituiu a IV parte do livro. Nele vemos o começo de uma prosa como prolongamento do conteúdo literário de seus poemas, sem com isso mudar a forma poética de construção da saudade. Uma prosa de lembranças daquela “primeira saudade”, recordações capazes de valorizar a “nudez da beleza” e menos a variação de suas “roupagens”.

Sentado à beira do portão de uma chácara na Boa Vista, a narrativa começava a projetar uma vida de “peregrino” nessa busca, geralmente angustiante, de reconciliação do amor com a morte. O romance, na verdade, é um enredo de uma história que antecede a composição do poema que vem seguida, dividido em quatro partes: *Amor e morte*, *Esperanças*, *Desengano* e *No leito*. De modo geral, o poema foi composto em torno da possibilidade de realizar um

²³⁵ “A luz que envolve o seu mundo de sonho é uma luz lunar. E o calor que dela emana é um calor febril. Os “Hinos do profeta” resumem os motivos fundamentais da poesia de Álvares de Azevedo: morte próxima, canto do cisne, sonhos de amor e de glória que nunca se converterão em realidade, solidão”. (BOSI, 2012, p. 249)

²³⁶ No final do poemeto *Dina*, o poeta dizia “Não... silêncio... esta página/Deve ficar mesmo em branco;/Mister me fora ser franco,/E franco eu não devo ser;/Alguém talvez um dia/Escreva nela o meu drama, Mas, se mentirem, reclama. Que eu já não hei de viver!” (1866, s/p)

²³⁷ PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866. p. 80. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

casamento, onde o noivo escuta um “canto de saudade agonizante”, mesmo com as palavras de amor prometidas pela noiva. A casa dele era um “deserto”, e os dias no “sítio” marcados por uma “saudosa canção”, marcados pelos sons de uma avezinha rompendo o silêncio das noites. A saudade romântica imaginava a idealização de um amor inocente, sem o “egoísmo dos prazeres”, sem a “volúpia das dores”, sem os “ais da paixão”. Os noivos deveriam desacreditar dos desenganos da vida, das incertezas do coração e dos conflitos de sentimentos. Se o dia clareava o pensamento para encontrar “auras saudosas”, a noite lançava ele na solidão. A noite seria como um leito deserto, desenhando com a imaginação uma “luta do coração com a dor da morte”, que distanciava “aquelas flores da aurora,/Da minha saudosa infância” (1866, p. 80). A seguir, vamos analisar a última parte do livro, intitulada *Fantasia da idade*²³⁸, onde o poeta procurou em certo sentido diferenciar a forma de pensar a saudade dos cantos de “inocência”, daquela que seria uma poética “um pouco anticatólica”, baseada em interesses de transformar a poesia em “alguma coisa vago sem ser definido, um pouco menos real sem deixar de haver o que quer que seja!”. (1866, p. 95).

Um “filho dos trópicos”. Era assim que se definiu o poeta. No entanto, neste momento do livro, seus 21 poemas buscavam mergulhar mais nas sombras do tempo e menos nos sonhos da infância, queriam mostrar um poeta inspirado pelos poetas do “sensualismo”, sendo o principal deles, Álvares de Azevedo. A Lira escrita na introdução da última parte, que havia inclusive deixado Tobias Barreto preocupado com o futuro de quem ele chamou de “projeto de poeta”, era uma defesa de que no próprio poeta “os tempos também mudam”, inclusive a maneira de dizer como imaginamos historicamente a saudade. Leitor de Álvares de Azevedo, ele tentava mergulhar na construção ficcional da praça e da cidade inspirado no “sensualismo” da *Lira dos 20 anos*. Para ele, isto significava “seguir de longe as pegadas desse grande vulto da literatura moderna” (1866, p. 5). E apesar dele esperar dos leitores a compreensão da mudança que teria feito na composição poética de sua “lira”, com poemas que tratavam das “perdições” do homem pelo pensamento romântico, o que ficou evidente com esses poemas foi, novamente, sua busca por fazer da saudade uma forma de idealização romântica do passado, através da continuidade do casamento como código moral contra os prazeres do “mundo insano”.

No poema *Recordações de ****, o poeta idealizava uma mulher, que havia amado em sonho, sem com isso deixar de sentir saudades “desses dias”, e de se sentir “saudoso dela”.

²³⁸ PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866, p. 97. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

Saudades de “Lisa”, menos de uma virgem de 15 anos, do que de um código moral elaborado por um discurso da mulher sacralizada para o casamento. Namorar, gostar, amar nesse código moral não permitiria a mulher lidar com a transitoriedade da vida e dos sentimentos, seus desencontros e decepções. Como em *Moças*, um poema onde mulheres foram imaginadas como fadas etéreas, astros, luzes, gotas de orvalho, almas queridas, flores, anjos, etc. E o casamento um código moral calcado na imagem de uma mulher sacralizada, idealizada também para mulheres dessa época. Mulheres como Glicéria, descrita como uma filha bastada na “treva dos horrores” pelo discurso romântico do poema *Esmola*. Nesse código moral expresso pelo “mundo malicento da saudade” ficou evidente sua construção de uma política e uma poética da saudade, que fossem capazes de reconciliar amor e morte, prazer e dor, alegria e tristeza. Por último, podemos considerar Licurgo de Paiva um poeta do romantismo, e seu livro *Flores da noite* contendo uma poesia que prosseguia de forma diferente a problematização do conceito de *minha terra*. No último poema, *Impressões da noite*, escrito nos Coelhos, um dos bairros da cidade do Recife, ele personificou a saudade nos poetas que foram suas referências literárias no Brasil, um Cassimiro para quem sua “alma é a saudade que o seguia”, um Dias “elevado ao céu da Glória” e um Azevedo “com essa linguagem ungida de volúpia a cada frase” ²³⁹.

Pelo visto, a construção literária do sertão ou de *minha terra* não era feita por uma narrativa com um recorte físico e geográfico delimitado, ou mesmo com fronteiras administrativas que demarcassem a existência espacial de limites precisos do sertão entre as províncias do Norte. Apesar do advento do cientificismo, no ambiente intelectual da cidade do Recife, ter possibilitado sua inserção do Piauí no espaço “climático” do Norte. Deixamos evidente que a imagem do sertão da poesia romântica antecedeu o aparecimento dessa imagem regionalista do romance “sertanejo” da década de 1870, como veremos no próximo capítulo, através da análise desse discurso cientificista na obra *Ataliba, o vaqueiro*, do escritor Francisco Gil Castelo Branco, retratando episódios no Piauí da “seca dos sertões do Norte”.

Analisando o livro *Flores da noite* repensamos sua inserção na divisão clássica e pedagógica do romantismo brasileiro com o surgimento de novas regras de classificação da história literária no Império, com Tobias Barreto e Sílvio Romero na década de 1880, e antes com José de Alencar e Franklin Távora nos anos de 1870. Não somente a poesia de Licurgo de Paiva nos permitiu evidenciar que existiram diferentes perspectivas históricas e políticas sobre o conceito de *minha terra* durante o movimento romântico no Brasil, também corroboramos

²³⁹ PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866, p. 98. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

isso através do prefácio de seu livro escrito por Tobias Barreto em sua luta ferrenha contra o romantismo, criticando as influências artísticas do “monstro do sensualismo” presentes nos poemas. Afinal de contas, apesar de ser um livro romântico, *Flores da noite* foi publicado no momento de decadência do romantismo, justamente quando o discurso cientificista elaborava suas narrativas do sertão a partir dos conceitos deterministas de meio e de raça.

4 NARRATIVAS DO SERTÃO E A PROSA DE FRANCISCO GIL

Nos capítulos anteriores, discutimos como as narrativas do sertão foram produzidas por José Coriolano e Licurgo de Paiva, repensando a interferência de traços biográficos nas regras de classificação literária entre romantismo e naturalismo no Brasil. Nas décadas de 1850 e 1860, o momento de mudança da capital de Oeiras para Teresina e a redefinição das relações de poder entre o centro e as províncias foram decisivas na construção política do sertão por meio de uma poética romântica da saudade. Diferentemente, na década de 1870, outra narrativa do sertão passou a imaginar sua localização na área seca do Norte, incorporando de forma diferente as primeiras narrativas desses escritores piauienses que abordaram o tema da saudade, nesse contexto histórico de formação do nacionalismo literário²⁴⁰ no Brasil. Neste capítulo, vamos abordar a problemática da saudade na obra *Ataliba, o vaqueiro* do escritor Francisco Gil. Um conto publicado, inicialmente, em folhetins na cidade do Rio de Janeiro ao final da década de 1870, após Francisco Gil chegar à capital do país regressando da cidade francesa de Marselha, onde havia feito sua formação de bacharel em no curso de Letras.

Na verdade, os principais traços biográficos demarcaram sua trajetória de vida em sintonia com a formação intelectual ligada ao cientificismo difundido durante os anos de 1870, contudo, foi justamente nessa década que se formava um movimento político e literário propondo a superação do romantismo no Brasil. Por isso, vamos analisar em seguida suas narrativas do sertão evidenciando uma transição literária do romantismo para o naturalismo, sem com isso pressupor somente a continuidade de movimentos literários no sentido linear e evolucionista. Significa que em larga medida, seguindo a sequência teórica e metodológica dos capítulos anteriores, repensamos esse momento histórico da década de 1870, quando começavam na literatura a delimitar o sertão como área seca entre as províncias do Norte.

Afinal de contas, somente no final dessa década que o fenômeno da seca foi transformado em problema regional, com diferentes discursos explicando que os efeitos da seca de 1877-1879 foram causados pelas influências negativas do meio e da raça entre as populações isoladas no sertão. Neste sentido, propomos avaliar as perspectivas biográficas e historiográficas que buscaram classificar rigidamente Francisco Gil como um precursor do

²⁴⁰ Segundo Antonio Candido, o “Romantismo brasileiro foi por isso tributário do nacionalismo; embora nem todas as suas manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito diretor que animava a atividade geral da literatura. Nem é de espantar que assim fosse, pois sem falar da busca das tradições nacionais e o culto da história, o que se chamou de “despertar das nacionalidades”, em seguida ao empuxe napoleônico, encontrou expressão no Romantismo.” (s/ano, p. 14-15)

romance de seca, sem levar na devida conta a relação de seu livro, *Ataliba, o vaqueiro*, com o movimento literário das décadas que antecederam sua publicação. Não será em Pernambuco, mas no Rio de Janeiro, que ele passou a construir sua narrativa do sertão, certamente por conta da repercussão na capital dos efeitos da seca, nesse momento histórico de impacto do cientificismo também em instituições e no ambiente intelectual da cidade do Rio de Janeiro.

4.1. Discursos biográficos

Francisco Gil Castelo Branco nasceu no Piauí no ano de 1848, na fazenda Boa Esperança, município de Campo Maior. Filho da elite piauiense²⁴¹, ele viveu desde cedo em uma província marcada pela atuação de seus familiares em conflitos políticos e sociais na primeira metade do século XIX, como as lutas pela Independência e depois a Balaiada, mantendo contato com a poesia de Leonardo das Dores Castelo Branco²⁴² e com as ideias liberais difundidas no Piauí por Lívio Lopes Castelo Branco²⁴³.

Nessa primeira metade do século XIX, a oligarquia do gado no Piauí começou a exercer o controle político da província quando passou a ser administrada por Manoel de Sousa Martins, primeiro barão e, depois, visconde da Parnaíba, títulos de nobreza recebidos pela política imperial visando evitar as dissidências locais e provinciais contra a monarquia representativa.

²⁴¹ Tomamos os núcleos urbanos com cursos superiores, principalmente Recife e Rio de Janeiro, como referências políticas e espaços literários para compreender a formação da elite intelectual do país. No Império, as elites locais, advindas do período colonial, partilhavam em comum do processo de construção política da unidade nacional. No Piauí, a elite dessa província forjava sua inserção de forma conservadora no plano nacional. A elite de bacharéis do Piauí, herdeira de gado, terra e escravos, continuou ligada ao passado pecuarista e familiar, só que agora também no campo literário. Para uma visão histórica desse passado nos baseamos nas pesquisas da historiadora Tanya Brandão. “Tendo-se por princípio que, em história social, o universo de interesse é a sociedade, admite-se que o conhecimento dos homens em sociedade é possível através das relações entre homens que a constituem. Assim, na proposta de abordar-se a família piauiense, o objetivo é o estudo das relações familiares, visando-se também entender a estrutura social, o desenvolvimento econômico e o poder político na Capitania do Piauí, tendo em vista o papel por ela desempenhado na formação da sociedade piauiense.” (2012, p. 28)

²⁴² A precariedade da instrução pública no Piauí, tanto primária como secundária, não impedia da elite da província “instruir” seus filhos no espaço das fazendas. Nesse processo, Leonardo teve sua formação literária ligada ao neoclassicismo e ao cristianismo, escrevendo um poema épico chamado **A Criação Universal** (CHAVES, 1998, P. 432-434). Podemos situar com ele o início da formação de F. Gil nesse ambiente “particular” da instrução escolar no Piauí. Apesar de não problematizar a imagem do sertão construída pelo discurso dominante da sociedade piauiense, Alcebíades analisou, em **Escola do sertão**, que “no Piauí, o setor urbano definiu-se a partir do mundo rural.” (2006, p. 17)

²⁴³ Leonardo e Lívio haviam participado das lutas políticas e foram para o exílio na Europa, em consequência dos conflitos sociais no Piauí da primeira metade do século XIX. O primeiro por conta das lutas pela independência do Brasil a partir do espaço piauiense, e o segundo nos conflitos ocorridos com a Balaiada no Piauí. Diferente de Leonardo, Lívio se dedicou a atividade política e jornalística em oposição ao partido conservador no Piauí, conforme os traços biográficos de sua vida ligada ao partido liberal e aos jornais. (CHAVES, 1998, p. 465)

Contudo, ocorreram conflitos pelo governo da província no interior desse grupo político, entrando em disputas, muitas vezes pela inserção de suas famílias no exercício do poder político e partidário, isto é, eram movidos também por interesses econômicos de inserção de suas famílias no cenário político da província. Nesse cenário de conflitos políticos pelo controle do poder político da província, podemos situar o começo da vida de Francisco Gil no Piauí.

O período que F. Gil viveu no Piauí é pouco conhecido, a documentação e alguns traços biográficos dessa época são lacunares. Informações até o momento desconhecidas a respeito de sua instrução escolar na província, se estudou no Liceu ou com mestres particulares antes de seguir para morar e estudar Letras na cidade francesa de Marselha. O certo é que F. Gil viveu no Piauí nas décadas de 1850 e 1860, com sua vida pessoal alterada pela mudança da capital para a cidade de Teresina. Seu pai, Francisco da Cunha e Silva Castelo Branco, um oficial da cavalaria de ordenanças, havia recebido a posse de terras nas proximidades da antiga vila do Poti, em lugar chamado Livramento, por conta do casamento com Ana Tereza Pereira do Lago. F. Gil era o filho primogênito desse casal.

Nesse momento, morando ainda nessa província, ele começava a conhecer o espaço piauiense a partir dos discursos políticos que transformavam Teresina em capital do Piauí. Portanto, a imagem do sertão que passou a construir do Piauí ao longo de sua vida, tem relação direta com distância de Teresina dos demais municípios piauienses, e também a distância entre as sedes dos municípios e das fazendas ou outras propriedades, como, por exemplo, a distância entre propriedade de seus pais e Teresina, nessa fazenda de sua família que ficava ao norte da nova capital piauiense.

Assim como esse momento de sua vida no Piauí, o período de formação em Letras na França ainda tem sido lacunar, limitando um maior aprofundamento na análise de sua vida intelectual e de suas (p)referências literárias. No entanto, novas informações a respeito de sua vida no Rio de Janeiro a partir da década de 1870, nos possibilitam afirmar que F. Gil se tornou bacharel em Letras ainda jovem, com cerca de vinte e cinco anos de idade. Quando assumiu o cargo de amanuense²⁴⁴ em uma das secretarias do Império em 1876, F. Gil havia continuava seu processo de afastamento da fazenda de gado e da nascente cidade de Teresina. Já no Rio de Janeiro, tentou ingressar como professor por concurso no Colégio Pedro II²⁴⁵, ocupando parte

²⁴⁴ O noticiário do **Dário do Rio de Janeiro** publicou a portaria de nomeação de F. Gil no ano de 1876. In: www.bn.com/hemeroteca. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1876. Acesso: 31/08/2105.

²⁴⁵ Ver o mesmo jornal. In: www.bn.com/hemeroteca. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 29 de Dezembro de 1877. Acesso: 31/08/2105.

do seu tempo entre o trabalho de amanuense e a dedicação intelectual ao campo literário, e em particular, a construção na prosa do tema da saudade no momento histórico de repercussão nacional da “seca do Norte” na capital do país.

Apesar dos limites que encontramos na pesquisa das fontes biográficas a respeito de sua vida pessoal, intelectual e profissional, nos deparamos um discurso das secas que atingiram essa província ainda na primeira metade do século XIX, justamente em dois momentos marcados por conflitos políticos e sociais, uma com a seca em 1825, após as lutas pela independência, e outra que ocorreu com a seca antes da Balaiada, um movimento político ocorrido entre 1839 e 1842. Portanto, uma narrativa do sertão com duas secas que ele não havia vivido, mas que recorreu para evidenciar o sertão como espaço afetado pela “seca do Norte” iniciada no ano de 1877. Contudo, sabemos que antes da seca ser transformada no principal problema de algumas províncias do Norte, como foi o caso da província do Piauí, a imagem do sertão circulava²⁴⁶ com a produção de uma literatura romântica. Além disso, F. Gil conviveu e teve contato com pessoas de sua família²⁴⁷, Castelo Branco, ligadas aos campos de saberes literário e jornalístico, campos do saber muito próximos um do outro nessa época.

Nesse período que vai de 1850 até o final da década de 1860, ainda morando no Piauí, ele foi incorporando esse discurso poético que construiu uma imagem romântica do espaço piauiense. No Brasil, o movimento romântico predominava na formação intelectual dos estudantes, posteriormente, bacharéis formados pelas escolas de ensino superior, ou somente enquanto poetas que frequentavam o mesmo ambiente intelectual, como foi o caso de Licurgo de Paiva. Além disso, eles mantinham contato com a poesia de cunho oral de cantadores e trovadores de suas províncias, geralmente, feita por homens pobres, e no caso do Piauí, feita

²⁴⁶ Segundo o historiador Alcebíades da Costa Filho, em sua tese **A gestão de Crispim**, dentre “os livros que circulava em Teresina, no período de 1852 a 1880, encontra-se “Flores da Noite” de Licurgo Paiva, “Flores Incultas” de Luiza Amélia de Queiroz Brandão e “Impressões e Gemidos” de José Coriolano de Sousa Lima. Três livros de poesias, forma de manifestação literária predominante no ambiente literário piauiense em formação. No caso do Piauí, a poesia de temática sertaneja foi a mais difundida nessa época, destacando-se entre seus cultores: José Coriolano de Sousa Lima, os poetas José Manoel de Freitas e Teodoro Castelo Branco que publicou “Harpa do caçador” (1884). No entanto, Hermínio Castelo Branco (1851-1889), sobrinho de Teodoro Castelo Branco, é o mais expressivo de todos os poetas cultores desse viés poético. Seu livro “Ecos do Coração”, publicado em 1881, teve recepção singular, no norte do Brasil.” (COSTA FILHO, 2010, p. 77)

²⁴⁷ “A composição das estruturas de poder no Piauí pode ser observada pela movimentação das famílias que o povoaram. Algumas agremiações familiares que se instalam aqui, são descendentes de ramos diretos ou colaterais da nobreza ibérica, como os Coelho Rodrigues, os Castello Branco e os Pereira Ferraz. Ao chegarem aqui, distribuíram-se pelas poucas vilas existentes, nos séculos XVII e XVIII, e terminaram casando entre os próprios descendentes familiares ou com outras famílias chegadas á época ou um pouco depois, como os Vieira de Carvalho, os Sousa Martins, os Araújo Costa e os Burlamaque.” (REGO, 2011, p. 183).

pelo homem pobre do sertão que trabalhava nas lides da pecuária ou nas atividades de subsistência, como a agricultura, a pesca e a caça.

Nessa literatura escrita do Piauí, a imagem dominante do sertão da província nem sempre foi ser sinônimo de espaço da seca. Assim, consideramos a poesia de José Coriolano e de Licurgo de Paiva produzida em sintonia com o tema literário da saudade presente no romantismo brasileiro, movimento intelectual em defesa da construção de uma literatura para o país, sendo esse, portanto, um campo discursivo²⁴⁸ por onde F. Gil começava sua formação intelectual na província piauiense. Nesse campo de discursos, destacamos novamente uma composição narrativa do sertão baseada no conceito de *minha terra*, elaborado por uma poesia produzida em consonância com a difusão do tema da saudade entre os escritores românticos no Brasil. Enfim, quando F. Gil chegou durante meados da década de 1870 no Rio de Janeiro, formado em Letras, já lhe antecedia a formação literária desse conceito histórico.

Em 1875, o jornal *Diário do Rio de Janeiro*²⁴⁹ publicou em seu noticiário as portarias do dia 19 de Abril nomeando oficiais, amanuenses e um porteiro para o ministério da Agricultura, mais precisamente para trabalhar na “inspectoría geral das terras e colonisação”, sendo F. Gil nomeado para exercer o cargo de amanuense, responsável por registrar e copiar documentos como funcionário dessa repartição pública. Desse cargo, ele passava a perceber a corrida pela inserção política de algumas das províncias do Norte no debate nacional sobre imigração, colônias agrícolas, transição do trabalho escravo para mão-de-obra livre, etc. O começo de sua vida no Rio de Janeiro como funcionário do governo imperial o projetava nos espaços de sociabilidade da Corte, durante um período de aumento da instabilidade política do reinado de D. Pedro II e da monarquia brasileira. Em termos políticos, esse momento foi marcado pela ascensão do partido republicano, de grupos econômicos e políticos ligados a economia cafeeira, principalmente, nas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo²⁵⁰. Em 1877, procurando exercer a profissão de professor, por conta de sua formação de bacharel em

²⁴⁸ Em **A ordem do discurso**, Foucault tomou o discurso como procedimento não somente de exclusão e de controle do poder e do desejo. Os discursos seriam também procedimentos internos de controle do próprio discurso, “visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle; procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.” (1996, p. 21)

²⁴⁹ In: www.bn.com/hemeroteca. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1876. Acesso: 31/08/2105.

²⁵⁰ “Até fins do século XIX, a industrialização não chegou a afetar profundamente as estruturas socioeconômicas do país; seus efeitos mais profundos se fariam sentir no século XX. O processo de urbanização no século XIX seria ainda essencialmente fruto da expansão comercial resultante da integração do país no mercado internacional, e portanto sujeito às oscilações. Eis porque São Paulo e Rio de Janeiro, situados na zona cafeeira então em expansão, cresceram mais rapidamente do que Recife, que vivia em razão da economia açucareira então em situação crítica no mercado internacional.” (COSTA, 2007, p. 261).

Letras, F. Gil concorreu a uma vaga no concurso “de professor do imperial collegio Pedro II”²⁵¹. Não sabemos o resultado do concurso, provavelmente não foi aprovado, haja vista os poucos traços biográficos²⁵² evidenciarem sua atuação diplomática nesse ano como embaixador do Brasil no Paraguai.

Nesse mesmo ano, os efeitos da “seca do Norte” ganhavam projeção no cenário nacional²⁵³. Como funcionário público, F. Gil certamente percebeu o crescimento e a repercussão nacional dos efeitos da seca entre as populações ao norte da capital do país, com noticiários circulando em jornais, revistas, almanaques, e em particular, nos discursos dirigidos as repartições públicas do Império, como era o caso da Inspetoria que ele trabalhava no ministério da Agricultura. A narrativa romântica do sertão, que ele havia incorporado da poesia produzida do Piauí nas décadas de 1850 e 1860, estava sendo modificada nesse momento de emergência de um novo discurso da seca, que reformulava o discurso romântico anterior sobre esse fenômeno.

Diferente de José Coriolano e de Licurgo de Paiva, que escreveram largamente uma poesia na cidade do Recife e ligada as ideias da teologia da ilustração e do romantismo, que remontava sua formação literária ao Seminário de Olinda²⁵⁴, instituição onde foi criada a Faculdade de Direito; F. Gil vai construir sua imagem do sertão em prosa, escrevendo a partir do Rio de Janeiro, nesse momento de inserção do Piauí na “região flagelada da seca”, visando descrever a realidade econômica e política das províncias do Norte, que estavam sendo afetadas pelos efeitos da seca iniciada em 1877. Neste sentido, percebemos que foram diferentes as trajetórias de vida, os momentos históricos e a circulação das narrativas do sertão produzidas por José Coriolano, Licurgo de Paiva e F. Gil entre as décadas de 1850 e de 1880.

E foi nessa busca para ser reconhecido muito mais como um homem de letras do que de ciência, que F. Gil publicava em folhetins²⁵⁵ o conto *Ataliba, o vaqueiro*, seguindo em larga

²⁵¹ In: www.bn.com/hemeroteca. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 29 de Dezembro de 1877. Acesso: 31/08/2105.

²⁵² NETO, 1999, p. 20.

²⁵³ “Ocorreu, portanto, no final do século XIX, uma mudança na imagem do fenômeno da seca. Para compreender tal mudança procuramos levar a efeito o estudo, sob perspectiva histórica, das diferentes visões que os agentes sociais do seu espaço de ocorrência tinham acerca da seca.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 4)

²⁵⁴ “No final do século XVIII e início do século XIX, em Pernambuco, o bispo Azeredo Coutinho funda um seminário destinado a formar padres para a sua extensa diocese e para a educação dos moços da província. Buscava implementar a política do Concílio de Trento, que centrava sua pastoral no combate à Reforma luterana, advindo daí a sua preocupação com os seminários para a formação de padres seguindo os parâmetros de um novo tempo, o da Ilustração portuguesa.” (SIQUEIRA, 2009, p. 29)

²⁵⁵ O conto *Ataliba, o vaqueiro* foi publicado entre os dias 03/06/1878 e 17/07/1878. In: www.bn.com/hemeroteca. **Diário do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1878. Acesso: 31/08/2105. Optamos por utilizar uma recente publicação do livro, haja vista que não houve modificação quando comparamos a que foi

medida o emprego do conceito de *minha terra* difundido pelo romantismo. Mas, afinal, qual a diferença na construção da saudade entre F. Gil e os poetas anteriores? Por que apesar de escrito em prosa, o conto de F. Gil trazia em sua narrativa trechos de poemas românticos ou de cantigas orais? O que o aproximou dessa poesia que falava do retorno ao sertão, e qual a sua diferença na construção literária desse tema da saudade escrevendo durante o final da década de 1870?

Funcionário da inspetoria e monarquista, o amanuense estava dividido entre o trabalho no ministério da Agricultura e a atividade literária. Neste contexto histórico, a imigração de colonos europeus aumentava consideravelmente ano após ano, o Brasil vivia a expansão da economia cafeeira nas províncias do Sul, incentivos econômicos à imigração foram concedidos em paralelo ao fim da escravidão, dinamizando o comércio de alguns setores da economia nacional²⁵⁶. No campo literário, a literatura se aproximava do pensamento científico e das teorias evolucionistas. Enfim, a década de 1870 ficava conhecida como o momento de ruptura com o movimento literário de filiação romântica. Ligados a Escola do Recife²⁵⁷, Tobias Barreto e Silvio Romero reivindicavam que fosse feita a crítica dos postulados metafísicos do romantismo brasileiro, propondo principalmente a utilização dos conceitos de raça e meio²⁵⁸ na construção da identidade nacional. O cientificismo colocava o problema de saber se era possível uma civilização nos trópicos, e questionava a miscigenação de diversas raças e a diversidade do meio natural como obstáculos para a presença da civilização no Brasil.

publicada em folhetim. A publicação em folhetim nos permitiu compreender a importância da literatura no espaço dos jornais, geralmente uma forma de iniciar a vida literária nessa época. Para a análise do livro utilizamos a edição: CASTELLO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 3. ed. Teresina, Editora Corisco, 1998.

²⁵⁶ “Até fins do século XIX, a industrialização não chegou a afetar profundamente as estruturas socioeconômicas do país; seus efeitos mais profundos se fariam sentir no século XX. O processo de urbanização no século XIX seria ainda essencialmente fruto da expansão comercial resultante da integração do país no mercado internacional, e, portanto sujeito à oscilações. Eis porque São Paulo e Rio de Janeiro, situados na zona cafeeira então em expansão, cresceriam mais rapidamente do que Recife, que vivia em razão da economia açucareira então em situação crítica no mercado internacional.” (COSTA, 2007, p. 261)

²⁵⁷ Segundo a historiadora Lília M. Swcharcz, em **O espetáculo das raças**, a “partir de 1870 introduzem-se no cenário brasileiro teorias de pensamento até então desconhecidas, como o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo. No entanto, a entrada coletiva, simultânea e maciça dessas doutrinas acarretou, nas leituras mais contemporâneas sobre o período, uma percepção por demais unívoca e mesma coincidente de todas essas tendências. Tais modelos, porém, foram utilizados de forma particular, guardando-se suas conclusões singulares, suas decorrências teóricas distintas. Dessa forma, se a noção de evolução social funcionava como um paradigma de época, acima das especificidades das diferentes escolas, não implicou uma única visão da época, ou uma só interpretação.” (2011, p. 43)

²⁵⁸ “Ao se referir ao declínio da hegemonia do romantismo de Gonçalves Dias e José de Alencar, que podemos situar em torno de 1870, Sílvia Romero arrola uma lista de teorias que teriam contribuído para a superação do pensamento romântico. Dentre elas, três tiveram um impacto real junto a *intelligentsia* brasileira: e de uma certa forma delinearam os limites no interior dos quais toda a produção teórica da época se constitui: o positivismo de Comte, o darwinismo social, o evolucionismo de Spencer. Elaboradas na Europa em meados do século XIX, essas teorias, distintas entre si, podem ser consideradas sob um aspecto único: o da evolução histórica dos povos.” (SWCHARCZ, 2006, p. 14)

Enfim, na década de 1870 mudavam as condições políticas, sociais e econômicas e o ambiente intelectual do país. Nessa perspectiva cientificista, a literatura deveria se preocupar de agora em diante em explicar a realidade brasileira e não mais idealizá-la. O naturalismo-realismo buscava incorporar os princípios da ciência moderna de experimentação e objetividade, para compor uma literatura “fiel” a construção da identidade nacional, que fosse capaz de através das leis científicas situar o Brasil no quadro universal da história das civilizações. Para essa geração intelectual de 1870, o romantismo buscava implantar padrões europeus da civilização nos trópicos²⁵⁹, sem se preocupar com o que seriam as peculiaridades da miscigenação e do meio na formação de uma sociedade civilizada no Brasil. Na verdade, a construção literária da nação e das províncias brasileiras consistia em larga medida pensar na luta de suas populações contra as adversidades da vida nos trópicos, uma forma de pensamento baseado na utilização dos conceitos de meio e de raça²⁶⁰ a partir dos anos de 1870.

Neste ínterim, o Império adotava gradativamente uma política de imigração, interferindo diretamente na vinda de colonos estrangeiros para o Brasil, principalmente, de colonos europeus. Dessa visão científica preocupada em definir uma classificação racial dos diferentes espaços e das populações do país, a monarquia incorporava os princípios raciais e biológicos de superioridade europeia em relação ao índio e ao negro, e também aos mestiços, no tocante ao pensamento determinista de melhoria das características raciais da população no Brasil. Outro ponto de tensão nesse debate em torno da aproximação entre política, literatura e ciência, a nosso ver, foi à emergência de um discurso climático de separação entre as províncias do Norte e do Sul do país. Na década de 1870, se intensificava a produção desse discurso de diferenciação elaborado a partir do Rio de Janeiro a respeito dessa separação entre províncias do Norte e do Sul, explicando que seria por conta das características mesológicas e raciais de cada região. Na literatura, essa visão da separação “climática” do país produziu um novo discurso da seca²⁶¹ nos anos de 1870, diferente do discurso tradicional anterior, para explicar os problemas históricos da região afetada pelo fenômeno.

²⁵⁹ HOLANDA, 2004, p. 162.

²⁶⁰ Ainda segundo Ortiz, a “história brasileira é, desta forma, apreendida em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato.” (Idem, p. 16)

²⁶¹ “O que tentamos perceber neste trabalho é pois, a origem de um novo discurso em torno da seca, que a transformou em “problema do Norte” e a colocou como principal arma estratégica na luta dos diferentes agentes sociais desta região, cada um usando-a como argumento para a defesa de seus interesses e pontos de vista, como arma estratégica nos entrechoques das lutas e conflitos sociais.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 8)

F. Gil entrava nesse debate científico de naturalização do atraso das populações ao Norte da capital do país, um discurso que passava também a ser elaborado do centro político do país, e não apenas através da Escola positivista do Recife. O crescimento da entrada de estrangeiros levada a cabo pela política de imigração²⁶², concentrada principalmente nas províncias do Sul, era percebido pelas oligarquias do Norte como um tratamento desigual dado pelo governo imperial. Junto a isso, o intenso processo de deslocamento de parte da mão-de-obra escrava dessa área para as plantações de café no Sul²⁶³, afetadas pelas medidas de fim da escravidão e com os ataques para o fim da monarquia, esvaziava boa parte do contingente de trabalhadores da economia nortista. Em 1871, o presidente da província do Piauí²⁶⁴ enviava um pedido ao ministro da Agricultura para a criação de uma colônia agrícola próxima a cidade de Parnaíba, conforme a resolução provincial votada pela assembléia no ano anterior. Como funcionário da inspetoria, F. Gil tomava conhecimento dos pedidos de criação das colônias agrícolas enviados pelas províncias, como o pedido feito pela província piauiense em 1871.

O espaço das províncias do Norte passava a ser homogeneizado pelo discurso da seca, uma forma de chamar a atenção do Império para socorrer com recursos financeiros e alimentícios algumas províncias dessa área, que em grande medida construía um discurso de oposição política a outra parte do país, as províncias do sul. Nos anos de 1870 se acentuava a crise açucareira da economia nortista²⁶⁵, que atingiu as províncias exportadoras, sobretudo, a província de Pernambuco, a principal província agroexportadora desse produto através do porto do Recife. Ocorria também a queda na produção, no preço e na venda do algodão após o

²⁶² Para Evaldo de Melo, o governo imperial e as províncias do Sul utilizaram o discurso de separação “climática” entre Norte e Sul, como “álibi” em favor de concentração da política de imigração entre as províncias do Sul, provocando o descontentamento das elites nortistas no Parlamento, pois em “vão o caráter discriminatório da política de imigração do governo imperial foi repetidamente denunciado no Parlamento por representantes das províncias do norte.” (1999, p. 70)

²⁶³ “A transição do trabalho escravo para o trabalho livre, a maior inserção do interior nortista no mercado capitalista, a crise da economia agrário-exportadora e a subordinação política da classe dominante do Norte a nível nacional, vão detonar as alterações nas relações sociais, quer sejam relações de produção, quer sejam relações de poder, acentuando os conflitos e dissensões entre grupos ou mesmo intra-grupos sociais.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 46)

²⁶⁴ “Pode esta província entender-se com aquelles comerciantes, como é permitido pelo referido contrato, afim de ver se consegue ao menos um numero de 50 ou 100 familias, que venham estabelecer-se na projetada colonia das margens do Riachão, e dar um edificante exemplo de amor ao trabalho, que espero não deixará de ser emitado.” **Relatorio da Provincia do Piauihy, 1871, p. 35.**

²⁶⁵ “É na década de 70, no entanto, que a crise do açúcar brasileiro se acentua, à medida que o açúcar da beterraba afasta-o do mercado europeu, restando-lhe apenas o mercado norte-americano e o mercado interno, onde inda estava sujeito a taxações de importação.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 26)

crescimento do setor algodoeiro em províncias como Rio Grande Norte, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí²⁶⁶.

Por conseguinte, a crise econômica impactou de maneira severa nas províncias onde pesava muito o setor de subsistência, como na economia pecuarista, que não havia “provincializado”²⁶⁷ diretamente as relações comerciais com outras praças comerciais do país e fora dele. A seca de 1877-1879 despertou interesses comuns entre as oligarquias de algumas províncias nortistas para transformar o fenômeno ou os efeitos da seca em “problema” do Norte²⁶⁸. A seca afetava drasticamente o poder político e econômico das oligarquias, arruinando fortunas, endividando pequenos proprietários, enfim, elites rurais que encontravam no discurso da seca uma maneira de explicar os problemas enfrentados por suas “irmãs” do Norte.

Quando F. Gil publicou seu conto em folhetins no *Diário do Rio de Janeiro* no ano de 1878, vários tipos de discursos sobre os “episódios da seca no Norte” (subtítulo do conto), inclusive o seu discurso literário, buscavam explicar porque o “flagelo da seca” era considerado o principal problema de toda dessa região. Na década de 1870, o tema da saudade começava a ser alterado pela centralidade que o discurso da seca adquiria na construção político-administrativa do recorte da “região flagellada pela secca de 1877”. A formação dos discursos²⁶⁹ que separavam o Brasil entre Norte e Sul colocava a seca como principal problema do Norte. Nesse momento, a província do Piauí passava a ser construída na literatura como parte da região

²⁶⁶ “Nas províncias da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, a produção algodoeira se transforma na principal atividade econômica, sobrepujando o setor açucareiro. No entanto, justamente por estar incorporada a este mercado, torna a economia destas zonas também sujeitas a sofrerem os efeitos das crises periódicas do capitalismo internacional.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 28). Vale salientar que a província do Piauí também foi produtora de algodão nesse período, escoada pelo Ceará e pelo Maranhão pela falta de um porto no litoral piauiense, conforme os relatórios de presidentes da província: “A agricultura nessa provincia consiste no cultivo de algodão, da mandioca, do tabaco, arroz, milho e outros grãos e alguma cana, que mal chegam para o consumo; apenas o algodão é exportado, por ser mais abundante a sua cultura, assim como a aguardente.” **Relatorio da Provincia do Piauihy, 1871, p. 40.**

²⁶⁷ Analisamos a economia piauiense através da ideia de “provincialização” do comércio, este era um pensamento econômico contemporâneo da mudança da capital presente nos relatórios do presidente Saraiva, que se opôs a construção de estradas em prol de realizar uma das propostas de mudança da capital para as margens do rio Paraíba, projetando na navegação desse rio a possibilidade de ligar o Piauí aos principais centros urbanos do Império. Segundo Vilhena, em **Os fazedores de cidade**, “pela primeira vez o gado não era protagonista no âmbito global das finanças provinciais. Pois a *provincialização* operava com as possibilidades de outros bens de produção, centrados no potencial da atividade agrícola.” (2016, p. 50)

²⁶⁸ Em relação à escravidão, Durval Muniz mostrou como operavam os recortes no espaço nacional com o deslocamento e concentração da população escrava no Sul, pois se “a massa de escravos tende a se concentrar no Sul, as posições em relação à sorte da escravidão também tenderão a se regionalizar, pondo fim à unidade ideológica da classe dominante na defesa do trabalho escravo um dos seus elementos básicos. Aliás esta regionalização, ou até provincialização, das posições em relação a escravidão, se fundamentava na própria fragmentação do mercado de escravos em vários mercados regionais e provinciais após o fim do tráfico.” (1988, p. 58)

²⁶⁹ “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.” (FOUCAULT, 2004, p. 52)

de retirantes ou flagelados pela seca. No Rio de Janeiro, o sertanejo e o vaqueiro passarão nacionalmente a ser vistos por outra parte do país, como homens que lutavam contra os efeitos da seca e para não deixar o sertão para trás. A imagem romântica ou o mito²⁷⁰ do sertão da abundância e do retorno do homem a natureza edênica, teve de agora em diante, de lidar com uma visão da natureza que expulsava o homem de sua terra natal, pressionando o homem sertanejo para sua retirada do sertão por conta dos efeitos da seca.

O problema da saudade de retornar ao sertão, iniciado no discurso da poesia romântica, deve ser relacionado historicamente com o crescimento da formação de bacharéis e a circulação política e social deles na burocracia e na política partidária. Falando em nome de oligarquias das províncias de nascimento, o emprego desse conceito mudava de perspectiva histórica quando grupos de famílias ou de populações inteiras ultrapassavam as fronteiras locais e provinciais, alterando as relações de poder dominante controladas pelas oligarquias dessa região do país. Nesse momento, a seca afetava também o “mundo dos ricos” e, ao mesmo tempo, despertava nas oligarquias nortistas o interesse em enfrentá-la, produzindo um discurso de combate aos efeitos que causava nas populações dessa região afetadas pelo fenômeno da seca.

A construção da saudade expressando um sentimento do sertanejo de não deixar a terra natal, do vaqueiro que lutava até a morte para não abandonar a fazenda, mesmo ela não sendo sua propriedade, tem relação direta com a emergência desse novo discurso da seca, que vai inserindo o espaço piauiense e outras províncias do Norte na região “flagelada”. Tudo isso, acontecendo em um momento histórico de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, do fomento do governo geral para a política de imigração e da formação de colônias agrícolas. Por fim, F. Gil estava ocupando um lugar social²⁷¹ privilegiada para relacionar o problema da terra e do trabalho no Brasil imperial. Só que diferente de tais poetas românticos, o impacto das ideias do positivismo francês e do evolucionismo social no Brasil da década de 1870, repercutiu de forma diferente na sua composição prosaica do conceito de *minha terra*, utilizado para recortar o espaço piauiense no Norte, porém, uma prosa ainda elaborada em cruzamento com a imagem do sertão da poesia romântica das décadas de 1850 e 1860.

²⁷⁰ “No recorte das áreas ou zonas da região nortista, o sertão ocupava o espaço da sociedade nortista marcada pela subsistência, predominando relações de trabalho escravo e a presença de *agregados* nas fazendas. A dissolução da certeza de continuidade das relações sociais na pecuária nos anos de 1870, lançando a população pobre e também os ricos na miséria, foi sendo controlada pela construção de uma imagem do sertão do “passado farto e seguro para o qual gostariam de poder voltar.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 121)

²⁷¹ CERTEAU, 2008, p. 31-33

Ataliba, o vaqueiro foi escrito quando F. Gil tinha 30 anos de idade, um jovem piauiense que morava no Rio de Janeiro e ocupava o cargo de funcionário do governo imperial, desse mesmo governo que as oligarquias cobravam recursos e, depois, investimentos em obras ligadas ao “ramo” dos socorros públicos. Enquanto a imigração se dirigia em larga medida para formação populacional de colônias agrícolas, engrossando e diversificando a mão-de-obra de grandes proprietários das províncias do sul; o crescimento da emigração entre as províncias do Norte passava a preocupar o domínio das oligarquias provinciais, na medida em que intensificava a crise econômica e social que enfrentava essa região, desde o momento que o Rio de Janeiro foi se consolidando como centro político e econômico do país a partir da segunda metade do século XIX²⁷². No ano de 1878, em pleno crescimento de repercussão nacional da seca iniciada em 1877, o bacharel e amanuense da inspetoria de terras e de colonização escreveu um “episódio” a respeito dos efeitos da “seca no Norte” ocorridos na fazenda Morro, localizada no “extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as bandas de Marvão”. (CASTELO BRANCO, 1998, p. 29).

Como veremos, não somente na literatura foi sendo produzido um recorte naturalizado do sertão entre as províncias do Norte. Nos jornais e nos relatórios provinciais do Piauí da década de 1870, a seca começava também a ocupar em larga medida o principal assunto para explicar a crise financeira, comercial e social dessa área do país. A seguir, vamos problematizar em jornais e relatórios piauienses da década de 1870, quais os interesses da oligarquia pecuarista em construir o discurso da seca como principal problema dessa província, ao inserir o Piauí na região das províncias que solicitavam recursos do governo imperial, com o pretexto de solucionar os efeitos do fenômeno da seca.

4.2. Discursos regionais

Até o final da década de 1870, a palavra sertão não era sinônimo de discurso da seca de uma determinada região do país. Assim, problematizamos a construção dos discursos provincianos e separatistas na literatura romântica dos anos de 1850 e 1860, mostrando que o discurso também sai dos seus lugares de produção, para se alojar em outros espaços discursivos. Portanto, é preciso colocar em questão as relações de poder entre nação e região na década de

²⁷² “No Rio de Janeiro, num total de 275 mil habitantes em 1872, 84 mil eram estrangeiros” (COSTA, 2007, p. 255)

1870, nesse momento que a imagem do sertão estava sendo reelaborada de determinadas províncias do Norte, como foi o caso do Piauí. O projeto de unidade nacional colocou a possibilidade de incorporar o sertão e suas populações ao espaço brasileiro das grandes cidades, de integrá-lo aos interesses econômicos de exploração territorial e de unidade política entre as províncias do país.

No entanto, a imagem da seca do Norte começava a mudar a forma de dizer o sertão nessa década, despertando o interesse político e econômico de grupos locais pelos recursos do “ramo” do socorro público, buscando direcionar parte dos recursos do socorro público para a “seca” dos municípios piauienses e de outras províncias. Na diferenciação entre Norte e Sul, as elites nortistas vão despertando para usar estrategicamente esse mecanismo de poder, cobrando uma política que considerasse a visão que essas elites tinham do seu lugar de nascimento, o Norte, ao buscar converter para o Norte a política de socorro público em socorro aos “retirantes da seca”.

O fenômeno da seca não era novidade no discurso dos relatórios da província do Piauí do século XIX. Desde a década de 1840²⁷³, os presidentes se referiam ao fenômeno da seca dos “vastos sertões” como algo que estava restrito ao espaço de determinadas vilas e freguesias. As medidas dos governos eram geralmente o envio de alimentos, como farinha e carne, e também de vacinas para esses lugares, com distribuição e fiscalização feita por uma comissão de socorros nomeada pelo presidente da província. A seca era considerada um fenômeno que afetava, momentaneamente, os “vastos sertões” do Piauí, em diferentes anos e décadas. O “ramo” do socorro público não ocupava destaque dentre os demais ramos (segurança, administração, culto, instrução, finanças, impostos, etc.) que dividiam a apresentação dos relatórios provinciais e os anexos, com tabelas, quadros, listas. No entanto, na década de 1870, o ramo do socorro público passava, gradativamente com os anos, a ocupar o começo da apresentação feita pelo presidente da situação ou “estado geral” da província. No discurso dos presidentes, veremos como a seca será construída politicamente como o principal assunto dos

²⁷³ Entre os apelos idos à presidência enviados pelas câmaras municipais começava a ganhar destaque os “socorros a seca”, como aparecem nos pedidos da vila de Príncipe Imperial discutidos em reunião extraordinária por conta da seca de 1847, solicitando a inclusão de dois contos de reis no orçamento provincial para esse município na divisa com Ceará. Nessa reunião da Assembleia, o presidente Goes e Vasconcelos argumentou que os “males da seca” afetavam vários lugares da província, lançando na miséria tanto o “rico que entra em ruína como o pobre que migra”, e não faria sentido dispor de recursos financeiros somente para esse município, vetando o projeto de mudança no orçamento. **Relatório apresentado a Assembleia Provincial do Piauí pelo presidente Dr. Zacarias Goes de Vasconcelos. 1847, p. 3.**

relatórios, transformando o socorro público um ramo importante da administração dessa província e de outras do Norte, que mereciam a atenção do governo imperial.

Os jornais, em grande medida pertencentes aos grupos e partidos políticos da província, que ocupavam em muitos momentos o controle do governo provincial, também construíram, a partir do final da década de 1870, a imagem da seca como principal problema do Piauí e de suas “irmãs” do Norte. Entre 1870 e 1879 foram registrados cinco anos de secas em vários pontos da província, respectivamente, os anos de 1870, 1872, 1877, 1878, 1879. Mesmo a seca de 1877, que marcou a emergência da seca como “problema” do Norte, ainda não havia incluído toda a província piauiense no mapa da região “flagelada”. O que ocorreu foi uma transformação do fenômeno da seca em problema comum do Norte pelo discurso regionalista, quando grupos oligárquicos nortistas se agrupavam politicamente em torno de “soluções” para combater os efeitos da seca. Nesse cenário, os jornais *A Época* e *A Imprensa*, um do partido conservador e outro do partido liberal²⁷⁴, travaram uma disputa política no espaço dos jornais para legitimação de cada um dos partidos no governo da província, produzindo o mesmo discurso em prol de ser a “voz” dos emigrantes. Durante a seca de 1877-1879, podemos assistir esse conflito envolvendo as medidas adotadas pela administração provincial para o socorro público e para o uso de recursos financeiros do império, que largamente não estavam sendo destinados para esse fim.

Afinal, os relatórios e os jornais piauienses da década de 1870 abordaram sob o mesmo ângulo a inserção do Piauí no espaço regional da “seca do Norte”? Como se deu sua espacialização nessa região e como foi elaborada a imagem do sertão? Os interesses políticos que aparecem nos relatórios eram diferentes da visão que foi construída pelos jornais? Quais eram esses interesses de transformar a seca em principal problema dessa província e da região Norte? Esses questionamentos nos possibilitam problematizar como as medidas das oligarquias no Piauí construíram politicamente a seca como “problema” da região. Além disso, é possível colocar em questão por que a oligarquia piauiense optou por manter o predomínio das relações de poder da pecuária extensiva, mesmo projetando um horizonte de expectativas²⁷⁵ na

²⁷⁴ Segundo a perspectiva de Ana Regina Rêgo, a “seca assola o Piauí pré-republicano. De todos os cantos da Província e até de outros estados, pessoas emigraram para a capital, Teresina, que, embora na tão próspera, situa-se entre rios, com água abundante e terra fértil. [...] Os bacharéis dominam tanto a imprensa quanto a política, o que torna difícil definir o limite entre as duas. Os jornais, assim como os redatores, mantêm posições partidárias definidas e defendem seus interesses de forma contundente e, por vezes, agressiva.” (REGO, 2001, p. 77)

²⁷⁵ “A ideia de fazer da navegação um plano governamental de amplo impacto sobre as finanças do Piauí, especialmente no período correspondente ao Segundo Reinado, foi um tema recorrente e carregado de projeções políticas que ultrapassavam as avaliações mais lúcidas para suportarem desejos salvacionistas.” (DE VILHENA, 2016, p. 56)

navegação do rio Parnaíba como solução para o atraso econômico do Piauí, reforçando a imagem de isolamento dessa província entre as “irmãs” do Norte. Nesta perspectiva, podemos analisar nos relatórios e nos jornais a construção da “saude” que o discurso político deixava evidente, na defesa oligárquica da pecuária como a principal riqueza do Piauí. Apesar de sucessivas décadas de crise desse setor econômico no discurso dos presidentes entre 1840 e 1870, a seca passava a servir de explicação para crise da pecuária no Piauí, novamente com o emprego político e, também jornalístico, do conceito de *minha terra*.

Economicamente, a crise econômica que afetou a pecuária extensiva estava relacionada, externamente, às alterações comerciais e financeiras do mercado agroexportador, e internamente, aos impostos e dízimos cobrados da criação e comercialização do gado e seus derivados, além da exportação do algodão para províncias vizinhas. O Piauí possuía, em larga medida, a escravidão como força de trabalho das fazendas, incluindo as fazendas nacionais, surgindo um processo incipiente de maior diferenciação de grupos sociais nos espaços urbanos²⁷⁶. As profissões liberais ainda não haviam sido muito diversificadas entre as diferentes classes ou grupos sociais, predominava a relação de poder senhor e escravo nas fazendas. Nos municípios, predominava o controle de poucas famílias e pessoas na administração das municipalidades, quase sempre em déficit com os cofres da província, pela conivência, pressão e sonegação dos fazendeiros e criadores com a fiscalização dos agentes da Fazenda, como coletores e fiscais²⁷⁷, principalmente dos impostos da venda do gado para Pernambuco, Bahia, Maranhão, Ceará e para Guiana Francesa.

A navegação do rio Parnaíba, sua ligação comercial com as principais praças do país e de outros países, era apresentada como solução para provincializar o comércio e os municípios

²⁷⁶ Para Miridan Falci, em **Escravos do sertão**, as “posturas municipais nos mostram que nos pequenos núcleos urbanos da Província as especializações se diversificavam mais do que nas fazendas, onde as atividades girariam em torno do gado e da terra, embora as grandes fazendas, cujos proprietários tivessem também residência nos núcleos urbanos, dispusessem de possibilidade de deslocar a escravaria, quando preciso, para o local onde seu trabalho fizesse necessário. Assim, foram os núcleos com cinco, seis ou dez mil habitantes que capacitaram o surgimento de mão-de-obra especializada que atendia à demanda daquelas populações mostrando uma já incipiente urbanização.” (FALCI, 1995, p. 126-127). Diferente de Falci, o historiador Solimar Lima critica a visão da exploração do trabalho escravo no Piauí, que reduziu essa mão-de-obra as atividades de subsistência, defendendo que as fazendas, e no caso específico as fazendas nacionais no Piauí, funcionavam como unidades produtoras e marcadas pela diversificação das atividades entre escravos, além de criticar a separação do status social de vaqueiro da atividade escrava, como se escravos também não se tornassem vaqueiros na pecuária. (LIMA, 2005, p. 29). Ou ainda, em trabalhos mais recentes sobre a escravidão urbana no Piauí, a respeito da experiência escrava com o policiamento da capital Teresina, sendo que a “presença de batuques e reuniões de negros na cidade de Teresina, durante a década de 1870, e em locais específicos da cidade serviu para forjar nos populares uma concepção de cidade que, ao invés de esconderijos, era na verdade bem visível aos transeuntes.” (CELESTINO, 2008, p. 15)

²⁷⁷ “Não basta, entretanto fixar impostos; é preciso também estabelecer os meios de sua boa arrecadação, e depois disto prover acerca de tudo o que for a bem da economia dos dinheiros publicos.”. **Relatorio do Vice-Presidente da provincia do Piauihy. 1870, p. 60.**

piauienses. Com a mudança da capital para Teresina²⁷⁸, a construção da imagem do sertão passava a ser feita da nova capital. No discurso dos relatórios, a navegação a vapor era a solução encontrada para a crise financeira e produtiva do setor pecuarista. Os presidentes criticavam o atraso das relações de trabalho e de produção do setor, que ainda empregava “a enxada, a foice e o machado”, e quase não utilizava o arado; as dificuldades de venda do excedente da produção de subsistência por conta da precariedade das estradas; a necessidade de cruzamento das raças bovinas; a falta de colônias agrícolas de imigrantes; a “indolência” do piauiense; e as desordens provocadas pela “classe de gente inválida”, etc. Seria o começo na literatura da construção do sertanejo como retirante da seca do Norte? O que os relatórios e os jornais piauienses da década de 1870 nos dizem sobre a construção ficcional do personagem Ataliba por F. Gil, um vaqueiro sertanejo que morreu como retirante na seca iniciada em 1877?

A princípio, enfatizaremos como os relatórios e os jornais construíram politicamente a imagem da seca do sertão piauiense, principalmente, analisando a parte relativa aos socorros públicos nos relatórios e nos artigos dos periódicos. Antes, vejamos um mapa de 1878 elaborado pelo engenheiro André Rebouças, que delimitava a extensão da seca iniciada em 1877, como espaço denominado “região flagelada pela seca do ano de 1877”. O mapa traçava as linhas de estradas de ferro construídas e projetadas nessa região, com a justificativa no âmbito político de socorrer as populações de províncias nortistas. Mais a frente, vamos comparar a confecção e a leitura desse mapa com os relatórios e os jornais piauienses que recortavam os municípios afetados pela seca, na medida que os pedidos das câmaras municipais chegavam solicitando os socorros públicos do governo provincial, e depois imperial.

²⁷⁸ “Assim, os presidentes provinciais compreenderam, em suas observações específicas, o maior problema enfrentado pela nascente capital; os gastos exacerbados, a falta de planos arquitetônicos, e a discordância acerca das prioridades urbanísticas. Todos esses aspectos levam a crer que as primeiras décadas da nova capital significaram o enfrentamento dos desafios em fazê-la sob os moldes do próprio discurso que a legitimara - e atravessados por limitações, expectativas e incertezas que desafiavam aquela sonhada cidade.” (VILHENA, p. 225)



Fonte: www.bdlb.brn.br/acervo. Acesso: 15/08/2015

Analisando o mapa de 1878, podemos perceber que o recorte da seca abrangia as províncias desde Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e partes da Bahia e do Piauí, chegando a fazer limite com o Maranhão através do rio Parnaíba. Se o mapa tivesse sido elaborado em 1879, certamente, a parte do Piauí que ficou de fora do mapa seria incluída, na medida em que o discurso da seca passava a ocupar o centro das atenções nos

relatórios e jornais do início desse ano. Os pedidos de socorros das vilas de Jerumenha, Parnaguá, São Raimundo Nonato e São João do Piauí foram enviados no ano de 1878, inicialmente, “previstos” de acordo com o relatório²⁷⁹ que apresentava os pedidos enviados dessas vilas²⁸⁰ por recursos, alimentos e formação da comissão de socorros.

Em 1870, o presidente da província dizia que os primeiros cuidados de sua administração estavam concentrados em socorrer da fome os habitantes dos municípios afetados pela “grande seca dos anos anteriores”²⁸¹. Porém, a crise econômica era explicada nesse discurso pela produção que havia estacionado, pelas enfermidades do gado e pela escassez de invernos, e “outras mais circunstâncias inerentes às estações, ao clima, etc.”. O cultivo e a venda do algodão, que haviam aquecido momentaneamente em pequena escala as finanças dessa província, se comparada à exportação do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, entrava em declínio após o fim da Guerra da Secessão nos Estados Unidos²⁸².

O gado, principal produto de comercialização do Piauí, não alterava em termos consideráveis o nível das receitas com os impostos de exportações e com a arrematação dos dízimos. Além disso, havia o peso de manutenção dos funcionários vitalícios e das despesas públicas, gerando o aumento da dívida interna, ao ponto dos governos nas décadas de 1860 e 1870 tomarem medidas de alterar o sistema de impostos da província, referentes à porcentagem

²⁷⁹ “Prevendo, que no caso de declarar-se a seca na comarca de Parnaguá e lugares desta província muito próximos e vizinhos da Bahia, seja insuperável pela enorme distância, a dificuldade de prestar socorros necessários, dirigi-me ao digno presidente d’aquella província, solicitando o seo auxilio e espero, que o honrado Sr. Dr. Lucena firmará ainda mais o conceito de administrador activo e dedicado, que merecidamente lhe compete.” **Relatório com que o Excellentissimo Senhor Dr. Graciliano de Paula Baptista passou a administração da Província do Piauhy, ao Excellentissimo Senhor Presidente Dr. Bernardino Rodrigues Silva. 15/08/1878, p. 19**

²⁸⁰ A comissão do município de São Raimundo Nonato solicitava recursos do governo provincial, uma “vez que há dois anos nada se tem colhido das plantações feitas neste município, situado nos mais altos sertões desta Província, quase nas águas e limites desta com as da Bahia e Pernambuco, mas que por suas terras secas, porém apropriadas para a cultura de toda sorte de cereais, não só abastecia a seu mercado de tais gêneros, como ate fornecia as vizinhas, com abundancia pelos preços de reis 1000 ate 640 a quarta de 64 litros, a passo que hoje os paga aos preços de reis 20\$000 ate 32\$000 na mesma medida; a falta que já se encontra nos extremos”. **Arquivo Público do Piauí. Casa Anísio Brito.** Caixa de São Raimundo Nonato.

²⁸¹ “Empreguei pois todos os esforços para que os sacrificios do thesouro em socorrer as populações do interior da província não fossem improficuos, o que creio ter conseguido.” **Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva passou a administração da Provincia do Piauhy ao Excellentissimo Senhor 1º Vice-Presidente Dr. Manoel José Espinola Junior. 07/05/1870, p. 30.** Vale salientar que a fala do presidente se referia apenas aos municípios de Oeiras, Jaicós, Picos e São João do Piauí, nesse discurso a seca não ultrapassava os limites da província, porém, deixava evidente o interesse das elites locais com a política de socorro público.

²⁸² “A queda de preços, tanto do açúcar quanto do algodão, ressaltase ainda, deve-se à grande depressão, que afetou a economia mundial de 1873 a 1896. Este segundo produto, que vinha de uma fase de euforia e expansão na década de 1860, fruto da retirada do algodão americano do mercado por causa da guerra de Secessão, vê seus preços declinarem bruscamente, por causa da recuperação da produção americana e de sua volta ao mercado, além da tendência geral a queda dos preços provocada pela depressão, atingindo no biênio 76-77 suas mais baixas cifras.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 27)

do governo na arrematação dos dízimos, e na forma de fiscalização, transferindo a cobrança para juntas coletoras ao invés de um coletor em cada município²⁸³.

Ainda no ano de 1870, a falta de chuvas era responsabilizada pela crise alimentícia em diversos pontos da província. Um “gravíssimo mal”, que não será enfrentado sem a construção de açudes. O relatório ainda citava as medidas de construção de açudes que ocorriam na província cearense, para o aproveitamento do regime pluvial de chuvas. No Ceará, os açudes “não só servem para as plantações, como tem produzido o fenômeno, aliás de fácil explicação, de não serem muito intensas as secas ali aparecerem”²⁸⁴, o represamento da água das chuvas evitaria os “sofrimentos do povo”, apesar de que boa parte desses açudes era construída em propriedades particulares, de difícil acesso para a maioria da população pobre afetada pelos efeitos da seca. O governo imperial havia aprovado as despesas do socorro público desse ano, recursos envolvendo a construção de estradas de ferro e de açudes, a compra e distribuição de alimentos, de “fazendas”, de vacinas, etc. Nos municípios, os potentados locais despertavam para o crescimento das verbas destinadas para o ramo do socorro público, na medida que as províncias nortistas passavam a cobrar do governo imperial recursos para enfrentar regularmente os efeitos da seca.

A emigração começava a preocupar os interesses dos grandes proprietários de terras, de gado e de escravos. Para o governo provincial era urgente a criação de colônias agrícolas, para assim concentrar a população afetada diretamente com os efeitos da seca. Com as colônias dirigidas por imigrantes e formadas em seu núcleo por famílias de colonos europeus, a província do Piauí esperava despertar entre os emigrantes o interesse pelo “trabalho” e pelo “espírito” do acúmulo de riquezas. Nos anos de 1870, os presidentes do Piauí contavam com a criação de núcleos para “proteger a emigração” dos efeitos da seca. Fazer com que o “emigrante” ficasse em sua “terra natal”, uma medida política de manter o predomínio da oligarquia piauiense, significava controlar as desordens sociais com a concentração da população em espaços fiscalizados por particulares, e também pelo poder judiciário da província. Dados gerais do

²⁸³ Segundo o relatório elaborado pelo bacharel em Direito José de Freitas acerca das vantagens e desvantagens da lei nº 659 do ano de 1869, que versava sobre o sistema de impostos da província, o “collector, único arbitro do lançamento, é a fonte de todos os males do sistema em questão. Dependente, como é, da influencia local, tem necessidade de submeter-se ao querer della, de acatal-a, obedecer-a, de advinhar-lhe, enfim, os pensamentos, como condição *sine qua non* da sua conservação no emprego.” **Relatorio ou parecer do Illm. Senr. Dr. José Manoel de Freitas.** p. 5. In: Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva passou a administração da Provincia do Piauhy ao Excellentissimo Senhor 1º Vice-Presidente Dr. Manoel José Espinola Junior. 07/05/1870, p. 60.

²⁸⁴ **Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa do Piauhy no dia 1º de Julho de 1870 pelo 1º Vice-Presidente da Província, o Excellentissimo Senhor Dr. Manoel José Espinola Junior. 1870, p. 14.**

relatório indicavam que o Piauí possuía em registros oficiais mais de seis mil fazendas de gado, exportando para dentro e fora do país mais de 60 mil cabeças de gado anualmente, para províncias vizinhas e para Guiana Francesa²⁸⁵.

No final da década de 1870, a seca era o principal problema para explicar a crise econômica da pecuária piauiense. A criação de gado era responsável pela fortuna de particulares e pela arrecadação dos impostos do tesouro provincial, e na medida que a seca aparecia como explicação para a crise da pecuária agravada pela emigração, despertava os interesses das oligarquias na construção de açudes, de estradas de ferro e em pedidos para socorrer os emigrantes²⁸⁶. Nos municípios, os potentados locais cobravam do governo provincial o envio de recursos e de alimentos, que por sua vez deveriam ser comprados, distribuídos e fiscalizados pelas comissões de socorros, compostas por membros nomeados entre os próprios potentados locais. A seca como “problema” aparecia pouco a pouco nos discursos políticos da oligarquia piauiense e, também nos relatórios dos presidentes do Piauí de outras províncias nortistas, que apresentavam como solução investir na navegação a vapor pelo rio Parnaíba, com o objetivo de aumentar o contato comercial com as praças das províncias do Norte²⁸⁷.

Na agricultura, o único produto exportado era o algodão, predominando uma economia de subsistência com a produção interna de mandioca, tabaco, arroz, milho, etc. E sendo a criação do gado a “ocupação favorita” da oligarquia piauiense, com propriedades imensas dominadas pela pecuária extensiva²⁸⁸, a agricultura continuava restrita as fazendas e ao comércio local.

²⁸⁵ **Relatório apresentado a Assembléa Legislativa do Piauí no dia 1º de Julho de 1870 pelo 1º Vice-Presidente da Província, o Excellentíssimo Senhor Dr. Manoel José Espinola Junior. 1870, p. 14.** (Orçamento)

²⁸⁶ Em **Cotidiano e pobreza**, Maria Mafalda Araújo analisa o que ela chamou de “magia da sobrevivência” dos emigrantes em Teresina, contudo, não questiona a construção do discurso da seca como explicação da no discurso da oligarquia piauiense para a miséria e a pobreza, abordando a seca como um dos “fatores responsáveis pelas condições miseráveis e pela alta incidência de criminalidade em Teresina.” (1995, p. 54). Chamando de “sertanejo nordestino” os homens dessa época, sejam ricos ou pobres, defendeu o pensamento que enfatiza uma conciliação ou simbiose entre um imaginário progressista das cidades com os “costumes da cultura sertaneja”, acreditando que estava realmente havendo uma disciplinarização dos costumes.

²⁸⁷ “Filho de uma província do Norte e conhecendo a conveniência, de que todas as províncias desta parte do império estreitem as suas relações commerciaes do modo mais satisfactorio, como fazem as do sul, será para mim motivo de verdadeiro jubilo, se puder, durante minha administração levar a effeito semelhante ideia, de certo fecunda em benefícios, principalmente para esta província, que tem necessidade de desenhencillar-se da tutela do Maranhão.” **Relatório do presidente da província do Piauí. 1871, p. 58.**

²⁸⁸ Para uma visão etnográfica do campesinato no Piauí, a antropóloga Emilia Godoi propôs a perspectiva de entender a estruturação do parentesco de uma comunidade rural a partir da relação entre história e mito. Para isso, analisou historicamente textos escritos e orais de ocupação das terras do sítio Serra Nova, no município de São Raimundo Nonato, através da declaração de posse de Vitorino Paes Landim em meados do século XIX, como “recompensa” da guerra contra indígenas. Para ela, as pressões provocadas no campo pelas relações capitalistas de produção eram incorporadas no meio desse grupo camponês, sem romper com os laços de solidariedade encarnados nos rituais de manutenção do parentesco, dentre eles o ritual de *passar-a-compadre*. A posse da terra na pecuária teria estruturado um modelo de posses no campesinato sertanejo diferente do Agreste e da Zona da Mata, onde a divisão das terras havia engendrado uma “economia moral” do parentesco, tornando os indivíduos

Dessa forma, a pecuária era louvada pela oligarquia piauiense, fonte das rendas da província, que garantia a manutenção dos grandes proprietários e fazendeiros no controle do discurso político a respeito da importância da pecuária como a “principal riqueza” do Piauí. Enquanto isso, o atraso da agricultura era atribuído a “indolência natural dos habitantes do interior”²⁸⁹, dedicados a caça, a pesca e colheita de frutos, “sem quererem aplicar-se à agricultura, fonte inesgotável de riqueza de nosso país”²⁹⁰. Segundo essa visão, em todas as atividades agrícolas não havia estímulos para instruir na população dos “vastos sertões” o “espírito do amor pelo trabalho”. Sem iniciativas próprias da população na província, o governo buscou a solução na colonização estrangeira ou “mesmo nacional”, para “fazer desaparecer essa apatia do povo piauiense”²⁹¹.

A província piauiense solicitava do governo imperial a criação de uma colônia nas proximidades da cidade e do rio Parnaíba, “sendo mais fácil o transporte de seus produtos por meio deste rio” (Idem, p. 53). Nesse discurso, a mudança da capital já deixava de ser o foco, para que a navegação do rio voltado à exportação continuasse construindo a expectativa do progresso que impulsionaria o setor pecuarista, pois os projetos ou propostas de estradas de ferro para favorecer o contato e o comércio dos municípios com a capital e outras províncias, ficavam a mercê da expectativa gerada pela navegação de “levar a vida e o progresso a essas regiões centrais” (Idem, p. 56). Esse relatório, ainda reclamava da falta de braços para o trabalho agrícola e da escassez da mão-de-obra escrava, solicitando no pedido de criação da colônia a vinda de 50 a 100 famílias de imigrantes ingleses. Já que estava previsto para esse ano o desembarque de 5 mil ingleses no Brasil, apesar do “clima ardente das províncias do Norte afugentar os colonos europeus” (Idem, p. 52), que obviamente foram concentrados nas províncias do Sul não somente pelo discurso de semelhança do clima, mais também certamente pelo impacto das teorias e raciais sobre a mestiçagem da população brasileira a partir da década de 1870. Nesse contexto histórico, o discurso de luta pela sobrevivência na área da seca ganhava importância nos relatórios piauienses, mostrando que as províncias do Norte lutavam contra a

um prolongamento da tradição de posse “coletiva” das terras. “Procuramos demonstrar a existência de uma “economia moral” a orientar a ocupação camponesa da terra e a apropriação da natureza expressa na posse, preexistente ao sistema de posses como sistema dominante, que passou a vigorar após a abolição do regime de sesmarias, e que persiste até nossos dias, inscrita num *habitus* camponês engendrado pela sua própria história de marginalidade e expropriação na história territorial brasileira.” (1999, p. 148-149)

²⁸⁹ **Relatório lido perante a Assembléa Legislativa da Província do Piauí no Acto de sua Instalação no dia 1º de Julho de 1874 pelo Presidente da mesma, o Exm. Sern. Dr. Manoel do Rego Barros Souza Leão. Maranhão, 1874, p. 52.**

²⁹⁰ Idem, p. 52.

²⁹¹ “É por certo uma ideia elevada a criação de colônias, onde se congregem os habitantes destes vastos sertões, em regra avessos ao trabalho, mais por ignorância e descuido do que por indolência.”. Idem, p. 52.

seca, que passava a ser a luta de toda “parte setentrional” contra um “obstáculo terrível”, e dessa maneira, o fenômeno da seca era visto como a causa do atraso dessa região em relação a “parte meridional” do Império.

Entre 1873 e 1877, ano de repercussão nacional da seca como “problema” do Norte, os relatórios reforçavam a expectativa de que a navegação resolveria as dificuldades de comércio do Piauí com as duas “grandes praças de Pernambuco e Ceará!”²⁹², haja vista a criação de uma companhia de navegação e de medidas administrativas para compra de embarcações, e a aprovação do aumento da subvenção exigida pela Companhia Pernambucana para estender a rota de viagem dos navios até as imediações de Amarração. Quanto à falta de vias férreas no Piauí, os relatórios atribuíam a ausência de projetos e de iniciativa da província em possuir ferrovias como outras províncias do país, não ocupando um lugar de destaque “entre suas irmãs”. Neste sentido, junto do pedido feito ao governo imperial de construção de uma via férrea, a província solicitava o contrato com um engenheiro do Império para mapear e projetar essa ferrovia, abrangendo os municípios próximos da capital piauiense. Novamente, a parte das finanças investida na navegação do rio Parnaíba gerava uma enorme expectativa de que ela fosse resolver a crise do setor pecuarista e as dificuldades de comércio do Piauí com outros mercados, deixando as estradas e as ferrovias em segundo plano entre as medidas político-administrativas apresentadas pelos presidentes dessa província.

Em 1877, a seca ocupava o principal assunto do relatório provincial, sendo responsabilizada por alterar as relações de poder historicamente exercidas pela oligarquia piauiense, esta última cobrava do governo medidas para combater o “mal” causado pelas “classes desvalidas” com a intensidade de “uma seca, que muito tem afligido a algumas outras províncias do Império”²⁹³. As câmaras municipais, lugar de domínio dos potentados locais, chamavam atenção do governo para crescimento da chegada de emigrantes nos núcleos urbanos, povoações e fazendas, de emigrantes também vindos de províncias limítrofes, principalmente, da província cearense. Além das cidades de Teresina, Oeiras e Parnaíba, as

²⁹² **Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Pedro Affonso Ferreira entregou a administração da Provincia do Piauhy ao Exm. Sr. Coronel José Francisco de Miranda Osorio, 6º Vice-Presidente no dia 1º de Fevereiro de 1873. Teresina, p. 2.**

²⁹³ “É bastante grave a crise, que atravessa esta província com os rigores de uma secca, que muito tem affligido á algumas outras províncias do Norte. [...] Em algumas comarcas, e principalmente em Principe Imperial e Independencia, a secca começou com immensa força, annunciando, assim, um futuro contristador. Tenho nomeado comissões nos lugares, em que o mal se há manifestado, incumbindo as não só da aquisição de donativos, como da distribuição dos socorros precisos, que fiz enviar, para o que, sob a minha responsabilidade, tive de abrir créditos na importância total de oito contos de reis.” **Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa do Piauhy em sua sessão ordinária de 1º de Junho de 1877, pelo Exm. Senr. Dr. Graciliano de Paula Baptista, Presidente da mesma Provincia, Therezina, 1878, p. 1.**

vilas de Príncipe Imperial, Valença, Jaicós e Pedro II formavam o começo do recorte de uma área da província, que passou a ser incorporada a delimitação regional da “seca do Norte”. As vilas da parte sul da província foram incorporadas somente nos anos seguintes, colocando em 1879 todo o espaço piauiense no interior desse recorte regional do país, conforme o mapa do engenheiro Rebouças de 1878.

O homem pobre²⁹⁴ do sertão piauiense e da região “seca do Norte”, que F. Gil dará o nome de Ataliba, o vaqueiro das lidas com o gado, tendo sua vida alterada pelos efeitos da seca, vivia as incertezas com a quebra da ordem social imposta pelas relações dominantes da sociedade pecuarista. Para o governo provincial, a emigração no Piauí representava um perigo para uma economia em processo de decadência, no momento que ocorria o aumento das relações comerciais no país, aumentando as disputas políticas das províncias com a instabilidade do regime político da monarquia representativa²⁹⁵. O governo imperial exigia das províncias que os recursos financeiros, enviados para socorrer as “vítimas do flagelo da seca”, não fossem distribuídos em dinheiro, esperando que os emigrantes “se retirassem” para o lugar de onde vieram, seja do Piauí ou de outras províncias. A atuação das comissões de socorros não minimizava o crescimento da emigração, os emigrantes ultrapassavam as fronteiras entre províncias em dezenas de grupos formados por homens, mulheres, crianças, idosos.

Diante das denúncias contra os desvios e as arbitrariedades dos membros das comissões do socorro público, o governo provincial tomou a medida de criar núcleos de emigrantes onde à concentração destes fosse crescente e numerosa, abrindo contratos com grandes proprietários para receber em suas propriedades os emigrantes, com o dever de fornecer as condições de

²⁹⁴ Segundo Durval Muniz, o “discurso articulado em torno da seca pela classe dominante nortista, a partir de 1877, baseou-se numa visão tradicional do fenômeno, presente no discurso do homem pobre do campo, que convivia secularmente com o problema. Esta visão, no entanto, era compartilhada por todos os grupos sociais da região, até que a conjuntura de crise vivida pela classe dominante colocasse para ela a necessidade de elaboração de um novo discurso que incorporasse os novos problemas enfrentados pela região e que servisse de arma na luta política em termos nacionais.” (1988, p. 92)

²⁹⁵ José Murilo de Carvalho, em **A construção da ordem**, elaborou a ideia de que até a década de 1870, a circulação e o treinamento da elite imperial garantiram a manutenção da unidade nacional, ideológica e territorial sob o regime monárquico. No entanto, é preciso tomar cuidados para não simplificar os partidos políticos e outros assuntos desse período, como escravidão, terras, impostos, etc., sob uma perspectiva de uniformidade ideológica e social das “decisões políticas” separando políticos nortistas e sulistas, marcada a existência de conflitos intraprovinciais e interprovinciais. Em relação, por exemplo, a aprovação da lei do Ventre Livre em 1871, “o maior apoio ao projeto do Ventre Livre veio dos deputados do norte, sobretudo dos magistrados nortistas. O menor apoio veio do Sul, sobretudo dos profissionais sulistas. Muitos desses profissionais tinham provavelmente ligações com proprietários rurais, se não eram eles mesmos proprietários.” (2003, p. 222). No entanto, no ano de nacionalização da seca, 1877, as elites nortistas produziam o “novo discurso da seca”, de cunho regionalista, reforçado pela bandeira do “federalismo” defendida novamente com a volta dos liberais ao poder. Em 1878, “dá-se a volta dos liberais ao poder, e com eles voltam a se fortalecer a bandeira do federalismo, agora nitidamente regionalista, partindo principalmente das elites agrárias nortistas.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, p. 40)

trabalho na agricultura, além de alimentação e moradia no próprio núcleo. Assim, teve início a abertura de créditos do Tesouro provincial para a criação dos núcleos de emigrantes. Os núcleos interessavam aos grupos da elite local por conta da possibilidade de controlar essas populações, de evitar a quebra da ordem social exercida pela oligarquia piauiense, criando a expectativa econômica e social de transformação da agricultura, “já que não deve ser considerada a indústria pastoril como fonte única de sua prosperidade pois que será esta enganadora”. (Idem, p. 4)

O peso do setor de subsistência na economia pecuarista onerava os cofres da província, conforme aumentava a procura e a compra de alimentos nos mercados locais, escasseando mais ainda as poucas reservas de abastecimento dos municípios piauienses. O aumento da população²⁹⁶ do Piauí com o crescimento de emigrantes cearenses desordenava uma economia já em decadência, sem grandes mudanças no setor de criação do gado e na agricultura, na fiscalização dos impostos e nas relações de trabalho. Após um ano de criação dos núcleos, o governo provincial nomeou duas comissões formadas em Teresina, para inspecionar as condições dos núcleos de emigrantes nos municípios da capital e da vila de União, que estavam a cargo dos fazendeiros dessas comarcas. Depois disso, foram firmados apenas sete contratos após o parecer do relatório²⁹⁷ sobre as condições dos dezoito núcleos, conforme os acordos estabelecidos pelo contrato atual com o governo. As manobras de controle do serviço do socorro pelos potentados locais forjavam a redução das despesas pela metade, estabelecendo no contrato o gasto diário de 160 mil reis com cada emigrante.

Além disso, o governo tomou a medida de colocar um vapor da Companhia de Navegação para que os emigrantes retornassem aos lugares de onde vieram, supostamente deixando “a cargo” deles e sem “pressioná-los”. Nas lojas do comércio local, os comerciantes aumentavam o preço dos produtos, na medida que o crescimento da procura não acompanhava o abastecimento do setor de subsistência, passando o governo a ser comprador direto de alimentos e “fazendas”. Na tentativa de evitar o monopólio de preços e na compra dos alimentos e das “fazendas”, o governo adotou a medida de comprá-los, dizendo que precisava não comprometer as finanças com os núcleos de emigrantes.

²⁹⁶ Segundo Miridan Falci, entre 1826 e 1872 a “população da Província cresceu 150%, mas esse crescimento se dera graças à população livre pois, em 1872, apenas 11% da população era escrava.” (FALCI, 1995, p. 26)

²⁹⁷ “Na posse de interessantes esclarecimentos, que me forão ministrados por essas comissões, e considerando medida de primeira necessidade - a rescisão de todos os contractos de nucleos existentes, resolvi rescindil-os e contratar somente 7 nucleos, mediante bases mais razoáveis e vantajosas para os inelizes retirantes e para os cofres públicos, resultando deste meo acto uma diferença de despeza talvez pela metade da que d’antes era effectuada com os 18 nucleos.” **Relatório apresentado á Asembléa Legislativa do Piauhy, no dia 1º de Junho de 1878 pelo Presidente da Provincia Dr. Sancho de Barros Pimentel. Maranhã, 1878, p. 6.**

O discurso da seca passava a construir um passado comum para toda a província, a crise era explicada pela seca e seus efeitos, e a seca de 1877 considerada a “mais intensa seca que tem sofrido depois de nossa emancipação política” ²⁹⁸, sem muitos “resultados dessa luta com a natureza”. O aumento do número de mortes por doença, miséria, crime e fome passava a ser explicado unicamente pelos efeitos da seca, a vida de “infelizes” que andavam quase “nus” pelas fazendas e nos espaços urbanos, vistos com medo e insegurança pelos potentados locais e pelo governo provincial. Para o governo provincial, era necessário aumentar a fiscalização do contrato dos núcleos e o controle da população de emigrantes com “medidas enérgicas”, uma população calculada em torno de 7000 pessoas. A falta crescente de gêneros estava ligada ao crescimento da entrada de cearenses no Piauí, aliado a isso, os cereais enviados do Rio de Janeiro cessavam por conta das medidas de proibição da exportação para as províncias do Norte. Assim, o governo provincial dizia no auge da seca que os emigrantes “só tinham que esperar a morte”, ou os barcos a vapor em direção à cidade de Parnaíba para retornarem ao seu destino.

Em Teresina, uma casa afastada do centro da cidade foi alugada para retirar os emigrantes das ruas e das margens dos rios Poti e Parnaíba, exigindo dos “bons” a ocupação com o trabalho, já que nessa visão a seca era responsável pela quebra com os “costumes” do sertanejo, levando a ociosidade e aos “maus hábitos”. A seca afetava também o patrimônio dos ricos, “cujas fazendas estão sendo já dizimadas pela seca”, onerava mais ainda as finanças da província, uma “crise sem precedente”, que agravava o pagamento das despesas do funcionalismo, se encontrando sobrecarregado pelo peso da lei de vitaliciedade, além do atraso no pagamento dos vencimentos.

Os roubos em armazéns situados em Parnaíba, Teresina e Amarante, em cidades e núcleos urbanos localizados à margem do rio Parnaíba, e o aumento no preço dos alimentos, alteravam violentamente os agravantes da situação piauiense. A medida do governo provincial foi direcionar os emigrantes para o trabalho em obras públicas, como cemitérios, igrejas, cadeias, mercados, etc. E também criar novos destacamentos militares em “pontos do sertão”, como Príncipe Imperial e Jaicós, municípios que na visão do governo aumentavam a criminalidade por conta da intensidade da seca. Apesar do “quadro de miséria do povo”, diminuía a emigração de cearenses para o espaço piauiense, as chuvas em 1879 começaram a cair com maior frequência pela província. Porém, o ramo do serviço do socorro não deixará de

²⁹⁸ Idem, p. 1.

merecer a atenção especial do governo e dos ricos fazendeiros. Os núcleos traziam recursos para a província, sendo transformados em estratégia política para solicitar verbas para combater a seca. Um cenário que estava sendo dominado pela “emigração que sobre ela pesa e finalmente pelas tristes conseqüências da prolongada secca que por mais de dous annos a tem flagellado, como em geral as do norte do Imperio” ²⁹⁹.

Portanto, na análise dos relatórios ficaram evidentes os interesses políticos e econômicos da oligarquia piauiense com o ramo do socorro público, com o despertar da elite nortista para os efeitos da seca como explicação dos problemas políticos, econômicos e sociais dessa província e do Norte do país. O emigrante sertanejo, o Ataliba do livro de F.Gil, foi construído pelos relatórios como vítima do flagelo da seca que atingia as províncias do Norte. Em toda a década de 1870, os presidentes do Piauí, piauienses ou de outras províncias vizinhas, diziam que era preciso que o governo imperial contasse com o conhecimento³⁰⁰ do habitante da região, mais precisamente das oligarquias que haviam nascido nela, para combater os efeitos da seca. As emigrações desordenavam as hierarquias sociais estabelecidas em torno da grande propriedade e da transição do trabalho escravo para livre.

A imagem do sertanejo como emigrante no discurso dos relatórios, apagava estrategicamente as diferenças e os conflitos existentes no interior dessa sociedade, que já se encontrava em retrocesso econômico nesse contexto histórico da década de 1870. Quando a seca passou a afetar diretamente as fazendas da pecuária, a lançar também na miséria e na fome membros das oligarquias nortistas, dentre elas fazendeiros da oligarquia piauiense, já estava sendo produzido um discurso regional de decadência do Piauí e do Norte ao final do Segundo Reinado. Para controlar a presença dos emigrantes, as oligarquias passaram a falar em nome deles, reivindicando verbas próprias para solucionar o flagelo da seca. No Piauí, a emigração aumentava a população nas vilas e cidades, no momento que tomavam conhecimento de verbas dos governos para “ajudar” os flagelados da seca. Já o governo provincial, formado principalmente pela oligarquia pecuarista, temia que sua principal fonte de rendas, o gado, entrasse em colapso econômico com o aumento da perda dos rebanhos de grandes fazendeiros e de pequenos proprietários, estes últimos, em disputa pela mudança do valor e da cobrança dos

²⁹⁹ **Relatorio do 1º vice-presidente da província. Therezina, 1878, p. 2.**

³⁰⁰ “Só eles, “filhos e domiciliados” nas províncias do Norte, podem “avaliar com certeza, conhecer por experiência e da ciência própria e calcular com verdadeira exatidão a grande dor, a crueldade dos sofrimentos dessas regiões da morte.”” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 268)

impostos que beneficiavam os primeiros pelas desigualdades no pagamento e na fiscalização dos coletores.

Contudo, o discurso da seca no Piauí reforçou todo esse quadro, gerando uma busca da oligarquia piauiense por inserir a província no espaço nortista, ao fazer da seca um “corolário de horrores” e a imagem do sertão como “terra do Piauí”. Assim, os relatórios piauienses dos anos de 1870, que eram apresentados em assembléia e enviados para a sede da monarquia, reuniram politicamente as reclamações sobre os efeitos da seca de seus municípios e as solicitações dos auxílios de verbas e de alimentos ao governo provincial. Isso ocorreu na medida que transformavam o socorro público em principal “arma” no combate de suas consequências, que na visão dos governantes eram a fome, a miséria, a nudez e a loucura dos flagelados, um discurso político das oligarquias que imaginavam ameaçadas as hierarquias sociais estabelecidas na sociedade piauiense.

Portanto, se nos relatórios o discurso da seca dos “vastos sertões” no Piauí vai ganhando notoriedade com a emergência da “região flagelada da seca”, como foi desenhada no mapa de Rebouças em 1878; os jornais piauienses foram o palco cotidiano de produção desse discurso que legitimava a seca como assunto da “atualidade”, colocando em disputa os partidos políticos e seus jornais pelo controle da política de socorro público, pelas nomeações das comissões na capital e nos municípios de acordo com essas disputas políticas, por verbas, mantimentos, vestuários, contratos, envio de cargas, núcleos de emigrantes, etc. Nos jornais, cada um deles buscava falar em nome das populações emigrantes, eram cartas, artigos, notícias, anúncios sobre a seca iniciada em 1877. Enfim, os jornais foram o lugar da disputa pela legitimidade da política de socorros entre os partidos, incorporando os municípios piauienses ao espaço da seca, anunciada em ofícios, correspondências, circulares, decretos, resoluções, e por fim, condensadas e filtradas pelos relatórios do governo provincial.

Os jornais encenavam o cotidiano das disputas partidárias, descrevendo a presença dos emigrantes nos municípios, as denúncias de desvio e da política partidária feita pelas comissões, o inchaço populacional das vilas e cidades piauienses, a escassez de cereais no comércio local, o aumento dos preços de alimentos e a especulação financeira das verbas enviadas pelo governo, além da concorrência desigual pelos contratos de fornecimento e de criação de núcleos. Quanto aos emigrantes, os jornais também não se diferenciavam muito na descrição do seu cotidiano, informando periodicamente o aumento da população de emigrantes, informando números para também servirem como estratégia de trazer para os municípios mais verbas e o “socorro imediato” as vítimas da seca, como vacinas, alimentos e vestuário. Páginas

clamando ao leitor para se comover com cenas de “horror” espalhadas pelo espaço piauiense, colunas com menções de louvor a caridade dos homens de fortuna, que tinham “compaixão” pelos “nossos irmãos” lançados na miséria, na fome, na nudez, na doença, etc.

Nos jornais, os partidos políticos buscavam falar em nome dos flagelados, estavam preocupados em lhes dar um corpo e uma voz nas páginas que periodicamente saiam na imprensa piauiense. Escolhemos os jornais *A Época*³⁰¹ e *A Imprensa*³⁰², de diferentes partidos políticos, um conservador e outro liberal, para analisar a construção da imagem do emigrante no Piauí, no momento que a seca do Norte surgia como “problema” dessa região do país. Optamos por fazer um recorte vertical e não panorâmico dos jornais piauienses da década de 1870, considerando a disputa política dos jornais pelo controle político do ramo do socorro público entre os anos de 1877-1879. Cruzando os discursos sobre o cotidiano da “seca” descrita por esses dois jornais do período, aparecem em destaque a seca e a emigração de retirantes como causa principal da situação de decadência dessa província.

A seca de 1877 começou a atingir em diferentes níveis todos os grupos sociais da província piauiense e de províncias vizinhas³⁰³, lançando também na incerteza de seus efeitos padres, fazendeiros, senhores de engenho, plantadores de algodão, membros do judiciário, militares, comerciantes; enfim, a elite social dessa região também passava a ser afetada diretamente pela seca, cobrando a atenção dos governos provinciais e do Império para a situação de decadência dos municípios piauienses, justificada em larga medida pelo aumento crescente da emigração dentro e entre as províncias do Norte. Na visão dos jornais, o emigrante trazia consigo as marcas do estado de “penúria” de milhares de pessoas, despertando nas elites

³⁰¹ “No dia 8 de abril de 1878, é impresso o primeiro número do jornal *A Época*, que substitui *A Moderação*, na condição de órgão do Partido Conservador. [...] Quando estão no poder, tratam de se defender. Se, na oposição, priorizam o ataque. A exceção fica por conta do problema da seca que assola o Piauí nas décadas de 1870 e 1880, e que constitui prioridade em todos os periódicos. Entretanto, mesmo este tema é motivo de brigas e xingamentos via imprensa. No geral, os conservadores acusam os liberais no poder de manipularem verbas destinadas aos flagelados da seca.” (REGO, 2000, p. 88)

³⁰² Em 1865, o partido liberal no Piauí lançava o jornal *A Imprensa*, “o jornal de maior vida útil, de 1865 a 1889, e portanto, como o de maior importância como formador de opinião. [...] Mesmo quando a Província parece falida, como decorrência da seca, da falta de investimentos e de uma gestão pública deficiente, os liberais raramente saem em descompostura discursivas. Ao contrário, procuram nas falhas do partido opositor a frecha necessária para a exposição de seus princípios. Mas não se apregoa, aqui, a inocência dos liberais e o banditismo conservador, porque a postura ou descompostura existem nos dois partidos, variando apenas o grau de agressividade.” (REGO, 2000, p. 82)

³⁰³ De Oeiras, em 1877, um noticiário informava que “há aqui algumas famílias emigradas, de boa gente; entre os quais um padre. [...] Chegou há poucos dias o Dr. Francisco Rodrigues Lima Bastos, que concluiu o quadriênio de juiz municipal no Saboeiro onde exercia o cargo de promotor publico. A falta de viveres para subsistir como numerosa família, composta de sua senhora, 13 filhos (entre os quaes uma moça inteiramente paralytica e douda!) e fâmulos, fel-o abandonar a terra natal.” In: www.bn.br/hemeroteca. *A Imprensa*. Órgão do Partido Liberal. Nº 507. Theresina, Sabbado, 25 de Agosto de 1877, p. 4. Acesso: 01/04/2016

nortistas o interesse pelo ramo do serviço de socorro público, uma forma de manter o controle das hierarquias sociais dominantes da economia pecuarista e de subsistência. Nesse momento, de início da seca de 1877, o governo do Piauí era disputado entre liberais e conservadores, os últimos haviam sido derrotados nas eleições municipais da província, apoiados pela ascensão de um novo gabinete liberal no Império³⁰⁴. Nos jornais, os partidos disputavam os recursos e a instituição da política de socorro nos municípios dessa província, sendo estes a ponta da cadeia das disputas políticas pelos recursos enviados aos emigrantes na capital e nos demais municípios.

Em abril de 1878, o jornal *A Época* anunciava a devastadora seca que há um ano terminava de solapar a principal economia de recursos da província do Piauí, a criação e as fazendas de gado. O ano de 1877 havia sido marcante para as oligarquias nortistas porque lhes despertava uma preocupação política e econômica com os efeitos da seca, daí se colocarem como capazes de “salvar” a região do desastre dessa seca, da qual não havia outra igual, uma seca, portanto, sem precedentes quando comparada com as secas anteriores. Para transformar a seca de 1877 na maior seca de “todos os tempos” dessa região, o discurso oligárquico da seca³⁰⁵ vai colocar em conflito as oligarquias nortistas pela inserção política na região da seca. Nesse jornal do partido conservador no Piauí, a seca e seu “cortejo de horrores” já havia acabado “com todas as fazendas” e o rebanho da pecuária cearense. A seca intensificava a emigração de cearenses para o Piauí, e despertava a oligarquia piauiense para “rogar” pela ajuda do governo imperial, explicando que as finanças do Tesouro provincial não conseguiam mais arcar com as despesas feitas com a emigração de mais de “20 mil almas” do Ceará para o Piauí até essa data³⁰⁶.

Com os liberais no poder, esse jornal conservador atacava à chamada política dos “regeneradores”, que consistia no incentivo a economia e na redução dos gastos públicos. O jornal ainda criticava as medidas do governo liberal no Piauí, de redução do número de núcleos de emigrantes de dezoito para sete núcleos, com a justificativa de reduzir os gastos com os núcleos que não fizeram “prosperar o trabalho” e a “melhoria de vida” dos emigrantes. Os

³⁰⁴ CARVALHO, 2003, p. 219.

³⁰⁵ “Este discurso na verdade encobre o fato de que eles não querem que os dominados se manifestem, eles colocam na boca dos dominados os seus próprios interesses, pois mesmo falando pelos flagelados são sempre lidas no Parlamento cartas pessoais “mais consideradas”, ou seja, membros das oligarquias em dificuldade. Diz-se estar falando pelos que sofrem e lêem-se apelos das pessoas mais abastadas das várias províncias.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 270)

³⁰⁶ In: www.bn.br/hemeroteca. *A Época*. Órgão do Partido Conservador. Nº 2. Theresina, 13 de Abril de 1878, p. 1. Acesso: 01/04/2016

liberais eram atacados também pelas demissões em grande número de pessoas ligadas ao partido conservador. O clima político era tenso no interior da oligarquia piauiense, e os jornais evidenciam uma disputa partidária em torno da instituição do serviço de socorro público nos municípios piauienses, e no âmbito regional, entre as províncias do Norte.

Nesse momento dos liberais no poder, o jornal *A Imprensa* começava a fazer proselitismo político partidário para as medidas adotadas pelo governo, dentre elas a medida de redução dos núcleos de emigrantes. A emigração para os núcleos estava no centro dos interesses políticos dos partidos com os socorros públicos, que passavam a fazer política nos jornais com os recursos direcionados para as comissões de socorros, e no caso específico, para os núcleos de emigrantes. Para defender a “solução” do governo de redução dos núcleos e para conter os gastos com os socorros, o jornal vai construir um discurso político do governo liberal, que se baseava na estratégia de separar a política dos partidos na província, pela forma que tratavam a seca na “opinião pública” do jornal, e com ela as denúncias de arbitrariedades a respeito das medidas e dos gastos adotados por cada partido com “a seca e os emigrantes”.

A seguir, continuamos a análise da imagem do emigrante da seca construída politicamente pelos jornais piauienses, *A Imprensa* e *A Época*. Diferente dos relatórios, os jornais piauienses encenavam o cotidiano de conflitos dos partidos políticos e dos municípios, disputando a legitimidade política de suas medidas para enfrentamento de um “quadro de horrores” em todas as partes da província. Analisamos o entrecruzamento do discurso oligárquico dos jornais, destacando as posições políticas de cada jornal quando o assunto principal se tratava da seca de 1877-1879. Podemos dividir esse recorte em dois momentos da administração política da província durante a “grande seca”, o primeiro marcado pelo governo do partido conservador, e o segundo pela subida ao poder da província do partido liberal, e suas alternâncias nas relações de poder durante esse período da década de 1870.

Em 1877, o governo do partido conservador no Piauí adotou a medida de criação dos núcleos de emigrantes. Em meados desse ano, o governo piauiense engrossava a série de discursos da seca elaborados pelas oligarquias do Norte, dos setores açucareiro, algodoeiro e pecuarista. A imprensa liberal atacava o governo dizendo que havia a falta de publicidade dos contratos³⁰⁷, denunciando os desvios de recursos em geral, e o partidarismo dos conservadores na escolha dos contratantes dos núcleos, com a precária distribuição dos recursos entre os

³⁰⁷ “Temos o direito de saber o que faz e o que pretende fazer o governo para salvar a província do abysmo em que está prestes a desaparecer.” In: www.bn.br/hemeroteca. *A Imprensa*. Orgão do Partido Liberal. Nº 530. Theresina, Quinta-feira, 17 de Janeiro de 1878, p. 1. Acesso: 01/04/2016

municípios que cobravam atenção do governo imperial, inicialmente Oeiras, Parnaíba, Príncipe Imperial, Jaicós e Piracuruca. O emigrante, seja piauiense ou das províncias vizinhas, significava a ambos os partidos políticos a vinda de recursos financeiros do governo imperial para amenizar a crise econômica, que agora era colocada pelos partidos como resultado da seca e do crescimento da emigração.

Porém, como foi que o jornal *A Imprensa* construir a imagem do emigrante, do “filho do Piauí” e de províncias como Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, em meio ao processo de disputa pelo governo provincial, e por sua vez, pelo controle da política de socorro público entre 1877-1879? Como era vista a repercussão da seca do Norte sendo transformada em “problema” regional do Brasil? Com essas questões, defendemos que F. Gil passou a elaborar do Rio de Janeiro um discurso literário como “conhecedor dos costumes das províncias do Norte”, cruzando a literatura romântica que “cantava” as saudades do sertão com o discurso político dos relatórios e jornais, que circulavam no Rio de Janeiro a imagem da seca e dos emigrantes do Norte, nesse momento de transformação da seca de 1877 na maior seca que havia afetado as províncias do Norte. Funcionário imperial, F. Gil estava há anos distante do Piauí, quando repercutia as notícias da “seca do Norte” das províncias nortistas, que centraram a disputa partidária na perspectiva de legitimar com a formação da opinião pública em seus próprios jornais, qual era o “melhor” governo, quer dizer partido político, no tratamento dos emigrantes.

No ano de início da seca, entre agosto e dezembro³⁰⁸, o jornal *A Imprensa* publicou periodicamente ataques ao governo conservador, colocando em destaque a “indiferença” deste governo com os efeitos da seca no Piauí. A seca, conhecida inicialmente como seca do Ceará, era anunciada a mais devastadora seca de todas as secas anteriores. Nos municípios limítrofes com a província cearense, os potentados locais enviavam cartas para as redações dos jornais piauienses conforme as ligações partidárias. Em Piracuruca estimava-se ter chegado cerca de mil cearenses, em Oeiras também crescia a população de cearense emigrantes da seca. O jornal divulgava que os próprios emigrantes tinham a consciência do rigor da seca, e também da disposição dos governos em socorrer suas “vítimas”. Os liberais acusavam o governo

³⁰⁸ Os jornais publicados nesse período, de governo do partido conservador no Piauí, mostram os liberais preocupados não apenas em atacar as medidas do governo provincial, mas aferir o que se mostrava ineficiente no tratamento do emigrante e no emprego do dinheiro dos cofres públicos, visando sua posterior interferência na política de socorros.

conservador de usar a imagem ou o quadro do “cortejo de males” para beneficiar o partido através do ramo do socorro público.

De modo geral, os liberais criticavam os gastos excessivos dos recursos do Tesouro da província com esse serviço, formando a visão do emigrante como ônus para os cofres da província, em sua estratégia de oposição ao partido conservador no Piauí. Os conservadores eram acusados de não socorrer devidamente os emigrantes nos núcleos e nos municípios, e por isso terem agravado os efeitos da seca. Na verdade, o discurso oligárquico dos partidos políticos, com seus jornais, buscava transformar a intensidade da seca de 1877 em “problema” do Piauí inserido na região seca do Norte, ocasionada em parte pelo “desconhecimento” que os próprios governos teriam dos emigrantes e da região afetada pela seca. Politicamente, o socorro público estava mais a serviço de interesses particulares dos membros do governo e dos partidos do que propriamente de emigrantes. Em seu editorial da “seca”, nos artigos e noticiários, o governo conservador falava no aumento da ruína da província e do quadro de “horrores do flagelo”. A ineficiência no socorro dos emigrantes, extenuados pelas longas viagens pelos “vastos sertões”, fragilizados pela fome e por doenças, agravava mais ainda os efeitos da seca. Apesar de ter criado os núcleos e iniciado o socorro a seca dos municípios, os conservadores teriam se beneficiado com o aumento dos gastos da província e do governo imperial ao ramo do socorro público, transformado entre as províncias do Norte em socorro aos “flagelados da seca”.

Após sair do governo, os conservadores começaram um discurso partidário de oposição ao governo liberal, criticando suas medidas “regeneradoras” de diminuição dos gastos do governo com os socorros e a visão de incentivo financeiro a economia de mercado. Em 1878, já com os liberais no poder, o jornal *A Época* acusava que as medidas de redução dos núcleos e de revisão dos contratos não passavam de “retórica”, ainda por cima manipulando a opinião pública ao construir a imagem do emigrante “bem acolhido” no Piauí pelo governo liberal, de progresso da agricultura e da criação de gado nos núcleos, na organização das “choupanas” por ruas, na instalação de escolas de Primeiras Letras e na realização de desobrigas por padres com batismos e casamentos dos emigrantes. Para os conservadores, a redução aumentava a concentração de duzentos para mais de mil emigrantes em um único núcleo, gerando a insalubridade dos núcleos ao acentuar a miséria, a doença e com isso o crescimento das mortes pela seca. A fiscalização não passaria de um acordo entre governo e os “amigos contratados”, que avultariam um recurso ainda maior do que a divisão entre os dezessete núcleos anteriores,

com o pagamento mensal de quatro contos de reis para os sete núcleos escolhidos, de acordo com a estratégia política de redução e de eficiência dos gastos do governo.

Ao final do ano de 1878³⁰⁹, o jornal conservador afirmava que os sucessivos anos da “grande seca” do Norte foram agravados no Piauí pelas medidas dos “regeneradores” no âmbito local e nacional, um “sistema” de governo que propôs melhorar o investimento dos recursos da província no socorro das “vítimas da seca”, e que na verdade desajustava o arranjo político dos núcleos e das comissões de socorros conforme a estratégia política dos conservadores. Além disso, os liberais adotaram a medida de utilizar os vapores da Companhia de Navegação do rio Parnaíba para o envio dos emigrantes para “fora do Piauí”, acreditando que através dessa medida haveria a diminuição dos gastos com a emigração, principalmente, de cearenses. O que era visto por esse jornal como desinteresse do governo liberal pelo “filho da terra”, ao priorizar o emigrante de outra província no socorro da seca, apesar de todos serem chamados como “nossos irmãos”.

O jornal *A Época* ia mais além, a “seca” do ano de 1878³¹⁰ devastou não só o Norte, mais também as cinco partes do mundo, onde governos e regimes políticos abandonaram a própria sorte populações de famintos e de miseráveis. Nessa visão apocalíptica dos conservadores, já existia “a seca do Norte quando o partido liberal subiu ao poder”, o rigor do desastre havia sido ocasionado por um governo interessado em tirar proveito da miséria dos emigrantes, em sugar os cofres das províncias em benefício dos seus correligionários. Os liberais por sua vez acusavam o partido conservador de “enlouquecer” com a perda do poder político no atual governo, com as demissões em grande número de pessoas em cargos nomeados e com a mudança na composição das comissões de socorros nos municípios. Nesse cenário político, o que mudava na construção da imagem do emigrante estava relacionado com as disputas partidárias pelo controle do socorro público no Piauí.

Os jornais *A Imprensa* e *A Época* começavam o ano de 1879 atualizando a imagem da seca iniciada em 1877, como sendo a maior de todas as secas. Ambos defenderam que foi a emigração de populações das províncias vizinhas, o fator que aumentou o rigor da seca no Piauí,

³⁰⁹ “E o governo liberal, providente e generoso, apesar do credito extraordinário de dez mil contos de reis, aberto ultimamente para ocorrer as despesas da secca, absorve toda sua atenção com o Ceará, onde gasta mensalmente 1:500 contos de reis, com o Rio Grande do Norte, onde o presidente em menos de trez meses consumiu 1:800 mil pela verba *socorros publicos*, e assim por diante, ou dorme indolente à *sombra dos louros* colhidos no campo eleitoral; em quanto que nós, desherdados filhos da patria, somos entretidos com alguns saccos de farinha, feijão e milho podre, afora uns 150 contos de reis *chorados*, que nos vieram *ab nitio!*”. In: www.bn.br/hemeroteca. *A Época*. Órgão do Partido Conservador. nº 31, Theresina, 02 de Novembro de 1877, p. 1. Acesso: 01/04/2016

³¹⁰ In: www.bn.br/hemeroteca. *A Época*. Órgão do Partido Conservador. Nº 40. Theresina, 4 de Janeiro de 1878, p. 4. Acesso: 01/04/2016

uma visão que tomava a seca expandindo sua extensão pelo Norte a partir da repercussão nacional como “seca do Ceará”. Outro ponto de convergência na construção da imagem do emigrante, que percorria as “longas distâncias nos sertões” e as partes do “interior” da província em direção da capital Teresina, surgiu com os interesses partidários pelo controle dos contratos de manutenção dos núcleos e dos recursos destinados as comissões de socorros. Sem dúvida, tanto os liberais como os conservadores estavam interessados na transformação da seca em pretexto político para cobrar recursos dos governos para o ramo do socorro público. Lutando entre si, os jornais desses dois partidos transformavam o emigrante da seca em principal assunto de suas páginas, e cada um que pintasse com mais “horror” aquela que “foi uma seca que ficara gravada na memória por muito tempo” ³¹¹.

Relatórios e jornais piauienses chegavam ao Rio de Janeiro anunciando a “devastação da seca” nessa província e nas províncias vizinhas. Em 1878, F. Gil começava a produzir a imagem do emigrante da seca a partir da composição política e literária de narrativas do sertão, empregando o conceito histórico *minha terra*. A imagem romântica do sertão foi construída pelos poetas piauienses nas décadas de 1850 e 1860, mais precisamente por José Coriolano e Licurgo de Paiva, com versos sobre a saudade do sertão, contudo, na década de 1870, com a imagem que repercutindo nacionalmente, F. Gil passou a mostrar um sertão que expulsava e abandonava o sertanejo em sua luta para não deixar a terra natal. Afinal, qual a novidade na composição literária desse conceito entre escritores do “Norte”, e, especificamente, como ocorreu a mudança histórica na forma de falar da saudade? A seguir, analisamos o conto *Ataliba, o vaqueiro*, problematizando como F. Gil construiu seus significados do conceito de *minha terra* ao escrever “episódios da seca no Norte” do Brasil.

4.3. O sertão entre as Letras e o cientificismo literário

Primeiro, partimos do questionamento de uma perspectiva defendida na historiografia e na crítica literária ³¹², que propôs a classificação e a interpretação do conto *Ataliba, o vaqueiro*

³¹¹ In: www.bn.br/hemeroteca. **A Imprensa**. Órgão do Partido Liberal. Teresina, 23 de Janeiro de 1879, p. 1. Acesso: 01/04/2016.

³¹² Repensamos a perspectiva que interpretou a obra **Ataliba, o vaqueiro** como precursora do romance de 30, defendendo uma leitura da obra a partir do seu contexto de produção, ou seja, o final do Segundo Reinado, direcionando o olhar para o período, principalmente para o diálogo de F. Gil com o pensamento romântico da poesia das décadas de 1850 e 1860. Além disso, propomos mostrar como a seca foi incorporada como tema principal da narrativa, evidenciando o emprego do conceito de *minha terra* pelo narrador. Para uma perspectiva

como precursor do “romance de seca”, por anteceder ainda no século XIX o surgimento desse tema na literatura oitocentista, que passou a ser predominante na literatura nordestina do início do século XX³¹³. Essa perspectiva tratou de buscar a “origem” do tema da seca na literatura regionalista, posteriormente também representada por escritores regionalistas do século XX, tais como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

No afã de estabelecer uma linha de continuidade entre F. Gil e os regionalistas modernos³¹⁴, essa interpretação colocou no plano secundário o conceito de *minha terra* da literatura romântica produzida a partir da metade do século XIX, principalmente, aquele que foi elaborado pela poesia de escritores piauienses, tais como José Coriolano, Licurgo de Paiva e outros poetas³¹⁵. Com isso, não procuramos inverter a ordem e procurar nessa literatura romântica o começo do discurso da “seca no Norte”, depois do “Nordeste”, e considerar a poesia romântica como precursora das narrativas piauienses da seca, antes da publicação do conto *Ataliba, o vaqueiro* no Rio de Janeiro em 1878.

De modo diferente, buscamos analisar a construção ficcional da narrativa nesse conto de F. Gil, a partir do momento histórico e do seu lugar de produção, mais precisamente o contexto político e social de decadência do regime monárquico no Brasil, o trabalho no cargo de amanuense no ministério da Agricultura e suas possíveis ligações pessoais e políticas com a província do Piauí. Além disso, é preciso problematizar como F. Gil construiu o tema da saudade para inserir o espaço piauiense na região “flagelada pela seca de 1877”. Afinal, por que seus personagens sentiam tanta saudade em deixar o sertão para trás, esse lugar devastado pelos efeitos da seca, que esperava o sertanejo não abandonar sua terra natal? Como F. Gil compôs na literatura sua visão poética e política desse conceito produzido pela literatura romântica? A partir dessas questões, escolhemos metodologicamente dividir o conto em duas

da obra como “romance de seca”, contraponto de nosso trabalho, nos baseamos em SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense: século XIX e XX**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

³¹³ “Conhecido como o primeiro romance, no Brasil, a tratar do tema da seca, *Ataliba, o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco antecipa as marcas do romance de 30, em que se destacam escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Cyro Martins. Sua narrativa é verossímil e o percurso do autor revela sua importância na produção literária piauiense.” (SILVA, 2005, p. 72)

³¹⁴ Segundo Durval Muniz, em **A invenção do Nordeste e outras artes**, o “antigo regionalismo, inscrito no interior da formação discursiva naturalista, considerava as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio e da raça. As variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas sociais e políticas. Explicavam a psicologia, enfim, dos diferentes tipos regionais.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009, p. 53)

³¹⁵ Para uma visão da poesia romântica elaborada do Piauí, nos baseamos na dissertação **A cidade dos dizeres possíveis** de Gustavo de Vilhena, que analisou a poesia de Hermínio Castelo Branco. Segundo esse historiador, a pátria não significava “uma unidade política e ideológica de um país, mas a identificação com um universo natural que extrapolava quaisquer limitações territoriais e respondia a uma cartografia sensível que fazia do campo um refúgio das virtudes contra a degeneração humana.” (2010, p. 50)

partes, delimitando o momento na narrativa que F. Gil passou a construir sua visão da saudade através do fenômeno histórico da “seca do Norte”.

Na primeira parte, do capítulo I ao IV, estão descritos os principais personagens da história, em cenas que enunciavam a “seca no Norte”: o vaqueiro Ataliba, a sertaneja Terezinha e sua mãe Deodata, além do escravo Cassange e do caçador Dionísio. Todos moravam nas terras da fazenda Morro, propriedade de um “maiorato” com residência na vila piauiense de Marvão, que havia colocado a administração da fazenda a cargo do vaqueiro Ataliba, conforme as relações dominantes de trabalho na sociedade pecuarista. A história começa com um encontro “enamorado” entre Ataliba e Terezinha, às margens de um riacho próximo da “cabana”, onde ela morava com sua mãe. Nessa parte, o enredo foi construído em torno da expectativa e do pedido de casamento feito por Ataliba à Terezinha, e do folguedo com os “agregados” da fazenda para comemorar o noivado. Esses acontecimentos se passam em um único dia do mês de setembro de 1877 e o cenário era um município da província do Piauí, no limite com a província do Ceará.

Leitor da literatura romântica desse período, F. Gil compôs, nessa parte, um cenário romântico do sertão inspirado na visão mítica do homem integrado à natureza. Vivendo em “ermos longínquos”, o sertanejo possuía “naturezas especiais” caracterizadas pela influência do clima e da fisionomia na “têmpera” desse personagem do discurso literário. Os sertanejos eram vistos como homens tão ligados à sua terra de nascimento, que “morrem onde se prendem, como as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas”. (CASTELO BRANCO, 1998, p. 32). A descrição de Terezinha, uma “morena sedutora”, filha do “sertão”, era de uma mulher pobre e camponesa, vestindo saia de chita e camisa orlada de rendas, que ela mesma fazia com o seu “cabelal produtivo”. A visão da mulher idealizada pela poesia romântica, oferecendo a arte um “modelo de perfeições” e um corpo feminino desenhado de forma idílica e inocente, contrastava com o conhecimento naturalista mostrando o detalhe de suas mãos, “estragadas pelo trabalho” de buscar água no riacho com uma “grande cabaça”. Já Ataliba foi descrito em seu “traje caprichoso”, isto é, o traje de vaqueiro, realçando o vocabulário³¹⁶ em detalhes de seu vestuário e de seus instrumentos de trabalho e de vingança, a “arma de fogo” e a “lâmina de aço”. Antes de Ataliba encontrar com Terezinha no riacho, o narrador da história³¹⁷

³¹⁶ Para Franklin Távora, defensor do regionalismo nortista nas décadas de 1870 e 1880, F. Gil deve ser classificado como um escritor regionalista pelo “vocabulário do Norte”, que “é umas das qualidades que mais afirmam sua autonomia.” www.bn.br/hemeroteca. **A Semana**. Gazeta Litteraria. Nº 156. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1887, p. 1.

³¹⁷ “Sem dúvida, a maioria das recordações que buscamos aparecem à nossa frente sob a forma de imagens visuais. Mesmo as formações espontâneas da *mémoire involuntaire* são imagens visuais ainda em grande parte isoladas,

colocou em cena sextilhas de uma poesia expressando saudades do sertão, em versos “entoados” por Terezinha:

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração! (1998, p. 30)

O tempo histórico no sertão era visto como um prolongamento do curso ordinário da natureza, a passagem do dia para a noite, a ave que busca o ninho, o ribeiro correndo e vindo da solidão, enfim, a história da vida ou *magistra vitae* do sertanejo era construída nestes versos como um prolongamento da imagem harmônica do tempo natural³¹⁸. Com essa imagem romântica do sertão como uma terra de “primores”, da sertaneja que amava sua terra natal, também equivaleria dizer o sentido “saudosos” do amor que Terezinha expressava pelo vaqueiro, “por quem, saudosa, soluço amores?” (Idem, p. 30). Um tempo onde as coisas, os lugares e as pessoas existiam para não deixar de ser do sertão, mesmo que as incertezas sociais de deixar para trás o sertão, sejam aliviadas por meio do sentimento da saudade de “outrora”. Com a “chegada” da seca de 1877 no discurso literário, ocorria uma ruptura com a visão harmoniosa de integração da “gente do sertão” ao tempo natural. Contudo, esse discurso literário não deixará de fazer da saudade um sentimento de busca do sertanejo por viver um tempo natural, de valores sociais hierarquizados por “gente antiga” e por “nossos costumes primitivos”.

Tia Deodata, como era conhecida a mãe de Terezinha, uma “velha” de trinta e seis anos, interrompeu o encontro ao gritar pela presença da filha. A fisionomia do morador do sertão passava também a ser descrita pelo narrador de acordo com a relação de luta entre homem e natureza³¹⁹. Nessa luta por manter o homem integrado a natureza, o sertanejo vai ser visto como a imagem e semelhança da seca no momento que afetava o sertão, uma imagem do sertão antes e depois da “seca do Norte”. Na visão de Tia Deodata, a primeira a anunciar a intensidade da

apesar do seu caráter enigmático da sua presença. Mas por isso mesmo, se quisermos captar com pleno conhecimento de causa a vibração mais íntima dessa literatura, temos que mergulhar numa camada especial, a mais profunda, dessa memória involuntária, na qual os momentos da reminiscência, não mais isoladamente, com imagens, mas informes, não-visuais, indefinidos e densos, anunciam-nos um todo, como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador.” (BENJAMIN, 2008, p.49)

³¹⁸ Koseleck, 2006, p. 14.

³¹⁹ “Sabe-se que estes pequenos nada entram muito nas narrativas de costumes. Si no sertanejo puzerem a linguagem do pracião, tel-o hão falseado tanto como si em logar de lhe porem vestia, guarda-peito e perneiras de couro, o trajarem de calças, colete e palitot.”. www.bn.br/hemeroteca. **A Semana**. Gazeta Litteraria. Nº 156. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1887, p. 1.

“grande seca” que se estendia do Ceará em direção ao Piauí, a seca era um “mal”³²⁰ que só a “Virgem Santíssima” era capaz de proteger o sertão e os sertanejos. Portanto, junto com a visão idealizada do homem sertanejo que tem amor por sua terra, o narrador colocou em cena uma “luta extraordinária” dos personagens para se manterem solidários uns aos outros. Amar para o sertanejo da narrativa significava estabelecer laços de solidariedade marcados pela lealdade e pela coragem, um amor “que se encontra lá nos sertões” (Idem, p. 34), tal como a imagem da natureza do sertão, que “vinga uma única vez” para depois morrer. Significava ter a coragem de sofrer pelo “outro” até o “fim”, ao ponto de negar a existência de conflitos sociais na pecuária do sertão³²¹.

Nesta perspectiva, o sertanejo deveria lutar por permanecer na terra natal, mesmo que a terra não sendo sua propriedade, como era o caso da maioria dos personagens que compõem o enredo do conto. O discurso cientificista da luta do homem pela sobrevivência³²², introduzido na literatura brasileira a partir da “geração de 1870”³²³, se aproximava da ficção romântica para a construção do saber literário, fazendo de objeto da ciência positiva os valores sociais e os aspectos psicológicos dos personagens. Contudo, propor a luta do sertanejo para viver em harmonia com a natureza não evidenciava os conflitos sociais na fazenda de gado, pelo contrário, colocava momentaneamente todos em condições iguais, lutando para não ultrapassar os limites desse espaço. A ruptura da rotina e a quebra das relações dominantes da pecuária, a principal “riqueza” econômica da província piauiense, aparece no diálogo entre Ataliba e Tia Deodata:

- Sabe, tia Deodata, que o patrão para o mês vem vaquejar a fazenda?
- Iche! Não é tempo próprio!
- Talvez queira negociar alguns novinhos da última ferra e potros da era passada com os **marchantes** do Maranhão ou com algum **cabeça-chata**.
- Iche! Os **cabeças-chatas** agora não vêm à nossa coalhada! Ouvi contar que a seca está brava lá pelas bandas deles.
- Inhá, sim, tia Deodata, e também pelos nossos pastos ela já vai fazendo das suas; parece castigo! Bem pregou o missionário barbadinho que, por causa dos balões das

³²⁰ “Por isso, vamos encontrar os padres participando das comissões de socorros, que distribuíam alimentos aos flagelados, já que estes eram considerados, ao lado do juiz e do delegado de polícia, as maiores autoridades locais. É comum também encontrarmos referências a campanhas de doação promovidas pelos membros da Igreja, para arrecadarem donativos destinados aos flagelados.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 160)

³²¹ “A mensagem destas obras é clara: o sertanejo só devia deixar sua terra natal em último caso, quando já não possuísse mais nada. Reforça-se para isto o mito do apego do sertanejo à terra, como forma de barrar uma migração que se tornava perigosa, pois liberava o homem pobre dos seus vínculos de submissão abrindo brechas para manifestações de revolta e descontentamento.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 259).

³²² Pensamos diferente de Maria Mafalda Balduino a respeito do imaginário da “seca de 1877-1879” no Piauí e no Norte, pois o imaginário da seca é algo produzido no discurso das relações de saber e nos conflitos sociais, e seu significado não deve ser reduzido ao domínio econômico ou de classe (indústria da seca), tampouco, a mentalidade cultural dos grupos (sertanejos nordestinos) a que se refere na elaboração desse imaginário, seja progressista ligado a mudança da capital para Teresina, seja da pobreza ligado a imagem da seca do sertão. (1995, p. 67)

³²³ SWCHARCZ, 2011, p. 34.

mulheres da vila, havíamos de pagar dízimos **aos céus!** Se continuam estas **solteiras** estamos no mato! (Idem, p. 38)

Da vila de Marvão, o proprietário da fazenda decide “vaquejar” o gado de sua fazenda, mudando o “tempo próprio” de venda do rebanho. Vender o gado em tempo inapropriado, ainda por cima “novilhos da última fera e potros da era passada” desordenava o pacto das relações dominantes³²⁴ entre vaqueiro e fazendeiro, principalmente, o sistema de pagamento através da quarta³²⁵. O discurso da seca como causa da quebra da ordem dominante surge na relação de venda do gado em “tempos ruins” para cearenses, chamados pejorativamente de cabeças-chatas, e também na visão da seca anunciada por um “missionário barbadinho”, por causa “dos balões das mulheres da vila” (Idem, p. 38) em continuar solteiras. Assim, a seca passava a ser vista como “castigo” pelos sertanejos, apesar da “queixa” contra a venda do gado fora do momento de partilha com o vaqueiro:

- Que a Virgem Santíssima nos proteja e nos livre do mal, amém Jesus! - exclamou a velha batendo no rosto, e acrescentou:
 - O Cassange está demorando! Aposto que foi primeiro visitar as **cunhas**, que velho delambido, meu São Benedito! Tornando à vaca-fria, não posso meter no meu tear que o amo queira vender gado em tempos tão ruins. Não se sabe servir à gente da praça. Não entendem do curral e desperdiçam o serviço alheio, entregando a flor das **manadas aos cabeças-chatas**.
 - É assim mesmo, tia Deodata!
 - Meu defunto tinha essa queixa. Que os anjos advogem a sua causa!
 - Amém!
 - Não fique amofinado com isto, Sô Ataliba, talvez o amo mude de parecer. As febres **sezões** estão **lascando!**
 O vaqueiro soltou um suspiro.
 - Iche! Como suspira! Homem de Deus, não empole o seu coração com esta mágoa. Há de ver que o amo não vem à nossa cancela. Faço uma promessa a Santo Antônio; tenho uma oraçãozinha que não falha! (1998, p. 39)

O questionamento da venda do gado em “tempos tão ruins”, e em seguida sua clemência à intervenção do santo para impedir a ida do proprietário para a fazenda, foram produzidos nesse discurso somente para a situação da fazenda Morro, no entanto, vimos que se tratava também de um discurso oligárquico, buscando explicar a crise que afetava o setor pecuarista e de subsistência do Piauí. Na verdade, as vozes³²⁶ dos personagens acabavam se cruzando,

³²⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 46.

³²⁵ “O vaqueiro participava com seu trabalho cujo pagamento processava-se anualmente, após os cinco anos de administração, à razão da quarta parte dos bezerros nascidos. Essa prática, por um lado, vinculava o vaqueiro à fazenda por um período fixo e, por outro, elevava-o à condição de sócio do senhor, o queo impelia à administração dos bens como se fosse dono.” (BRANDÃO, 2012, p. 54)

³²⁶ Na crítica literária de Maria Celestina Silva, o narrador do conto pressupõe uma existência autônoma e diferente do autor e dos personagens na narrativa dos acontecimentos. No entanto, o narrador onividente, onisciente e uníssono da “seca” contava o que já está previamente definido pelo autor para seus personagens, e nessa perspectiva, a crítica dessa autora desconsidera o cruzamento entre o autor e os personagens na produção do narrador da “seca”, o narrador se constituindo na travessia do conto. “O narrador existe como consciência a partir do texto, sendo uma voz diferente da voz do autor, das vozes das personagens, da voz do leitor. A voz narradora tem apenas uma missão: relatar e ressaltar a seca como personagem-protagonista de todas as mazelas, de todo

estrategicamente, para a construção da imagem do sertão e de todo espaço piauiense inserida na região seca do Norte, algo que também os relatórios e jornais repercutiram como problema da província e dessa parte do país. Defendemos que o narrador mobilizou o conceito de *minha terra* em cada personagem, anunciando de modo uniforme que a intensidade e a extensão da seca de 1877 eram maiores do que as secas anteriores, para dizer que o sertanejo no Piauí lutava para não abandonar sua terra natal.

Assim como os relatórios e jornais, esse conto sobre a seca do Norte reforçava os interesses políticos da oligarquia piauiense, que tinha o objetivo de preservar as hierarquias sociais exercidas pelo patriarcalismo sertanejo. F. Gil não colocou em nenhum momento nas cenas os governos do país, muito menos as comissões de socorro público voltadas de maneira “filantrópica” para ajudar as “irmãs do Norte”. Contando a história da “seca do Norte” a partir da cidade do Rio de Janeiro, F. Gil vai assumir como narrador um lugar social³²⁷ diferente dos personagens, sem com isso, deixar de fazer deles um discurso político em defesa da oligarquia (e) de sua terra natal, a província do Piauí, e não apenas ser uma voz falando em nome do “sofrimento” provocado pela seca. O problema de lidar com o sentimento da saudade, presente em sua vida pessoal e nas referências literárias do assunto, encontrava pela frente um cenário de “novas ideias”³²⁸ no campo literário e diferente das décadas anteriores de 1850 e 1860.

No Brasil, a difusão do cientificismo, evolucionismo, positivismo, etc., buscava estabelecer novas concepções para definir em termos científicos a relação entre natureza e homem, biológico e social, natural e histórico. No vocabulário literário dos personagens, o narrador buscava definir uma visão do sertanejo na relação entre natureza e homem, inclusive no âmbito da mistura “de cor” dos habitantes da província, sendo a saudade uma tentativa do sertanejo não deixar o sertão, isto é, a natureza, para viver de acordo com as maneiras da “gente da praça”. Na década de 1870, o habitante do Piauí vai ser definido racialmente como sertanejo e o espaço da província como sertão afetado pela seca do Norte. Nesse momento, a “terrível seca” vai aparecendo como hiato na narrativa de construção da imagem *saudosa* do sertão, ao

sofrimento, até mesmo do amor fracassado: Ataliba e Terezinha morrem tragicamente. O narrador Francisco Gil recorre a Shakespeare e propicia aos dois amantes um final semelhante ao de Romeu e Julieta.” (Idem, p. 75)

³²⁷ A respeito dos preconceitos históricos, Certeau nos diz que os “preconceitos” da “história e dos historiadores desaparecem quando se modifica a situação à qual se referem. A organização ontem viva de uma sociedade, investida na ótica de seus historiadores, se transforma, então, num *passado* suscetível de ser estudado. Ele muda de estatuto: deixando de ser, entre os autores, aquilo em função de que eles pensavam, passa para o lado do objeto que, com novos autores, temos que tornar pensável. Em função de uma *outra* situação, desde então nos é possível examinar como “preconceitos”, ou simplesmente como os dados de um tempo, o modo de compreensão de nossos predecessores, de revelar suas relações com outros elementos da mesma época, e de inscrever sua historiografia na história que constitui o objeto de nossa própria historiografia.” (2008, P. 44-45)

³²⁸ SWCHARCZ, 2011, p. 24.

perceber que precisavam urgentemente abandonar as terras da fazenda Morro. Entre os personagens que anunciavam a seca, o caçador Dionísio se destacava quando se tratava do “conhecimento” do assunto, pois através dele o narrador constrói o discurso regional da seca no Norte, tão presente na documentação oficial dos governos e partidos da província piauiense:

- O que tem, homem de Deus?
- As brotoejas estão roendo-me a pele, tia Deodata.
- E o caçador, segurando um sabugo dava veemente fricção na própria epiderme.
- Vamos ter uma seca danada, tia Deodata!
- Sô Ataliba também diz isto. Anda tão jururu o pobre homem!
- Está porque não quero ser vaqueiro! Não vale a pena a gente amofinar-se! No mato há tanta fruta de pequi e tanta caça! Nesta seca vamos ter muito veado, porém tenho os meus receios... Ela vem tão brava!
- Será o que Deus quiser! (Idem, p. 50)

Nessa primeira parte do conto, a seca vai sendo pouco a pouco anunciada pelos personagens. Porém, o principal assunto, a realização do casamento entre Terezinha e Ataliba, despertava nos sertanejos um estado de euforia. A chegada de Cassange de Marvão, trazendo as “encomendas” compradas na “loja de Sô Zé Cartucho”, no momento que Terezinha aceitava casar com Ataliba, despertava uma enorme euforia entre eles e depois nos agregados da fazenda. O ambiente taciturno era rompido pela “algazarra” e pela “gargalhada”, no momento que o narrador tomava o tempo natural para sacralizar o amor de “lá” do sertão. O castigo da seca era anunciado pelo “missionário barbadinho” por conta das mulheres da vila, mostrando a condição de vida das “mulheres solteiras” como alteração da hierarquia social do casamento de “pobres campônios”. A seca era vista como causa do desajuste nos códigos dominantes na vida do sertanejo, que afetava a fisionomia e o “espírito” dessa população do país. Primeiro, as febres sezões e as brotoejas eram indícios ou sinais de anúncio do castigo, levando os personagens ao extremo de suas “crendices” e “superstições” com o mistério da seca. Segundo, o abatimento deveria ser enfrentado com a coragem e a honra, para Ataliba significava não abandonar a profissão de vaqueiro responsável pela fazenda na ausência do proprietário. Significava não abandonar Terezinha e os demais agregados; as pedras em fogo do riacho já seco; as árvores secas e retorcidas quando “outrota” eram verdes e frondosas; etc. Enfim, apesar da seca começar a mudar o cenário somente na segunda parte do conto, seu anúncio ocorre ao longo de toda a primeira parte, tornando o ambiente romântico do casamento e do folguedo um prenúncio da luta do sertanejo contra a seca.

Cassange, um escravo de oitenta anos, nos possibilita entender como em cada escolha do personagem o narrador mobilizava o conceito de *minha terra*. As ligações com a África e com a escravidão desaparecem completamente da vida de Cassange, “importado da África

ainda moleque”. A escravidão como regime de exploração no Império entrava em colapso, a entrada de imigrantes aumentava as pressões pelo fim da escravidão, crescia o tráfico interno de escravos com as fugas e revoltas em grande parte por conta também do recrutamento violento³²⁹. O narrador construiu uma visão harmônica do escravo na atividade econômica da pecuária, e Cassange era um “fábrica” aceito na “casa de Terezinha”, pois já havia sido escravo ajudante do marido de Tia Deodata, um dos vaqueiros da fazenda, falecido no ano de 1872. O mais velho entre todos os personagens, o africano representava um “calendário vivo acerca das coisas relativas a essas paragens” (Idem, p. 42). Estimado por crianças, moças e idosos, o narrador descreveu sua “figura exótica” como:

Pequeno e esguio, tinha uma cabeça grande, encarapinhada de cabelos brancos-cinza, que lhe desciam pelo rosto alongado, abastecendo-lhe a barba de judeu agiota. Espessas sobrelhas escondiam-lhe os olhos de rato, e a larga boca ocultava dentes alvíssimos; o mais era vulgar. (1998, p. 42)

O escravo estava na base da formação social do Piauí, e ainda significava boa parte da mão-de-obra em setores econômicos das províncias do Norte. Na segunda metade do século XIX, a escravidão no Piauí constituía grande parte da mão-de-obra das fazendas de gado e das vilas, ao ponto de proprietários de escravos cobrarem o aumento do imposto de *meia-siza* da venda de escravos para outras províncias³³⁰, com o crescimento do tráfico interno ocasionado depois da lei de 1850. O narrador forjava a visão de uma escravidão amena no Piauí, silenciando a insubordinação escrava no setor pecuarista. Nessa visão, Cassange era membro da “família” sertaneja, os conflitos sociais contra a escravidão desapareciam a medida que sua “figura exótica” passava a ser incorporada na narrativa pelo emprego do conceito de *minha terra*. Improvisando versos, suas “trovas” despertavam o entusiasmo daqueles que o ouviam, e ao som do seu “berimbau ou urucungo” tirava sons desafinados para festejar a notícia do noivado. Portanto, percebe-se um escravo africano que desde “moleque” morava na fazenda Morro, cuja subordinação as ordens do vaqueiro atendiam pelo tratamento de “meu amo”. Algo que reforçava a hierarquia entre os personagens Ataliba e Cassange, que ao mesmo tempo, era apagada pela visão de que todos eram iguais no sertão, até o momento que a “grande seca” alterava as relações de dominação na pecuária. O narrador constrói as lembranças da seca através da memória do africano, mostrando seu sofrimento ao ver o riacho seco “que nunca o pensei!... nem na outra seca que veio antes da guerra dos Balaaios!” (Idem, p. 70).

³²⁹ MELO, 1999, p. 33

³³⁰ FALCI, 1995, p. 193-194.

O setor de subsistência da economia piauiense estava em decadência, sendo que as relações dominantes de venda de gado e de trabalho não alteravam substancialmente a produção do setor. A cobrança de impostos não era ponto pacífico entre o governo provincial e os proprietários de terras e de escravos, desencadeando durante o Império uma política oligárquica no Piauí de concentração dos gastos do Tesouro provincial com o funcionalismo público e a navegação do rio Parnaíba, este último visto como o “futuro” da província. O progresso do setor pecuarista deveria chegar pelas águas desse rio através da navegação, pois o governo provincial comandado pela oligarquia piauiense projetava a expectativa de transformar a produção pecuarista e o comércio nas vilas e nos municípios; inclusive esperando que o comércio pelo rio tirasse de Caxias, vizinha da capital Teresina, a dependência econômica que o Piauí possuía do comércio dessa província através do porto de São Luís. O aumento dos preços nas lojas de comércio das vilas e cidades piauienses, juntamente com o aumento da migração interna e de emigrantes de províncias vizinhas, desordenava uma economia largamente de subsistência, que se mostrava equilibrada diante das crises do mercado agroexportador do país. O “esgotamento” das finanças do governo com a crise do principal setor de rendas da província gerava um aumento nos preços de cereais e outras mercadorias. No conto, a variação no preço e na qualidade das “encomendas” era examinada em detalhes por tia Deodata:

Deodata e Terezinha, assentadas sobre uma esteira, ao pé do candeeiro, e Ataliba, colocado de cócoras ao lado delas, examinavam cautelosamente as ninharias que lhes trouxera o africano, interrogando-o ao mesmo tempo da saúde de pessoas conhecidas e inquirindo-o sobre mil outras trivialidades, que deixaremos em esquecimento. (1998, p. 43)

A alteração de preços e na qualidade dos itens comprados e vendidos na vila ficou circunscrita as queixas de Tia Deodata contra o negócio na loja de Zé Cartucho, dizendo que “aquele homem não é **capaz** de negócio; é um judas!” (Idem, p. 43). Novamente, vemos que os conflitos sociais foram escamoteados pela visão católica dos personagens e do narrador, já que nessa sociedade em transição, as relações de concorrência e disputa com a emergência de relações marcadas pela ascensão de novas relações comerciais, abalavam uma ordem cotidiana de pouca alteração dos preços e do fornecimento de produtos no comércio local. A crise do setor pecuarista empurrava os habitantes das fazendas para os pequenos núcleos urbanos e para a capital, a decisão da venda do gado em “tempos ruins” gerava um descontentamento do governo, preocupado com o déficit financeiro da província e dos proprietários. Neste sentido, o diálogo entre Cassange e Tia Deodata sobre as compras em Marvão não ultrapassava o conhecimento dos limites do “sertão”, deixando no “esquecimento” os interesses políticos e econômicos da oligarquia piauiense com sua principal riqueza, a criação de gado.

A construção de um “nós” sertanejos³³¹ apagava momentaneamente as diferenças provocada por mudanças sociais no interior dessa província e da região Norte, isso de acordo com o impacto de novas relações de trabalho e de novas sociabilidades emergentes no final do Segundo Reinado. As lojas do comércio local começavam a modificar de modo incipiente as relações sociais no Piauí, o espaço romântico do sertão estava deixando de ser apenas a imagem de isolamento das fazendas dispersas em extensas freguesias, a partir da criação de novos municípios e o aumento dessa população, sem com isso superar em número os habitantes das fazendas, sítios, retiros, etc. Nesse novo momento, a sociedade do “couro” estava sendo construída novamente pela saudade, com o objetivo de reagir à crise de seus valores dominantes e de “glórias” do passado da pecuária.

A saudade da fazenda era um discurso dominante nessa sociedade, não foi construída apenas pelo discurso oligárquico dominante, e também pela poesia romântica. Sentir saudade do sertão estava relacionada com a construção desse sentimento pelo discurso popular³³² de conflitos dos sertanejos para não deixar o sertão, inclusive de enfrentar os períodos da seca diante das incertezas de desaparecimento dos valores dominantes dessa sociedade. A coragem e a honra aparecerão na narrativa como códigos de conduta de manutenção desses valores morais do sertanejo. A presença da seca no sertão tirava o sertanejo de sua “humilde” vida ligada à natureza acolhedora e dadivosa, ao perturbar e incitar aquelas que seriam suas principais qualidades “naturais”, a valentia e a lealdade. A luta “saudosa” para não abandonar o espaço do sertão não deixa de ser também a construção social desses valores dominantes, para manutenção da hierarquia dos grupos sociais encenados no enredo, o proprietário ausente, o vaqueiro, a mulher, o escravo, o comerciante, o padre, enfim, o retirante. Na narrativa era a seca que passava a explicar a desordem e o abandono do sertão, não havendo a quebra social da

³³¹ “Desde a segunda metade do século XIX, as secas nordestinas transformaram-se num problema nacional a exigir do governo medidas de socorro e de amparo. Entre o poder federal e a massa flagelada pela seca medeia, porém, a poderosa camada senhorial dos coronéis, que controla a vida do sertão, monopolizando a não só as terras e o gado, mas as posições de mando e as oportunidades de trabalho que enseja a máquina governamental. [...] Cada seca, e por vezes a simples ameaça de uma estiagem, transforma-se numa operação política que, em nome do socorro aos flagelados, carrega vultosas verbas para a abertura de estradas e, sobretudo, a construção de açudes nos criatórios. [...] Estes mesmos mecanismos retiveram os sertanejos sob o guante dos patrões.” (RIBEIRO, 2009, p. 314-315)

³³² Os jornais também mobilizavam o “discurso popular” da seca, publicando poemas e cordéis sobre os “sofrimentos dessa pobre gente que implora socorros publicos”, mostrando a “indignação” do homem pobre do sertão de “Príncipe Imperial”, em versos de um poema chamado A.B.C, que dizia “Adeos! Cratheus Adeos!/Sertão onde fui criado/Hoje te vejo em pobreza/De gente, animais e gado. [...] O til é a última letra/Que dá fim ao A-b-c/Coitado do emigrante/Em que artigo se vê!”. In: www.bn.br/hemeroteca. **A Época**: Órgão do Partido Conservador. Nº 4. Therezina, 27 de abril de 1878, p. 4. Segundo Durval Muniz, a seca no discurso popular dos cordéis “é vista como o fim do prazer e como sinal da saudade, de perda do lugar querido, das coisas amadas. A dor que causa, no camponês o ter que deixar seu lugar, que é seu mundo, e enfrentar uma vida de incertezas, leva-o muitas vezes ao desespero.” (1988, p. 98).

ordem dominante pelos grupos³³³, quando analisamos o discurso dos personagens através do conceito de *minha terra*. O motivo da desordem social vai sendo justificada pelos efeitos da seca, principalmente, na construção da saudade expressando um código moral em defesa da sociedade patriarcal de homens e, também, de mulheres sertanejas, de sertanejas como Tia Deodata, transformada em matriarca da família pelo narrador.

Entendemos por camponês do sertão a construção de um discurso de parentesco “espiritual” dos sertanejos, como forma de reforçar laços de solidariedade por igualdade³³⁴ no interior dessa sociedade pecuarista, que não quer dizer enfrentamento direto do conflito social, por conta do aumento das pressões por diferenciação no interior dos grupos sociais. A sociedade do “couro” emergiu, portanto, de uma maneira de pensar a história baseada na saudade dessas hierarquias sociais, buscando o apaziguamento dos conflitos políticos que alteravam a ordem dominante da sociedade pecuarista. Saudade do ritual “acerca dos deveres conjugais” dos noivos para o casamento no sertão, cruzando práticas de festejar e rezar com acontecimentos sociais de celebração do noivado. Os noivos deveriam casar conforme os costumes dos sertanejos e da “gente antiga”, e não aceitar o casamento por “interesses e ambição” da “gente da praça”. O conceito de *minha terra* vai sucessivamente repetindo que o sertão era um lugar de gente antiga, inclusive de “costumes primitivos” e de um vocabulário próprio de seus habitantes.

Para a construção semântica desse novo vocabulário cientificista³³⁵, o narrador vai lançar mão de uma miríade de ditos anônimos para elaborar uma “língua” singular, um conjunto de dialetos e frases que fosse capaz de dar sentido aos códigos da oralidade no campo da escrita literária. Inhá, sô, iche, quenquem, cachingando, dentre muitos outros, foram elencados nos diálogos entre personagens. Uma gramática de palavras transitando entre uma mimese da natureza e sua organização para o público da cidade, misturada com a norma culta da língua

³³³ SILVA, 2005, p. 102.

³³⁴ “O camponês não é dono da *terra de conjunto*, mas na *terra de conjunto*, e a apropriação individual, leia-se familiar, dá-se pela realização do *serviço* (roça) ou dos *serviços*, pois não *sendo nos direitos dos outros*, isto é, respeitando o direito de *acerco*, ele pode abrir quantos *serviços* quiser. Os demais elementos dessa “economia moral” estão ligados à *sucessão de direitos*, entendidos aqui como os serviços e benfeitorias [...] questão crucial para o entendimento da manutenção da condição camponesa.” (GODOI, 1999, p. 68-69)

³³⁵ ““Minha Terra” existia senão na memória e na distância que era tanto espacial quanto temporal, pensando por uma geografia das sensibilidades. Subverter o distanciamento era destruir o sonho de seu sentido atemporal e imutável, já que a experimentação de uma temporalidade em perpétua transformação desmanchava tudo que restava de sólido. Assim, “a distância não mata”, no sentido de forçar o desejo a manter seus objetos de afeto intocados, puros, imaculados, em um não lugar que é a própria saudade, onde “não vale o tempo”, porque sua força desagregadora e desnaturalizante já não conseguia agir (“o tempo não descorra”). Os territórios da saudade, então, construídos com a argamassa da natureza que é o anti-devir, e separados de uma “mundanidade” severamente dessacralizante e que produzia senão exílio ou o desterro.” (DE VILHENA, 2010, p. 80)

portuguesa presente na voz do narrador, ao separar seu lugar social da composição poética daquele de seus personagens.

O narrador se preocupou em destacar a proximidade “natural” de personagens com sons e corpos “enrobustecidos” do sertão, como a voz de Tia Deodata, que quando falava parecia “cacarejar”, ou Cassange representado como um macaco “guariba”, evidenciando uma visão do narrador que se aproximava das teorias evolucionistas dessa época. Ou seja, o público dos jornais do Rio de Janeiro passava a conhecer os costumes das províncias do Norte, e neste caso o Piauí, por meio de um vocabulário cujo código estava sendo construído pelo emprego do conceito de *minha terra*, um conceito ambíguo, já que o narrador colocava o sertanejo vivendo entre o natural e o histórico, ou entre o nascimento e o costume, ao inventariar um modo singular de falar entre os habitantes no sertão, que segundo Távora, “não podia ser deixada de parte pelo artista formado naquele meio”³³⁶

Antes da realização do “folguedo” de comemoração do noivado apareceu o último personagem do núcleo principal do enredo. Dionísio, mais conhecido como o Caçador, era “um caboclo assaz conhecido desses lugares” (Idem, p. 48). Dionísio ocupava um lugar diferente na narrativa que anunciava a seca na primeira parte, sua “profissão” fazia dele um homem “preguiçoso”, contudo, ninguém seria melhor do que ele no conhecimento dos “mistérios do sertão” e dos “segredos dos bosques”. Através dele, o narrador reforçava os sinais de devastação esperados com a chegada da seca, inclusive na pele do próprio Dionísio:

- Estou ao seu serviço, rica tia Deodata.
- E o caboclo esfregava as costas no umbral da porta.
- O que tem, homem de Deus?
- As brotoejas estão roendo-me a pele, tia Deodata.
- E o caçador, segurando um sabugo dava veemente fricção na própria epiderme.
- Vamos ter uma seca danada, tia Deodata!
- Sô Ataliba também disse isso. Anda tão Jururu o pobre homem!
- Está porque não quero ser vaqueiro! Não vale a pena a gente amofinar-se! No mato há tanta fruta de pequi e tanta caça! Nesta seca vamos ter muito veado, porém tenho os meus receios... Ela vem tão brava!
- Será o que Deus quiser! (1998, p. 49)

Apesar do assunto principal da primeira parte ser o casamento, o narrador inseria pouco a pouco a província piauiense na região que delimitava o espaço da “seca do Norte”. No folguedo também se discutiu a “aspereza da seca” entre outros assuntos. A comida, a cantiga e a dança no folguedo de noivado mostravam a imagem do sertão como lugar de uma vida camponesa circunscrita ao limite da fazenda Morro, onde todos os participantes contribuíam

³³⁶ In: www.bn.br/hemeroteca. **A Semana**. Gazeta Litteraria. Nº 156. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1887, p. 1.

com a realização da festa, ficando a cabana de tia Deodata “apinhada de gente” (Idem, p. 50). Na construção da imagem do sertão piauiense, vemos o narrador singularizando o paladar, a dança e a cantiga dos sertanejos. No Piauí, ser do sertão significava fazer nessa situação um “homérico jantar”, com carnes assadas, gamelas de pirão, leitões, frangos, frutas, beijos, pacas, tigelas com coalhada e farinha. Significava dançar ao som de violas e pandeiros marcado pelos “desafios” dos cantadores, improvisando versos e rimas como “dos nossos poetas líricos corretos” (Idem, p. 51). Na verdade, o narrador construía uma forma singular de ver os “costumes sertanejos” no Piauí, produzindo a imagem romântica do sertão antes do momento de luta contra a seca. A partir do episódio do noivado, podemos evidenciar uma visão “saudosa” que o narrador tinha pela ausência de sua terra natal, quando apagava as diferenças no interior do grupo social ao transformar todos em sertanejos.

Os versinhos que eu sabia
 todos o vento levou,
 só um lá da minha terra
 na memória me ficou. (1998, p. 52)

Por fim, defendemos o pensamento de que sua formação em Letras ocupava um papel diferenciado na construção da saudade com a aproximação entre conhecimento científico e o discurso literário no Brasil dos anos de 1870. Uma nova relação de poder nesse processo de construção da narrativa romântica do sertão. Os sertanejos apareceram nos versos cantando de acordo com a memória de “lá” que tinha o narrador, contando esses acontecimentos a partir de “cá”, a cidade do Rio de Janeiro. Na capital do país, a imagem do sertanejo mostrava um homem pobre integrado ao ritmo de vida natural, tirando da natureza seu sustento, para viver de maneira solidária na solidão da fazenda, sem a presença dos governos do país, muito menos de desigualdades sociais na pecuária.

No decorrer da narrativa romântica a respeito dos “mistérios do sertão” e também dos “mistérios do coração”, os indícios da primeira parte nos mostraram que o narrador e os personagens esperavam por uma seca com intensidade maior do que as secas anteriores. Nesse momento da narrativa, o narrador romântico e “saudosos” da sua terra natal mudava a forma de composição literária da imagem do sertão, pois a partir de agora, a seca vai ser tomada como problema do sertão, alterando a fisionomia dessas “planícies”. Não era apenas mais uma seca, pois a seca iniciada em 1877 era repercutida nacionalmente pelas elites do Norte, como sendo maior do que todas as secas anteriores.

O narrador tomará a “seca do Norte” para construir outra visão da saudade, que passava a ser provocada pelo sofrimento do sertanejo em não abandonar o sertão. A mudança na

composição literária do tema da saudade tem relação com a busca do narrador para construir uma visão da seca a partir dos conflitos psicológicos³³⁷ dos personagens. Neste sentido, existiram diferenças históricas acerca do sentimento da saudade, que fazia do narrador um “conhecedor” da saudade dos personagens nesse discurso literário? Ou a saudade romântica de retornar para o sertão seria a mesma visão da saudade de abandono do sertanejo de sua terra natal? Em seguida, analisaremos a segunda parte do conto, questionando como e por que o narrador transformou o sentimento da saudade em discurso político para o sertanejo não deixar as “terras do Piauí”.

Nesse momento da narrativa, dos capítulos V ao X, a seca passava a ser o principal assunto na composição dos acontecimentos e dos personagens. O surgimento de uma cronologia das “secas” inaugurava na literatura uma forma diferente de elaboração da imagem do sertão, os indícios de intensidade e de extensão da seca passavam a servir de referência do espaço para a luta do sertanejo contra os efeitos da seca. O tempo anunciado pela seca mobilizava os personagens para explicar “os horrores dos seus assombrosos estragos” (Idem, p. 54). Vinte dias depois da festa a imagem romântica do sertão, tanto da fartura como do acolhimento, se transformava na nudez da paisagem e na sequeidão das “campinas” sob o efeito da seca. As folhas caíam, as aves migravam, as águas secavam e o gado enfraquecido morria a míngua, enfim, “a miséria invadia tudo de modo sinistro” (Idem, p. 54).

O tempo histórico vai sendo explicado pelos efeitos da seca, os problemas sociais da província piauiense foram reduzidos a imagem da seca do Norte, e o sertanejo se preparava para os “tempos ruins” observando a transformação da natureza. A abertura de um tanque ou uma cacimba no leito do riacho no momento da seca e a observação da mudança no nível de água significavam não somente a aquisição e o controle da água. Para o narrador, significava o conhecimento “natural” adquirido a partir da observação do meio ou do clima, colocando em segundo plano a intervenção do governo e da sociedade na transformação da imagem do sertão. A cronologia de duração da seca na visão dos personagens limitava a perspectiva dos conflitos sociais, na maioria das vezes vista pelos efeitos físicos da seca que abalavam moralmente o sertanejo. A saudade de deixar a terra natal repercutia nos códigos morais dos personagens, na medida que a seca perturbava a imagem de conciliação do homem sertanejo com a natureza.

O vaqueiro então deliberou remover todo o gado para o lado da casa de Deodata, visto conservar-se ali o riacho mais abundante de águas e na maior profundidade dele; à curta distância da cabana, entre touceiras de mandacarus ou cordas. Ataliba e

³³⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 228-230.

Cassange começaram a alargá-lo, preparando um tanque, um reservatório que pudesse suprir d'água as extremas necessidades, se por ventura progredisse o mal.

Deodata tomava parte neste serviço, malgrado do vaqueiro, e quando depunha a enxada ia ajoelhar-se no seu oratório, dirigindo aos céus súplicas ferventes. Uma tristeza profunda apossou-se dela e a sua energia consumia-se à proporção que se desenvolvia o flagelo. A ideia de abandonar estes lugares, onde passara a vida feliz, era um pesadelo que a aniquilava.

Demais, seu marido havia deixado uma pequena quantidade de gado, que adquiria com a severa economia e zelo que empregara sempre no exercício da sua profissão, e esse cabedal, que se desenvolvia em comum com os rebanhos do proprietário da fazenda, entregue, igualmente, aos cuidados de Ataliba, devorava-o a seca, e a miséria já se aproximava do limiar de sua cabana hospitaleira.

Esta apreensão mortificava a velha, carcomendo-lhe o físico e abalando-lhe o moral.

O vaqueiro mostrava-se resoluto em não abandonar os seus deveres, sem que o impossível paralisasse todos os seus esforços. Em circunstâncias tão críticas, sem covardia e deslealdade, pensava ele, desprezar a propriedade alheia que lhe fora confiada, quebra a sua nobre aguilhada, renunciar às provanças, e fugir como qualquer desses caboclos descuidosos, que vivem na ociosidade, dormindo, caçando e levando a rede de galho em galho, para debaixo das árvores carregadas de frutos ou para junto dos folgedos. (1998, p. 54-55).

O narrador reforçava assim o discurso dos jornais e dos relatórios de “apatia do povo piauiense”, sem com isso deixar de mitificar a imagem do vaqueiro sertanejo como resistente a seca e “consciente” do dever e da honra com sua profissão. A preocupação da elite piauiense com o esvaziamento da mão-de-obra foi traduzida pelo narrador na construção da saudade do sertanejo em não abandonar a terra dos grandes proprietários. Fugir da seca, a exemplo do “capitão” que abandona o *front* de batalha, significava romper com o pacto tradicional de funcionamento da sociedade do gado, e para que isso não acontecesse, a literatura vai ajudar a construir a saudade do homem sertanejo de não deixar o sertão, isto é, as propriedades dos fazendeiros piauienses. A moral de apego do sertanejo a terra natal era produzida pela literatura como ato de bravura e de heroísmo, apagando momentaneamente os conflitos sociais de partilha do gado, de exploração do trabalho escravo, de insubmissão da mulher aos códigos masculinos sobre o casamento, etc. Portanto, a saudade dos personagens expressava a permanência de códigos morais, que estabeleceram a hierarquia social dominante nessa sociedade, fortalecida pela imagem romântica de integração do homem sertanejo à natureza.

A “moreninha” Terezinha não tinha dimensão do rigor da seca anunciada, apesar de perceber a mudança na paisagem do sertão, onde cada detalhe transformado pela seca lhe causava aflição, “tudo enfim, fala o coração repleto e arranca-lhe, passando, um suspiro ou um nome, uma saudade ou uma lágrima” (Idem, p. 55). Ataliba pedia a Terezinha e Tia Deodata para partir em direção a vila de Marvão enquanto havia tempo, vinte dias depois do noivado.

Nesse momento, Dionísio chegava à cabana de Tia Deodata com toda a sua “riqueza”, um surrão, uma viola, uma rede e suas armas. Só que desta vez:

À testa de algumas famílias que abandonavam esses lugares que se faziam inabitáveis, e conhecedor dos caminhos, conduzia-as para Marvão, em direção à capital da província.

Além do agasalho, de que necessitavam os fugitivos até declinar o sol, quando teriam de prosseguir a sua marcha, Dionísio procurava a casa de Deodata, nutrindo a esperança de convencer a velha a segui-los, enquanto era tempo. Ele precedera aos seus companheiros no intuito de preveni-la da chegada inopinada desses infelizes que surgem ao longe, distinguindo-se em lado oposto do campo o velho Cassange trotando no seu **Fidardo**. (1998, p. 57)

O narrador chamava a atenção para a “fácil percepção do observador”, nesse caso, o leitor da cidade do Rio de Janeiro, dos transtornos ocasionados pela seca nos “cérebros” dos personagens. A morte anunciada pela seca abrasava os corações dos sertanejos, pressionando inúmeras famílias para se retirarem evitando a perda de tudo, inclusive da própria vida, percorrendo as “grandes distâncias do sertão, como beduínos no deserto” (Idem, p. 58). Era indispensável se retirar. Os sertanejos, agora eram chamados de retirantes pela literatura, e seu “exílio” como um “poema de heroísmo”, pois “em cada árvore, em cada pedra, em cada recanto dessas campinas desoladas, deixavam uma reminiscência, uma saudade, um companheiro de infância - **um pedaço d’alma!**” (Idem, p. 59). Nessa perspectiva, o homem sertanejo se fundia com a própria paisagem do sertão, a cabana de Tia Deodata virava um acampamento para os retirantes da fazenda em companhia da experiência do caçador Dionísio, que demorava em partir por ser “preguiçoso e aferrado aos seus hábitos de comodidade” (Idem, p. 58). Para o narrador, essa imagem do sertão possibilitava um quadro digno de ser pintado pela “opulenta galeria da escola flamenga” (Idem, p. 59)

A preocupação dos moradores da fazenda era com a chegada dos emigrantes cearenses, que atravessavam em massa as fronteiras entre as províncias do Ceará e do Piauí, com a pressão pela retirada dos principais personagens. Na contagem do tempo de intensificação da seca, o caçador vaticinava que em quinze dias não haverá mais gente viva no sertão. A luta contra a seca vai ser vista como uma luta moral no quadro de “fatalidades”, e só restava o “infortúnio” do desenraizamento e da ruína. Nuvens nebulosas que apareciam no céu do sertão animavam Tia Deodata, a primeira a traduzir a imagem romântica da “gente do sertão” que luta para não abandonar a terra natal:

- Se até a semana que vem não chover, partirei, meus filhos, com Cassange e Sô Ataliba; esperem-me em Marvão!

De novo apertou ao seio os meninos e foi postar-se no oratório.

O céu quase todas as tardes armava-se dessas nuvens escuras que ameaçam chuva em época ordinária, e esses indícios favoráveis de mudança de tempo causavam a ilusão, sincera ou dissimulada, de Deodata, ilusão que aliás não era compartilhada por nenhum desses homens conhecedores dos mistérios do sertão. A resistência que ela mostrava em semelhante conjuntura provava-lhes exuberantemente que seria inútil persistirem em demovê-la da sua ideia fixa.

Alcançavam a iminência do perigo e mostravam-se verdadeiramente penalizados por semelhante resolução, que pesavam na balança de fatalidades. Ficaram taciturnos desde que a velha se recolhera, e ninguém ousava falar. Cassange, por fim, apresentou a Ataliba uma alavanca e duas enxadas que fora buscar à fazenda.

- Está a ferramenta, meu amo.

- O que vão fazer? - interrogou-os Dionísio.

- Cavar um poço, replicou-lhe Ataliba.

O caçador se juntava aos dois para cavar um poço antes de sua despedida. A “natureza expansiva” do caçador quebrava o silêncio do trabalho e a poesia romântica do sertão incorporava a seca como seu principal assunto, em trovas improvisadas por Dionísio: “Cava, cava, ó caçador,/um poço para beber/o gado desta fazenda/que da seca vai morrer”, já que “A mata ficou sem sombra,/ a roça sem plantação,/ a caça foge assustada/das terras do meu sertão” (Idem, p. 61). A infância de ter nascido no sertão mergulhava esses “pobres homens” na saudade do passado, iguais na luta para continuar na fazenda. Uma “agonia moral” dilacerava a imagem do sertanejo resoluto e destemido, a seca lhe feria a “alma” e ao mesmo tempo enrobustecia-o em buscar meios de ficar, como cavando o poço. O grupo de retirantes acampados no terreiro de Tia Deodata partiu na companhia do Caçador, que deixava pólvora e chumbo com Ataliba antes de sumir “nesse imenso deserto” (Idem, p. 64). Afinal, a seca fazia do sertão um espaço de luta pela vida, a natureza entrava em confronto consigo mesma pela água, assim como os homens, animais e plantas também lutavam contra a aspereza dos efeitos da seca. Para o grupo de retirantes, as rezas e orações em oratórios amenizariam o sofrimento da retirada, clamando ao divino e aos santos pela salvação dos “castigos”. Novamente, percebemos como os “horrores” da seca são explicados por uma força divina, mostrando os retirantes resignados diante do que “Deus quiser”.

O gado restante sorvia a última gota d'água do ribeiro e mugia em desespero rondando o tanque, cuja entrada estava obstruída por uma pequena tapagem de madeira.

A onça sedenta uivava nas circunvizinhanças da habitação.

No quarto dia depois da partida dos retirantes, Deodata aparecera pela manhã com um lenço encarnado amarrado à cabeça, tendo um emplastro de folhas de mamona colocado nas fronteiras. Ela queixava-se de forte enxaqueca; estava rouca, com uma espécie de gogo, e entupia a cada instante as fossas nasais de fartas pitadas do seu formidável **corniboque**, aparelho idêntico ao **papa-fogo**, contendo porém tabaco em vez de isca; enfim sentia calafrios e estava enrolada no seu famoso xale de lã, peça rajada e ampla, que deixava o mofo do fundo da caixa unicamente nas ocasiões solenes. (1998, p. 65)

Para o narrador, os sinais da doença de Deodata traduziam para os sertanejos os rigores da seca anunciada. Assim como jornais e relatórios, a literatura vai construir a imagem do flagelado da seca através dos sintomas de doenças que assolavam os sertanejos nos momentos rigorosos de seca. Os efeitos da seca apareciam no corpo dos retirantes, sua aparência física e moral passava, nesse momento, a ser descrita conforme as alterações e desordens que a seca provocava na paisagem do sertão. Seção, malária e “febre malina”, também chamada de “carneiradas” na província do Piauí, eram vistas como indícios dos efeitos da seca, e não restava nada mais aos sertanejos senão abandonar a fazenda, pois segundo Ataliba “não devemos lutar contra a vontade de Deus; é preciso irmo-nos embora esta noite mesmo, tia Deodata!” (Idem, p. 66).

Chover nesse momento era imaginado como um sonho, a expectativa de que a imagem do sertão para os personagens voltasse a ser como “outrora”, alterava os ânimos dos moradores da fazenda Morro. Segundo o narrador, o isolamento geográfico havia tornado o sertanejo conhecedor do uso medicinal das plantas, pelo visto os remédios farmacêuticos das comissões de socorros andavam longe das medidas de tratamento das doenças da população afetada pela seca. O calor excessivo, a putrefação do ar com a podridão dos animais mortos, a umidade do tanque, entre outros fatores “naturais”, indicavam que o “mal mostrava-se rebelde” (Idem, p. 67). Na perspectiva cientificista, a salubridade do clima do sertão e a robustez do “corpo” e do “espírito” do sertanejo eram abaladas pela força da natureza, que agora os expulsava do seu “lar”, pois a seca “crescia com rapidez estranha, superior a qualquer previsão” (Idem, p. 67). O conflito psicológico do sertanejo com a seca perturbava a ordem social da fazenda, ao fazer da saudade um sentimento que buscava expressar a conciliação com um tempo perdido, onde o sertanejo “não tens nada mais que fazer aqui; tudo está perdido; nada se pode salvar e a cacimba não tarda a ficar seca” (Idem, p. 66).

O narrador descrevia a imagem do sertão “transformado em deserto medonho” (Idem, p. 68). O céu, a mata, o clima, o rio, o vento, enfim, a natureza se manifestava na vida do homem sertanejo como um quadro de horrores. Campinas queimadas, ossos de animais por todos os lados, as folhas tostadas, cardumes de moscas, mosquitos e vermes carcomendo rostos “repugnantes”, e animais a míngua de sede caíam desesperados. A imagem romântica do sertão contrastava com uma visão naturalista-realista³³⁸ anunciadora de um tempo de catástrofes, com aluviões de urubus vazando olhos do gado ainda vivo e a pele das carniças de animais mortos.

³³⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 224.

A imagem do sertão enfurecido intensificava a luta de todos contra a seca, ao ponto do sertanejo que tirava em grande medida sua existência da natureza, lidar com sua fúria indomável em expulsá-lo. Vivendo “longe nas solidões imensas”, o sertanejo esperava que a saudade trouxesse de volta um tempo de paz e tranquilidade rompido pela seca, imaginando “saudades daquelas tardes tranqüilas que se nublaram em tamanho infortúnio!” (Idem, p. 68).

Vista como “castigo” pelos personagens e também pelo próprio narrador, a seca castigava tudo que estava ao seu redor, inclusive o próprio sertão. Só restava pedir comoção e clemência pela intervenção divina, já que os governos e os conflitos sociais não apareciam na construção da imagem “sofrida” do sertão. A província do Piauí era assolada pela seca e a população nada poderia fazer diante do crescimento do “mal” com a vida do “pobre sertanejo”. A capital Teresina e os municípios piauienses abarrotados de emigrantes ou retirantes eram reduzidos a imagem de um grupo de agregados da fazenda Morro. Os núcleos de emigrantes e as comissões de socorros, ou seja, a política das oligarquias nortistas que transformava a seca em pretexto para cobrar verbas do governo provincial e do governo imperial, não tinha lugar na narrativa da “seca do Norte” escrita por F. Gil. A saudade da fazenda de gado e da província do Piauí mostrava os “episódios” e o cenário construídos pelo narrador para o público dos jornal carioca, uma narrativa interessada politicamente em produzir um conhecimento dos “costumes” do sertanejo. A imagem do sertão como terra abandonada vai ser produzida na literatura pelo viés dos conflitos psicológicos entre os personagens:

O riacho não continha mais uma gota; as suas pedras ardiam como brasa e as areias esquentavam como as cinzas de uma fogueira ativa.

Tinha razão a moreninha.

Era lúgubre o aspecto desses lugares, onde reinava a morte com todos os seus horrores; lá fora grassava o flagelo, e no interior, a moléstia pertinaz zombava dos recursos que se empregava contra os seus efeitos funestos.

Terezinha impacientava-se pelo estado de sua mãe que receava perder. Esta ideia assaltava-lhe o espírito dilatando o âmbito dos seus padecimentos morais. Ela não a comunicava; conservava-a refulgente na sua consciência, como porventura numa sentença fatal, que lhe inspirava um mau pressentimento.

Tinha razão a moreninha.

A apreensão que lhe lanceava o seio de filha extremosa, pesadelo que a esmagava, o seu segredo em suma, era compartilhado, sem que o desconfiasse, por seu noivo e pelo fiel Cassange, que o previra pela experiência antes que lhe falasse a ela a voz do sangue! (1998, p. 69)

Na narrativa dos sinais da seca, a personagem Terezinha apareceu também como interlocutora anunciando seus efeitos entre os personagens e na paisagem. O círculo de horrores atordoava Terezinha. O narrador expressava a luta que os personagens tinham consigo mesmo,

fazendo da saudade um sentimento nascido do medo da perda e da ausência da terra natal e a distância dos “parentes”. Com a seca, a saudade expressava o desespero de seus personagens diante das relações de continuidade entre passado e futuro, velho e novo, memória e história. A saudade construída pelo narrador esperava pela realização do casamento entre Terezinha e Ataliba, interrompido pela presença da seca. O casamento no sertão³³⁹ projetava a promessa de que o passado se reconciliaria com o futuro, repetindo a construção da imagem do sertanejo integrado ao tempo da natureza. As incertezas dos personagens diante dos efeitos da seca reforçavam a ideia de não deixar o sertão, tornando a saudade um misto de amor e de luta para não abandonar a terra natal.

Nessa narrativa do sertão, sentir saudade significava sofrer no presente por algo que estava ausente com o tempo, tal como a seca fazia da vida do sertanejo uma luta sofrida pelo retorno ao sertão de “outrora”. No decorrer da narrativa, Tia Deodata prescrevia à Terezinha os códigos de uma moral do casamento católico, evidenciando os interesses sociais do narrador em reagir às incertezas provocadas pelas mudanças do tempo histórico nessa sociedade. A dissolução dos valores dominantes do casamento no sertão³⁴⁰ era traduzida pela presença da seca no comportamento dos sertanejos. Assim, a “profecia” do “missionário barbadinho” buscava explicar à seca como “castigo” pela ruptura com o casamento, principalmente, por conta da possibilidade de quebra da ordem dominante pela mulher com o patriarcalismo sertanejo³⁴¹. A saudade que expressa Tia Deodata personificava os interesses do narrador em naturalizar a hierarquia social do casamento católico³⁴², em crise pela ascensão de novas práticas de sociabilidade ligadas ao trabalho comercial e a acumulação de riquezas.

Nessa sociedade do gado, as pessoas deveriam seguir uma ordem social alimentada pela saudade romântica do passado e anterior aos efeitos da seca, isto é, anterior a queda do “paraíso” anunciado pelo discurso da Igreja Católica nas palavras do missionário. O narrador imaginava sua intervenção na construção da seca como “castigo” por conta da recusa de “mulheres solteiras” pelo casamento católico, pressionando por “ordem divina” a mulher do sertão a reforçar historicamente uma conduta de resignação com os “rituais” do casamento. Afinal, o

³³⁹ VILHENA, 2010, p. 67.

³⁴⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1998, p. 161-163.

³⁴¹ “Embora o brejeiro fosse um “amante tímido e mole”, as sertanejas, “com fogo da seca debaixo da saia”, eram um convite à promiscuidade sexual, ao desregramento da economia sexual. Apagar a seca era apagar o fogo que queimava debaixo das saias sertanejas, era manter este fogo sob controle, impedindo-o de incendiar as relações sexuais desta sociedade.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 245-246)

³⁴² COSTA, 2007, p. 514.

“castigo” não era inventado para limitar a conduta³⁴³ dos homens do sertão, mas sim para proibir as mulheres de romper com a moralidade estabelecida por códigos de dominação masculina no casamento. Nesta parte, o conto possibilita entender a preocupação do narrador em tornar uma idealização o amor da “gente do sertão”, mostrando para o público das grandes cidades o desejo de retorno a um tempo natural, baseado na renúncia e no conformismo contra o que colocassem em xeque a família e a Igreja como espaços sagrados da vida do sertanejo.

Terezinha não deveria abandonar sua mãe no leito de morte, muito menos Ataliba, que na verdade era responsabilizado por Tia Deodata para cuidar da filha depois de sua morte. Esta, apesar de matriarca, ressoava a voz masculina, que homens “exilados” e vivendo em grandes cidades tinham da conduta de outros homens do sertão. Os limites da fazenda e da sociedade sertaneja no Piauí demarcavam a conservação de um ritmo do tempo avesso as mudanças sociais do país. O vaqueiro Ataliba não questionava a ausência do proprietário, “seu amo”, da fazenda Morro, se resignando com a ordem social dominante, da mesma forma que aceitava a seca como o exercício de um poder “sobrenatural”. Ainda nessa perspectiva, a luta de Tia Deodata para ficar em sua cabana, e não abandonar “estes sítios, onde morava desde criança” (Idem, p. 55), era descrita pela teimosia em não se desapegar do sertão, nada mais restando ao personagem do que o arrependimento pela demora em partir com os demais agregados guiados por Dionísio, que havia deixado uma esteira pendurada no pé de cajazeira, indicando o caminho que eles deveriam seguir em direção a vila de Marvão.

- O Dionísio não se enganou; mas cumpri o meu dever de vaqueiro e não tenho vexame de falar agora a meu amo - acrescentou Ataliba.

- E vocês estão sofrendo tanta miséria por minha causa! - exclamou a velha com os olhos arrasados de lágrimas!

Calou-se por alguns instantes submersa em profunda cogitação e, segurando a mão de Terezinha, virou-se para o vaqueiro:

- Tome conta dela, Sô Ataliba; e sabe o que vale esta pobrezinha! (1998, p. 70)

A viagem para Marvão deixava Tia Deodata assombrada com a possibilidade de morrer no caminho da travessia, a escassez de água reduzida a “borracha”, um aparelho rústico de armazenamento, não era suficiente para suportar as longas distâncias que os retirantes

³⁴³ “Ora, é preciso notar que esses temas de austeridade não coincidam com as delimitações que as grandes interdições sociais, civis ou religiosas, podiam traçar. Poder-se-ia pensar, com efeito, que lá onde as proibições são mais fundamentais, lá onde as obrigações são mais coercitivas é que, de uma forma geral, as morais desenvolvem as mais insistentes exigências de austeridade: o caso pode se produzir; e a história do cristianismo ou da Europa moderna, sem dúvida, dariam exemplos disso. [...] Trata-se de uma moral de homens: uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens, evidentemente livres. [...] ela é uma elaboração da conduta masculina feita do ponto de vista dos homens e para dar forma à sua conduta.” (FOUCAULT, 2009, p. 30-31)

percorriam em direção aos municípios piauienses. A ingestão de raízes e sementes das plantas na viagem ou mesmo no interior das áreas urbanas acentuava o quadro de desnutrição, e a raridade da água era vista com preocupação pelos personagens. A abertura do poço não dispunha de água para todo o período de duração da seca, mostrando uma imagem do sertão limitado por uma vida de subsistência, sem meios propícios de armazenamento de água e de alimentos para os momentos de seca. A alteração da rotina da fazenda lançava os moradores no caos provocado pelo rigor da seca, sendo que as autoridades dos municípios responsáveis pela distribuição de alimentos e “fazendas”, além de remédios, não encontravam lugar na construção histórica dos personagens pelo narrador.

Historicamente, os personagens estavam deixando de ser apenas sertanejos, para ser doravante os retirantes da seca da “região flagelada do Norte”. Uma nova semântica histórica vai reelaborando o emprego do conceito de *minha terra*, aprofundando o silêncio em torno dos principais conflitos sociais na pecuária piauiense. O conhecimento do narrador “dos costumes das províncias do Norte” (Idem, p. 23) silenciava as notícias que circulavam na capital do país de investimentos em recursos e obras na “região flagelada da seca de 1877”, fabricada pela topografia do mapa de Rebouças, que visava expandir a engenharia dos caminhos de ferro pelas províncias do país. Por isso, o narrador ao lembrar³⁴⁴ do abandono do sertanejo, ao mesmo tempo, produzia o esquecimento da transformação política do socorro público muito menos em socorro aos retirantes da seca, do que das elites nortistas.

Nessa relação da saudade entre lembrar e esquecer do sertão, o narrador recusava fazer dos personagens uma forma política de crítica aos governos provincial e imperial. Nesse sentido, o lugar social de funcionário do ministério da Agricultura passava longe de interferir na voz do narrador, e ao mesmo tempo, o bacharel em Letras reelaborava a imagem da seca no sertão sem uma ruptura radical com a idealização romântica do sertanejo construída pela poética dos escritores piauienses, como José Coriolano e Licurgo de Paiva. A visão cientificista do narrador ainda estava muito preocupada em reforçar na literatura a imagem romântica do sertão, em difundir uma mitologia de retorno do homem sertanejo ao tempo da natureza, limitando a

³⁴⁴ Para uma visão autobiográfica do conceito de família sertaneja, o historiador Antonio Jorge Siqueira construiu, em **Sertão sem fronteiras**, uma história da família Jorge Siqueira a partir da relação entre “campo de experiência” e “horizonte de expectativa” com a ideia de migração de “famílias do sertão”. “No entanto, ao se evocar a “saudade”, fica mais fácil se estabelecer uma relação com as vivências pretéritas fortemente marcadas nos desdobramentos da alma e nas fimbrias do coração. Fernando Pessoa entenderia bem o que significa estarmos falando, aqui, de saudade. Lembrar para não esquecer. Mas, lembrar é uma coisa boa, como a saudade; tão boa que, dizem, “recordar é viver”. Porém lembrar é, também, esquecer.” (2010, p. 7)

ação dos personagens ao espaço de um município da província, apesar da inserção do Piauí na região seca do Norte.

Com a seca de 1877-1879, a luta do sertanejo para não deixar de ser do sertão vai aparecer na voz do narrador regionalista inspirado nas teorias científicas e evolucionistas. O narrador provinciano e romântico de *Ataliba, o vaqueiro* ultrapassava os limites da província piauiense, na medida que inseria o Piauí no espaço regional da seca, porém não questionava politicamente a construção social e histórica desse espaço pelo novo discurso da seca. A imagem idealizada do sertão pela poesia romântica era incorporada na narrativa da “seca do Norte”, e de forma naturalizada transformava a seca em “problema” regional do país. Enfim, baseado no conhecimento científico da vida como luta, o narrador se separava dos personagens para compor um cenário ritmado pela ação de um tempo circular da sociedade do gado, que tinha a seca como momento de ruptura na relação entre homem e natureza.

A luta do sertanejo não significava uma disputa social pela mudança da ordem dominante no setor pecuarista da província piauiense. Nessa perspectiva, o sertanejo lutava contra a “aspereza” da paisagem e do sertão afetado pela seca, uma luta moral que transformava esse sujeito ou personagem em herói de uma oligarquia e de uma área decadente da região Norte³⁴⁵, que estava em crise política e econômica diante da aceleração das mudanças no espaço das províncias do Sul. Em termos raciais, o sertanejo era visto como um “povo” constituído na passagem do homem do estado natural para viver inserido na sociedade. Miscigenados no corpo, e no caso de Cassange nos costumes, os personagens expressavam o interesse político do narrador no branqueamento do sertanejo, como saída para o “abatimento” moral das populações do Norte. No entanto, a seca seria “aliada” do sertanejo no processo de adaptação ao “isolamento absoluto” do sertão. E apesar da palavra raça não aparecer na narrativa, o ambiente intelectual da época impactava na construção do enredo e dos personagens da literatura regionalista do final do século XIX. A aproximação entre literatura e ciência reivindicava para a primeira a “missão” de ser a representação “fiel” e científica do real, e neste sentido, o narrador transformava a seca em explicação do “problema” das províncias do Norte.

O luar clareava frouxamente a terra. As árvores despidas de folhas e denegridas mostravam-se mais lúgubres do que ao lusco-fusco os goivos à beira dos túmulos. As ossadas alvacentas e esparsas por essas campinas, outrora resplandcentes de vegetação, cheias de harmonia e, agora, tão desertas, silentes e pavorosas, desdobravam-se à vista do vaqueiro como um cemitério extenso, interminável! - que ele percorria por essas desoras como um ente sobrenatural, examinando-as, quicá pela

³⁴⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, 1988, p. 127; SIQUEIRA, 2014, 288-289.

última vez, recolhendo todas as reminiscências, que semeara algures por este solo querido do seu labutar honroso e do seu amor imaculado.

Imerso nestes pensamentos que o torturavam, chegou à fazenda, acendeu o pavio que trazia no bolso, penetrou na casa, desfez a mesa, tirou do seu baú uma muda de roupa e algumas moedas de prata, fechou cautelosamente as portas e saiu com precipitação, como se acaso fugisse assombrado, donde se erguiam fantasmas, bradando-lhe:

- Adeus! adeus para sempre”

É que tudo lhe falava esta linguagem misteriosa que dilui a coragem do herói, retalhando-lhe o coração e vertendo-lhe gota a gota o fel que mata, o fel da saudade, o fel que se deve liberar nas amarituidines do exílio, no isolamento absoluto de um desterro longínquo! (1998, p. 73)

O lugar social do narrador se evidenciava apenas quando Ataliba foi na casa do fazendeiro. No caminho da cabana para a fazenda, o narrador fazia do personagem um “ente sobrenatural”, um herói da “gente do sertão”. A tentativa de levar tia Deodata para Marvão não adiantou, ela já havia falecido por conta de uma “congestão cerebral” (Idem, p. 74). Enlouquecidos pela morte, a única saída era sair o mais rápido possível da fazenda, depois de enterrar Tia Deodata debaixo da cajazeira como a mesma havia pedido a Ataliba. O “fel” da saudade era transformado pelo narrador em “linguagem misteriosa”, a ausência ou a retirada do lugar de “nascimento” dos personagens aumentava o sofrimento de acordo com a intensidade, extensão e outros aspectos da seca.

Transformado em retirante pela literatura cientificista, o sertanejo vai sendo imaginado através do “fel” da saudade e dos principais códigos tradicionais dessa sociedade: o casamento³⁴⁶, a família e a Igreja católica. Sem a realização do casamento, com a desordem do universo familiar e o medo de morrerem como “hereges”, os personagens eram lançados na incerteza social que passava a ser explicada pelos efeitos da seca. Enfim, sem apresentar para os personagens um novo horizonte de expectativas com o advento da sociedade comercial e burguesa baseada na valorização do indivíduo, o narrador construiu o desfecho do conto forjando a luta do sertanejo contra a natureza no momento da retirada, mais precisamente a luta de Ataliba contra uma onça e depois com uma cobra cascavel.

Nesses dois últimos capítulos, os personagens Terezinha, Ataliba e Cassange, os únicos que haviam ficado na fazenda, pensavam a partida para Marvão na tentativa de fugir da seca, imaginando a retirada como “salvação” do “castigo” da seca. A cruz colocada na cova de Tia

³⁴⁶ “No mundo do sertão pecuarista o vaqueiro tem espaço social definido que não se confunde com o do fazendeiro. Um dos mecanismos de proteção e divisor de águas é a não permissão a casamentos entre vaqueiro e filha de fazendeiro ou vice-versa. No Piauí, por exemplo, o casamento de membros da família de fazendeiro tem por base o princípio de igualdade. Como não há igualdade de classe entre vaqueiro e fazendeiro, logo não há casamento entre familiares destas duas categorias.” (BRANDÃO, 2008, P. 132-133)

Deodata simbolizava em larga medida o sofrimento dos personagens em deixar o sertão, resignados com “a vontade de Deus!” (Idem, p. 75). Quando estava no poço cavado no riacho em busca da espingarda e da água que restava, Ataliba se deparou com a chegada de uma onça, uma “fera” de “gargalhada diabólica” sedenta de água e de sangue. “A fera e o homem” travaram uma luta sangrenta pela sobrevivência, nesse momento em que o narrador deslocava para a estrutura do conto as trovas de caçadores que os poetas transformaram em versos românticos. A onça, antes de ser morta pela faca enfiada no seu coração por Ataliba, cravou suas garras de “bronze” no braço do vaqueiro, que caiu em vertigem depois do último golpe. Cassange e Terezinha escutaram os ruídos do conflito e foram em direção ao ribeiro. O primeiro a chegar foi Cassange armado com seu clavinote, rapidamente buscou água para acordar Ataliba depois de perceber as batidas do coração do vaqueiro. Terezinha, atordoada, deixou o pavio de cera cair no chão da cabana ao se deparar com a cruz sobre a cova, provocando o início do incêndio que consumia tudo o que estava dentro, com exceção da cozinha da casa que era separada por alguns “braços” do espaço principal, onde estavam os recursos da viagem.

Nesse momento, o fogo se espalhava rapidamente até bem próximo da cova, fazendo da cruz um limite do incêndio. Ataliba despertava da vertigem e correu em direção da casa para “salvar” Terezinha, evidenciando o interesse do narrador em criar um desfecho para os dois personagens. Para superar o “abatimento” moral causado pela seca, o vaqueiro em retirada buscava forças na imagem corajosa do sertanejo, na visão do homem intrépido que moralmente não aceitava fraqueza ou se “afrouxar” diante do medo e do perigo. Com Terezinha não era diferente, “a coragem da sertaneja e essa mesma ideia impelia aqueles homens a esquecerem os sacrifícios e a procederem com intrepidez, não acalentando na mente senão a salvação recíproca” (Idem, p. 80). Já Cassange era o conhecedor dos medicamentos à base das ervas e plantas, utilizadas para tratar as feridas de Ataliba. Nesse momento, a notícia do Caçador de que a seca mataria tudo em quinze dias dava o tom de “profecia” da catástrofe anunciada, impregnando a narrativa de uma interpretação bíblica dos episódios, principalmente o desfecho da vida dos personagens. Diante da perda e da ausência, os sertanejos “derramavam as últimas lágrimas de saudade nesses sítios, outrora tão cheio da sua ventura, e agora de sua desdita!” (Idem, p. 81). O narrador, católico e monarquista, não deixou de interferir politicamente na construção de seus personagens, também católicos e obedientes a ordem social vigente nessa parte do Império. Afinal, ele buscava através de um pensamento moral de retorno a natureza, reconciliar o sertão com o passado, contra as mudanças sociais emergentes com a decadência do regime monárquico, transformando o sertanejo piauiense em “símbolo de redenção”,

encarregado de carregar a “cruz dos católicos” contra a “agiotagem e a hipocrisia” (Idem, p. 79)

O narrador não desconhecia a entrada de retirantes cearenses na província do Piauí. Ataliba pensou em esperar a chegada de uma “tropa” para seguir viagem, acreditando que conseguiriam percorrer o trajeto de oito léguas até a vila de Marvão. A imagem do sertão vai sendo projetada na vida de Terezinha, o antes e o depois da seca personificava a mudança em sua vida, assim como se transformava a paisagem na narrativa do sertão. O retorno do Caçador acompanhado de outro caboclo “robusto” tinha o objetivo de socorrer os personagens, sem ele entender porque Ataliba resistira tanto em ficar na fazenda. Em poder dos “melhores cavalos do maiorato de Marvão” (Idem, p. 83), prosseguiram ao encontro, consciente deles estarem sem recursos para atravessar as “passagens do sertão”. Os cavalos de Ataliba e Cassange já haviam morrido pela exaustão da viagem, assim como estavam exauridos os sertanejos de fome e de sede. Ataliba se dirigiu para extrair água dos “gomos” do tronco de uma gameleira, que tinha do seu lado um enorme formigueiro. Nesse momento, persistia o conformismo, os seus personagens imaginavam a vida como sofrimento pela “salvação”. Terezinha estava morta e sacralizada porque morreu “virgem”, conforme repetição da visão romântica da mulher, só que agora revestida pelo discurso cientificista da seca.

O desfecho não poderia ser diferente quando interpretamos a narrativa construída pelo escritor, enquanto defesa dos valores tradicionais da pecuária e de uma sociedade católica, como eram em grande medida os grupos sociais da província piauiense. O discurso da seca, pelo visto, conseguiu projetar na sociedade sertaneja o martírio, a salvação e o juízo final do catolicismo difundido por séculos no Brasil. A serpente vai ser imaginada como cobra “cascaval”, a traição e o pecado colocavam o vaqueiro frente a frente com outros valores morais, tais como coragem e lealdade. Essa narrativa do sertão passava expressar o mito de retorno ao paraíso, imagens bíblicas nos mostraram personagens imersos na saudade de um tempo de “outrora”, como se o passado antes da seca guardasse um estado de “maravilhas” do sertão e do homem sertanejo. Nesta cena, a cascavel simbolizava o juízo final da “seca” na busca do sertanejo-vaqueiro-retirante pela “salvação recíproca”, o veneno que matará Ataliba no fim do conto, em “sua hora final”, transformava a seca do sertão em símbolo de poder dominante, com a construção de um discurso profético e mágico, e por isso também político, de luta não só do sertanejo, mais de toda a província piauiense, personagem principal contra os “castigos” da seca em *Ataliba, o vaqueiro*.

Os dois foram enterrados por Cassange, Dionísio e seu companheiro de jornada, e junto aos dois também colocaram na cova o veadinho que Terezinha havia recebido de presente de Ataliba. Uma cena de enterramento na visão do narrador compreendida somente por Dionísio, o caçador, talvez por personificar a visão católica da luta do retirante em vida, para ser enterrado pelos “braços dessa cruz dos católicos” (Idem, p. 79). Nessa hora surgiu um “bando” de retirantes, com menos da metade do grupo saído no momento da partida. Neles a seca não terá mais o romantismo da narrativa em torno dos principais personagens do conto. A seca havia brutalizado suas vidas, tornado elas vidas secas, dominava o egoísmo e a indiferença de todos diante das mortes cotidianas dos retirantes.

Assim, emergiu o narrador cientificista entre o romantismo e o regionalismo, que capturava os principais elementos da literatura romântica, principalmente, de uma poesia produzida sob os (en)cantos da saudade, que começou com Gonçalves Dias. Em *Ataliba, o vaqueiro* é possível perceber a mudança no emprego de conceito de *minha terra*, na medida que o narrador do conto vai transformando a saudade do sertão em “conhecimento” dos costumes da “região flagelada do Norte”, mais precisamente do vaqueiro e dos sertanejos da província piauiense. Analisando a narrativa do conto buscamos defender que é possível perceber diferenças no emprego do conceito de *minha terra* no Brasil, quando cruzamos a classificação literária entre narrativas românticas e cientificistas do sertão produzidas nas décadas de 1850 e 1880. O cenário, os personagens e o enredo do conto têm sido lidos, categoricamente, como precursores do romance de seca, sem tanta relação com a historicidade da saudade presente na poesia romântica e nos cantos populares do século XIX, que compuseram grande parte da trama e da narrativa dos “episódios da seca” no Piauí. Por isso, defendemos que nem todo narrador ou escritor que construiu a imagem do sertão nessa época, pode ser classificado como um narrador regionalista da seca do Norte, e depois, do Nordeste. A narrativa de *Ataliba* é uma mudança conservadora no interior do romantismo brasileiro. Uma mudança porque incorporava o discurso da luta pela vida do cientificismo dos anos de 1870, e conservadora pelo fato do narrador não questionar as relações dominantes com seus personagens. Diferente da vida de José Coriolano e Licurgo de Paiva que retornaram para a província do Piauí, a repercussão do folhetim e da publicação em livro no ano de 1881, projetou esse “escritor do Norte” morando no Rio de Janeiro para viver em Marselha, como embaixador do Brasil nessa cidade francesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa, a principal consideração consiste em ter feito história da relação entre sertão e saudade presente no discurso literário, partindo do pressuposto de abordar os conceitos que o historiador manuseia em seu ofício, sendo constituídos por diferentes sensibilidades e sentidos. Por isso, lidar com o discurso literário não foi uma tarefa fácil, principalmente, quando não tomamos a literatura como fonte de verossimilhança do real e com o interesse de fazer dessa história (e) da saudade um *resgate*. Significa entender a (des)construção do discurso da saudade durante o Segundo Reinado, não com o significado de fazer da história um resgate do passado do Piauí através da literatura considerada regionalista. Na literatura, a saudade era imaginada como forma de expressar de modo idealizado os interesses dominantes dos grupos sociais da elite no sertão, inicialmente, de lugar paradisíaco ou mesmo não-civilizado, para ser uma particularidade regional definida e classificada, na maioria das vezes, de espaço da seca.

Entre os anos de 1850 e 1880, os escritores José Coriolano, Licurgo de Paiva e F. Gil construíram o tema da saudade na literatura com o tema do sertão. Na poesia de José Coriolano, a saudade significava viver na praça com o interesse de retornar ao sertão, um permanente retorno que era construído contra as expectativas do “modo de viver” da praça. Nessa construção literária da saudade, os conflitos da sociedade pecuarista eram silenciados para evidenciar a oposição entre sertão e praça, relações de poder que foram construídas através dos relatórios provinciais, mostrando a imagem do sertão como obstáculo a civilização e ao progresso. Nos relatórios, a imagem do sertão serviu como um dos mecanismos para mudança da capital com a expectativa de navegação do rio Parnaíba, tirando a capital de Oeiras, situada em “nossos sertões”.

No entanto, José Coriolano reforçava um pensamento conservador que pensava a saudade expressando um ritmo do tempo dominado pelas relações de poder da fazenda de gado e da sociedade do “couro” do sertão. Saudade significava viver “exilado” do encontro com outros tempos e espaços de sociabilidades, com o desenraizamento das relações familiares e dos códigos do patriarcalismo do sertão. Portanto, somente na década de 1870 que José Coriolano passou a ser chamado de “poeta do Norte”, no momento que seu livro era classificado com interesses políticos de surgimento de uma literatura do Norte. A imagem do sertão dele é produto das relações políticas entre a literatura desse período e os relatórios de província da

década de 1850, não deixando o Piauí de ser inserido politicamente no recorte espacial do sertão.

Com Licurgo de Paiva, o conceito de *minha terra* não separou de modo impenetrável o sertão da praça como fizera José Coriolano, isso na medida que seus poemas possibilitaram pensar a saudade como expressão de agonia pelo retorno, incorporando também o tempo vivido no “mundo profano”. Na possibilidade de ruptura com os códigos dominantes no sertão, o poeta expressava a saudade alterando seus horizontes de vida pelos excessos da boêmia e pela desistência da formação bacharelesca em Direito. O ambiente intelectual com estudantes de outras províncias, o convívio com futuros bachareis e publicação do seu livro em Recife diferenciam sua trajetória na construção do tema do sertão nessa literatura. O interesse de continuar em Recife como expectativa de ser bacharel e poeta, pressionava Licurgo de Paiva para uma mudança de vida com relação à praça. Neste sentido, não escondeu que praça também provocava mudanças na maneira de sentir saudade, imaginando o sertão a partir de noções como verme, autópsia e corpo, se aproximando das vertentes do cientificismo dos anos seguintes a década de 1860.

Um ponto importante de mudança conceitual dessa literatura foi a inserção de Licurgo de Paiva no debate de ideias a respeito de Pernambuco ser o centro do Norte do país, que ele incorporava ao transformar sua poesia na maneira de sentir saudade de um “filho do Norte”, dos “trópicos e da “zona ardente”. O conceito de *minha terra* com Licurgo de Paiva alargava seu campo semântico no romantismo, incluindo o Piauí entre as províncias do Norte, no momento de mudança das relações entre ciência e literatura, com o advento das teorias deterministas do meio e da raça no âmbito literário, e de antecedentes políticos do regionalismo do Norte durante os anos de 1870 e 1880.

Dentro desse contexto de mudanças na relação entre literatura e ciência, que F. Gil construiu sua visão da saudade do sertão, depois de quase uma década como funcionário geral na cidade do Rio de Janeiro. A saudade passava a ser vista por um “conhecedor” dos costumes sertanejos, que narrava a história baseado na “lei” científica da luta do sertanejo e do sertão contra os “episódios da seca do Norte”. Agora, a saudade do sertão era medida pelos efeitos da seca no corpo e na alma do sertanejo, uma mudança de sentido histórico construída por uma visão cientificista dos efeitos da “seca do Norte”.

Em sua visão de luta do sertanejo contra a seca, mesmo recorrendo à imagem romântica do sertão elaborada pela poesia escrita e oral, F. Gil reforçava o discurso de abandono do sertão

em “terras do Piauí”, em uma fazenda na fronteira com a província do Ceará. A saudade que expressava o sertanejo também estava relacionada ao isolamento do sertão e de sua população, aparentemente longe das medidas dos governos e sem “comissão de socorros”, distante do patrão, da praça e dos conflitos sociais, vivendo da saudade de um tempo que ele esperava voltar, o tempo do inverno e da fartura, da esperada solidariedade camponesa e do catolicismo como proibição de prazeres e seus excessos. A praça, nessa história a província do Ceará, continuava sendo oposta a imagem do sertão, só que interferindo de maneira direta com os efeitos da seca no funcionamento da sociedade pecuarista, repercutindo no preço das mercadorias e na partilha do gado, ao solapar mais ainda uma economia e seus governos em processo de decadência do seu principal produto, a criação do gado. A visão do sertanejo lutando contra os efeitos da seca era imaginada da maneira saudosa o retorno ao sertão, enquanto a manutenção dos códigos de ordem e de hierarquia da sociedade pecuarista, sendo o principal deles o casamento católico.

Enfim, fazer uma história dessa maneira de pensar a saudade significa desconstruiu a imagem, sem começo nem fim, de que o *destino* do Piauí era ser da região sertaneja e seca do país. Essa literatura não conseguiu romper com a repetição dessa condição histórica de isolamento do Piauí em relação ao restante do país, mesmo tendo inserido a província no campo de luta dos discursos políticos e literários entre pátria e região durante a segunda metade do século XIX. A saudade com esses escritores expressava uma construção narrativa mostrando que o Piauí sempre fosse esse mesmo sertão, sem alterações nas relações de poder presentes nessa “sociedade do couro”. No sentido histórico, uma expressão da saudade como reconciliação do sertão com um passado em tempo natural, ou mesmo sagrado, supostamente cheio de maravilhas e sem quaisquer discórdias.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial**. Brasília: UnB, 1982.
- _____. **Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. Brasília: UnB, 1982.
- ALBUQUERQUE, Júnior; DURVAL, Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução**. (1877-1922). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História: Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- _____. **Sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história**. In: **História e sensibilidade**. ERTZOGUE, Marina H. *et al.* Brasília: Paralelo, 2006.
- ALENCAR, José. O sertanejo. Typ., 1874, p. 3. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 10/09/2015.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí. **Revista do IHGB**, 1857. In: www.ihgb.br/acervo. Acesso: 01/03/2011.
- AMADO, Janaína. **Região, sertão, nação**. Rio de Janeiro, Estudos históricos, 1995.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- _____. **Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 1997.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. São Paulo: Edusc, 2000.
- AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos Vinte Anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARTHES, Roland. **Novos ensaios críticos seguidos de o grau zero da escritura**. Trad. de Heloysa de Lima e Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 3º V. (1836-1880). São Paulo: Martins Editora.
- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**. Teatro de sombras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- _____. **História do Brasil Nação 1808- 2010**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2012.
- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. 3. ed. Teresina: Convênio Editora Corisco, 1998.
- CASTELO BRANCO, Hermínio. **A lira sertaneja**. Fortaleza: 1905.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CHAVES, Monsenhor. **Obra completa**. 2ª. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

COSER, Ivo. Civilização e sertão no pensamento social do século XIX. **Caderno CRH**, Salvador, v.18, n. 44, maio/agosto 2005.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: Unesp, 2007.

COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

_____. **A gestação de Crispim: um estudo sobre a constituição histórica da piauiensidade**. 2010. 194 p. Tese (Doutorado em história Social) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

DIAS, Claudete Maria Mirada. **Balaio e Bem-Te-Vis: A guerrilha sertaneja**. 2ª ed. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2000.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros Cantos: poesias de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. p. 9. In: www.bn.br/obras. Acesso: 21/09/2015.

DOLHNIKOFF, Miriam. **O lugar das elites regionais**. Revista USP. São Paulo, 2003.

FALCI, Miridian Britto Knox. **Escravos do Sertão Democracia, Trabalho e Relação Sociais. Piauí**. 1826 – 18888. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

FERNANDES, Saulo Barreto Lima. **108 poesias de José Coriolano de Souza Lima**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FREIRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

GUIMARÃES, Eduardo Henrique. **Religião, Pátria e Liberdade: a historiografia do IAGP entre 1862 e 1876**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

HOBBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica histórica dos tempos históricos**. Trad. de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, Solimar Oliveira. **Braço Forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí: 1822-1871. Passo Fundo: UPF, 2005.

MELO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

NERIS, Wheriston silva. **As bases sociais de recrutamento da elite eclesiástica no bispado do Maranhão (1850-1900)**. 2009. 198 p. Monografia (Trabalho Acadêmico Orientado)- Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão (UFM), São Luiz, 2009.

NETO, Adrião. **Literatura Piauiense para Estudantes**. 5ª. ed. Teresina: Edições Gerações 70, 1999.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. 4º V. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAIVA, Licurgo José Henrique de. **Flores da noite**. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1866. In: www.dominiopublico.br/acervo. Acesso: 10/04/2015.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e a tirania do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. **Imprensa Piauiense**: atuação política no século XIX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 1**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

REZENDE, Antônio Paulo. **Ruídos do efêmero**: história de dentro e de fora. Recife: Ed. Universitária da UFRPE, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Morritz. **O espetáculo da raça**: cientistas, instituições e questão racial do Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Justiniano José da. **Monarquia-Democracia**. Rio de Janeiro: Typ., 1860, p. 10. In: www.bn.br/obrasraras. Acesso: 10/05/2013.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Nas Solidões vastas e assustadoras**: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII. Recife, 2010.

SILVA, Maria Celestina Mendes da. **A representação da seca na narrativa piauiense**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. **Sertão sem fronteiras**: memórias de uma família sertaneja. Recife: Ed. Universitária, 2010.

_____. **Os padres e a Teologia da Ilustração.** Recife, Pernambuco: Ed. Universitária UFPE, 2009.

_____. **Labirintos da modernidade.** Recife, Pernambuco: Ed. UFPE, 2014.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui:** o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TAVORA, Franklin. **O Cabeleira.** História pernambucana por Franklin Tavora. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1876.

VILHENA, Gustavo Henrique Ramos de. **A cidade dos dizeres possíveis:** natureza, civilização e progresso na invenção de Teresina. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em História: Universidade Federal do Piauí, 2010.

_____. **Os fazedores de cidade:** uma história da mudança da capital no Piauí. 1800-1852. Dissertação de doutorado. Programa de pós-graduação em História: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

APÊNDICE - CORPUS DOCUMENTAL

Instituições Pesquisadas

Arquivo Publico do Estado do Piauí. Teresina – APEP

Cúria Diocesana de São Raimundo Nonato - Piauí

Comarca de São Raimundo Nonato. Cartório do 1º e 2º Ofício- Piauí

Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) do Piauí

Jornais

O Paiz, 1883.

A Semana, 1887.

Diário de Pernambuco, 1876, 1877, 1878.

O liberal pernambucano, 1854, 1854.

Jornal do Recife, 1866, 1865.

A Imprensa, 1877, 1878, 1879.

A Época, 1877, 1878.

Mapas

Biblioteca Nacional.

Relatórios

Relatorio apresentado a Assembleia Provincial do Piauhy pelo presidente Dr. Zacarias Goes de Vasconcelos. 1847.

Falla que o Presidente da Provincia do Piauhy Dr. Jose Antonio Saraiva dirigio a Assembleia Legislativa Provincial no Acto da Abertura de sua sessa'o ordinária em 3 de Julho de 1851. Oeiras, Typ. Saquarema, 1851.

Provincial do Piauhy pelo Ex.mo Senhor Presidente Jose Antonio Saraiva na Sessão aberta em 1º de Julho de 1852. Caxias, Typ Independente, 1852.

Relatorio a Assembleia Legislativa Provincial do Piauhy pelo Exmo Senhor Vice Presidente da Provincia Luiz Carlos de Paiva Teixeira na Sessao 1º de Julho de 1853. Theresina, 1853.

Falla com que o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Presidente da Provincia do Piauhhy Dr. Antonio F. Pereira de Carvalho abriu a sessão ordinária da Assembleia Legislativa Provincial no dia 1º de Julho de 1854. Maranhão, Typ. Do Observador de F. M. De Almeida, Rua do Sol, nº 38, 1854.

Relatorio do presidente do Piauhhy o commendador Frederico D’Almeida e Albuquerque a respectiva Assembleia Legislativa Provincial na Sessão Ordinaria de 1856. S. Luiz, Typografia do Progresso, 1856.

Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa Provincial do Piauhhy na abertura de sua sessão ordinária no dia 1º de Novembro de 1855 pelo Exmo Senhor Presidente da Provincia Balduino Jose Coelho. S. Luiz, Typ. do Progresso, 1856.

Relatorio com que o Exm. Sr. Presidente da Provincia do Piauhhy Dr. Antonio Correia do Couto passou a administração ao Exm. Vice-presidente o Commendador Ernesto Jose Baptista no dia 27 de junho de 1859. Therezina, Typ. Constitucional, 1860.

Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa do Piauhhy no dia 21 de Julho de 1868 pelo segundo Vice-Presidente o Exm. Srn. Sr. José Manoel de Freitas. Maranhão, 1868.

Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa do Piauhhy no dia 1º de Novembro de 1869 pelo Vice-Presidente da Provincia o Exm. Srn. Coronel Theotonio de Souza Mendes. San’Luiz do Maranhão, Typ. Mattos, 1870.

Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva passou a administração da Provincia do Piauhhy ao Excellentissimo Senhor 1º Vice-Presidente Dr. Manoel José Espinola Junior. 07/05/1870.

Relatório com que o Exm. Sr. Dr. Pedro Affonso Ferreira entregou a administração da Provincia do Piauhhy ao Exm. Sr. Coronel José Francisco de Miranda Osorio, 6º Vice-Presidente no dia 1º de Fevereiro de 1873. Teresina.

Relatorio lido perante a Assembléa Legislativa da Provincia do Piauhhy no Acto de sua Installação no dia 1º de Julho de 1874 pelo Presidente da mesma, o Exm. Sern. Dr. Manoel do Rego Barros Souza Leão. Maranhão, 1874.

Relatorio apresentado a Assembléa Legislativa do Piauhhy em sua sessão ordinária de 1º de Junho de 1877, pelo Exm. Senr. Dr. Graciliano de Paula Baptista, Presidente da mesma Provincia, Therezina.

Relatório apresentado á Asembléa Legislativa do Piauhhy, no dia 1º de Junho de 1878 pelo Presidente da Provincia Dr. Sancho de Barros Pimentel. Maranhã, 1878.

Relatorio do 1º vice-presidente da província. Therezina, 1878.

Relatório com que o Excellentissimo Senhor Dr. Graciliano de Paula Baptista passou a administração da Província do Piauhhy, ao Excellentissimo Senhor Presidente Dr. Bernardino Rodrigues Silva. 15/08/1878.